

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**O JORNALISMO EM TEMPOS DE *WIKILEAKS*:**  
uma análise do *Folhaleaks* e da *Folha de S.Paulo*

Guáira Índia Flor

Brasília, fevereiro de 2014

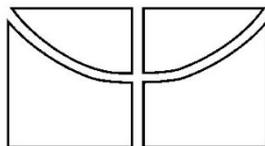
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**O JORNALISMO EM TEMPOS DE *WIKILEAKS*:**  
uma análise do *Folhaleaks* e da *Folha de S. Paulo*

Guáira Índia Flor

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade,  
Orientador: Prof. Dr. David Renault

Brasília, fevereiro 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**O JORNALISMO EM TEMPOS DE *WIKILEAKS*:**  
uma análise do *Folhaleaks* e da *Folha de S. Paulo*

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. David Renault da Silva  
Presidente – FAC/UnB

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nélia Rodrigues Del Bianco  
Membro – FAC/UnB

\

Prof. Dr. Carlos Alves Müller  
Membro – ANJ

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Zélia Leal Adghirni  
Suplente – FAC/UnB

Aprovada em: 21 de fevereiro de 2014.

Local de defesa: Sala 02 de Defesa do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, *campus* da Universidade de Brasília.

Aos que acreditam no jornalismo.  
Eu acredito.

## AGRADECIMENTOS

Ao principal "culpado" desse mestrado, meu pai, que insistiu, por quase dez anos, que eu voltasse à universidade. E agora, paizão, o que faremos?

À minha mãe, por ser quem ela foi, e por ter feito de mim a mulher que sou.

Aos meus filhos: tudo o que eu faço é por vocês, meus amores. Quero que vocês sintam por mim, o mesmo orgulho que eu sinto de vocês. Tales, você é força; Theo, superação; Yasmin, a flor mais corajosa do meu jardim. Obrigada por existirem.

Ao sempre meu, Leonardo Pacheco, por ter segurado a barra – ainda que a contragosto. E por ser a pessoa linda e maravilhosa que é.

Aos meus irmãos, por serem os meus melhores amigos. E aos meus amigos, por serem irmãos, nessa e em tantas outras folias.

Ao professor David Renault por ter acreditado, desde o começo, na ideia dessa pesquisa.

À professora Nélia Del Bianco, minha coorientadora, por sempre exigir o melhor das pessoas. Não mude, jamais! Você faz toda a diferença na vida de quem entende que exigência é sinal de confiança.

Ao professor Solano Nascimento, por inspirar essa jornada.

Ao professor Carlos Muller, por ter aceitado tão prontamente ajudar uma pesquisadora iniciante. Muito obrigada por ceder seu tempo e seu conhecimento para mim.

À professora Zélia Leal Adghirni por mostrar, no dia a dia, que um jornalista será sempre um jornalista, ainda que esteja fora das redações.

Ao professor Pedro Russi por nunca desqualificar a angústia do pesquisador iniciante e pelo "sim e não" de todas as horas.

Ao professor Fábio Pereira, por ter mostrado – de um jeito curioso – que eu não era a única mestranda a viver uma tragédia grega. Ao que parece, os deuses jogam uma "maldição" em quem decide fazer mestrado/doutorado, para testar sua vontade de aprender. No meu caso – e no de tantos outros colegas da pós – a maldição se cumpriu. Entrei de um jeito, sai de outro completamente diferente. Profissional e pessoalmente.

Se valeu a pena passar por tudo isso? Valeu. O mestrado me fez renovar os votos de amor pelo jornalismo. Amor agora maduro, despido das ilusões apaixonadas do começo da carreira; repleto de cumplicidade e acompanhado da confortante certeza de quem sabe – depois de muito pesquisar – que não poderia fazer outra coisa da vida, a não ser escrever e duvidar.

*"Um pequeno vazamento pode  
afundar um grande navio"*  
Benjamin Franklin

## RESUMO

Esta pesquisa analisa os motivos que levaram o jornal de maior circulação do Brasil, a *Folha de S. Paulo*, a criar um novo canal de relacionamento com o leitor dedicado exclusivamente ao recebimento de denúncias e vazamentos da informação. Inspirado no *Wikileaks*, o programa recebeu o nome de *Folhaleaks* e foi a primeira resposta da mídia impressa brasileira ao novo cenário de vazamentos digitais da informação. A investigação realizada parte da premissa de que as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) estão modificando o processo de construção da notícia, democratizando o perfil das fontes e modernizando conceitos clássicos do jornalismo, como a teoria do *gatekeeping*. O método utilizado foi o estudo de caso e o *corpus* analisado é proveniente de três fontes de dados distintas: entrevistas em profundidade, análise de conteúdo das reportagens pautadas pelo *Folhaleaks* e observação direta informal do canal. A pesquisa também identificou os principais impactos dessa nova ferramenta na pauta da versão impressa da Folha de S.Paulo. Trata-se de uma investigação inédita, realizada em âmbito acadêmico, que servirá de referência aos futuros estudos realizados sobre esse canal e sobre outras experiências similares, inspiradas no polêmico site de Julian Assange.

**Palavras-chave:** Vazamentos da Informação; Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs); *Folhaleaks*; *WikiLeaks*; *Folha de S.Paulo*; Fontes de informação; Mudanças estruturais do jornalismo.

## ABSTRACT

This research analyzes the reasons that led the largest circulation newspaper in Brazil, called *Folha de S.Paulo*, to create a new relationship tool dedicated to receive complaints and information leaks from their readers. Inspired by *Wikileaks*, this tool has been baptized as *Folhaleaks*. It is the first concrete response of Brazilian media to the new scenario of digital leaks. The researcher has considered the following premise: new information and communications technologies (NICTs) are changing newsmaking process and the way people leaks secret information. It is also democratizing news sources profiles and modernizing classical journalism theories, such as *Gatekeeping*. The methodology chosen to make this study is case report. The *corpus* analyzed came from three different data sources: deep interviews, content analysis of stories that recognizes *Folhaleaks* as a source and informal direct observation of *Folhaleaks*. This study also discovered *Folhaleaks* major impacts in the newspaper daily-news agenda. Finally, we want to reinforce that this is an unprecedented academic investigation that can be used as reference for future researches about *Folhaleaks* or others similar leaking programs, inspired by Julian Assange polemic website.

**Keywords:** New Information and Communication Technologies (NICTs); *Folhaleaks*; WikiLeaks; Information Leaks; *Folha de S.Paulo*; Information Sources; Structural changes of journalism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Formulário de análise de conteúdo das reportagens que reconhecem o Folhaleaks como fonte .....	31
<b>Tabela 2</b> – Os Fatores de Seleção da Notícia de Galtung e Ruge .....	45
<b>Tabela 3</b> – Características dos vazamentos digitais X analógicos da informação.....	74
<b>Tabela 4</b> – Despesas do <i>WikiLeaks</i> em 2010.....	78
<b>Tabela 5</b> – Tipos de arquivos que podem ser enviados pelo <i>Folhaleaks</i> .....	101
<b>Tabela 6</b> – Reportagens publicadas na <i>Folha de S.Paulo</i> que reconhecem o <i>Folhaleaks</i> enquanto fonte .....	118
<b>Tabela 7</b> – Distribuição por editoria das matérias atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> .....	124
<b>Tabela 8</b> – Classificação das reportagens oficialmente atribuídas ao <i>Folhaleaks</i> , de acordo com a relevância da denúncia apresentada .....	127

### FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Interface do <i>Folhaleaks</i> para o leitor interessado em fazer uma denúncia ou vazamento da informação .....	102
<b>Figura 2</b> – Comprovante de realização de uma denúncia ao <i>Folhaleaks</i> .....	103
<b>Figura 3</b> – Representação gráfica do processo de <i>gatekeeping</i> do <i>Folhaleaks</i> realizada pela pesquisadora .....	105

### GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Cidades onde ocorreram as denúncias que deram origem às reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> .....	122
<b>Gráfico 2</b> – Abrangência das reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> .....	123
<b>Gráfico 3</b> – Destaque das reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> no jornal..	125
<b>Gráfico 4</b> – Distribuição das reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> de acordo com o dia da semana no qual foram publicadas .....	126
<b>Gráfico 5</b> – Relevância das reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> .....	128
<b>Gráfico 6</b> – Instituição a qual pertencem os alvos das reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> .....	134
<b>Gráfico 7</b> – Esfera de poder dos alvos das reportagens atribuídas oficialmente ao <i>Folhaleaks</i> .....	135

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
---------------------------	-----------

<b>CAPÍTULO 1 – OBJETIVOS E ABORDAGEM METODOLÓGICA .....</b>	<b>17</b>
--	-----------

1.1	HIPÓTESES DE PESQUISA.....	19
1.2	ALINHAMENTO CONCEITUAL .....	20
1.3	O MÉTODO .....	22
1.4	ANÁLISE DOCUMENTAL .....	24
1.5	ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE .....	26
1.6	ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	28
1.7	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	32
1.8	LIMITES DA PESQUISA.....	33

<b>CAPÍTULO 2 – O JORNALISMO NA ERA DIGITAL .....</b>	<b>35</b>
---	-----------

2.1	MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO JORNALISMO .....	37
2.2	COMO AS NOVAS TECNOLOGIAS AFETARAM AS ROTINAS JORNALÍSTICAS .....	40
2.3	UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE O FAZER NOTÍCIA ANTES E DEPOIS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO ..	42
2.4	A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO ..	51
2.5	LEITOR 2.0 OU "WEB-ATOR" .....	54

<b>CAPÍTULO 3 – AS LIÇÕES DO <i>WIKILEAKS</i> PARA O JORNALISMO .....</b>	<b>59</b>
---	-----------

3.1	SEGREDOS EXISTEM PARA SEREM REVELADOS .....	61
3.2	VAZAMENTOS ANALÓGICOS X VAZAMENTOS DIGITAIS.....	64
3.2.1	O vazamento dos Papeis do Pentágono: um exercício de paciência .....	65
3.2.2	Vazamentos digitais: nunca foi tão fácil tornar público o privado.....	69

3.3	OS IMPACTOS DO <i>WIKILEAKS</i> PARA O JORNALISMO.....	75
3.3.1	Como o <i>WikiLeaks</i> ajudou a mudar a relação fonte-jornalista.....	79
3.4	É POSSÍVEL CLONAR O <i>WIKILEAKS</i> ?.....	85

## **CAPÍTULO 4 – DESVENDANDO O *FOLHALEAKS*..... 89**

4.1	A <i>FOLHA</i> E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO.....	89
4.2	A <i>FOLHA</i> E O <i>WIKILEAKS</i> .....	92
4.3	A <i>FOLHA</i> E AS FONTES, DEPOIS DO <i>WIKILEAKS</i> .....	95
4.4	<i>FOLHALEAKS</i> : ASPECTOS OPERACIONAIS.....	99
4.4.1	Interface com o usuário.....	101
4.4.2	Interface com o jornalista.....	103
4.5	O FLUXO DA INFORMAÇÃO NO <i>FOLHALEAKS</i> .....	104
4.5.1	<i>Gatekeeper</i> moderno.....	106
4.5.2	O olhar burocrático.....	109
4.5.3	Os filtros da rotina.....	110
4.6	CONTEXTO LOCAL.....	113
4.7	REPERCUSSÃO.....	114

## **CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS MATÉRIAS DO *FOLHALEAKS*..... 117**

5.1	PODER EM PAUTA.....	119
5.2	DESTAQUE DADO AO <i>FOLHALEAKS</i> NA PAUTA DO JORNAL.....	124
5.3	A QUESTÃO DO ANONIMATO.....	128
5.4	QUEM ESTÁ NO ALVO?.....	130
5.5	LIMITAÇÕES PRÁTICAS DO CANAL.....	135
5.6	EXISTE FUTURO PARA O <i>FOLHALEAKS</i> ?.....	138

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 139**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 144**

**ANEXOS..... 152**

ANEXO A – “SENADO RECONTRATA DEMITIDO EM ‘FAXINA’” .....	153
ANEXO B – “NEGÓCIO INTERMEDIADO POR PREFEITO NO RJ TEM LUCRO DE 9 MI 5 DIAS” .....	154
ANEXO C – “KASSAB RECONTRATA SERVIDOR QUE USOU CARGO PARA CRIAR PSD .....	155
ANEXO D – “PRÉDIOS INACABADOS RECEBEM HABITE-SE” .....	156
ANEXO E – “AERONÁUTICA RECOMENDOU APROXIMAÇÃO COM TCU” ..	160
ANEXO F – “MINISTÉRIO PÚBLICO PEDE LEGENDAS EM FILMES NACIONAIS” .....	161
ANEXO G – “JUSTIÇA DE SP PASSOU DOIS MESES SEM PAPEL HIGIÊNICO” .....	162
ANEXO H – “ACUSAÇÃO FAZ CIENTISTA REFAZER MESTRADO” .....	163
ANEXO I – “PREFEITURA ESTUDA O TOMBAMENTO DO PAINEIRAS” .....	164

**APÊNDICES ..... 165**

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FERNANDO RODRIGUES.....	166
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FREDERICO VASCONCELOS .....	173
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE EDUARDO SCOLESE..	177
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE ROBERTO DIAS.....	181
APÊNDICE E – FORMULÁRIOS PREENCHIDOS DAS ANÁLISES DE CONTEÚDO DAS REPORTAGENS QUE RECONHECEM O <i>FOLHALEAKS</i> COMO FONTE.....	186

## APRESENTAÇÃO

*"A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra"*

Melvin Kranzberg, historiador norte-americano (1985, p. 42, *apud* CASTELLS, 1999, p. 113),

Nunca foi tão fácil vaziar uma informação. As novas tecnologias da informação e da comunicação facilitaram sobremaneira a vida de quem deseja tornar pública uma informação privada. Documentos secretos agora ficam disponíveis em bancos de dados virtuais, que podem ser acessado por um número cada vez maior de pessoas, remotamente. Analistas da informação, consultores de segurança, pessoas credenciadas e até mesmo hackers com experiência na violação de sistemas podem acessar dados com potencial de gerar investigações jornalísticas. O processo de cópia desses arquivos também foi largamente agilizado. Hoje, em questões de minutos, qualquer pessoa com acesso a um computador consegue copiar centenas de arquivos, vídeos, fotos ou textos, salvá-los em um *pen drive* e transportá-los – de um lado para outro – sem chamar atenção. Os mais experientes podem, inclusive, enviar tudo pela internet, sem deixar rastros, via *dropbox*<sup>1</sup> ou *sites* criptografados.

Nesse cenário cada vez mais favorável aos vazamentos de informações, surgiram uma série de *sites* dedicados exclusivamente ao recebimento e à divulgação de arquivos, documentos e vídeos de interesse público. Destes, o maior expoente é inquestionavelmente o *Wikileaks*, de Julian Assange. Lançado em 04 de outubro de 2006, esse *site* independente vazou mais arquivos do que qualquer outro veículo de comunicação tradicional, transformando-se no "maior divulgador de informações governamentais não autorizadas da história do jornalismo moderno" (BECKETT; BALL, 2012, p. 47. Livre tradução). O site disponibilizou ao público 391 mil documentos da guerra do Iraque; 91 mil registros militares da guerra do Afeganistão e 251.859 telegramas diplomáticos vinculados ao *Cablegate* – escândalo de maior repercussão desde o seu lançamento.

Inspirada pelo *WikiLeaks*, a *Folha de S.Paulo* lançou, em 18 de setembro de 2011, o *Folhaleaks* – ferramenta que permite ao leitor "enviar sugestões, informações e documentos

---

<sup>1</sup> Serviço *online* de armazenamento e partilha de arquivos que permite ao internautas acessar os arquivos disponibilizados no *dropbox* em qualquer computador conectado à internet.

inéditos capazes de gerar reportagens investigativas elaboradas pela equipe do jornal" (FOLHA, 2011, p. A-12). O novo canal foi bastante divulgado pelo jornal e recebeu 700 denúncias apenas nos seis primeiros dias de funcionamento – um forte indício do desejo do leitor de participar mais da pauta do periódico.

Ao ver o jornal de maior circulação do país convidar o leitor a participar da definição da pauta, percebi que algo estava mudando no jornalismo. Oito anos antes, em 2003, os repórteres e editores da redação onde trabalhei por quatro anos fazia justamente o oposto. Sempre que o leitor ou alguma outra pessoa vinha ao jornal para repassar informações, fazer denúncias ou reclamar de alguma matéria, ele era imediatamente enviada ao "malódromo" – lugar onde os jornalistas recebiam, sem a menor boa vontade, as "malas sem alça" que tentavam "interferir" (ou seria colaborar?) com o processo de construção da notícia. O que estaria acontecendo? Será que a internet tinham modificado a maneira como o jornal via os leitores? Foi então que decidi voltar à universidade para pesquisar quais motivos levaram a *Folha* a tentar reproduzir a experiência do *Wikileaks* dentro de sua redação e quais os impactos desse novo canal de comunicação na pauta da versão impressa do jornal.

Havia uma forte expectativa em torno da quantidade e da qualidade das reportagens pautadas pelo *Folhaleaks*. Alguns pesquisadores questionaram se o estudo teria validade no caso de o canal não produzir um número significativo de reportagens. Outros – como eu – entendiam que o *Folhaleaks* estava inaugurando um novo formato de interação com o leitor, até então inédito no Brasil, focado especificamente no recebimento de vazamentos da informação. Motivo suficientemente forte para justificar o acompanhamento do canal no ambiente acadêmico.

Além disso, existiam outras informações importantes para o campo da comunicação que poderiam ser reveladas em um estudo sobre o *Folhaleaks*. Uma ferramenta de vazamentos da informação vinculada a uma empresa privada, com fins lucrativos, teria condições de manter-se completamente independente e compromissado com a notícia? Os jornalistas da *Folha* estariam dispostos a dividir com o leitor o papel de protagonista no processo de construção da notícia? Como seria o processo de *gatekeeping* desse novo canal de comunicação?

As respostas para essas e outras perguntas estão disponíveis nas próximas páginas deste relatório de pesquisa. O estudo foi dividido em seis capítulos, que respeitam os padrões propostos para uma dissertação de conclusão de mestrado.

O primeiro deles apresenta os objetivos da pesquisa e a metodologia escolhida para a

análise dos dados coletados: o estudo de caso. Nele, igualmente, está explicitado o processo de triangulação das fontes de evidência (YIN, 2009), bem como as técnicas de análise coleta e análise de dados utilizadas: entrevistas em profundidade, análise documental, análise de conteúdo e revisão bibliográfica.

O referencial teórico foi dividido em dois capítulos, com enfoques específicos, para facilitar a compreensão da problemática da pesquisa. O primeiro deles apresenta o atual cenário de mudanças estruturais do jornalismo, decorrente do advento das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTCIs). Conceitos clássicos da teoria jornalística, como o *newsmaking* e o *gatekeeping*, são revisitados a partir de uma nova lógica digital, revelando como as novas tecnologias estão transformando o processo de construção da notícia (TRAQUINA, 2005. CASTELLS, 1999. HIRST, 2011), modificando o imaginário dos jornalistas sobre si mesmos e sobre os novos leitores 2.0 (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011. HIRST, 2011).

A história e as polêmicas em torno do *Wikileaks* são o foco central do Capítulo 3, que revela quais características transformaram o *site* de Julian Assange em um fenômeno da Sociedade da Informação. O texto pontua as principais lições da organização para o jornalismo e faz um comparativo entre os vazamentos da informação realizados antes e depois da popularização das NTCIs. A análise foi construída a partir da reconstituição de dois casos emblemáticos de divulgação de documentos secretos: o vazamentos dos Papéis do Pentágono (1971) e o *Cablegate* (2010).

Finda a parte teórica, partimos à pesquisa propriamente dita sobre o *Folhaleaks*. No Capítulo 4, apresentamos os motivos que levaram a *Folha de S.Paulo* a tentar recriar o modelo de vazamentos proposto pelo *WikiLeaks* em sua redação. O capítulo revela, ainda, o processo de *gatekeeper* utilizado no *Folhaleaks*. Esse fluxo – até hoje nunca apresentado ao leitor do jornal – foi remontado pela pesquisadora, a partir de relatos dos jornalistas envolvidos com o projeto. O texto também aponta os principais impactos desta nova ferramenta de relacionamento com o leitor na pauta do jornal.

O capítulo seguinte apresenta a análise de conteúdo das reportagens publicadas na versão impressa da *Folha de S.Paulo*, que reconhecem oficialmente terem sido pautadas pelo *Folhaleaks*. Em linhas gerais, essas reportagens giravam em torno do mau uso do poder político, em âmbito local (67%) e nacional (33%). As denúncias transformadas em pauta afetaram pessoas de todas as esferas do poder sem, no entanto, mobilizar a opinião pública.

As considerações finais retomam alguns dos principais resultados obtidos ao longo do processo de pesquisa, reafirmando tanto a importância quanto as limitações dessa experiência dentro do cenário de mudanças estruturais enfrentadas pelo jornalismo.

# 1. OBJETO DE PESQUISA E ABORDAGEM METODOLÓGICA

*"Em resumo, não há questões pequenas; as que parecem tal, são questões grandes não compreendidas".*

Santiago Ramón y Cajal (1979, p. 17)

Esta pesquisa visa compreender os motivos que levaram a *Folha de S.Paulo* a tentar "reproduzir" o modelo do *WikiLeaks* dentro de sua redação, com a criação do *Folhaleaks* – primeiro canal de relacionamento com o leitor dedicado exclusivamente ao recebimento de denúncias e vazamentos de informação, no Brasil. Também buscamos identificar os impactos deste novo canal de relacionamento com o leitor na pauta do jornal, durante o seu primeiro ano de funcionamento.

Lançado no dia 18 de setembro de 2011, o *Folhaleaks* foi apresentado ao público como um novo canal de relacionamento com o leitor criado para "ampliar o acesso da sociedade a informações relevantes, estreitando ainda mais a relação dos leitores com a produção de reportagens de interesse público"<sup>1</sup>. A iniciativa ganhou chamada na capa de domingo e uma matéria de meia página na editoria "Poder". O texto foi publicado na página A12 com o título "*Folha* lança canal para que internauta sugira investigações". Já na ocasião, o jornal se comprometia a preservar a identidade das fontes que não quisessem ser identificadas – procedimento "autorizado pela Constituição brasileira quando necessário para garantir o direito à informação"<sup>2</sup>

Ainda segundo o veículo, as informações e documentos enviados ao *Folhaleaks* passariam por uma triagem e somente seriam publicadas as denúncias checadas e confirmadas pela equipe de repórteres do jornal.

Depois da seleção das sugestões e da identificação dos temas maior relevância, os participantes poderão ser procurados pelos jornalistas para detalhar e aprofundar os dados, se manifestarem interesse em ser contatados posteriormente.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> FOLHA lança canal para que internauta sugira investigações **Folha de S.Paulo**, São Paulo, Folha Poder, p. A-12, 18 set. 2011.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Ibid.

Nesta primeira matéria, a *Folha* também se comprometia com o leitor a confirmar o recebimento das informações, por meio de um número de identificação de cada sugestão. O texto terminava com a seguinte advertência:

A Folha, no entanto, não se obriga a informar o andamento e a conclusão de suas avaliações, nem se publicará ou não reportagem a partir dos dados. A participação é espontânea. O jornal não remunera suas fontes de informação.<sup>4</sup>

Com o lançamento do *Folhaleaks*, a *Folha* reafirmou publicamente seu compromisso de "ouvir" o leitor e institucionalizou uma forma de receber informações que antes não existia na imprensa brasileira. Esse fato, por si só, justificaria a realização de um estudo sobre esse novo canal de comunicação.

Por estarmos diante de um novo objeto de pesquisa, tivemos dificuldade de localizar livros e artigos científicos que fizessem menção ao programa ou a experiências similares, realizadas em outros países. O lado positivo dessa escolha é o ineditismo. Esta é a primeira pesquisa realizada sobre o *Folhaleaks* no âmbito acadêmico. A informação foi dada pelo grupo de jornalistas responsável pela criação e operacionalização do programa e confirmada, posteriormente, pela pesquisadora no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)<sup>5</sup>. A plataforma reúne:

textos selecionados em mais de 31 mil publicações periódicas internacionais e nacionais e às mais renomadas publicações de resumos, cobrindo todas as áreas do conhecimento. Inclui também uma seleção de importantes fontes de informação científica e tecnológica de acesso gratuito na *web*<sup>6</sup>.

Ao longo da pesquisa, localizamos estudos sobre o *WikiLeaks* que mencionam a existência do *Folhaleaks* e de outros canais similares, que se apropriaram da ideia de disponibilizar na internet um sistema de *dropbox* para o recebimento de vazamentos da informação (SIFRY, 2011. ARAUJO, 2013. BECKETT; BALL, 2012. BREVINI; HINTZ; MCCRUDY, 2013). Nenhum deles, no entanto, está inteiramente focado na compreensão das causas e dos efeitos dessa proposta pioneira de relacionamento com o leitor, idealizada pela *Folha*.

Para fins metodológicos, definimos outros quatro objetivos específicos, que ajudaram

---

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 31/01/2014

<sup>6</sup> Disponível em:

<[http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pcollection&controller=Show&view=pcollectionshow&mn=70](http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcollection&controller=Show&view=pcollectionshow&mn=70)>. Acesso em: 31/01/2014.

a nortear este processo de pesquisa. São eles:

- Compreender se o *WikiLeaks* e os vazamentos digitais da informação modificaram a percepção da *Folha de S.Paulo* sobre o relacionamento do jornal com os leitores;
- Identificar e descrever o processo de *gatekeeping* adotado pelo *Folhaleaks*, para verificar se o canal está funcionando de forma organizada ou se foi lançado sem o devido planejamento;
- Verificar a frequência com a qual se publicam notícias sugeridas a partir de mensagens enviadas por leitores ao *Folhaleaks* e o destaque dado ao jornal às mesmas;
- Analisar o perfil das denúncias e dos vazamentos enviados ao *Folhaleaks* que conseguiram chegar às páginas do jornal (assunto mais abordado, esfera do poder a qual pertencem, motivações da fonte, dentre outros).

## 1.1 HIPÓTESES DE PESQUISA

O estudo que você tem em mãos foi realizado no campo da comunicação, contextualizando-se o objeto (*Folhaleaks*) no atual cenário de transformações vivenciado pelo jornalismo, em todo o mundo. No Brasil, essa problemática está sendo estudada na linha de pesquisa "Mudanças estruturais no jornalismo: identidades, práticas, rotinas, públicos e mídias", hoje cadastrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 1), sob a coordenação dos professores Zélia Leal Adghirni e Fábio Henrique Pereira, ambos vinculados à Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília (UnB).

A partir da análise prévia dos dados, delimitamos a seguinte hipótese de pesquisa para proceder à investigação: as novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) facilitaram o processo de vazamentos da informação e viabilizaram o surgimento de sites dedicados exclusivamente ao recebimento de documentos e dados enviados de forma anônima, pela internet. O desejo da *Folha de S.Paulo* de criar seu próprio canal eletrônico para o recebimento de vazamentos da informação e denúncias é resultado direto da repercussão obtida pelas informações vazadas pelo *Wikileaks* nos últimos anos. Conforme veremos nos próximos capítulos, a *Folha* foi o primeiro jornal do Brasil e o sexto do mundo a

receber cópias dos telegramas diplomáticos vazados pelo site de Assange. Essa experiência – somada à "vocalização" da *Folha* para inovar e à percepção de deficiências da mídia em relação aos leitores 2.0 – estimulou o jornal a lançar o *Folhaleaks*.

As outras hipóteses levantadas nesta pesquisa dizem respeito aos impactos do canal na pauta do jornal. No período de um ano, foram localizadas nove reportagens que reconhecem textualmente terem sido pautadas a partir de mensagens enviadas ao canal. O descompasso entre o grande número de mensagens enviadas ao *Folhaleaks* – setecentas em apenas seis dias – e o número de notícias publicadas com a rubrica do canal levaram à formulação de três hipóteses. Todas elas serão testadas com base nas entrevistas em profundidade realizadas com os jornalistas da *Folha* diretamente envolvidos com o projeto do *Folhaleaks*. As hipóteses a serem verificadas são as seguintes:

- As fontes de informação com maior potencial de gerar escândalo não precisam repassar informação a um canal eletrônico. Por terem ou por estarem próximas ao poder, elas têm acesso direto aos jornalistas e preferem entregar a informação diretamente para eles. Nesse sentido, apenas fontes sem visibilidade ou hábito de se relacionar com jornalistas optam por repassar informações por um canal eletrônico como o *Folhaleaks*. O não recebimento de uma grande denúncia teria feito o jornal, aos poucos, deixar de se interessar pelas pautas enviadas pelo canal.
- As informações repassadas ao *Folhaleaks* pelas fontes não respeitam a lógica jornalística e, por isso, terminam descartadas. Também é possível que não existam rotina ou critérios formais de seleção das denúncias enviadas ao canal. Caso essa hipótese se comprove, o *Folhaleaks* estaria funcionando apenas como um banco de pautas frias para o jornal.
- Os jornalistas que escrevem matérias sugeridas pelo *Folhaleaks* não dão crédito ao canal para não perder a “paternidade” da reportagem. A confirmação desta hipótese revelaria que as mensagens enviadas ao programa podem estar mais presentes na pauta da *Folha de S.Paulo* do que se pode efetivamente mensurar.

## 1.2 ALINHAMENTO CONCEITUAL

Antes de prosseguirmos com a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, é necessário realizar um alinhamento conceitual fundamental à

correta compreensão desta investigação. Ao longo do estudo de caso realizado, trabalhamos com o conceito de vazamento da informação definido pelo sociólogo norte-americano John B. Thompson (2011, p. 188), segundo o qual:

um vazamento é uma revelação intencional de informação por alguém de dentro que decide tornar público algo que sabe reservado" (...) Ele ou ela sabe que sua ação vai causar problemas para outros, e sabe também que, se for identificado(a) como fonte do vazamento, sérias sanções lhes seriam impostas. Mas os riscos são aceitos como parte do preço a pagar para tornar público algo que, na sua opinião, deveria ser de domínio público.

O fato desse conceito restringir a realização de um vazamento a fontes "de dentro" – ou seja, que pertençam ao ambiente de onde saíram os documentos ou dados – gerou a necessidade de trabalhar um segundo conceito estruturante nesta pesquisa: a denúncia.

Para fins de pesquisa, definimos como denúncia o repasse de informações realizado por pessoas que não pertençam ao contexto de onde os dados foram originalmente retirados. Ou seja, elas são entregues à imprensa ou às autoridades competentes por pessoas que tiveram acesso indireto à informação. A fim de facilitar a compreensão das diferenças existentes entre essas duas formas de tornar públicas informações sigilosas, utilizaremos dois exemplos reais, ocorridos nos últimos anos.

No caso específico do *WikiLeaks* pode-se afirmar, com certeza, que os documentos das guerras do Iraque, do Afeganistão e do *Cablegate* constituem vazamentos da informação. É de domínio público que esses dados foram repassados à organização de Julian Assange pelo soldado Bradley Manning – um oficial em serviço que teve acesso a esses documentos na rede interna das Forças Armadas Norte-Americanas (ver Capítulo 3). Por ser um militar da ativa, com acesso à intranet da instituição a qual estava vinculado, Manning é considerado uma fonte "de dentro" do Exército que decidiu revelar ao mundo informações secretas às quais teve acesso. Ele realizou, portanto, um vazamento de dados.

Já o então analista de inteligência Edward Snowden realizou uma denúncia ao entregar aos jornais *The Guardian* e *Washington Post* uma série de arquivos que comprovavam a existência de um programa de espionagem do governo norte-americano destinado à vigilância de e-mails, ligações e informações transmitidas pela internet em todo o mundo (Programa Prism). Por que ele realizou uma denúncia e não um vazamento? Snowden não era um funcionário da Agência Nacional de Segurança norte-americana (NSA), órgão de inteligência responsável pela realização desse grande esquema de espionagem digital. Ele era um consultor externo, contratado para cuidar do bom funcionamento do sistema de coleta de

dados do Prism. Era portanto, uma pessoa "de fora" da NSA que, em suas próprias palavras, decidiu tornar pública a existência desse programa por não querer "viver em um mundo onde tudo o que eu falo, tudo o que eu faço, todo mundo com quem eu falo, toda expressão de criatividade, amor ou amizade seja gravado"<sup>7</sup>.

Explicada essa diferença, podemos afirmar que o *Folhaleaks* está aberto a receber tanto denúncias quanto vazamentos da informação.

### 1.3 O MÉTODO

O método escolhido para esta pesquisa foi o estudo de caso, para cuja definição adotamos Yin (2009, p. 39). Segundo o autor, o estudo de caso é uma "investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidente".

Yin considera o método como o mais adequado para responder perguntas de pesquisa quando: "a) as questões 'como' e 'por que' são propostas; b) o investigador tem pouco controle sobre os eventos; c) o enfoque está sobre um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real" (YIN, 2009, p. 22).

A obra de Duarte e Barros (2012) apresenta quatro características essenciais ao estudo de caso, presentes nesta pesquisa:

1. Particularismo: o estudo se centra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real
2. Descrição: o resultado final consiste em uma descrição detalhada de um assunto submetido à indagação.
3. Explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o descobrimento de novos significados e visões antes despercebidas.
4. Indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo, segundo o qual os princípios e generalizações emergem a partir de dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre elementos.

Existem uma série de críticas em torno do estudo de caso como uma possível "falta de

---

<sup>7</sup> DUARTE, Helder. *Jornal Britânico revela parte da entrevista de Snowden*, G1, Nova Iorque, 09 de jul. 2013. Informação disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/07/jornal-britanico-revela-parte-de-entrevista-de-edward-snowden.html>>. Acesso em: 05/02/2014.

rigor científico", a escassez de dados que permitam uma generalização científica ou o fato de que demora-se muito tempo para coletar os dados (YIN, 2009. DUARTE; BARROS, 2012). Todas essas críticas deixam de ser aplicáveis quando o pesquisador segue o princípio da triangulação, descrito por Yin (2009, p. 22) como o uso de múltiplas fontes de conhecimento para a validação dos resultados de uma pesquisa. De forma simplificada, podemos dizer que o principal objetivo da triangulação é obter um mesmo resultado a partir de diferentes pontos de vistas ou fontes de evidência.

No caso específico desta pesquisa, trabalharemos apenas com a triangulação das fontes de evidência. Mas o princípio também pode ser aplicável à metodologia (triangulação metodológica), à utilização de mais de um avaliador (triangulação do investigador) e às diferentes perspectivas possíveis sobre um mesmo conjunto de dados (triangulação da teoria) (YIN, 2009, p. 143).

Feita esta ressalva, esclarecemos que os dados que subsidiam este estudo foram extraídos de três fontes distintas de evidências:

1. documentação, ou seja, na compilação de reportagens impressas e eletrônicas sobre o *Folhaleaks*;
2. entrevistas em profundidade, realizadas com quatro jornalistas da *Folha de S.Paulo* envolvidos diretamente no projeto em questão;
3. observação direta informal<sup>8</sup> do funcionamento do sistema do *Folhaleaks*, realizada em dois momentos: pela internet, a fim de verificar o funcionamento do canal para o leitor, e também na sede da redação da *Folha de S.Paulo*, em São Paulo.

Cumpramos esclarecer que a observação *in loco* foi realizada, no dia 15 de junho de 2013, em companhia do jornalista Frederico Vasconcelos – responsável por fazer a primeira "filtragem" das denúncias e vazamentos recebidos pelo *Folhaleaks*. Foi uma observação curta, de cerca de 30 minutos, após a finalização da entrevista em profundidade. O acesso ao sistema não tinha sido previamente combinado com Vasconcelos, propositadamente. Devido à dificuldade de conseguir acesso à redação da *Folha* – um jornal nem sempre aberto à pesquisa científica – optou-se por não dar aos jornalistas motivos para adiarem ou recusarem as

---

<sup>8</sup> Segundo Robert K. Yin, existem dois tipos de observação direta: a formal e a informal. Ambas consistem na observação *in loco* do objeto de estudo da pesquisa. A primeira prevê um protocolo estruturado de observação e obtém melhores resultados quando realizadas por mais de um observador. Já a observação direta informal, utilizada nesta pesquisa, não exige protocolo e pode ser feita durante as entrevistas ou visita de campo. Na avaliação do autor, se o estudo de caso for sobre uma nova tecnologia – caso do *Folhaleaks* – "as observações da mesma em funcionamento são auxiliares valiosos para o entendimento de seu verdadeiro uso ou de qualquer problema em potencial encontrado" (Yin, 2009, p. 136)

entrevistas sobre o *Folhaleaks*. A fonte em questão abriu o sistema e simulou a avaliação de duas notícias na frente da pesquisadora, mas logo ficou incomodado com a situação. Embora curto, o período de observação foi suficiente para se compreender o funcionamento operacional do sistema – descrito no Capítulo 4.

Tanto a coleta de informações quanto a análise de dados sobre o *Folhaleaks* foi centrada no estudo do emissor (no caso, a *Folha de S.Paulo*). Uma análise sobre a percepção da audiência mostrou-se inviável por esbarrar na impossibilidade de entrarmos em contato com os leitores que enviaram mensagens ao *Folhaleaks* para a realização de entrevistas, dada à propensão de eles optarem pelo anonimato.

É importante destacar: o processo de coleta e análise desses materiais foram realizados em conformidade com quatro procedimentos metodológicos reconhecidos no campo da comunicação: análise documental, entrevistas em profundidade, análise de conteúdo e revisão bibliográfica. Nas próximas páginas, apresentaremos as particularidades de cada um deles.

#### 1.4 ANÁLISE DOCUMENTAL

A primeira etapa da pesquisa envolveu a compilação de toda a documentação disponível sobre o *Folhaleaks* dentro da *Folha de S.Paulo* e também na *internet*. Foram consideradas reportagens e *posts* publicados entre os dias 18 de setembro de 2011 e 18 de setembro de 2012. No total, foram localizados:

- um vídeo no *YouTube*<sup>9</sup>;
- seis posts considerados "relevantes" – por trazerem informações adicionais às divulgadas pela Folha de S. Paulo sobre o *Folhaleaks* – em blogues jornalísticos e em veículos especializados<sup>10</sup>;

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=87gBrhugCIw>>. Acesso em: 11/12/2013

<sup>10</sup> (1) COSTA, Luciano Martins. O canal de denúncias da Folha. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, 19 set. 2011. Disponível em: <[http://obs.postbox.com.br/news/view/o\\_canal\\_de\\_denuncias\\_da\\_lt\\_i\\_gt\\_folha\\_lt\\_i\\_gt](http://obs.postbox.com.br/news/view/o_canal_de_denuncias_da_lt_i_gt_folha_lt_i_gt)>. Acesso em: 22/11/2011; (2) HAUBRICH, Alexandre. *Folhaleaks* e a web como modernização do garganta profunda. **Blog Jornalismo B**. Porto Alegre, 20 de set. 2011. Disponível em: <<http://jornalismob.wordpress.com/tag/Folhaleaks/>>. Acesso em: 2/11/2011; (3) COLABORAÇÃO ou terceirização da pauta. **Meio e Mensagem**. São Paulo, 04 out. 2011. Disponível em: <[http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/em\\_perspectiva/2011/10/04/Colaboracao-ou-terceirizacao-da-pauta.html](http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/em_perspectiva/2011/10/04/Colaboracao-ou-terceirizacao-da-pauta.html)>. Acesso em: 22/11/2011; (4) DONINI, Adriana. Denúncia também pode ser colaborativa na internet. **Plural: observatório de comunicação e cidadania**. São Paulo, 30 set. 2011. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia/2011/11/30/denuncia-tambem-pode-ser-colaborativa-na-internet/>>. Acesso em: 04/01/2012; (5) SEMER, Marcelo. Denuncismo pavimenta caminho para sociedade do controle.

- quatro matérias internacionais sobre o tema<sup>11</sup>;
- duas matérias na *Folha* sobre o lançamento do canal<sup>12</sup>;
- nove reportagens reconhecendo oficialmente o *Folhaleaks* como fonte (ver anexos).

Mesmo quando analisadas em conjunto, essas 22 peças não traziam informações claras sobre o fluxo de seleção pelo qual as informações enviadas pelo leitor passavam dentro do canal ou sobre os motivos que levaram a *Folha* a criar esse novo canal de relacionamento. Daí a necessidade de a análise de documentos ser realizada em paralelo a outras técnicas de investigação, como as entrevistas e os questionários.

Em relação às origens, as fontes desta análise documental são de ordem secundária, ou seja, "constituem conhecimentos, dados ou informações já reunidos ou organizados" (DUARTE; BARROS, 2012, p. 272), casos das reportagens jornalísticas, gravações digitais de áudio, livros, dentre outros. Duarte e Barros explicam – citando Wimmer e Dominick (1987, p.22) – as vantagens e desvantagens de lidar com documentos de origem secundária. Dentre as vantagens está a quase inexistência de custos para obtenção dos documentos. No caso das desvantagens, destacam-se possíveis imprecisões dos dados relatados e a necessidade de complementar as informações obtidas por meio de outros métodos de pesquisa (DUARTE; BARROS, 2012, p. 272). Os autores consideram, ainda, que:

a análise documental processa-se a partir de semelhanças e diferenças, é uma forma de investigação que consiste em um conjunto de operações intelectuais que têm como objetivo descrever e representar os documentos de maneira unificada e sistemática para facilitar a sua recuperação, conforme indicam Iglesias e Gomez (2004): 'o tratamento documental significa a

---

**Terra Magazine.** São Paulo, 28 set. 2011. Disponível em:

<<http://terramagazine.terra.com.br/blogdomarcelosemer/blog/2011/09/28/denuncismo-pavimenta-caminho-para-sociedade-do-controle/>>. Acesso em: 04/01/2012; (6) NASSIF, Maria Inês. A UDN, os IPMs e a mídia brasileira. Carta Maior. São Paulo, 29 set. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/A-UDN-os-IPMs-e-a-midia-brasileira-/22674>. Acesso em: 04/01/2012.

<sup>11</sup> (1) **BRAZILIAN** daily creates a “Folhaleaks” to help combat rampant corruption. **Mercopress**. Montevideo, 21 set. 2011. Disponível em: <<http://en.mercopress.com/2011/09/21/brazilian-daily-creates-a-folhaleaks-to-help-combat-rampant-corruption>>. Acesso em: 04/01/2012; (2) PRADO, Adriana. Brazilian newspaper launches WikiLeaks-like site for citizens to submit information. **Knight Center for Journalism in the Americas**. Austin, 19 set. 2011. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/blog/brazilian-newspaper-launches-wikileaks-site-citizens-submit-information>>. Acesso em: 04/01/2012; (3) GUTIERREZ, Bernardo. Um portal periodístico inspirado em Wikileaks. **Desde Alfa Centauro**. São Paulo, 19 set. 2011/. Disponível em: <<http://alfazentauro.wordpress.com/2011/09/19/folhaleaks-un-portal-periodistico-inspirado-en-wikileaks/>>. Acesso em: 04/01/2012; (4) VIANA, Natalia. How Wikileaks revitalized Brazil's media. **The Nation**. New York, 13-20 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.thenation.com/article/169081/how-wikileaks-transformed-brazils-media#>>. Acesso em: 26/12/2013.

<sup>12</sup> (1) FOLHA lança canal para que internauta sugira investigações **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 set. 2011. *Folha Poder*, p. A-12; (2) FOLHALEAKS recebe 700 denúncias em seis dias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 set. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/980690-folhaleaks-recebe-700-mensagens-em-seis-dias.shtml>>. Acesso em: 10/02/2013.

extração científico-informativa, uma extração que se propõe a ser um reflexo objetivo da fonte original, ainda que identifique as novas mensagens subjacentes do documento' (DUARTE; BARROS, 2012, p. 276).

As reportagens e os principais documentos utilizados nesta pesquisa encontram-se disponíveis nos Anexos desta dissertação.

## 1.5 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

A segunda técnica de coleta e análise de dados utilizada foi a entrevista e profundidade, "recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer" (DUARTE; BARROS, 2012, p. 62). Nesta pesquisa, realizamos entrevistas com quatro fontes que, dentro da classificação de Duarte e Barros (2012, p. 70), seriam consideradas "informantes-chaves", ou seja, pessoas "profunda e diretamente envolvidas com os aspectos centrais da questão". Os entrevistados foram os seguintes:

- a. **Roberto Dias, editor de novas plataformas da *Folha de S.Paulo***, indicado pelo editor-executivo do jornal, Sérgio D'Ávila, a falar com a pesquisadora em nome do jornal sobre o *Folhaleaks*;
- b. **Frederico Vasconcelos, repórter investigativo especial que assumiu o papel de principal *gatekeeper* do *Folhaleaks***. É ele quem faz a primeira triagem das informações enviadas pelo leitor. A entrevista foi realizada por indicação de Roberto Dias;
- c. **Fernando Rodrigues, editor da sucursal Brasília e repórter responsável por articular a primeira parceria entre o *WikiLeaks* e um jornal brasileiro, no caso, a *Folha de S.Paulo***. Seu nome foi sugerido por Roberto Dias, Frederico Vasconcelos e pela professor Nélia Del Bianco, da Universidade de Brasília, que conhecia a ligação profissional de Rodrigues com o *WikiLeaks*.
- d. **Eduardo Scolese, secretário de redação da *Folha*, responsável por repassar as pautas do *Folhaleaks* aos chefes de reportagem do jornal durante o primeiro ano de funcionamento do canal**. Seu nome foi sugerido por Frederico Vasconcelos.

As entrevistas acima foram realizadas entre os dias 17 de junho e 16 de agosto de 2013, nas cidades de São Paulo e Brasília. Três delas foram presenciais – com duração média de quarenta minutos – e uma foi realizada por telefone, devido à indisponibilidade do entrevistado (Eduardo Scolese). Esta conversa, em específico, durou apenas quinze minutos e foi a que menos permitiu à pesquisadora se aprofundar nas perguntas. As três entrevistas presenciais foram gravadas e transcritas na íntegra. Já a telefônica foi registrada em um bloco de anotações. Esse método de coleta não interfere na compreensão global das ponderações do entrevistado, mas prejudica a precisão da transcrição das respostas obtidas. Além disso, como bem colocam Duarte e Barros (2012), as entrevistas por telefone são práticas e convenientes, no entanto interferem na criação de proximidade e empatia entre o entrevistado e o entrevistador.

Todas as quatro entrevistas foram realizadas na modalidade "semiestruturada" – entrevistas com um roteiro básico de perguntas a serem abordadas, mas com flexibilidade para se aprofundar em questões ou aspectos diversos, que pareçam relevantes ao longo da interação com o entrevistado (MAROCOO, 2012. DUARTE; BARROS, 2012). As perguntas-padrão formuladas aos entrevistados foram quatro: (1) Como surgiu a ideia de criação do *Folhaleaks*?; (2) Como o canal funciona na prática em relação ao processo de *gatekeeping* das informações recebidas?; (3) Qual a importância do canal para a *Folha de S.Paulo*?; (4) Qual o futuro do canal?

Em relação ao método escolhido, Duarte e Barros (2012, p. 67) alertam: "não basta ouvir fontes e fazer um relato para realizar uma pesquisa válida e confiável". Ainda segundo os autores, a única maneira de conseguir resultados científicos e relevantes é baseando-se em três pilares metodológicos:

- 1) seleção de informantes capazes de responder à questão de pesquisa;
- 2) uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis;
- 3) descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponíveis". (DUARTE E BARROS, 2012, p. 68)

Neste pesquisa, cumpriram-se todos os pré-requisitos mencionados, fato que garante a confiabilidade dos dados levantados durante as entrevistas. Por fim, é importante relatar um cuidado importante a ser tomado pelo pesquisador iniciante no processo de realização de uma investigação: é imprescindível reconhecer a hora de encerrar a coleta de dados e entrevistas. Neste estudo, especificamente, cada entrevistado fazia questão de indicar novas fontes sobre o

assunto. Na tentativa de reunir o máximo de informações possíveis, perdeu-se muito tempo com tentativas infrutíferas de entrevistas – fato que atrasou o cronograma de análise e de redação dos resultados das entrevistas já realizadas. Após verificar que "nos estudos qualitativos são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, do que muitas, sem relevo" (DUARTE; BARROS, 2012, p. 68), abriu-se mão de ampliar o número de entrevistados para avançar com a análise do material coletado. Além disso, um volume mais extenso de dados não permitiria à pesquisadora analisar os mesmos em profundidade e com a qualidade exigida em um estudo de caso.

## 1.6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A terceira técnica de avaliação de dados utilizados nesta pesquisa é a análise de conteúdo, aqui, utilizada com dois objetivos: compreender as informações coletadas nas entrevistas em profundidade e ajudar a revelar o real impacto do *Folhaleaks* na pauta do jornal.

Em relação à análise das entrevistas, as informações foram categorizadas a partir das quatro perguntas-padrão, apresentadas na seção 3.2, procedimento que facilitou a compreensão e o encadeamento dos dados levantados.

Já em relação à análise de conteúdo das reportagens pautadas pelo *Folhaleaks*, cabem algumas explicações importantes sobre a seleção dos textos aqui avaliados. A busca por essas matérias foi realizada por meio da ferramenta de busca do *site* do jornal (Disponível em: <http://search.folha.com.br>), utilizando como palavra-chave a expressão "*Folhaleaks*". Dentro do período estabelecido para este estudo (18 de setembro de 2011 a 18 de setembro de 2012), aparecem 359 resultados. Após abrir arquivo por arquivo, localizou-se um total de nove reportagens oficialmente pautadas pelo canal. O restante do material apontava para textos publicados na época do lançamento da ferramenta ou limitava-se a divulgar o serviço com o seguinte texto-padrão: "*Folhaleaks*. Envie informações de interesse público para a Redação avaliar e apurar", seguida por um link para o endereço do canal <[www.folhaleaks.folha.com](http://www.folhaleaks.folha.com)>.

Embora esse *corpus* represente 100% das matérias publicadas na *Folha de S.Paulo* com a assinatura do *Folhaleaks*, ela não representa a totalidade das informações enviadas ao canal que foram efetivamente transformadas em notícia. Conforme mostraremos mais adiante, os jornalistas da *Folha* nem sempre dão o devido crédito ao canal ao redigirem as matérias que realizam por sugestão do leitor.

Diante da impossibilidade de saber, com certeza, quais matérias publicadas pela *Folha* tiveram influência do *Folhaleaks*, optamos por analisar somente as reportagens que fizessem referência explícita ao canal como fonte de informação.

As nove reportagens submetidas à análise de conteúdo, nesta pesquisa, constituem um corpus científico válido, por cumprirem uma das principais regras de seleção por Jorge Duarte e Antônio Barros (2012, p. 292): a exaustividade. Isso porque, feito o recorte, conseguimos reunir "todos os documentos relativos ao assunto pesquisado, no assunto escolhido (...), sem deixar nenhum de fora por qualquer razão (dificuldade de acesso, extravio, material desinteressante etc)".

O *corpus* definido também respeita as regras da "homogeneidade" – todos os documentos coletados são do gênero jornalístico e foram publicados pela *Folha de S.Paulo* – e "da pertinência", por estarem adequados a um dos objetivos específicos da pesquisa: avaliar o impacto do *Folhaleaks* na pauta do jornal (DUARTE; BARROS, 2012, p. 293).

A análise das reportagens atribuídas ao *Folhaleaks* foi realizada de forma a permitir à pesquisadora traçar um perfil das denúncias e/ou vazamentos da informação enviadas ao canal e dos impactos das mesmas na pauta do jornal. Para tanto, foram estabelecidas quatro categorias sistematizadoras para este estudo, que servem tanto para matérias nacionais quanto locais.

A primeira categoria prevê a identificação dos principais temas de cobertura dessas reportagens e o enquadramento dos mesmos no projeto editorial do próprio jornal que, nos anos de 2011 e 2012, trabalhava com as seguintes editorias fixas: Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Ciência+Saúde, Esporte, Ilustrada e Folha Corrida. Ao verificar estatisticamente quais assuntos dominaram o noticiário do *Folhaleaks*, foi possível inferir os temários enviados pelo leitor que mais interessam ao jornal. Cumpre ressaltar que o fato de uma editoria estar mais presente que outra não reflete, necessariamente, que o leitor envie mais sugestões de pauta sobre a mesma. Por ser uma decisão editorial, ela tende a refletir tão somente o maior ou menor interesse do jornal sobre o assunto.

Ainda com o objetivo de mensurar o impacto da reportagem na pauta do jornal, analisamos o destaque dado às matérias do nosso *corpus* na edição impressa do jornal, a partir de indicadores editoriais reconhecidos no ambiente jornalístico que podem ser sistematizados a partir das seguintes questões de filtragem: (1) a reportagem estava na capa do jornal? (2) Foi manchete ou mereceu chamada? (3) Ela foi capa de caderno? (4) Estava em página par ou ímpar? (5) Na metade superior ou inferior da página? (5) Quantas páginas teve? (6) Rendeu suíte? (7) Repercutiu em outros veículos?

Uma terceira categoria importante nesta pesquisa foi a identificação de referências na matéria sobre a opção da fonte de manter-se ou não anônima. No caso de a fonte falar em *on*, é possível identificar o seu perfil (esfera do poder ao qual pertencem, direcionamento político, dentre outras informações). Já no caso de permanecerem anônimas, torna-se impossível averiguar o perfil das mesmas de forma precisa e confiável.

Outra resposta buscada nesta pesquisa é a identificação do perfil do "alvo" da reportagem. Ele pertence a qual esfera do poder: Executivo, Legislativo, Judiciário, Empresa Privada, Instituições Públicas, Terceiro Setor? O alvo pertence ao primeiro, segundo ou terceiro escalão da instituição ou setor que representa? Qual o teor das denúncias? Respondida essas perguntas, encontramos pistas sobre as motivações das fontes das notícias. Afinal, sempre que uma pessoa decide tornar público algo que sabe privado, age com a intenção de revelar algo que considera ser importante para toda a sociedade (THOMPSON, 2009) ou para ganhar algum tipo de recompensa pessoal.

Cogitou-se estender a análise de conteúdo para outros aspectos, contabilizando a quantidade de valores-notícia presentes na pauta e checando a adequação da reportagem publicada ao projeto editorial da *Folha de S.Paulo*. Apesar de essas informações serem interessantes, do ponto de vista jornalístico, elas não agregam informações relevantes à resolução do problema de pesquisa levantado: compreender quais motivos levaram o jornal a tentar reproduzir a experiência do *Wikileaks* dentro de sua redação, bem como os impactos desse canal na pauta da versão impressa da *Folha*.

Todas as matérias foram analisadas a partir de um formulário padrão criado para este fim, que contempla as categorias de avaliação elencadas anteriormente. A sistematização dos dados permite, ao pesquisador, enxergar o *corpus* sob uma ótica inteligível dentro de sua diversidade (processo de categorização).

Para fins de sistematização, elaboramos um formulário de análise de conteúdo das reportagens, que consta à Tabela 1, apresentada logo a seguir:

**Tabela 1** – Formulário de análise de conteúdo das reportagens que reconhecem o *Folhaleaks* como fonte

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>							
Nome da reportagem							
Data:		Cidade da pauta:			Página(s):		
Assinada	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista:			Abrangência Local <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder <input type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Mercado <input type="checkbox"/>	Ciência+Saúde <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>		Capa de caderno <input type="checkbox"/>		Nenhum <input type="checkbox"/>
Localização		Página Par <input type="checkbox"/>	Página Ímpar <input type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input type="checkbox"/>		Página Inteira <input type="checkbox"/>
Quantidade de páginas		Menos de uma <input type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>	
Recursos editoriais		Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input type="checkbox"/> Infográfico <input type="checkbox"/>
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Relevância?		
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>					
Anônima Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada					
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escala da fonte?	
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>					
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escala do alvo?		Qual o teor da denúncia?	

	<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____	<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta	<input type="checkbox"/> Média	<input type="checkbox"/> Baixa
Descrição:	- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (Thompson, 2009, p. 40)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública. Também entram aqui denúncias cuja publicação interesse somente a um público específico (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ?	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

## 1.7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica é um procedimento metodológico fundamental a qualquer pesquisa, por alicerçar toda a compreensão do objeto e da problemática no qual ele está inserido. Tem como principal produto o referencial teórico no qual se embasará o estudo. Segundo Ida Regina C. Stumpf (2012), a revisão ou pesquisa bibliográfica constitui:

o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2012 *apud* DUARTE e BARROS, 2012, p. 51)

Para melhor entender o contexto de criação do *Folhaleaks* e de sua principal fonte de inspiração, o *WikiLeaks*, levantou-se uma vasta bibliografia sobre os impactos das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) na sociedade e no jornalismo. O maior

problema enfrentado nesse processo foi a escassa literatura existente sobre as instituições noticiosas que tentaram recriar a experiência do *site* de Julian Assange dentro de suas redações. Como esse é fenômeno novo – iniciado a partir de janeiro de 2011 com o lançamento do a *Al-Jazeera Transparency Unit* –, localizamos apenas dois livros com menções sobre o assunto. Cabe ressaltar que, até dezembro de 2013, nenhum deles tinha sido publicado no Brasil.

Aos livros e artigos que tratam dos impactos das NTICs na sociedade e no jornalismo, somamos algumas teorias clássicas do *newsmaking*, que estão sendo revistas após a popularização da internet. Essa mistura do novo com o clássico permitiu observar a evolução do modo de se fazer jornalismo ao longo dos últimos cinquenta anos. Além disso, forneceu subsídios que ampliaram a compreensão dos limites e das potencialidades do objeto estudado – conhecimentos fundamentais à construção dos resultados apresentados nas próximas páginas.

## 1.8 LIMITES DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos apenas os métodos e as técnicas de pesquisa utilizados que, efetivamente, geraram conhecimentos capazes de responder à pergunta central desta dissertação. Os inúmeros desvios metodológicos – tais como a dificuldade de recortar o objeto e a proposição de métodos que acabaram sendo descartados, tal como a observação participante – ficaram em segundo plano, por não serem peça fundamental à compreensão dos resultados alcançados. De forma bastante resumida, pode-se dizer que – assim como todo pesquisador iniciante – deparamo-nos com os “obstáculos epistemológicos”<sup>13</sup> descritos por Bachelard (1976), tais como o encantamento pelo objeto e o uso equivocado de conceitos que acabaram excluídos do estudo (“obstáculo verbal”).

Por fim, é importante reconhecer que os resultados obtidos ao final desta caminhada podem não ser perfeitos ou abarcar todos os ângulos possíveis sobre o assunto abordado. Mais

---

<sup>13</sup> O conceito de obstáculo epistemológico foi criado por Gaston Bachelard (1976), físico e químico francês, na primeira metade do século XX. Segundo o autor, obstáculos epistemológicos são todos os entraves à produção do conhecimento e do saber científico. Os principais obstáculos identificados por ele foram: (1) Opinião – o mais frequente e o mais difícil de romper; (2) Falta de questionamento – hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, impedir o crescimento do pesquisador. É aí que entra um conceito bastante explorado pelo autor, o da “cabeça bem feita” ou narcisista intelectual – pessoas de cabeça fechada e sem vontade de questionar o próprio conhecimento; (3) Fatos mal interpretados; (4) A primeira experiência – que é justamente àquela que encanta o pesquisador iniciante; (5) O uso equivocado de conceitos (obstáculo verbal); (6) O obstáculo animista ou obstáculo da esponja – segundo Bachelard (1976), não existe acúmulo de conhecimento. O conhecimento é construído, é mutável e pode ser abandonado e trocado por outro a qualquer momento.

que isso: eles estão fadados a serem superados com o passar do tempo. Como disse Weber (1921, p. 12), na ciência "cada qual sabe que aquilo que produziu ficará antiquado dentro de dez, vinte ou cinquenta anos".

Apesar disso, no atual cenário de transformações vividas pelo jornalismo, acreditamos que os conhecimentos aqui gerados são relevantes por trazerem respostas sobre uma experiência pioneira dentro do jornalismo brasileiro: a criação de um novo canal de relacionamento com o leitor dedicado ao recebimento de denúncias e vazamentos da informação.

## 2. O JORNALISMO NA ERA DIGITAL

*"Para nós, o jornalismo não está em crise – está em renovação"*

Agência Pública, organização jornalística sem fins lucrativos

Da virada do século para cá, o jornalismo mudou radicalmente. As novas tecnologias da informação (NTICs)<sup>1</sup> transformaram o processo de construção da notícia (TRAQUINA, 2005. CASTELLS, 1999. HIRST, 2011), modificaram a estrutura organizacional e financeira dos jornais impressos (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011), alteraram a função do jornalista enquanto *gatekeeper* (AROSO, 2003. HIRST, 2011), empoderaram o leitor de uma maneira nunca antes vista (HIRST, 2011) e diversificaram os espaços disponíveis à circulação da informação. O conjunto dessas mudanças abalou a supremacia dos veículos tradicionais de comunicação que, até então, tinham o poder de definir o que era ou não notícia (CASTELLS, 1999. SANT'ANNA, 2009).

O *Folhaleaks* – assim como o canal que o inspirou, o *WikiLeaks* – é um dos reflexos desse novo momento vivido pelo jornalismo em todo o mundo. A profissão está em "crise" (ou em transformação, dependendo do ponto de vista) e, neste exato momento, tanto os jornais quanto seus profissionais lutam para se reinventar, adaptando o processo de construção da notícia, a forma de se posicionar no mercado, as fontes de receita e o próprio jornalismo às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Esse é o cenário desta pesquisa. Por isso, antes de analisar os motivos que levaram a *Folha de S.Paulo* a tentar reproduzir a experiência do *WikiLeaks* dentro do jornal e os impactos desse novo canal nas rotinas produtivas da redação, é necessário compreender o atual momento vivido pelo jornalismo.

Como bem disseram Castells (1999) e Hirst (2011), esse processo de profundas transformações vivenciada pela Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999) ainda não está total fechado. As obras de Castells utilizadas ao longo desta pesquisa, por exemplo, são anteriores

---

<sup>1</sup> Segundo Manuel Castells (1999, p.67), "as novas tecnologias da informação incluem o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (*hardware* e *software*), telecomunicações/radiodifusão e optoeletrônica". O autor também inclui a engenharia genética neste contexto, ao contrário da maioria dos pesquisadores.

à popularização das chamadas redes sociais<sup>2</sup>.

Quando o sociólogo catalão publicou a primeira edição de *A Sociedade em Rede*<sup>3</sup>, em 1999, quem quisesse ler a notícia de um jornal precisava comprá-lo, pedir emprestado ou, no mínimo, acessar o *site* do veículo pela internet. Manter-se informado exigia um mínimo de proatividade diária. Hoje, o processo é muito mais dinâmico, basta "curtir"<sup>4</sup> ou "seguir"<sup>5</sup> o perfil do veículo nas redes sociais para que as principais notícias do dia apareçam na *timeline*<sup>6</sup> (linha do tempo) do usuário. E mesmo que ele não o faça, pode ser que algum amigo ou conhecido replique a notícia, garantindo ao primeiro o acesso a mesma informação.

O mesmo ocorreu com a autora desta pesquisa. Enquanto coletava material para subsidiar o texto – entre os anos de 2012 e 2013 –, surgiu uma série de novas maneiras de se fazer jornalismo no Brasil e no mundo, dentro e fora dos veículos tradicionais de comunicação. O próprio *Folhaleaks* foi pioneiro no País, pois oficializou o interesse da *Folha de S.Paulo* em ampliar o relacionamento com o leitor, enxergando nele uma possível fonte de denúncias e vazamentos de informação.

Também em busca de novas alternativas de financiamento, a *Folha* adotou o modelo de acesso a conteúdo informativo criado pelo jornal *The New York Times: o paywall poroso*. Este modelo restringe o acesso à informação disponível no site do jornal, limitando a leitura gratuita a um determinado número de textos por mês. O acesso irrestrito à informação é limitado aos assinantes do jornal, na versão impressa e/ou digital.

Em meio à tanta inovação, as redações ficaram mais enxutas, sendo que a tendência dominante é de fusão das redações dos jornais impressos com seus respectivos portais de notícias. É a chamada convergência jornalística que teve início em 2005, quando jornais norte-americanos como o *Orlando Sentinel*, no estado da Flórida, *Chicago Tribune*, no Illinois, e *New York Times*, em Nova Iorque, construíram redações *online* e *offline* integradas

---

<sup>2</sup> Trabalharemos com a definição de redes sociais utilizada por Primo (2013, p. 212) com base em estudos de Boyd e Ellison (2007). Primo define como redes sociais "os espaços virtuais que permitem o estabelecimento e a manutenção de relações sociais entre indivíduos, pois permitem aos interagentes criar um perfil público, articular uma lista de contatos e visualizar a lista de contatos de seus amigos. A estrutura típica de um site de redes sociais possibilita, assim, a troca de mensagens entre interagentes através de seus perfis. De acordo com Boyd (2007), esses espaços se caracterizam por persistência, buscabilidade, audiências invisíveis e replicabilidade, ou seja, as informações deixam rastros visíveis que podem ser buscados, podem ser acessados potencialmente por qualquer pessoa e, ainda, podem facilmente ser reproduzidos e propagados".

<sup>3</sup> CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*; v.1. São Paulo: Terra e Paz, 1999.

<sup>4</sup> Mecanismo do *Facebook* que permite aos usuários dessa rede social informar que gostou ou simplesmente viu o conteúdo publicado por seus "amigos" em suas *timelines* (linhas do tempo).

<sup>5</sup> No *Twitter*, quem quiser ter acesso aos microtextos (*tweets*) publicados por outros usuários precisa "seguir" os mesmos. Para tanto, precisam saber o nome que eles utilizam na rede e clicar na opção "seguir".

<sup>6</sup> Representação gráfica das redes sociais, que reúne – de forma cronológica – as postagens do usuários e das pessoas com as quais ele se relaciona.

(RODRIGUES, 2009). No Brasil, a primeira experiência de convergência aconteceu em 2007, no *Grupo Rede Brasil Sul (RBS)*, dono do *Zero Hora*.

A *Folha de S.Paulo* optou pelo modelo mais radical de convergência, unificando as redações e "obrigando" seus repórteres a produzirem notícias para várias plataformas distintas. Outros jornais impressos sofreram ainda mais e não conseguiram se adaptar a esse período de intensas mudanças vivenciadas pelo jornalismo. Sem dinheiro para se manter, terminaram fechando as portas, caso da *Gazeta Mercantil*, que deixou de circular em 2009, do *Jornal do Brasil* – cuja versão impressa foi extinta em 1º de setembro de 2010 – e também do *Jornal da Tarde*, do Grupo Estado, cuja última edição foi impressa no dia 31 de outubro de 2012.

## 2.1 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO JORNALISMO

As novas tecnologias da informação transformaram as vidas das pessoas e modificaram, em pouco mais de trinta anos, o funcionamento de toda a sociedade. Para teóricos como Castells (1999) e Thompson (2011), atravessamos uma nova "revolução tecnológica", caracterizada "por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida" (CASTELLS, 1999, p. 68).

Neste novo cenário, a informação é matéria-prima central da produção de riquezas, inovações, emprego, renda e conhecimento. Vivemos em uma sociedade da informação e somos testemunhas de uma nova revolução tecnológica tão importante quanto a invenção da roda, do papel ou da máquina a vapor. A diferença é que, nesse novo cenário, as tecnologias existem para agir sobre a informação. Antes, a informação existia para agir sobre a tecnologia (CASTELLS, 1999).

De acordo com Hirst (2011), a sociedade começou a se tornar verdadeiramente digital na década de 1990, com a popularização dos telefones celulares, *compact discs*, DVDs, *browsers*, *e-mails* e da onipresença dos computadores em nossas escolas, trabalhos e casas. Para ele, a criação da web 2.0, em 2001, constitui o "ponto sem retorno" da nova Sociedade em Rede, pelas novas possibilidades de interação disponibilizadas aos internautas.

A principal diferença entre a *web 2.0* e sua predecessora, a *web 1.0*, é o nível de interação entre os internautas. Até o final da década de 1990, a internet era estática e possibilitava apenas o consumo da informação (*read-only*). A

*web 2.0* talvez possa ser definida como uma via de mão dupla, permitindo a leitura e a produção de informações (*read-write*) (HIRST, 2011, p. 6).

Especificamente no campo da comunicação, as novas tecnologias da informação quebraram os limites do espaço e do tempo (CASTELLS, 1999. THOMPSON, 2011).

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal. O uso dos meios de comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estendem no espaço (e talvez também no tempo) (THOMPSON, 2011, p. 119)

Conforme afirma Castells (2009, p.414), "o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre a nossa cultura".

Thompson (2011, p. 26) pensa da mesma maneira e explica: "os meios de comunicação criam novas formas de ação e interação no mundo social, novos tipos de relação social, novas maneiras de relacionamento do indivíduo com o outro e consigo mesmo". De fato, o surgimento da internet e das redes sociais mudou a maneira como lidamos com o mundo. Até o advento da web 2.0, sentávamos em frente à telinha ou pegávamos o jornal para consumirmos a informação. Aquela era nossa janela para o mundo e as pessoas realmente paravam um pouco as suas vidas para absorver o que os veículos diziam. Fazíamos parte – pelo menos na teoria – de uma massa amorfa de consumidores da informação que, essencialmente, reagia aos estímulos enviados pela Indústria Cultural (WOLF, 2009).

Nos dias de hoje, a relação das pessoas com a informação é bastante diferente. Estamos diante de telas menores e portáteis, recebendo informação a todo instante, interconectados com outras pessoas e com os próprios veículos de comunicação. O fluxo de comunicação deixou de ser unilateral e passou a ser dialógico. Temos condições de interagir sempre que desejarmos, compartilhando informações com nossos contatos, lendo o que as pessoas da nossa rede leem, sabendo o que se passa nas suas vidas e expostos o tempo todo à informação. Até a forma de consumir a informação mudou.

Ser espectador/ouvinte da mídia absolutamente não se constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desenvolvimento de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social. É a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas. Vivemos com a mídia e pela mídia. (CASTELLS, 1999, pp. 418-419)

Após a massificação dos *smartphones*, *tablets* e outros *gadgets*, deixamos de prestar "deferência" à televisão, ao jornal, ao rádio e às demais mídias. Ao contrário, mantemos uma relação superficial e simultânea com vários veículos de comunicação simultaneamente, em uma exposição cumulativa e, a cada dia mais, prolongada (CASTELLS, 1999. CASTELLS, 2003. THOMPSON, 2001. HIRST, 2011).

Esse acesso permanente e facilitado à informação digital é ponto controverso entre os teóricos da comunicação. O italiano Umberto Eco afirmou em entrevista à revista *Época*<sup>7</sup>, publicada em 7 de julho de 2013, que o excesso de informação disponível na internet provoca "amnésia". Mais ainda: que esse excesso seria mais prejudicial do que informação nenhuma.

Nesse sentido, a televisão era útil para o ignorante, porque selecionava a informação de que ele poderia precisar, ainda que informação idiota. A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece – e sabe onde está o conhecimento (ECO, apud GIRON, 2013, s/ p.)

Essa vinculação das mídias eletrônicas com a "alienação das massas" existe desde a década de 1950. Já naquela época, Lazarsfeld (1948) argumentava que os meios de comunicação tinham um efeito de "disfunção narcotizante", atardando e entorpecendo a sensibilidade do público. Ainda segundo ele, o "bombardeio" de informações poderia levar as pessoas ao alheamento e a "superinformação" teria como efeito colateral a desinformação (POLISTCHUK, 2005).

O olhar de Manuel Castells (2013) é bem mais otimista. Também em entrevista à revista *Época*<sup>8</sup>, publicada em 11 de outubro de 2013, o autor defende: o excesso de informações e a exposição simultânea a vários canais de comunicação não afetam a compreensão das gerações com menos de 40 anos. Ainda segundo Castells (*apud* GIRON, 2013, s/ p.):

nos acostumamos à ideia de que, quando fazíamos muitas coisas ao mesmo tempo, não prestávamos atenção em nenhuma, não é mesmo? Pois hoje não é assim. Meus alunos, por exemplo, prestam atenção a várias coisas ao mesmo tempo. E quando interajo com eles, eles mostram que prestaram atenção em tudo. Há estudos que mostram que nossa atenção é menos intensa quando estamos submetidos a várias fontes de comunicação. E, portanto, a tendência é memorizar menos. Porém, por outro lado, a multitarefa permite simultaneamente processar sinais diferentes de informação e recombina-los.

---

<sup>7</sup> Matéria disponível no endereço: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/umberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html>>. Acesso em 13/10/2013.

<sup>8</sup> Matéria disponível no endereço: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>>. Acesso em: 13/10/2013

Esta pesquisa alinha-se a essa percepção de Castells e parte da premissa de que o acesso ampliado à informação – possibilitado pela internet – é um dos aspectos mais positivos do novo século, permitindo às pessoas interagirem o tempo todo com seus contatos, com os meios de comunicação e com diferentes esferas de poder público e privado. O problema, portanto, não está na informação em si ou na quantidade de dados disponíveis na rede mundial dos computadores, mas na operacionalização desse ambiente. Afinal, as novas tecnologias tanto podem ser uma força libertadora quanto podem se constituir em um agente de tendência repressiva, a depender de quem esteja realizando o controle das mesmas (CASTELLS, 1999). "A internet é de fato uma tecnologia da liberdade – mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor" (CASTELLS, 2003, p. 225).

Outra ressalva faz-se necessária nesse ponto: o recorte escolhido para este estudo trata especificamente das informações de caráter "noticioso" que circulam pelos meios de comunicação formais e informais. E conforme explicaremos mais adiante, incluímos neste rol as informações privadas de interesse público, provenientes de governos, Estados e empresas – caso dos vazamentos de informações e denúncias enviadas ao *WikiLeaks*, *Folhaleaks* e demais canais destinados ao recebimento e divulgação de fatos e documentos que mereçam ser investigados. Não cabem, nesta pesquisa, reflexões sobre a falta de segurança das informações pessoais dos internautas na rede mundial dos computadores, embora saiba-se que, hoje, nos Estados Unidos, 92% dos *websites* coletam dados pessoais de seus usuários e os processem segundo interesses comerciais (LESSIG, 1999, p. 153, apud CASTELLS, 2003, p. 143).

## **2.2 COMO AS NOVAS TECNOLOGIAS AFETARAM AS ROTINAS JORNALÍSTICAS**

Assim como interferiram na maneira como se consome a informação, as novas tecnologias também interferiram nas rotinas de construção na notícia, aumentando a pressão sofrida pelos jornalistas – hoje obrigados a produzir informações para diferentes plataformas, em um espaço de tempo cada vez mais exíguo, enfrentando uma concorrência cada vez mais acirrada e à mercê de um mercado de trabalho cada vez mais enxuto e em crise (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011. HIRST, 2011. TRAQUINA, 2005).

Dentro desse novo contexto de interação dialógica e amplo acesso à informação, o jornalismo se viu diante de uma encruzilhada. Por um lado, as novas tecnologias da informação facilitam o trabalho dos repórteres, que contam com novas ferramentas para construir a notícia, têm o acesso à fonte facilitado e podem melhorar seu próprio trabalho com a ajuda do leitor. Por outro, mexem com o papel social dos jornalistas – até então, profissionais com amplos poderes para definir o que era ou não notícia (processo de *gatekeeping*) e "donos" da prerrogativa de agendarem a pauta de discussões da sociedade (Teoria do Agendamento). Sem falar, é claro, no aumento da pressão de produzir cada vez mais notícias em cada vez menos tempo.

É certo que ainda estamos em um processo de transição e que, atualmente, no campo da comunicação, coexistem duas galáxias distintas (CASTELLS, 2003). A primeira delas, é a galáxia da internet – multidirecional, interativa, onde os emissores de mensagens são também receptores. A segunda é galáxia da antiga comunicação de massa, “um mundo de comunicação vertical, unidirecional com interatividade escassa, com uma mensagem determinada, controlada pelos meios de comunicação – e por poderes econômicos e políticos” (CASTELLS, 2013, s/ p.).

Outra constatação importante de Castells é a percepção de que os veículos tradicionais de comunicação – como o rádio, a televisão e os jornais impressos – não desapareceram, mas tiveram de se reinventar e de se articular à galáxia da internet. Já as novas mídias digitais não precisam se adaptar às antigas formas de se comunicar (CASTELLS, 2009).

Hirst (2011) compartilha dessa visão e – ao avaliar o futuro do jornalismo após a explosão das redes sociais e das novas tecnologias da informação – pondera: seria prematuro achar que os blogues e sites de jornalismo colaborativo substituirão as organizações jornalísticas tradicionais. Até porque, segundo ele, o jornalismo do futuro ganhará a nobre função de separar o joio do trigo na internet, selecionando as informações relevantes das irrelevantes, os dados falsos dos verdadeiros e, especialmente, recomendando os canais de informação nos quais as pessoas podem confiar.

Castells também não acredita no fim dos meios tradicionais de comunicação. Para ele, "os jornais impressos não estão sendo solapados pela Internet porque, num mundo de informação infinita, a credibilidade é um ingrediente essencial para os que a buscam" (CASTELLS, 2003, p. 163).

Antes de dar prosseguimento às discussões sobre as mudanças estruturais enfrentadas atualmente pelo jornalismo, é preciso abrir um parêntese para explicar quais aspectos da

produção da notícia mantiveram-se os mesmos e quais mudaram após a disseminação em massa das novas tecnologias informação.

### **2.3 UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE O FAZER NOTÍCIA ANTES E DEPOIS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO**

O processo de construção da notícia pelos jornalistas vem sendo estudado desde meados do século passado pelas teóricos do chamado *Newsmaking* (produção da notícia). Essa linha de pesquisa surgiu nos Estados Unidos, por volta de 1950, com o objetivo de entender o funcionamento da cadeia produtiva de construção da notícia. A linha considera o jornalista um construtor da realidade, trabalhando junto com as fontes da informação, a audiência e os demais *stakeholders* da mídia para apresentar uma visão verossímil dos fatos, que o leitor aceite como verdade.

Ainda seguindo essa lógica produtiva, ao redigir uma matéria o jornalista traduz em texto – de forma hierárquica e subjetiva – suas próprias percepções sobre um determinado evento, o que influencia a forma como o leitor interpretará essa notícia.

As escolhas feitas pelo jornalista quando escreve uma notícia vão mudar, em algum grau, o jeito como os leitores vão entendê-la. Para o leitor, a compreensão de uma notícia depende em grande medida da forma como a informação é apresentada e, além disso, como a informação tem sido previamente organizada. (MARTINO, 2010, p. 33)

Entendida essa premissa, passamos a trabalhar com o conceito de notícia defendido por Alsina (2009). Segundo ele, a notícia é "uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível" (ALSINA, 2009, p.14). Nessa definição, consideramos como mundo possível o mundo narrativo construído pelo sujeito enunciador, a partir de dois mundos citados.

Se no mundo "real" era produzida a verificação, no mundo possível se desenvolve a veracidade. O enunciador deve fazer com que pareça verdade o mundo possível que ele mesmo constrói. E para isso lança mão das marcas de veracidade que lhe permitem criar a ilusão de referência, que é a condição necessária para a virtualidade do discurso. (ALSINA, 2009, p. 310)

O fato de Alsina restringir o conceito de notícia às representações "geradas institucionalmente" é fundamental a esta pesquisa pois, de antemão, afasta a ideia de que

qualquer pessoa que "traduza" uma realidade em um blogue ou rede social está produzindo notícia. É certo que elas podem, sim, gerar informações relevantes e inéditas que, posteriormente, poderão ser transformadas em notícia. Mas, para fins metodológicos, consideraremos que as notícias precisam necessariamente circular em veículos noticiosos, como jornais, revistas, *newsletters*, blogues jornalísticos e redes sociais – estejam elas vinculadas a grupos de comunicação ou às chamadas "mídias das fontes", mantidas e administradas por atores sociais que, até então, se limitavam a desempenhar o papel de fontes de informações (SANT' ANNA, 2009)

Feita essa ressalva, podemos retornar à Teoria do *Newsmaking*. De acordo com Wolf (2009), os estudos desta linha tiveram duas abordagens principais dentro do campo da comunicação. "A primeira – ligada à sociologia das profissões – estudou os emissores do ponto de vista das suas características sociológicas, culturais, do padrão de carreira seguido por eles, dos processos de socialização sofridos e assim por diante" (WOLF, 2009, p. 183); já a segunda abordagem concentra-se na análise lógica dos processos de construção da notícia – perspectiva teórica que melhor se enquadra a esta pesquisa.

Dentre os conceitos relacionados à Teoria do *Newsmaking*, um dos mais importantes para esta pesquisa é o da noticiabilidade (*newsworthiness*) – qualidade que diferencia os eventos com potencial de virar notícia daqueles que terminarão desprezados pela mídia.

A seleção de notícias é um processo de decisão e de escolha, realizado rapidamente (...) Os critérios devem ser aplicáveis de maneira fácil e rápida, de modo que as escolhas possam ser feitas sem muita reflexão (...); além disso, eles devem ser relacionáveis e comparáveis, visto que a conveniência de uma notícia depende sempre de quais outras estão disponíveis (...). Os critérios devem ser facilmente racionalizados, de modo que, se uma notícia for substituída por outra, haja sempre um motivo aceitável para fazê-lo. Por fim, mas não menos importante, os critérios são orientados para a eficiência, a fim de garantir o fornecimento necessário de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro. (GANS, 1979, *apud* WOLF, 2009, pp. 202-203)

Segundo Tuchman (2002), Gans (1979), Galtung (1965) e Ruge (1965), existem certos atributos (valores-notícia) que, somados, garantem a um fato o potencial de ganhar as páginas do jornal (noticiabilidade). Quanto maior a quantidade de valores/notícias de um acontecimento, maiores as probabilidades de ele conquistar o jornalista. Isto porque, de acordo com Wolf (2009, p. 227):

(...) os valores/notícia são avaliados em suas relações recíprocas, em conexão uns com os outros, por "conjuntos" de fatores hierarquizados e complementares entre si, e não tomados de forma isolada ou singular; toda notícia requer, portanto, uma avaliação (por mais automática e inconsciente que seja) da disponibilidade e da fidedignidade das fontes, da importância ou do interesse do evento, da sua novidade, além dos critérios relativos ao produto, ao meio e ao formato.

Wolf (2009) explica, ainda, que existem "valores-notícia de seleção" dos fatos com potencial para virar notícia e os "valores-notícia de construção", que serão utilizados pelos jornalistas no momento de organizar os fatos de uma forma hierárquica, clara e – pelo menos na teoria – objetiva. Nesta pesquisa, privilegiaremos os valores-notícia de seleção, visto que um dos objetivos centrais da dissertação é compreender os critérios adotados pela *Folha de S.Paulo* para selecionar as denúncias recebidas pelo *Folhaleaks* ao longo do primeiro ano de funcionamento do canal.

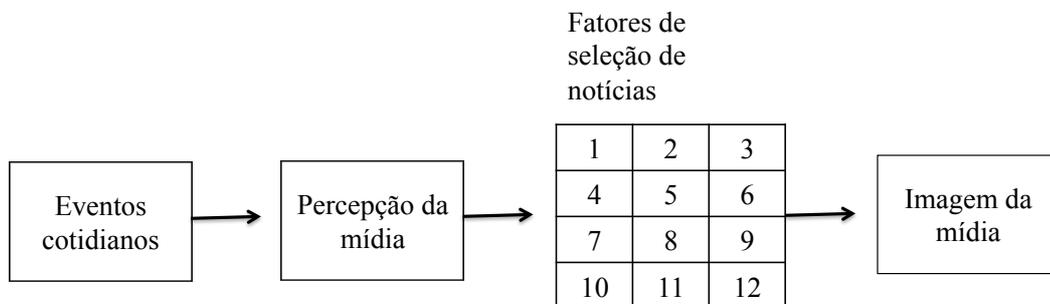
Um dos modelos mais influentes sobre critérios de *newsworthiness* (noticiabilidade) foi estabelecido pelos noruegueses J. Galtung e M. Ruge (1965). Analisando o comportamento da imprensa na cobertura de crises políticas de Cuba, em 1960, e do Congo, em 1964, eles chegaram a doze critérios práticos (valores-notícia) para a transformação de um fato em notícia. São eles:

- 1) *Frequência ou momento do acontecimento*: quanto mais próximo um fato estiver da realidade, maior a chance de ser transformado em notícia. (...)
- 2) *Magnitude do acontecimento*: quanto mais importante um acontecimento, em particular o número de pessoas que ele influencia, maior a chance de publicação (...)
- 3) *Clareza*: quanto mais claro e simples de compreender um acontecimento, maior a chance de publicação.
- 4) *Significação*: um acontecimento será noticiado não só pela proximidade geográfica, mas também pela relevância e proximidade cultural.
- 5) *A Correspondência ou consonância*: um evento planejado e esperado tem mais chance de se tornar notícia do que outro, de mesma característica, que não tenha sido previamente informado para a mídia. (...)
- 6) *O inesperado*: paradoxalmente, um fato raro ou inesperado também tem grande possibilidade de ser pautado. (...)
- 7) *Continuidade*: um tema conhecido tem mais chances de continuar no noticiário do que outro, de mesmo teor, mas inédito.
- 8) *Composição*: uma notícia pode ser selecionada em razão do conjunto de notícias do veículo. Em uma primeira página com diversas chamadas sobre política, uma de economia, mesmo que mais fraca, tem mais chances de ser veiculada como uma espécie de contraponto às outras.
- 9) *Notícias sobre o primeiro mundo*: (...) os países ditos "desenvolvidos" ocupam um lugar maior na mídia (...)
- 10) *Reportagens sobre as elites*: celebridades locais ou mundiais, em qualquer área, têm maiores chances de serem pautadas.

- 11) *Personalização*: o chamado "interesse humano" do acontecimento é levado em consideração na hora de escolher qual notícia será publicada.  
 12) *O negativo*: notícias ruins tendem a ganhar mais espaço que as boas.  
 (MARTINO, 2010. pp. 37-38)

Aos fatores elencados por Galtung e Ruge podem somar-se vários outros, dependendo do contexto sociocultural de um País ou do público para o qual se esteja falando. "Conforme destacam Traquina (2005) e Wolf (2009), não existe um método fixado com rigidez e uma avaliação esquemática e pré-ordenada de noticiabilidade" (AGUIAR, 2009, *apud* RODRIGUES, 2009, p. 175).

**Tabela 2 – Os Fatores de Seleção da Notícia de Galtung e Ruge (1965)<sup>9</sup>**



(Fonte: GALTUNG; RUGE, 1965, *apud* MARTINO, 2009, com adaptações).

Por considerar que os valores-notícia são resultados de avaliações realizadas pelo jornalista a partir de sua concepção sobre os diferentes *stakeholders* envolvidos no processo de construção da notícia, Wolf (2009) organizou-os em cinco categorias distintas. Cada uma dela relacionadas a um agente específico da informação:

1. **Critérios substantivos** – articulam-se em torno da importância e do interesse da notícia para a sociedade. A importância seria medida a partir de quatro variáveis: (a) grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento; (b) impacto sobre a nação ou interesse nacional, o que significa dizer que o acontecimento deve fazer sentido dentro do contexto cultural da audiência; (c) quantidade de pessoas envolvidas pelo acontecimento (de fato ou potencialmente); (d) relevância e

<sup>9</sup> GALTUNG, J. & RUGE, M.H. "The structure of foreign news". Journal of Peace Research, 2, 1965, pp. 64-90. *Apud*: MARTINO, 2009, p. 37.

significância do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

O interesse está vinculado às representações que os jornalistas têm do público e ainda ao valor-notícia definido como capacidade de entretenimento. A capacidade de uma notícia em entreter o leitor situa-se em uma posição elevada, seja como um fim em si mesmo, ou como instrumento para concretizar outros ideais jornalísticos, como superar a concorrência (AGUIAR, 2009, *apud*: RODRIGUES, 2009, p. 175).

2. **CrITÉrios de avaliaÇão do produto** – determinam em que medida o evento estará acessível ao jornalista. Aqui, avalia-se se o repórter terá condições de apurar o fatos necessários para a organização de um acontecimento na forma de notícia. Também são considerados valores inerentes ao fato, mencionando-se inclusive o estudos de Galtung e Ruge (1965), apresentados anteriormente. Alguns valores-notícia importantes, relacionados ao produto, são a atualidade dos fatos e a composição equilibrada do noticiário em seu conjunto.

Os limites de noticiabilidade de certos fatos dependem da quantidade de uma determinada categoria de acontecimentos que já existe no produto informativo: se não existe, a notícia tem probabilidade de ser aprovada, mesmo que não seja muito importante, exatamente porque serve para equilibrar a composição global do noticiário. (AGUIAR, 2009, *apud* RODRIGUES, 2009, p. 176).

3. **CrITÉrios relativos ao meio de transmissão** – considera as exigências particulares de transmissão da notícia dos diversos veículos de comunicação. No caso da televisão, por exemplo, é fundamental ter imagens de cobertura para o texto; o rádio precisa de sonoras dos entrevistados, os jornais precisam ter espaço editorial disponível e assim por diante.
4. **CrITÉrio referentes à imagem que o jornalista tem do público** – na visão do autor, "os jornalistas conhecem pouco seu público: embora os aparatos promovam pesquisas sobre as características da audiência (...) e suas preferências, os jornalistas raramente os conhecem e têm pouca vontade de conhecê-los" (WOLF, 2009, p. 222). Talvez a maioria dos jornalistas pensem como William Bonner, âncora do Jornal Nacional que, em 2005, declarou apresentar o telejornal mais visto do Brasil como se estivesse falando para Homer Simpson – personagem de desenho animado que faz paródia do

típico pai de família norte-americano, sem muita instrução, valores morais ou sucesso profissional<sup>10</sup>. Os jornalistas, portanto, escolheriam noticiar fatos que, acreditam, serão apreciados pelo leitor.

5. **Crítérios da concorrência** - aqui, Wolf (2009) refere-se basicamente ao estudo *Deciding What's News – a study of evening news, NBS nightly news, Times e Newsweek.*, escrito por Herbert J. Gans (1979). Para o autor, a "ânsia pelo furo" e o medo de ser diferente da média contribui para a "semelhança das coberturas informativas entre noticiários ou jornais concorrentes" (GANS, 1979, p. 177, *apud* WOLF, 2009, p. 224).

A classificação de Wolf continua atual, mesmo neste cenário de adaptação do jornalismo às novas tecnologias da informação. Afinal, conforme explica Aguiar, "os valores consagrados nos jornais impressos de referência continuam sendo válidos no jornalismo produzido para a web" (AGUIAR, 2009, *apud* RODRIGUES, 2009, p. 163). Pereira e Adghirni (2011, p. 45) compartilham dessa percepção e acrescentam que "alguns formatos canônicos do texto jornalístico – como o lead e a pirâmide invertida (Moraes, 2004) –, bem como os critérios de noticiabilidade (Jorge, 2007), subsistem nesse novo cenário".

Dentre as principais mudanças ocorridas no modo de se fazer jornalismo, depois da internet, destaca-se a mudança do conceito de "atualidade" de um fato. Até a década de 1990, atuais eram os fatos ocorridos no intervalo de 24 horas entre uma edição e outra de um jornal impresso ou eletrônico. Tal conceito foi radicalmente transformado pela sociedade em rede, que persegue a divulgação dos acontecimentos em "tempo real" (AGUIAR, 2009, *apud* RODRIGUES, 2009). Desde então, entramos em uma "era de quase imediatividade absoluta" (NOGUEIRA, 2003, *apud* DEL BIANCO, 2004, p. 10).

A internet agora é referência na redação para avaliar os acontecimentos quanto à atualidade, novidade, interesse e importância. O valor de atualidade passou a corresponder ao tempo real, ou seja, o processamento da informação se dá num ambiente onde não há diferenciação do tempo. O reflexo disso é o aumento do índice de atualidade na redação (DEL BIANCO, 2004, p. 10).

Ao descrever as mudanças provocadas pela internet nas redações de radiojornalismo, Del Bianco (2004) apresenta uma visão panorâmica do processo de construção da notícia

---

<sup>10</sup> Informações extraídas da Wikipédia: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Homer\\_Simpson](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homer_Simpson)>. Acesso em: 27/12/2013.

válida para jornalistas tanto de veículos eletrônicos quanto para os impressos. Segundo ela, nas décadas de 1960 e 1970, os jornalistas ficavam à procura de notícias na rua, local mais provável de se encontrar um furo. Já na década de 1980, as notícias passaram a “procurar” os jornalistas. "Com a profissionalização das assessorias de comunicação de empresas (...) cresceu a oferta de material informativo pronto para ser utilizado à disposição da redação, sem contar com as sugestões de entrevistas ao vivo, coletivas de imprensa, entre outros" (DEL BIANCO, 2004, p. 10).

Mais recentemente, segundo a autora, os jornalistas voltaram a assumir uma postura "ativa" em relação à notícia, porém dentro do ambiente *online*.

O intuito é recolher notícias atuais e de interesse. O trabalho do jornalista não é apenas ler o material para se informar e constituir seu próprio relato dos acontecimentos. A leitura é confundida com a busca de notícia pronta. Obter o material de divulgação, acabou por se converter num fim em si mesmo (DEL BIANCO, 2004, p. 10)

Outra realidade, no entanto, permaneceu inalterada pelo advento das novas tecnologias da informação: a dificuldade de os jornalistas explicarem, de forma organizada, quais são os valores-notícia utilizados por eles no momento de selecionar os fatos a serem transformados em notícia. Via de regra, esses profissionais atribuem sua capacidade de seleção dos acontecimentos ao "faro jornalístico" – mitológica capacidade de saber o que é ou não notícia, "inerente" a todo bom repórter (ALSINA, 2009).

Bourdieu dá ao dito "faro" para notícia dos jornalistas um outro nome. Segundo ele, os profissionais da imprensa "possuem 'seus óculos particulares', através dos quais veem certos acontecimentos e não outros" (BOURDIEU, 1995, p. 25). Esses óculos seriam justamente os "valores-notícia", peças fundamentais ao processo de seleção do que será ou não notícia (*gatekeeping*).

O conceito de *gatekeeping* foi utilizado pela primeira vez, em 1947, por Kurt Lewin – psicólogo alemão radicado nos Estados Unidos (1892-1947) – para descrever o papel das mulheres na cadeia alimentar, conferindo às esposas o papel de selecionadoras (*gatekeepers*) dos alimentos a serem servidos à família. A adaptação teórica ao campo da comunicação foi realizado em 1950 por David Manning White (1917-1993), então doutorando em Inglês pela Universidade de Iowa (EUA). White (1950) fez um estudo de caso sobre a seleção de notícias, a partir da observação de "Mr. Gates" – jornalista com 25 anos de experiência cuja tarefa era selecionar, dentro de todas as pautas recebidas, quais seriam publicadas no jornal.

O principal mérito da pesquisa de White (1950) e também dos estudos sobre

*gatekeeping* posteriores a ele é a confirmação de que, "na seleção e no filtro das notícias, as normas ocupacionais, profissionais e organizacionais parecem mais fortes que as preferências pessoais" (WOLF, 2009, p.185). Ainda a esse respeito, Wolf (2009, p. 185) observa que:

a pesquisa de White mostra que das 1.333 explicações de recusa de uma notícia, quase 800 a atribuíam à falta de espaço, e cerca de 300 citavam a sobreposição com histórias já selecionadas ou a falta de interesse jornalístico ou de qualidade escrita. Outros 76 casos se referiam a eventos em áreas muito distantes do jornal portanto, presumivelmente sem interesse para o leitor (...) Estatisticamente, essas normas profissionais excedem a distorção subjetiva no que se concerne às explicações fornecidas pelo jornalista e relatadas por White.

Uma primeira evolução do estudo dos *gatekeeper* foi lançada por Warren Breed, em 1955, com foco no controle social nas redações. Segundo o autor, os jornalistas aprendem o pensamento do veículo para o qual trabalham por "osmose", no processo de socialização com os colegas.

Breed determina seis motivos que induzem conformidade à orientação do jornal: a) a autoridade institucional e as sanções; b) os sentimentos de obrigação e estima em relação aos superiores; c) as aspirações à mobilidade profissional; d) a ausência de fidelidade de grupo contrária; e) a natureza agradável do trabalho; f) o fato de que a notícia tornou-se um valor. (BREED, 1995, p. 335, *apud* WOLF, 2009, p. 187)

Breed também deixa claro em seus estudos que o jornalismo é, sim, um negócio (TRAQUINA, 2005) e que, por falta de recursos – humanos ou financeiros – muitos acontecimentos com valor-notícia deixam de ser cobertos. Especialmente se estiverem geograficamente distantes da redação dos jornais. Essa é mais uma realidade que não se transformou com o advento das novas tecnologias da informação. Mais adiante, ficará claro que dentre os critérios de seleção das denúncias enviadas ao *Folhaleaks* encontram-se, justamente, os custos de uma apuração e o interesse do jornal pela cobertura de uma história geograficamente distante dos grandes centros urbanos.

Mais recentemente, os estudos de *gatekeeping* passaram a considerar como as NTICs interferiam no papel de "selecionador" do jornalista. Embora geograficamente distantes, a portuguesa Inês Aroso e o australiano Martin Hirst chegaram a uma mesma conclusão: o papel do *gatekeeper* não vai desaparecer, mas está sendo revisto. Na era das novas tecnologias da informação, os jornalistas começaram a perceber-se mais como intérpretes do que como guardiões da informação (AROSO, 2003; HIRST, 2005).

As pessoas na redação estão a modificar a sua definição de *gatekeeper*, passando a incorporar as noções de controle de qualidade e significado. Em particular, eles veem o seu papel como o de intérpretes credíveis de uma quantidade de informação disponível sem precedentes (SINGER, 1998, *apud* AROSO, 2003, p. 4).

Hirst (2011) aprofunda essa análise e utiliza uma comparação de Bill Kovach (2005) para clarificar o novo papel do *gatekeeper*. "Ao invés de *gatekeepers*, jornalistas agora estão se transformando em árbitros" (KOVACH, 2005, *apud* HIRST, 2011, p. 192. Livre tradução).

Ao comparar o papel dos novos *gatekeepers* ao árbitro, Kovach não refere-se ao fato de o jornalista ser capaz de apontar se o jogo é ou não limpo. Ele utiliza a metáfora para mostrar que esses profissionais podem servir de referência de confiança e qualidade da informação. "Essa informação foi checada e verificada; essa informação mostrou-se falsa; essa é autopromocional; essa está sob análise, mas ainda não conseguimos verificar a veracidade" (KOVACH, 2005, *apud* HIRST, 2011, p.193. Livre tradução).

Essa evolução do papel do *gatekeeper* deve-se, em grande parte, às características do ofício do jornalista.

Certas aptidões próprias desenvolvidas pelo jornalista tornar-se-ão cruciais. As capacidades de seleção, síntese, hierarquização, enquadramento e mesmo de personalização da notícia poderão ser insubstituíveis no ciberespaço, onde fenômenos como o da sobre-informação se veem exponencialmente agravados. (BASTOS, 2000, *apud* AROSO, 2003, p. 4)

Aroso (2003) defende, ainda, que daqui por diante será cada vez mais importante para o jornalista saber explicar os fatos, interpretando-os corretamente. Para tanto, ela se apoia em Dube (2000): "Com todas as fontes de informação que existem agora, serão os jornais on-line que melhor expliquem as notícias os mais bem sucedidos" (DUBE, 2000, *apud* AROSO, 2003, p. 4).

Já Shoemaker e Vos (2009) optam por uma abordagem diferente. Para eles, "o conceito de *gatekeeping* do século XX está morto, moribundo pela Internet, mas a teoria, como um todo, ainda serve para análise da comunicação de massa do século XXI " (SHOEMAKER; VOS, 2009, *apud* SELIGMAN; FURTADO, 2011, p. 393).

Em vez de focar no papel do jornalista no processo de seleção da notícia, Shoemaker e Vos (2009) tentam entender como o leitor começa a influenciar o processo de *gatekeeping* mais fortemente, após a chegada das NTICs. Se antes, o jornalista tinha de "adivinhar" o que o leitor gostaria de ler, hoje pode simplesmente consultá-lo por meio de enquetes *online*. Também é possível verificar os comentários postados por eles sobre uma notícia para ver se o

enfoque agradou ou se o tema é relevante para o público. Uma terceira maneira bastante eficiente de medir o interesse do leitor é checar o número de compartilhamentos de uma história nas redes sociais.

## 2.4 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

*Online* ou *offline*, não importa. Em linhas gerais, o processo de construção da notícia possui três fases: a produção, a circulação e o consumo (ALSINA, 2009). A indústria jornalística tem, na informação, sua matéria-prima e esta precisa ser "tratada" antes de chegar às páginas dos jornais impressos ou eletrônicos. Os profissionais responsáveis por esse processo de transformar acontecimentos em notícias são os jornalistas, definidos por Alsina (2009) como "produtores da realidade social".

Ainda de acordo com o autor, "os jornalistas têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevantes. Essas competências são realizadas no interior de aparatos de produção específica: a mídia" (ALSINA, 2009, p. 47). Entenda-se por mídia o conjunto de meios de comunicação produzidos em massa e veiculados para uma massa indistinta de pessoas (MARCONDES FILHO, 2009).

No atual contexto das novas tecnologias da informação e da explosão da *web 2.0*, a quantidade de mídias cresceu exponencialmente. A internet contabiliza centenas de milhares de blogues, microblogues, páginas pessoais, *plataformas wiki* (construção coletiva), *chats*, redes sociais etc. E tudo isso está disponível 24 horas por dia, sete dias por semana, em qualquer lugar. Essa ubiquidade das mídias digitais tirou da mídia tradicional o posto de "porta-voz oficial da informação" e, com isso, os jornalistas perderam o posto de construtores preferenciais de realidade. Qualquer internauta pode, hoje, traduzir um acontecimento, divulgá-lo à sociedade em uma mídia digital e, em poucas horas, ver aquele *post* ser transformado em uma notícia veiculada em uma mídia institucionalizada.

Decerto nem todas as mídias possuem o mesmo papel ou desfrutam da mesma credibilidade perante aos diferentes públicos. Todas, no entanto, têm o poder de gerar e divulgar notícia. Alguns com maior e outros com menor impacto sobre a sociedade (ALSINA, 2009). O que irá diferenciá-las, daqui por diante, é a capacidade de veicular informação de qualidade. E esta nem sempre é um atributo exclusivo da mídia tradicional. Ao contrário, ao analisar a credibilidade em blogues individuais e institucionais em "cotejamento" com a

imprensa tradicional, o professor Paulo Serra (2006) conclui: "gradualmente, os leitores passam a atribuir a mesma credibilidade ao conteúdo publicado pela imprensa tradicional e pelos demais espaços" (SERRA, 2006, *apud* RUBLESCKI, 2011, p. 346).

As novas tecnologias da informação também estão modificando as rotinas das redações dos jornais de todo o mundo. De acordo com Castilho (2005, p. 234, *apud* RODRIGUES, 2009, p. 19, *acrécimos* nossos), "o jornalismo *online* está empurrando a profissão [jornalismo] para sua maior transformação desde o surgimento dos jornais, há mais de 150 anos". O autor cita diversas mudanças provocadas pelas novas tecnologias da informação no jornalismo, das quais três foram elencadas como pertinentes a esta pesquisa.

A primeira dela é a constatação de que o jornalista está perdendo o controle dos meios que veiculam a informação, já que o leitor de hoje pode buscá-la em outras fontes. É como explica Ramonet (2012, p. 17):

A informação não circula mais como antes, em unidades controladas, bem corrigidas e formatadas (notas de agência, jornais diários impressos, boletins radiofônicos, telejornais). Tornada imaterial, ela se apresenta agora sob a forma de um fluido, que circula em segmentos abertos da internet quase à velocidade da luz.

O fato é que, conforme já mencionado, não é mais preciso ler jornal para manter-se bem informado. Basta acessar as redes sociais para ver um resumo do noticiário na sua própria *timeline*. E mesmo quando o conteúdo de um jornal, *site* ou revista encontra-se restrito aos assinantes, é sempre possível localizar uma cópia da reportagem nas ferramentas de busca ou lê-la na íntegra em mídias que não se incomodam em "abrir" notícias alheias à população. É o caso, por exemplo, do portal *Brasil 247*, que tem por hábito reproduzir e "analisar" as matérias apuradas e veiculadas por outros meios de comunicação.

Neste contexto de profundas mudanças, teóricos como Aroso (2003), Hirst (2012) e Bastos (2000) defendem uma mudança no papel do jornalista. De "selecionador" e "produtor" da notícia, esse profissional gradualmente será convocado a ser "árbitro" da mesma, validando e hierarquizando as informações que circulam pela rede.

A segunda transformação apontada por Castilhos (2009) relacionada a esta pesquisa é a multiplicação das experiências de produção de conteúdo pelos antigos consumidores de notícia (leitores). Na avaliação do autor, em um ambiente de "avalanche informativa", a única maneira de produzir conhecimentos na intensidade, profundidade e velocidade exigidos é de forma colaborativa (CASTILHOS, 2009, *apud* RODRIGUES, 2009, p. 123).

Esta alteração do processo de *newsmaking* nos interessa porque o *WikiLeaks* – plataforma inspiradora do objeto deste estudo, o *Folhaleaks* – enquadra-se no modelo de produção colaborativa de conteúdo. O próprio nome do *site* faz clara referência às plataformas *wiki* – softwares e páginas de web que permitem a produção colaborativa de conteúdo. Por definição, as informações geradas em de forma colaborativas são realizadas em canais caracterizados pela descentralização e horizontalização do controle da produção de conteúdos, "valorizando a diversidade, a iniciativa individual e a polifonia de opiniões" (CHAN, 2002, *apud* RODRIGUES, 2009, p. 137).

Conforme mostraremos mais adiante, desde a sua fundação, o *site* de Julian Assange funciona com o apoio de uma rede de colaboradores, financiadores e voluntários que garantem não apenas a manutenção da organização na rede mundial dos computadores, mas também a realização dos processos de seleção, triagem, organização, hierarquização e divulgação dos vazamentos recebidos. Além dele, incluem-se, no modelo de produção colaborativa, as experiências de jornalismo-cidadão, os *sites wiki*, os blogues coletivos, os espaços de comentários dos jornais e outros canais especializados na divulgação de conteúdos construídos por várias pessoas.

A terceira e última mudança apontada por Castilhos (2009) – relacionada ao objeto desta pesquisa – revela a transformação do conceito de notícia no ambiente *web*. Conforme mencionado anteriormente, a internet permitiu aos internautas conectarem-se em redes e rompeu a barreira espaço-temporal, ampliando o significado da palavra notícia. Tal percepção é importante para atualizar o conceito de notícia utilizado pela pesquisadora. Embora continue a se basear no conceito de Alsina (2009, p. 14) de que a notícia é "uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível", ela trabalhará com uma informação adicional: em tempos de internet, essa representação da realidade é realizada em um processo contínuo de produção da informação.

Depois da criação da *web 2.0*, a notícia pode ser modificada tanto pelos leitores – que passam a comentar e a interferir no significado do texto original, acrescentando novas informações ou levantando questões ignoradas – quanto pelos próprios repórteres, que podem acrescentar, retirar ou corrigir informações. Tudo isso, mesmo depois de ela ir ao ar. Afinal, o fluxo de informação não é interrompido no ambiente digital. "As mídias não têm mais horário de fechamento e são publicadas à medida que os fatos se sucedem. Enquanto o jornal ou a revista têm um deadline para a impressão gráfica, na tela, a notícia eterniza-se como num vai e vem das ondas do mar" (PEREIRA;ADGHIRNI, 2011, p. 46).

Ramonet (2012, p. 17) completa e conclui esse raciocínio:

A lógica da informação *online* é lançar uma informação em estado bruto (ou, às vezes até aproximativo) e, depois, corrigi-la, modificá-la ou enriquecê-la incessantemente, a cada hora, a cada instante. A informação torna-se mais *work in progress*, uma matéria que se desenvolve, uma espécie de conversação, um processo dinâmico de procura da verdade, mais do que um produto finalizado.

Neste processo ininterrupto de construção da notícia, o leitor agora desempenha papel fundamental. Graças à internet 2.0, ele pode "interferir" no conteúdo postado pelos jornalistas, apontando lacunas, acrescentando dados ou apresentando novos pontos de vista, com veremos a seguir.

## 2.5 LEITOR 2.0 OU "*WEB-ATOR*"

Para completar esse cenário de transformação, as NTICs fortaleceram o papel do leitor como agente ativo no processo de construção da notícia (HIRST, 2011. BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013. RAMONET, 2012). Os leitores de hoje são capazes de contribuir com a definição da pauta, postam comentários que legitimam ou criticam o trabalho dos repórteres e estão dispostos a veicular suas próprias notícias no jornal – utilizando-se de uma série de novos canais de interação criados justamente para dar voz (ou seria para domesticar?) à antiga "audiência".

Na nova sociedade em redes, cada cidadão torna-se um 'jornalista' em potencial. Na frente da sua tela (de computador, de telefone ou de palmtop), o internauta que domina os recursos da web 2.0 não se julga inferior ao jornalista profissional. Ele disputa com ele seu status privilegiado (RAMONET, 2012, p.22)

Pereira e Adghirni (2011) ressaltam que, em todo o mundo, o número de pessoas envolvidas em atividades de autopublicação não cessa de crescer. Os autores citam dados da Technorati – maior diretório de blogues do mundo – que revelam: "o número de blogues passou de cerca de 4 milhões em 2004 para cerca de 200 milhões no início de 2009" (PEREIRA; ADGHIRINI, 2011, p. 51).

As redes sociais também estão em franca expansão. O *Facebook*, por exemplo, fechou

março de 2013 com cerca de 1,1 bilhão de usuários ativos por mês<sup>11</sup>. Se fosse um país, a rede social de Mark Zuckerberg seria o terceiro maior do mundo, atrás somente de China e Índia<sup>12</sup>.

Explicado esse contexto, consideraremos como leitor 2.0 os internautas que além de consumirem informação na rede, também produzem conteúdo, de formas variadas, na plataforma do jornal – mantendo-se ávidos por um novo tipo de interação, cada vez mais "horizontal" ou "circular", com a mídia tradicional. Esse grupo procura influenciar a agenda dos meio de comunicação tradicionais, sem a intenção de subvertê-la ou desbancá-la.

Uma segunda modalidade de internautas seriam os "*web-atores*", nome utilizado por Ramonet (2012) para se referir às pessoas interessadas em observar e apresentar seu ponto-de-vista sobre uma realidade. Eles se diferenciam do leitor 2.0 por não produzirem conteúdo com foco na mídia tradicional. Para eles, o mais importante é a proatividade em relação à informação dentro da internet. Esse grupo aproveitou o potencial das NTICs para gerar novas formas de se comunicar e são os principais responsáveis pela explosão das manifestações de jornalismo participativo que – como destacam Corrêa e Madureira (2010, p.164)– "são uma expressão bastante fiel do que seja, hoje, nossa sociedade em rede, que reproduz as necessidades de comunicação e informação de seus membros por meio dos recursos oferecidos pelas tecnologias digitais de informação e comunicação".

O fato é que as NTICs criaram condições para a antiga "audiência" fazer a transição de uma massa de "receptores passivos" para uma nova fase onde eles se transformaram em "consumidores proativos da informação, que decidem o que querem, quando querem e como querem" (KOVACK, 2005, *apud* HIRST, 2011, p. 109. Livre Tradução).

Uma vez empoderado, esse grupo passou a também produzir informações, de maneiras diversas: postando conteúdo nas redes sociais, utilizando a internet para vazar informações, construindo sites de conhecimento coletivo (plataformas *wiki*), comentando notícias, criando novas mídias noticiosas e compartilhando conhecimentos. Todas essas informações foram classificadas por Hirst (2011) como "*user-generated news-like content*" (UGNC), que, em português, significaria "conteúdo semelhante à notícia gerados por usuários".

Conforme já explicado anteriormente nesta pesquisa, os posts de blogues e redes sociais realizados pelos leitores não serão considerados notícias, por não serem gerados

---

<sup>11</sup> Dado publicado na página oficial do Facebook. Informação disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10151908376941729&set=a.10151908376636729.1073741825.20531316728&type=1&theater>>. Acesso em: 29/10/2013.

<sup>12</sup> Dado extraído do ranking dos países mais populosos, divulgado pela Organização das Nações Unidas. Informação disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/foto/130430.png>>. Acesso em: 29/10/2013.

institucionalmente dentro de um veículo de conteúdo noticioso. Isto não significa dizer que os antigos consumidores de informação sejam incapazes de produzirem notícias. Ao contrário, muitos deles têm conseguido pautar a mídia tradicional através dos UGNC produzidos por eles.

Tanto os leitores 2.0 quanto os "web-atores" têm, à sua disposição, diversas maneiras de produzirem conteúdo participativo (UGNC). Além dos já mencionados comentários, blogues, vazamentos de informações, *tweets*, vídeos de *YouTube* e demais postagens digitais, incluem-se nesse contexto os sites de jornalismo participativo, os grupos de jornalismo cidadão e os canais criados pela mídia tradicional para fomentar a participação do leitor. Afinal, conforme Sundet e Ytreberg (2009, *apud* PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 51)

para sobreviver, as empresas jornalísticas tradicionais investem em plataformas e interfaces de colaboração do público utilizando-se, muitas vezes, da noção de ativismo e de participação como uma estratégia (comercial e ideológica) de captação e fidelização dos leitores.

Antes de prosseguirmos com a análise dos canais de interação com o leitor 2.0 criados pelos jornais, vale destacar: a maior parte dos autores consultados nesta pesquisa consideram o jornalismo cidadão uma modalidade do jornalismo participativo. Hirst (2005), Corrêa e Madureira (2010), Atton e Hamilton (2005), além de Bowman e Willis (2003) fazem essa distinção e trazem conceitos complementares ente si.

Segundo Bowman e Willis (2003, *apud* CORRÊA; MADUREIRA, 2010, p. 167, "jornalismo participativo é a ação de um cidadão ou grupo de cidadãos que têm um papel ativo no processo de coleta, reportagem, análise e disseminação de notícias e informações". Hirst (2011, p. 118), por sua vez, destaca o "propósito político" dessa modalidade de jornalismo, que deve necessariamente ser produzida fora da grande mídia. Como exemplos de jornalismo participativo podemos citar as experiências da *Mídia Ninja*<sup>13</sup> e do *WikiLeaks*.

O jornalismo cidadão ficaria, conseqüentemente, restrito a um campo menor de produção, caracterizado por informações noticiosas produzidas também fora das redações tradicionais, com um diferencial: o fato de possuir um posicionamento ideológico claro, normalmente vinculado a uma causa como os direitos humanos, o combate ao machismo, o

---

<sup>13</sup> Movimento de jornalismo alternativo que estimula cidadãos comuns a se transformarem em produtores de conteúdo noticioso. A palavra Ninja é a sigla para "*Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*", nome oficial do grupo, formado em 2011. Segundo a *Wikipedia*, a Mídia Ninja "é conhecida pelo ativismo sociopolítico, declarando ser uma alternativa à imprensa tradicional". A cobertura realizada pelo grupo é divulgada nas redes sociais, principalmente na fan page montada por eles no *Facebook*, que contava com mais de 242 mil seguidores em dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA>>. Acesso em: 30/12/2013.

fim da violência, dentre outros.

Independentemente do nome que recebam, as diversas experiências de UGCN são manifestações legítimas do ideal de liberdade que permeia a internet. Cultura que, de acordo com Castells (2003), permeia a rede mundial dos computadores desde a sua criação, em meados da década de 1960. Apesar de ter sido desenvolvida inicialmente para atender a uma demanda de segurança militar dos Estados Unidos, "todos os desenvolvimentos tecnológicos decisivos que levaram à internet tiveram lugar em torno de instituições governamentais e importantes universidades e centros de pesquisa" (CASTELLS, 2003, p. 23). E aí reside a origem dessa cultura de liberdade e resistência ao controle externo vigente na rede. Por ser um projeto "ousado", "caro" e "arriscado demais", ele foi gerado fora do "mundo dos negócios", sem visar ao lucro. Em outras palavras, "a internet se desenvolveu em um ambiente seguro, propiciado por recursos públicos e pesquisa orientada para a missão, mas que não sufocava a liberdade de pensamento e inovação" (CASTELLS, 2003, p. 24).

Empoeirados por essa tecnologia, tanto os leitores 2.0 quanto os *web*-atores são capazes de "completar cada informação, acrescentando a ela uma maior precisão, um comentário, uma citação, uma foto ou um vídeo, num trabalho de inteligência coletiva (RAMONET, 2012, p. 17). Mas existem também efeitos colaterais indesejados, como quando o "leitor jornalista" – por desconhecimento das técnicas profissionais de apuração e de checagem de dados – posta na internet informações falsas ou mal apuradas (RAMONET, 2012, pp. 108-109).

Especificamente em relação aos leitores 2.0, Ramonet (2012) observa que eles têm sido encorajados pelas mídias dominantes a produzirem conteúdo que, posteriormente, seria "validados" por jornalistas profissionais. Na prática, no entanto, o rígido modelo de *gatekeeping* adotado nesses supostos "espaços de interação" subordina o leitor-fonte ao jornal, evitando a verdadeira interatividade. É como observa Dan Gillmor (2004. Apud: CORRÊA e MADUREIRA, 2010, p. 157):

Os veículos utilizam o material enviado por internautas como fonte de informação, mero ponto de disparo para um processo de apuração que é realizado por jornalistas profissionais responsáveis pelos websites, prática que tende a desestimular o "antigo leitor" a tornar-se protagonista do processo noticioso, ou tornando este processo uma conversação.

Robinson (2010) concorda com a existência dessa tendência de a mídia tradicional procurar manter os leitores sob controle, ofertando-lhes espaços controlados de interação. Ela alerta, inclusive, para o fato de muitos leitores adotarem essa mesma postura "tradicionalista", buscando a manutenção de um relacionamento verticalizado entre jornalistas e audiência.

A autora – cujo "estudo etnográfico"<sup>14</sup> avaliou como jornalistas e leitores percebiam o espaço de comentários das notícias de um jornal impresso que estava se digitalizando – aponta a existência de um segundo grupo de pessoas, aos quais ela chama de "convergentes", interessados em interagir cada vez mais com a antiga audiência, por compreender que a troca com os leitores pode enriquecer ainda mais o processo de construção da notícia. A esse respeito, deve-se observar que:

Por anos, a única forma de interatividade com as mídias noticiosas consistia em cartas para os editores dos jornais, e apenas um punhado das cartas recebidas tinham a chance de serem editadas para publicação. Estudos mostraram que os editores escolhiam as cartas baseadas em sua relevância, brevidade, poder de entretenimento e autoridade em tópicos que os jornal já estabelecera previamente como importantes (Jorgensen, 2002; Lemert and Larkin, 1979) (...) as cartas que ganhavam as páginas do jornal eram, portanto, as que legitimavam a autoridade jornalística e reforçavam os valores existentes nesta comunidade (LULE, 1992. PRITCHARD; BERKOWITZ, 1991. READER; MOIST, 2008, *apud* ROBINSON, 2010, p. 126. Livre tradução).

Robinson (2010, p. 140) mostrou que os "tradicionalistas" viam as possibilidades de interação oferecidas pela web 2.0 como mais um "trabalho a ser feito" e temiam a entrada dos leitores no processo de construção da notícia. Para eles, os leitores 2.0 eram uma ameaça à "integridade jornalística". Por isso, esse grupo de profissionais simplesmente ignorava os comentários e sugestões enviadas pelos leitores.

Os convergentes, por sua vez, não viam no acompanhamento dos comentários dos leitores mais um trabalho a ser feito e nem sentiam-se ameaçados por eles. "Ao contrário, viam na interatividade com a audiência uma responsabilidade assumida pelo jornalismo na era digital" (ROBINSON, 2010, p. 140. Livre tradução).

No próximo capítulo, mostraremos como as NTICs foram determinantes à criação e à popularização do *WikiLeaks*. Também apresentaremos as principais lições dadas pelo site de Julian Assange à mídia tradicional, principalmente em relação à mudança do imaginário dos jornalistas sobre o perfil das fontes de informação.

---

<sup>14</sup> Nesse modelo de pesquisa, "os dados são recolhidos pelo pesquisador, presente no ambiente que serve de objeto de estudo, seja com a observação sistemática do que acontece neste espaço, seja por meio de conversações mais ou menos informais ou ocasionais, ou verdadeiras entrevistas. (WOLF, 2009, p. 191)

### 3. AS LIÇÕES DO WIKILEAKS PARA O JORNALISMO

*"A questão fundamental sobre o WikiLeaks não está ligada ao apelo à transparência feito por seu fundador, mas na questão de ser esse modelo de dropbox eletrônico – no qual a proteção das fontes é feita pelo código do software e não pelo código de ética – é robusto e replicável para outros veículos".*

(BECKETT; BALL, 2012, p. 115. Livre tradução)

Se existe uma palavra capaz de resumir o papel do *WikiLeaks* no atual cenário de mudanças estruturais do jornalismo é "polêmica". O *site* de Julian Assange provoca tanto admiração quanto ódio ao redor do mundo. Para muitos, é um baluarte da liberdade da informação, representante legítimo do jornalismo livre e independente. Tanto que recebeu da Anistia Internacional, em 2009, o prêmio de "*Melhor Nova Mídia*", após publicar documentos censurados que relacionavam o ex-presidente do Quênia, Daniel Arap Moi, a um esquema de corrupção e desvio de recursos públicos. O vazamento era de conhecimento do novo presidente eleito do país Mwai Kibaki, que preferiu engavetá-lo para evitar problemas com antigo ditador (DOMSCHEIT-BERG, 2011. RAMONET, 2012. BECKETT;BALL, 2012). Já em 2011, o *WikiLeaks* foi cotado para o Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho de divulgação de informações sobre violações aos direitos humanos e crimes de guerra (SIFRY, 2011. BECKETT;BALL, 2012).

Mas assim como coleciona apoiadores e prêmios, essa organização sem fins lucrativos acumula inimigos e processos. Além dos processos legais abertos contra Assange por "estupro"<sup>1</sup> na Suécia, houve uma série de ataques estruturais contra a organização ao longo de 2010, motivados pela divulgação de documentos secretos do governo norte-americano.

Corporações como a *Amazon* – antiga provedora de espaço de servidor do site – se recusaram a hospedar o *WikiLeaks*. Paralelamente, o *Paypal*, a *Mastecard* e a *Visa* se negaram a realizar as transações de pagamento dos servidores do site. O *WikiLeaks* foi afetado, mas sobreviveu. (BECKETT; BALL, 2012, p. 11. Livre tradução)

---

<sup>1</sup> A acusação que pesa contra Julian Assange na Suécia foi impetrada por duas ex-parceiras sexuais do fundador do *WikiLeaks*: Ana Ardin e Sofia Wilen. Segundo elas, durante sessões de sexo consensual, o preservativo usado por Assange teria se rompido. Assange não quis interromper o coito após a retirada do mesmo, o que na Suécia equivale a um estupro, com pena de até dois anos de prisão (DOMINGOS; COUTO, 2011. SIFRY, 2011).

Os ataques desferidos contra o *WikiLeaks* não ficaram impunes, como explicou Castells (2010, s/ p.):

Em represália à tentativa de silenciar o *WikiLeaks*, *Anonymous*, uma popular rede hacker, coordenou ataques contra as empresas e instituições que o fizeram. Milhares de voluntários se juntaram à festa, utilizando o *Facebook* e *Twitter*, embora com crescentes restrições. Os amigos do *WikiLeaks* no Facebook superaram o milhão e aumentam ao ritmo de uma pessoa por segundo. Já o *WikiLeaks* distribuiu a 100 mil usuários um documento encriptado com segredos supostamente mais danosos para os poderosos, cuja chave se espalharia caso a perseguição se intensifique.

No livro *WikiLeaks and the age of transparency*, Sifry (2011, p. 153. Livre tradução) reuniu alguns dos piores comentários já feitos sobre o fundador do *WikiLeaks*. Segundo o autor, a ex-governadora do Alaska, Sarah Palin, disse que Julian Assange deveria ser "perseguido com a mesma urgência que se persegue os líderes da Al Qaeda e Talibã". Já o ex-senador norte-americano Rick Santorum afirmou: "O que ele está fazendo é terrorismo, na minha opinião". A declaração mais bombástica veio do consultor político democrata Bob Beckel: "Esse cara é um traidor... Não sou favorável à pena de morte, então só existe uma maneira de resolver o problema: atirar ilegalmente nesse cretino".

Diante de tantas reações contraditórias, teóricos da comunicação e da sociedade em rede, como Castells (2003), Ramonet (2012) e Sifry (2011) se debruçaram sobre o assunto e chegaram a pelo menos um consenso sobre o *WikiLeaks*: ele é um fenômeno do nosso tempo. A criação de um site independente, dedicado exclusivamente a vazamentos de informação, com "servidores-espelho"<sup>2</sup> espalhados em todo o mundo para garantir sua permanência no ar, só poderia existir dentro da internet – um ambiente livre e sem as amarras regulatórias impostas por nações, empresas ou Estados.

Algo como o *WikiLeaks* teria sido literalmente impossível na era pré-internet. A escala dos vazamentos e a habilidade de espalhá-los globalmente só podem ser possibilitados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) e pela internet (BECKETT; BALL, 2012, p. 13).

Considerado por autores como Charlie Beckett e James Ball a primeira organização midiática a existir somente no *ciberespaço*, sem estar vinculada a nenhum Estado, o

---

<sup>2</sup> Os servidores-espelhos são endereços que replicam o conteúdo do site *www.wikileaks.org* ao redor do mundo e que podem ser acessados caso o endereço original tenha algum problema. Segundo Domingos e Couto (2011), até a publicação de seu livro, existiam pelo menos 1.246 servidores-espelho do *WikiLeaks* na rede mundial dos computadores.

*WikiLeaks* "tem seus servidores mais conhecidos hospedados na Suíça, mas sua rede de apoiadores afirma que ele existe em toda parte e em lugar nenhum" (BECKETT; BALL, 2012, pp. 5-6. Livre tradução). Além disso, por não estar subordinada às culturas ou às leis de nenhum país, a organização tem um potencial de liberdade e independência "sem precedência" e, até o momento, "impossível de se replicar" (BECKETT; BALL, 2012, p. 24. Livre tradução).

Antes de analisar os impactos concretos do *WikiLeaks* para o jornalismo – e a consequente reprodução dessa experiência na redação da *Folha de S.Paulo* – é fundamental entender um pouco da história da organização.

### 3.1 SEGREDOS EXISTEM PARA SEREM REVELADOS

Oficialmente, a história do *WikiLeaks* começa no dia 4 de outubro de 2006, data em que Julian Assange – um *hackativista* australiano que estudou, mas não concluiu, os cursos de matemática, física, filosofia e neurociência na *Universidade de Melbourne* – registrou o domínio *www.wikileaks.org*, pela rede mundial dos computadores. A ideia de criar um ambiente virtual dedicado exclusivamente ao recebimento de denúncias e vazamentos da informação não era original. Desde a década de 1990, existiam projetos de plataformas digitais voltadas à divulgação de documentos e informações sigilosas, capazes de garantir o anonimato das fontes. A mais antiga de que se tem notícia é a "*Cryptome.org*" que, desde 1996, publica, quase que diariamente, documentos sigilosos, sem tratamento editorial. E tanto esse site quanto o seu idealizador, John Young, eram conhecidos de Assange.

Young, então com 63 anos, era uma "personalidade" na "cultura *hacker*"<sup>3</sup>. Ele aceitou ser o "testa-de-ferro" do *WikiLeaks* para proteger a identidade de Assange e dos outros fundadores do grupo. Idealista e fiel aos princípios do *hackativismo*, optou por se desligar do projeto em pouco tempo, conforme explicou ao site CNET:

---

<sup>3</sup> Segundo Manuel Castells, a cultura *hacker* diz respeito "ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computadores que interagiram online em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa (LEVY, 2001, *apud* CASTELLS, 2003, p. 38). Ainda segundo o autor, "suprema nesse conjunto de valores é a liberdade. Liberdade para criar, liberdade para apropriar todo o conhecimento disponível e liberdade para redistribuir esse conhecimento sob qualquer forma ou por qualquer canal escolhido pelo hacker" (CASTELLS, 2003, p. 42) Vale destacar, ainda, que os *hackers* – peritos em programação interessados em explorar os potenciais da internet e em construir /compartilhar conhecimento de forma coletiva – não devem ser confundidos com os *crackers*, pessoas empenhadas em quebrar códigos, penetrar em sistemas legalmente ou criar o caos no tráfego dos computadores (CASTELLS, 2003, p. 38).

Eu não trabalho com uma operação. Eu não tenho ninguém trabalhando comigo no Cryptome. Sou essencialmente – e eu gosto do termo – eu mesmo; mas outras pessoas detestam esse modelo, pois é apenas uma versão amadora. Não é como o WikiLeaks e seus grandes objetivos. Eu nunca tive o desejo de derrubar governo ou fazer nenhuma dessas coisas 'nobres' que eles querem fazer, como reerguer o jornalismo (...) o objetivo inicial deles era arrecadar US\$ 5 milhões. Isso chamou a minha atenção. Um, porque eu acho que não se deve divulgar o tipo de material que queríamos publicar por dinheiro. Isso contamina a credibilidade e transforma o projeto em uma oportunidade de negócio, na qual sempre há grande traição e mentira acontecendo (McCULLAGH, 2010. S/ p. Livre tradução)

Justamente por conta do "amadorismo" (ou seria "idealismo?") de Young, o *Cryptome.org* nunca decolou, apesar de ter divulgado mais de 70 mil documentos, incluindo fotos censuradas pelo governo norte-americano de soldados americanos mortos no Iraque. Já o *WikiLeaks* contava com o arcabouço teórico da cultura *hacker* e com a visão pragmática de Julian Assange sobre a monetização dos negócios.

Definindo-se como uma "organização midiática não-governamental, sem fins lucrativos"<sup>4</sup>, o *WikiLeaks* tem por missão "trazer notícias e informações importantes para o público"<sup>5</sup>.

Nós disponibilizamos uma inovadora, segura e anônima maneira de as fontes vazarem informação para os nossos jornalistas (*drop box* eletrônico). Uma das nossas mais importantes atividades é publicar junto com nossas histórias o material original vazado pelas fontes, para que os leitores, assim como fazem os historiadores, possam ver evidências da verdade. (WIKILEAKS, About. Disponível em: <[www.wikileaks.org/About.html](http://www.wikileaks.org/About.html)>. Acesso em: 09/11/2013. Livre tradução).

De fato, em relação ao quesito tecnologia, o *WikiLeaks* é inovador. Segundo Beckett e Ball (2012, p. 20), o site utiliza uma forma de encriptografia similar a dos bancos e agências de inteligência. "Com uma senha de suficientemente forte e bem protegida, entrar nesse sistema levaria muitos milhões de vezes mais tempo do que a expectativa de vida do universo". A organização também tem o cuidado de não guardar nenhuma informação das pessoas que trafegam em suas páginas. "O site não guarda nenhum tipo de *log* (arquivo onde são armazenados dados contendo o histórico das transações entre computadores" (DOMINGOS; COUTO, 2011, p. 20).

Todos esses cuidados garantem o sigilo das fontes que vazam documentos e informações ao *WikiLeaks*, desencorajando governos, agências de inteligência, *crackers* e

---

<sup>4</sup> Informação disponível em <<http://wikileaks.org/About.html>>. Acesso em: 09 nov. 2013. Livre tradução.

<sup>5</sup> *Ibid.*

instituições afetadas pelas histórias contadas pelo *site* a tentar descobrir a identidade dos mesmos. Vale destacar: nenhuma das fontes da organização teve o nome revelado por falha de segurança do site. O soldado Bradley Manning – a quem são atribuídos os vazamentos das informações da Guerra do Iraque, do Afeganistão e dos documentos diplomáticos do *Cablegate* – foi denunciado às autoridades norte-americanas por um outro *hacker*, com o qual mantinha contato pela internet.

Por toda essa "engenhosidade técnica", o *WikiLeaks* já teria as condições necessárias de ficar conhecido dentro da cultura *hacker*. Mas as ambições de Assange eram maiores e ele buscou potencializar o interesse das pessoas pelo projeto, divulgando uma declaração na qual afirmava que o *WikiLeaks* tinha sido fundada por "dissidentes chineses, jornalistas, matemáticos e tecnólogos de companhias *start-up* dos Estados Unidos, Taiwan, Europa, Austrália e África do Sul".

Como é comum no caso do *WikiLeaks*, o time de fundadores era bem menor do que o relações públicas da organização anunciava. Ele consistia basicamente de Assange e membros do *Chaos Computer Club*, um grupo alemão de *hackers* pró-transparência (...) O site dizia ter mais de um milhão de documentos para vazar, mas lançou apenas um: um documento que dizia ser de um grupo islâmico de resistência da Somália, supostamente vazado pelo governo chinês. (BECKETT; BALL, 2012, p. 18. Livre tradução).

Esse documento, assim como todos os outros já divulgados pelo *WikiLeaks*, nunca tiveram sua autenticidade contestada (CASTELLS, 2010. SIFRY, 2011. BECKETT; BALL, 2012). Depois desse primeiro vazamento, seguiram-se uma série de outros que colocaram o site em evidência. Dentre eles:

- "Centenas de denúncias e documentos sigilosos, incluindo mais de 6,5 mil relatórios de pesquisa do Congresso norte-americano, a maioria dos quais estava disponível antes apenas para membros do Congresso e seus estafes" (SIFRY, 2011, p. 23. Livre tradução);
- Provas dos altos índices de corrupção e abuso de direitos humanos no Quênia. (O site teve acesso a um relatório confidencial encomendado a uma empresa de inteligência britânica sobre o país que mostrava que o ex-presidente, Daniel Arap Moi, lavava dinheiro público para comprar propriedades em outros países como Inglaterra, Estados Unidos, África do Sul e Austrália. O relatório foi apresentado ao novo presidente do País, Mwai Kibaki, que preferiu engavetá-lo para evitar problemas com antigo ditador. Com a divulgação do escândalo, a reputação de Kibaki foi colocada em cheque

internacionalmente (BECKETT; BALL, 2012, pp. 22-25. Livre tradução; SIFRY, 2011, p. 23. Livre tradução);

- Gravações confidenciais de um dos maiores bancos da Islândia, revelando seu papel no colapso financeiro do país;
- Detalhes sobre as operações ultrassecretas da Igreja da Cientologia;
- "Divulgação do manual de procedimentos da prisão de Guantánamo, até então não liberado nem mesmo pela Lei de Acesso à Informação norte-americana" (SIFRY, 2011, p. 23. Livre tradução);
- O vídeo *Collateral Murder* (Assassinato Colateral), divulgado no dia 5 de abril de 2010. A filmagem – divulgada em duas versões: uma editada, de 17 minutos, e a original, com 39 minutos – mostra uma ação realizada no Iraque três anos antes, que terminou com a morte de doze civis. Dois deles, funcionários da *Agência Reuters*. A versão editada começa com uma citação de George Orwell: "A linguagem política é desenhada para fazer mentiras soarem verdadeiras e assassinatos serem respeitáveis; e para dar a aparência de solidez ao puro vendaval". O vídeo mostra a ação do ponto-de-vista dos soldados que pilotavam um helicóptero Apache. Durante a ação, eles atiram com uma metralhadora contra civis e comemoram os "alvos" acertados: "Oh, yeah, olhem para esses bastardos mortos" (BECKETT; BALL, 2012, p. 41. Livre tradução). Sifry (2011, p. 27) destaca que, em menos de duas semanas, a versão do vídeo do *YouTube*, com 17 minutos, foi vista seis milhões de vezes – "uma audiência imensa para uma peça de conteúdo eletrônico tão longo".
- 91 mil gravações militares da Guerra do Afeganistão; 391 mil informações da Guerra Iraque e 250 mil telegramas de embaixadas norte-americanas de diversos países. Todos esses documentos são atribuídos aos vazamentos realizados pelo soldado Bradley Manning, cuja história será contada mais adiante, neste mesmo capítulo.

### **3.2 VAZAMENTOS ANALÓGICOS X VAZAMENTOS DIGITAIS**

As denúncias e os vazamentos de informações enviados anonimamente aos jornais fazem parte da história do jornalismo. O caso mais antigo de vazamento da informação localizado durante a pesquisa aconteceu no século XVIII, mais especificamente em 1772, nos

Estados Unidos. O autor da peripécia foi ninguém menos que o inventor do para-raios e futuro patrono da revolução americana, Benjamin Franklin.

Franklin vazou para a Gazeta de Boston (*Boston Gazette*) uma série de cartas escritas por Thomas Hutchinson, então governador do Massachusetts, ao governo britânico. Ele teve acesso à correspondência em Londres, onde prestava serviços como Agente da Colônia. Republicano, percebeu a enorme influência britânica sobre os destinos da “América” e, incomodado, enviou as cartas a um amigo jornalista, em Boston. A correspondência levou quase dois meses para chegar à América e foi parar diretamente na capa do jornal, gerando revolta na população. Hutchinson foi enviado de volta à Inglaterra, desmoralizado. Franklin ficou com a reputação manchada no Reino Unido, mas ganhou popularidade e fama nos Estados Unidos (SMITH, 2013). Hoje, utilizando-se as novas tecnologias da informação e comunicação, seria possível conseguir realizar o mesmo vazamento quase que em tempo real.

As NTICs trouxeram – ainda – outros impactos importantes aos vazamentos da informação. A começar pelo fato de elas terem facilitado significativamente o processo de reprodução de documentos (digitalização de arquivos). Outra mudança importante: com o advento da internet, esse vazamentos alcançaram dimensões nunca antes vistas, tanto em relação à quantidade de informações que podem ser vazadas quanto em relação à amplitude da cobertura dessas histórias ao redor do planeta. Prova disso é que as informações reveladas pelo *WikiLeaks* ao longo dos anos constituem "a maior publicação não autorizada de documentos oficiais da história do jornalismo moderno" (BECKETT; BALL, 2012, p. 47. Livre tradução).

A forma como essas informações chegaram até o *site* de Julian Assange revela, na prática, como as novas tecnologias da informação estão facilitando as vidas de quem deseja tornar pública informações de interesse público de caráter privado. Elas também permitem reconhecer a existência de dois tipos de vazamento da informação: os "analógicos", realizados antes da popularização das novas tecnologias da informação, e os "digitais", que utilizam-se das NTICs (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013).

A fim de tangibilizar a transição dos vazamentos analógicos para os digitais, Patrick McCurdy (2013) comparou dois casos emblemáticos de divulgação de documentos secretos: o vazamentos dos *Papeis do Pentágono* (1971) e o *Cablegate* (2010).

### **3.2.1 O vazamento dos *Papeis do Pentágono*: um exercício de paciência**

Os famosos *Papeis do Pentágono* são um compêndio de 27 volumes de documentos

secretos sobre a Guerra do Vietnã (1955-1975) que ajudaram a aumentar a pressão pública contra o conflito. Eles foram entregues inicialmente ao *New York Times* e, posteriormente, a outros cinco grandes jornais, pelo analista militar e ex-funcionário do Pentágono, Daniel Ellsberg. O material continha cerca de sete mil páginas, cuidadosamente xerocadas por Ellsberg ao longo de 1969. Ele leu os documentos a trabalho e sabia que muitas das informações contidas no estudo – tais como o números real de mortos e feridos – ajudariam a encurtar a guerra.

Em sua biografia, publicada em 2002, Ellsberg conta que o ritual de fotocópia do arquivo envolvia a "descaracterização" do sigilo dos documentos, para que eles não chamassem a atenção da equipe de segurança do Pentágono. Para tanto, ele cortava – com tesouras – o selo de "Ultrassegredo" do cabeçalho e do rodapé de cada página, para deixar menos evidente que aqueles eram papéis secretos. Depois, os documentos eram xerocados e devolvidos aos respectivos arquivos. Todo o processo de reprodução levou quase um ano para ficar pronto (ELLSBERG, 2002, p. 392, *apud* MCCURDY, 2013, pp. 126-127).

Ainda segundo Ellsberg, ele tentou vaziar as informações diretamente para o Congresso Americano. Ainda em 1969, entregou parte dos *Papéis do Pentágono* ao presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, William Fullbright. Por "medo de represálias do Executivo"<sup>6</sup>, o senador segurou a informação e continuou a fazê-lo mesmo após o Camboja ser invadido pelos Estados Unidos em 1970. Um ano depois – quando o Exército norte-americano invade o Laos – Ellsberg finalmente decide procurar a imprensa e entrega a maior parte dos documentos ao jornalista Neil Sheehan, do *New York Times*, de quem era fonte desde 1968.

No dia 13 de julho de 1971, o jornal começou a publicar uma série de reportagens sobre os *Papéis do Pentágono*. Dois dias depois, recebeu uma ordem da Justiça para cessar a divulgação.

Apesar de hesitar no começo, na quarta-feira 16 de junho, Ellsberg entrou em contato com Ben Bagdikian, editor do Washington Post, e negociou a entrega de uma cópia dos documentos em um encontro de fachada em um quarto de hotel de Boston. O jornal publicou sua primeira matéria sobre os Papéis do Pentágono no dia 18 de junho e rapidamente recebeu ordem de suspender as publicações (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 127. Livre tradução).

De acordo com McCurdy (2013), a tentativa de "censura" aos meios de comunicação apenas deu fôlego à divulgação dos documentos. Ellsberg se juntou a uma fonte cuja

---

<sup>6</sup> Informações retiradas do site oficial de Daniel Ellsberg. A história completa do vazamento pode ser lida no endereço: < <http://www.ellsberg.net/bio/extended-biography>>. Livre tradução.

identidade é até hoje desconhecida ("Mr. Boston"), que o ajudou a enviar cópias dos documentos a jornais de vários estados, como o *Boston Globe*, o *Chicago Sun-Times* e o *L.A Times*. A estratégia era manter os *Papéis do Pentágono* na mídia, chamando a atenção da opinião pública para: (a) as omissões de informação do governo Nixon sobre a Guerra do Vietnã; (b) a tentativa do governo de proibir a divulgação dos mesmos na imprensa, ferindo a primeira emenda da Constituição norte-americana que garante à imprensa e aos cidadãos do país o direito à liberdade de expressão, dentre outras garantias.

Nesse meio tempo, a ação judicial que proibia a divulgação dos documentos vazados no *New York Times* e no *Washington Post* chegou à Suprema Corte norte-americana. A decisão dos ministros – favorável aos jornais – foi publicada no dia 30 de junho do mesmo ano. Por seis votos contra três, a Suprema Corte decidiu que o governo dos Estados Unidos não tinha comprovado adequadamente que a publicação desses documentos pudessem "ferir diretamente" os interesses das nações. O parecer continua sendo visto como um triunfo da liberdade de imprensa e expressão (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013).

Durante 39 anos – até o *WikiLeaks* disponibilizar na internet os mais de 250 mil telegramas diplomáticos do *Cablegate* – a divulgação dos *Papéis do Pentágono* foi considerado o maior vazamento de documentos secretos da história dos Estados Unidos. Por ter sido realizado sem o uso das NTICs, considera-se que ele seja um "vazamento analógico da informação". Com base nas observações de McCurdy (2013), elencamos as quatro principais características desse vazamento – que bem podem ser transpostas às demais divulgações "analógicas" de dados/documentos sigilosos realizados na imprensa:

- a. **Fontes de alto nível** – o relacionamento das fontes com o jornalistas é costumeiramente pautado por relações de poder. Como bem explicou Gans (1979, p. 81, *apud* WOLF, 2009, p. 235), "aqueles que possuem o poder econômico ou político podem facilmente obter acesso aos jornalistas e são acessíveis a estes". Embora essa situação esteja mudando, na época dos vazamentos analógicos a qualificação das fontes era crucial para o início de qualquer conversa com a imprensa. Daniel Ellsberg, por exemplo, teve uma educação de elite. Frequentou a prestigiada Universidade de Harvard, onde fez graduação e mestrado. Ainda jovem, serviu por três anos a Marinha estadunidense. Em 1964, recebeu do Departamento de Defesa o status de GS-18, maior honraria concedida pelo órgão a um civil. Por ocupar um alto cargo em uma agência de inteligência (RAND), com acesso irrestrito a documentos confidenciais, não teve problemas em marcar uma reunião com o jornalista Neil Sheehan, do New

York Times, em 1968, para vazar documentos secretos da Guerra do Vietnã (ELLSBERG, 2002, p.365, *apud* BREVINI, HINTZ E MCCURDY, 2013, p. 127. Livre tradução). Três anos depois, os dois voltariam a fazer parceria para a divulgação dos *Papeis do Pentágono*. Se fosse um simples soldado, como Bradley Manning, talvez Ellsberg não tivesse conseguido emplacar a denúncia.

- b. **Dificuldade de copiar documentos** – conforme mostrado anteriormente, Ellsberg precisou trabalhar por meses para conseguir copiar as 7.000 páginas que compõem os 27 compêndios dos *Papeis do Pentágono*. O vazamento de documentos sigilosos, naqueles tempos, era um exercício de paciência, que exigia o máximo de discrição.
- c. **Negociação presencial** – antes do advento das NTICs, a melhor maneira de negociar um vazamento da informação era por meio de encontros presenciais com os jornalistas. Essa era a opção mais viável considerando que, de acordo com Thompson (2011), predominavam nos meios de comunicação de massa da época dois tipos possíveis de interação: as chamadas "interações face a face" – que acontecem em um contexto de copresença e possuem um caráter dialógico, no sentido de que geralmente implicam ida e volta no fluxo de informação e comunicação – e as "interações mediadas", que demandam o uso de um meio técnico que possibilite a transmissão da informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço e no tempo, caso dos telefones, dos faxes e, mais recentemente, dos e-mails, salas de bate-papo e mensagens de celular (*SMS* e *Whats'app*). À época dos vazamentos analógicos, o contato face a face era primordial, visto só existirem duas formas possíveis de envio de documentos sigilosos: os Correios ou os serviços de entrega. E no caso específico dos *Papeis do Pentágono*, seria impossível enviá-los na íntegra, já que a transmissão por telex era lenta e exigia conhecimentos específicos. A opção mais assertiva, portanto, era marcar um encontro com o jornalista e entregar os documentos pessoalmente, mediante o compromisso de respeito ao sigilo da fonte. Aqui, vale esclarecer: Thompson (2009) considera a existência de uma terceira modalidade de interação que não se aplica aos vazamentos analógicos: a "quase interação mediada", relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa, cujo fluxo de comunicação se dá predominantemente em sentido único.
- d. **Amplitude da divulgação limitadas pelo tempo e pelo espaço** – embora Ellsberg tenha conseguido uma excelente presença dos *Papeis do Pentágono* na mídia norte-americana, durante quase um mês, ela não se compara ao potencial de disseminação

disponível atualmente pela internet. Havia um lapso de espaço e tempo entre a entrega dos dados à imprensa e a publicação dos mesmos. Hoje, os vazamentos e furos de reportagens podem ser divulgados quase que em tempo real. Os documentos publicados pelo *WikiLeaks*, por exemplo, são divulgados simultaneamente em diversos países e replicados por jornais do mundo inteiro em questão de minutos e em quantidade exponencial – já que além de serem veiculadas nas mídias tradicionais podem circular nas mídias alternativas e nas redes sociais.

### 3.2.2 Vazamentos digitais: nunca foi tão fácil tornar público o privado

Conforme demonstramos ao longo deste capítulo, as novas tecnologias da informação e comunicação estão transformando o modo de se fazer jornalismo, dentro e fora das redações, e obrigando os jornalistas a rever conceitos importantes da profissão. Se na década de 1970, informações confidenciais só estavam acessíveis a fontes com acesso direto ao poder e a segredos de Estado – como Daniel Ellsberg (responsável pelo vazamento *dos Papeis do Pentágono*) e Mark Felt (ex-agente do FBI que, em 2005, confessou ser o "Garganta Profunda" do caso *Watergate*<sup>7</sup>) –, hoje elas estão disponíveis a qualquer pessoa com acesso ao computador de uma instituição ou conhecimentos para "invadir" sistemas de informação. É o caso do soldado Bradley Manning, fonte dos principais vazamentos de informação do *WikiLeaks*, incluindo os documentos relacionados às guerras do Afeganistão e do Iraque, o vídeo "*Colateral Murder*", além dos telegramas diplomáticos do *Cablegate* – foco da discussão a seguir.

*Cablegate*<sup>8</sup> foi o nome dado pelo *WikiLeaks* a um dos maiores vazamentos de informações confidenciais da história dos Estados Unidos, divulgado ao público a partir de novembro de 2010. Ao todo, foram publicados 251.287 telegramas diplomáticos confidenciais trocados pelo Departamento de Estado norte-americano com embaixadas de 274 países ao redor do mundo, incluindo o Brasil. Segundo o próprio *WikiLeaks* divulgou, "esse

---

<sup>7</sup> Escândalo político que resultou na renúncia do presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, do Partido Republicano, no ano de 1974. O caso começou a ser noticiado pelo *Washington Post*, em 1972, quando a sede do Comitê Nacional do Partido Democrata, localizado no Complexo Watergate, foi invadido. Era época das eleições presidenciais e Nixon acabou reeleito para o segundo mandato. O jornal continuou investigando até descobrir que a Casa Branca sabia da operação e estava envolvida em outros esquemas de espionagem. A fonte que ajudou os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein a comprovarem a ligação de Nixon com a invasão do Complexo *Watergate* era chamada de "Garganta Profunda", referência a um famoso filme pornô da década e 70.

<sup>8</sup> A expressão "Cablegate" é uma união da palavra "cable" (telegrama) ao sufixo "gate" – referência ao escândalo de *Watergate* que, segundo Thompson (2009), já ganhou "status paradigmático". A simples utilização dessa terminação remete o leitor imediatamente a existência de um escândalo político.

material deu às pessoas ao redor do mundo uma visão sem precedentes de como o governo dos Estados Unidos conduz sua política externa"<sup>9</sup>. Os telegramas datam de 1966 até o final de fevereiro de 2010 e contabilizam 261.276.536 palavras.

Todos os arquivos do *Cablegate*, assim como os relacionados às guerras do Iraque e do Afeganistão, foram vazados à organização de Julian Assange por Bradley Manning, soldado do Exército norte-americano que serviu no Iraque entre os anos de 2009 e 2010. Manning – condenado em 2013 a 35 anos de prisão por crimes de espionagem, furto e violação da legislação militar – conseguiu os arquivos em um computador da base onde estava lotado, que tinha acesso à "*Secret Internet Protocol Router Network (SIPRNet)*" – "rede de computadores militar 'secreta', que permite aos usuários compartilhar e acessar banco de dados como a '*Net Centric Diplomacy database*', fonte dos telegramas diplomáticos do *Cablegate*" (BORDER; LEIGH, 2010, *apud* BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 130. Livre tradução).

O governo dos Estados Unidos tinha protocolos rígidos de operação de segurança de acesso a informação confidencial ou sigilosa. No entanto, embora esses protocolos fossem seguidos em Washington, na base onde Manning estava lotada, no Iraque, esses protocolos eram rotineiramente quebrados com, por exemplo, senhas para acesso aos computadores militares escritas em papéis e coladas nos terminais (O'KANE; MADLENA; GRANDJEAN, 2011. ZETTER, 2011c, *apud* BREVINI, HINTZ e MCCURDY, 2013, p. 130. Livre tradução)

Para entender os motivos que levaram Manning a vaziar todos esses documentos ao *WikiLeaks*, é importante conhecer o contexto de sua entrada no exército e sua paixão pela cultura *hacker*.

"Bradley Manning nasceu em Oklahoma (EUA), em 1987, em uma época onde as tecnologias digitais começaram a florescer. O pai dele era afeito à programação de computadores e compartilhava esse interesse com o filho" (NAKASHIMA, 2011, *apud* BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 129. Livre tradução). De acordo com o jornal *The Guardian* – que em 2011 fez uma grande reportagem investigativa intitulada "A Loucura de Bradley Manning?"<sup>10</sup> –, Manning entrou para o exército, em 2007, aos 19 anos, porque sonhava em cursar a faculdade de tecnologia da Universidade de Boston, mas não tinha condições financeiras para bancar a anuidade da instituição. Segundo o *The Guardian*, uma educação superior militar era a sua única alternativa, mas o preço a ser pago era alto.

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: <<http://wikileaks.org/cablegate.html>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

<sup>10</sup> The Madness of Bradley Manning? Conteúdo disponível no endereço:

<[http://www.youtube.com/watch?v=rRx3Edwq\\_2Y&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=rRx3Edwq_2Y&feature=player_embedded)>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Homossexual assumido, com cara de adolescente e estatura abaixo da média (1m57), ele passou a ser vítima de *bullying* no pelotão – fato que teria potencializado seu "temperamento explosivo" (THE GUARDIAN, 2011).

Conforme divulgou o *The Guardian*, Manning brigava constantemente e tinha acessos de raiva que o levaram, em poucos meses, a ser considerado "mentalmente instável". Tal percepção fez seus superiores recomendarem seu desligamento do Exército, ainda no ano de 2008. Apesar disso, ele foi mantido nas tropas e enviado ao Iraque, em 2009, quando começou o processo de desocupação do país – em guerra com os Estados Unidos desde 2003.

Por conta de seus conhecimentos de informática, Manning atuava como analista de inteligência do exército norte-americano, até ser preso, em maio de 2010, acusado de vazar informações ao *WikiLeaks*. A denúncia foi feita pelo *hacker* Adrian Lamo – com quem o soldado mantinha contato virtual esporádico desde os tempos da faculdade. Eles começaram a conversar em um chat, no qual Lamo fazia o seguinte convite: "Sou um jornalista e um pastor. Você pode escolher o que preferir e tratar isso como uma confissão ou como uma entrevista (que nunca será publicada). Assim, desfrutará de uma módica proteção legal" (HANSEN, 2011, *apud* BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 132. Livre tradução).

Apesar da promessa, Lamo denunciou o soldado ao Comando Criminal Militar dos Estados Unidos e enviou uma cópia dessas mesmas conversas à revista *Wired*. Os primeiros trechos do *chat* entre ambos começou a ser divulgado no dia 22 de junho de 2010, quando Manning já estava na cadeia. Neles, o soldado revelava suas motivações:

Se você tivesse acesso sem precedente a redes sigilosas, digamos 8-9 meses.. e você visse coisas incríveis, coisas pavorosas... coisas que pertenciam ao domínio público e não a algum servidor guardado em uma sala escura de Washington... o que você faria? (THE GUARDIAN, 2011; HANSEN, 2011, *apud* BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 130. Livre tradução).

Em outra ocasião, ele teria escrito: "Eu quero que as pessoas vejam a verdade, independentemente de quem elas sejam. Porque sem informação, você não pode tomar decisões conscientes enquanto público" (THE GUARDIAN, 2011). Manning também contou como copiou os arquivos enviados ao *WikiLeaks*.

"Eu podia chegar com música em um CD regravável, etiquetado com algo como "Lady Gaga", apagar a música e depois gravar um arquivo zipado. Ninguém suspeitava de nada. Eu ficava cantarolando a música "Telefone" da Lady Gaga. Eu nem ao menos tinha de esconder nada. Era até um pouco triste." (THE GUARDIAN, 2011, s/ p. Livre tradução)

A partir da história de Bradley Manning, conseguimos identificar algumas características principais dos vazamentos digitais da informação – que posteriormente serão comparadas as dos vazamentos analógicos, descritos no tópico anterior. São elas:

- a. **Qualquer pessoa pode ser fonte de uma informação relevante** – na nova Sociedade da Informação o acesso às informações confidenciais ou de interesse público foi amplamente facilitado. Se, na época dos *Papeis do Pentágono*, apenas profissionais no topo da hierarquia tinham acesso a informações confidenciais – até então impressas em calhamaços de papeis e guardadas em salas de acesso restrito –, hoje qualquer técnico em informática ou *hacker* consegue entrar em bancos de dados de empresas e governos para buscar esse tipo de informações. Bradley Manning, por exemplo, era um simples analista de segurança, com 23 anos, quando vazou os documentos do *Cablegate* e das guerras do Iraque e do Afeganistão ao *WikiLeaks*. Como observa McCurdy, "o potencial de vazar informações foi democratizada, aberto a qualquer pessoa com acesso a uma rede de computadores" (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 135. Livre tradução).
- b. **Facilidade de cópia e envio de arquivos** – as NTICs facilitaram a vida de quem deseja vaziar uma informação. Se antes era preciso xerocar documentos na surdina e andar com uma quantidade enorme de papel debaixo do braço, hoje basta acessar as versões digitais desses documentos em um computador e copiá-los para um *pen drive* ou CD. Outra opção é enviá-los por e-mail ou dropbox na íntegra. Existe, ainda, a possibilidade de fotografar esses documentos com as micro câmeras embutidas em qualquer *smartphone*. Para facilitar a comparação, basta dizer que "se Daniel Ellsberg fosse divulgar os 'Papeis do Pentágono' hoje, no formato PDF, eles seriam um arquivo com não mais de 10 MB – pequeno o suficiente para ser enviado como anexo na maioria das contas de e-mails gratuitos" (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 129. Livre tradução). Já se *Cablegate* fosse divulgado como um "vazamento analógico", a situação ficaria insustentável.

Assumindo que cada telegrama [*cable*] equivallesse a uma página ou menos, levaríamos 41,8 horas ininterruptas para imprimir-los, a uma taxa média de 100 páginas por minuto. No total, essa impressão utilizaria quase 503 resmas de papel [o equivalente a 251,5 mil páginas] (BREVINI, HINTZ e MCCURDY, 2013, p. 136. Livre tradução).

O envio dos arquivos também foi facilitado pela rede mundial dos

computadores, que permite enviar arquivos, virtualmente de qualquer extensão, pela internet via e-mail, *drop-box*, *ftp*, mensagem, rede social, dentre outros.

- c. **Negociação mediada ou quase mediada da informação** – a negociação de um vazamento digital da informação também foi bastante facilitado pelas novas tecnologias da informação. Em tempos de *smartphones*, *e-mails* e *drop-box*, não existe mais a necessidade de a fonte e o jornalista travarem uma interação face a face – apesar dos inegáveis benefícios desse modelo de relação, que permite às partes estabelecer um vínculo maior de confiança, além de facilitar a possibilidade de as duas partes chegarem a "consenso" sobre a melhor maneira de divulgar a pauta. Partindo da classificação de Thompson (2009) sobre as três formas possíveis de interação com os meios de comunicação de massa, pode-se dizer que os vazamentos digitais ocorrem, preferencialmente, de forma "mediada" (através de um meio técnico que possibilite a transmissão da informação para indivíduos situados remotamente no espaço e no tempo, em uma relação dialógica de comunicação) ou "quase mediada" (relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa, cujo fluxo de comunicação se dá predominantemente em sentido único). No caso do *Cablegate*, estabeleceu-se uma relação mediada entre o *WikiLeaks* e Bradley Manning. Assange sabia a identidade da fonte, entabulou conversa, prometeu sigilo e – quando ele foi preso – atuou nos bastidores para que ele fosse transferido para uma prisão nos Estados Unidos, onde pudesse receber tratamento digno. Durante os dois anos nos quais ficou preso no Iraque e no Kuwait, Manning era "colocado na solitária por 23 horas por dia, sendo forçado a se despir à noite, levando o investigador das Nações Unidas, Juan Méndez, a formalmente acusar os Estados Unidos de tortura" (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 108. Livre tradução). Ainda sobre os vazamentos digitais da informação, eles também podem ser realizados em uma relação de "quase interação mediada", onde a fonte e o repórter não conversam entre si. É caso do *Folhaleaks*, objeto desta pesquisa, que recebe tanto denúncias quanto vazamentos de forma anônima, através de um sistema similar a uma conta de e-mail ou *drop-box*.
- d. **Potencialização da divulgação dos vazamentos** – as novas tecnologias da informação e comunicação fizeram mais do que facilitar o processo de vazamento da informação. Elas potencializaram a divulgação de fatos de interesse público de uma maneira exponencial. O *WikiLeaks*, por exemplo, tem parceria com cinco dos mais

prestigiados veículos de comunicação do mundo (*El País, New York Times, The Guardian, Der Spiegel e Le Monde*) e com outras 80 organizações noticiosas ao redor do mundo. O objetivo, segundo o próprio Assange, é "aumentar o impacto, traduzir e divulgar nosso material em mais de 50 países, de forma endêmica" (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 257. Livre tradução). Todos os arquivos vazados digitalmente podem ficar disponíveis na internet, de forma permanente, e terminam replicados na blogosfera, nas redes sociais e em veículos noticiosos com públicos específicos. Alguns, como o vídeo *Collateral Murder*, terminam sendo "viralizado" na rede mundial dos computadores.

Ao comparar as características dos vazamentos digitais com os dos vazamentos analógicos da informação apontados por Brevini, Hintz e McCurdy, conseguimos identificar a existência de quatro categorias comuns a ambos os modelos: (1) perfil da fonte do vazamento; (2) técnica utilizada pela fonte para copiar os documentos que iria vazar; (3) modelo de negociação utilizado pela fonte para contatar os jornalistas; (4) o impacto do vazamento na imprensa. A partir dessa categorização, criamos a seguinte tabela comparativa:

**Tabela 3** – Características dos vazamentos digitais X analógicos da informação

<b>Características</b>	<b>Vazamentos Digitais</b>	<b>Vazamentos Analógicos</b>
FONTE	Perfil democrático. Qualquer pessoa pode ter acesso a uma informação privada/confidencial de interesse público;	Perfil elitizado. Como poucas pessoas têm acesso a informações privadas/confidenciais de interesse público, as fontes desse tipo de vazamento costumam ser pessoas com acesso ao primeiro ou segundo escalões de poder;
TÉCNICA DE CÓPIA DOS DOCUMENTOS/ARQUIVOS	As nova tecnologias da informação e comunicação facilitaram o processo de reprodução de arquivos e documentos, que podem ser copiados em <i>pen drives</i> , enviados por <i>e-mails</i> , gravados em CDs ou simplesmente transferidos de um computador para outro. Também ficou mais fácil produzir vídeos, gravações ou tirar fotos comprometedoras. O tempo necessário para obter essas informações também foi reduzido. Às vezes, basta sentar-se frente a um	Era quase manual, exigindo da fonte disposição para tirar fotocópias, enviar faxes ou tirar fotos (que podiam demorar dias para serem reveladas).

	computador para, em segundos, copiar grandes arquivos.	
NEGOCIAÇÃO DA PAUTA	Quando enviadas a sites dedicados a vazamentos da informação, é feita de maneira "mediada" ou "quase mediada" (Thompson, 2013). Se negociada com um jornal, ainda pode ocorrer via interação face a face, mas também pode ser mediada, como no caso de Edward Snowden, sobre o qual trataremos ainda neste capítulo.	Negociada quase que exclusivamente através de interação face a face. Trechos dos "Papeis do Pentágono" chegaram a ser enviados pelos Correios a jornais de diversos estados norte-americanos. Mas quando isso aconteceu, a história já era conhecida e os jornalistas estavam ávidos por informações, não se preocupando tanto em estabelecer uma relação de confiança com a fonte – até então anônima.
AMPLITUDE DA COBERTURA	Potencializada pelas novas tecnologias da informação, pode alcançar repercussão mundial, caso da maior parte dos vazamentos realizados pelo <i>WikiLeaks</i> . Como destacam Brevini, Hintz e McCurdy (2013), o trabalho do site em parceria com a mídia tradicional manteve o <i>Cablegate</i> na mídia por nove meses, ao redor do mundo em uma rede que envolvia mais de 80 jornais e veículos de comunicação.	Restrito a um número menor de veículos. Normalmente, é divulgado em apenas um jornal, que receberá a pauta com exclusividade, para depois repercutir no restante da imprensa. No caso específico dos <i>Papéis do Pentágono</i> , a cobertura ficou no ar ao longo de aproximadamente dois meses, principalmente em jornais norte-americanos.

Fonte: produção própria

### 3.3 OS IMPACTOS DO WIKILEAKS PARA O JORNALISMO

Conforme mostrado neste capítulo, o *WikiLeaks* se autoproclama uma "organização jornalística, sem fins lucrativos". De fato, dentro do campo do jornalismo, o site de Julian Assange pode ser classificado como uma experiência de "jornalismo participativo" por ter as seguintes características: (a) conteúdo produzido por internautas; (b) fora da grande mídia; (c) com um forte "propósito político" (HIRST, 2011. Livre tradução). Cumpre esclarecer, no entanto, que de acordo com os conceitos utilizados nesta pesquisa, o *WikiLeaks* não produz notícias, visto não ser considerado um veículo de comunicação pertencente à mídia formal. O canal, no entanto, é uma fonte importante, já legitimada pela grande imprensa e pela sociedade.

Na avaliação de Beckett e Ball (2012), o *WikiLeaks* não é uma ideia revolucionária, quando examinado criticamente. Para eles, o site "é uma nova forma híbrida de combinar 'hackativismo' com alguns traços tradicionais do jornalismo investigativo" (BECKETT; BALL, 2012, p. 3. Livre tradução). Do primeiro, Julian Assange extraiu os ideais de liberdade. "Liberdade para criar, liberdade para apropriar todo o conhecimento disponível e liberdade para distribuir esse conteúdo sob qualquer forma ou canal escolhido" (CASTELLS, 2003, p. 42). Do jornalismo investigativo e da mídia tradicional, trouxe alguns atributos consagrados: a busca pela verdade (apuração), a defesa dos interesses públicos, a preservação do sigilo da fonte (quando solicitado ou necessário) e a hierarquização dos fatos no momento da divulgação.

O site também "importou" do jornalismo tradicional sua estrutura organizacional, composta por um editor-chefe (Julian Assange) e uma redação encarregada de apurar a veracidade das informações. Embora não costume redigir matérias completas, os "jornalistas" do *WikiLeaks* editam e embalam as divulgações dentro dos padrões jornalísticos vigentes (princípio da pirâmide invertida<sup>11</sup>, textos em formato de sugestão de pauta/ *press release*). E mesmo quando repassam materiais brutos à sociedade, o site tem o cuidado de sempre contextualizar os vazamentos (BECKETT; BALL, 2011, p. 25. Livre tradução).

Apesar de possuir aspectos semelhantes à grande mídia, são as particularidades do *WikiLeaks* que o tornaram um dos "mais desafiadores fenômenos jornalísticos a emergir da Era Digital" (BECKETT; BALL, 2012, p. 1. Livre tradução). A começar pelo fato de ser uma organização sem vínculos com as leis, a cultura ou as ideologias de imprensa de uma nação específica. Livre, portanto, das sanções penais, das limitações de acesso à informação e das leis de imprensa de um ou outro país. Para autores como Sifry (2011), Beckett e Ball (2012), essa talvez seja a maior contribuição de Assange ao jornalismo: a criação da primeira organização noticiosa "sem pátria" do mundo, com total autonomia para divulgar vazamentos de informação.

O modelo de financiamento do site é outra característica favorável a sua independência editorial. Desde sua fundação, em 2006, o *WikiLeaks* é mantido por doações (*crowdfunding*), mantendo-se acima dos interesses de empresas privadas, departamentos de *marketing*, acionistas e partidos políticos. Já os veículos de comunicação tradicionais têm sua

---

<sup>11</sup> O princípio da pirâmide invertida é uma técnica jornalística que prega que toda matéria deve trazer a informação mais importante já no primeiro parágrafo, liberando o leitor da "obrigação" de ler o texto até o final para ficar bem informado.

independência editorial cerceada pelo peso dos interesses econômicos e políticos que precisam sustentar para se manter. É como adverte Ramonet, citando Balzac:

O simples bom senso adverte que, 'quando um homem de negócios compra um jornal, é para defender um sistema político cujo triunfo lhe interessa ou então para se tonar, ele mesmo, um homem político, fazendo-se temível'. Em todo o caso, é raramente por amor a uma informação independente e de qualidade (BALZAC, 1965, p. 40, *apud* RAMONET, 2012, p. 45)

Por adotar um modelo de financiamento alternativo, independente dos grandes patrocinadores da mídia tradicional, o *WikiLeaks* poderia – pelo menos em tese – livrar-se de algumas amarras do jornalismo investigativo. Algumas delas elencadas por Nascimento (2010), baseando-se em um estudo de Silvio Waisbord sobre a realidade do jornalismo investigativo da América do Sul.

Esse tipo de jornalismo tem pelo menos três problemas: se interessa muito mais pelas irregularidade de autoridade institucionais que as de empresários, até para não incomodar anunciantes; não demonstra muito interesse pela denúncia de problemas sociais (...) e prefere apontar as falhas dos indivíduos mais do que os sistemas (NASCIMENTO, 2010, p. 51)

Na prática, até o presente momento, o *WikiLeaks* nunca deixou de publicar um vazamento por sofrer pressões políticas ou econômicas. Também nunca teve a veracidade dos documentos que divulga questionados. É como afirma John Pilger, célebre jornalista investigativo, ex-repórter de guerra no Vietnã e no Camboja: o site de Assange "representa uma nova forma de jornalismo investigativo que não tem medo de nada" (PILGER, 2010, *apud* RAMONET, 2012, p. 107). Em contrapartida, a experiência revela uma das principais deficiências do jornalismo realizado atualmente.

O *WikiLeaks* deixou claro que o jornalismo tradicional está profundamente limitado em seu escopo de atuação. Ele é cerceado por seus interesses comerciais, técnicos, legais e culturais que o *WikiLeaks* pode de bom grado e facilmente ultrapassar. O *WikiLeaks* demonstra que o jornalismo investigativo pode ir muito mais longe, usando as novas tecnologias da informação, especialmente quando combinado com o que colaboradores das mídias tradicionais descrevem como "imprudência" ética e moral. (BECKETT; BALL, 2012, p. 9. Livre tradução)

Tal percepção é confirmada pelo próprio Assange que, em entrevista à revista *Time*, afirmou: "nós do Ocidente nos iludimos ao acreditar que nós temos uma imprensa livre. Nós não temos. E podemos ver isso pela diferença entre o que o *WikiLeaks* faz e o que o resto da

imprensa tem feito" (BECKETT; BALL, 2012, p. 29. Livre tradução). Vale destacar, mais uma vez, que o *WikiLeaks* só pode agir dessa maneira por estar em uma sociedade conectada à internet, livre das amarras legais de um país e com investidores que não interferem em seu conteúdo editorial.

Neste ponto, cabe abrir um parêntese sobre a transparência do *WikiLeaks* em relação às suas próprias atividades. De acordo com Beckett e Ball (2010), não existem informações ou prestações de conta a respeito das operações financeiras realizadas em torno da organização. Sabe-se que ela sobrevive de doações, mas não se sabe quem as realiza, como as realizam e por meio de qual canal. A dupla explica que o único valor do qual se tem notícia foi publicado em junho de 2011, quando o próprio *WikiLeaks* reclamou que os embargos realizados ao site pela *Mastercard*, *Visa*, *Paywall* e outros bancos teriam "inviabilizado" US\$ 15 milhões em doações.

Com base no pressuposto de que o *WikiLeaks* teria sua maior arrecadação nos dias em que seus provedores de pagamento ficaram indisponíveis, esse número pode ser inviável, mas mostra a importância que a organização deu ao bloqueio realizados por essas instituições privadas (BECKETT; BALL, 2012, p. 93. Livre tradução).

Autores com Sifry (2011), Araújo (2013) e Beckett e Ball (2012) esclarecem que essa "baixa transparência" do *WikiLeaks* é proposital, constituindo uma "forma de autodefesa contra possíveis ações de retaliação" (CAPAI, 2011, *apud* ARAÚJO, 2013, p. 4). Apesar disso, Brevini, Hintz e McCurdy (2013) dão pistas concretas da política de financiamento do site. Segundo eles, os financiadores da organização repassam recursos por meio de transferências bancária, preferencialmente enviadas à fundação alemã "*Wau Holland Foundation*". (veja tabela) Além disso, existiriam alguns poucos créditos pela venda de *merchandising* com as logomarcas do *WikiLeaks* em camisetas vendidas *online*.

**Tabela 4 – Despesas do WikiLeaks em 2010**

	<b>%</b>	<b>Euros</b>
<b>Campanhas</b>	35,7%	143.305
<b>Remuneração</b>	26%	104.477
<b>Viagens</b>	15,4%	62.053
<b>Infraestrutura</b>	14,7%	59.044
<b>Consultoria legal</b>	8,2%	32.944

Fonte: Wau Holland Foundation (2010), *apud* BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013, p. 44. Livre tradução.

Feita essa ressalva, voltaremos a discutir as principais diferenças do *WikiLeaks* em relação à grande mídia. Além de ser legal e economicamente independente, a organização possui um poder de articulação bastante superior às mídias tradicionais. Por encarar os demais veículos de comunicação como aliados e não como concorrentes, o *WikiLeaks* tem conseguido mobilizar parceiros ao redor do mundo para potencializar suas divulgações. Os cinco mais frequentes e importantes são o *New York Times* (EUA), *The Guardian* (Reino Unido), *El País* (Espanha), *Le Monde* (França) e *Der Spiegel* (Alemanha). Além deles, existem mais de uma centena de outras mídias aliadas importantes em seus respectivos países – caso da *Folha de S.Paulo*, que segundo o jornalista Fernando Rodrigues<sup>12</sup>, foi o sexto jornal do mundo a receber os telegramas do *Cablegate*.

Esse modelo de divulgação em rede adotado pelo *WikiLeaks*, a partir do episódio do *Cablegate*, deu ao site uma visibilidade que jamais seria alcançada se ele apenas divulgasse os documentos vazados em sua página, na internet (SIFRY, 2010; BECKETT E BALL, 2011; RAMONET, 2012; BREVINI, HINTZ E MCCURDY, 2013). Além disso, "a associação de vários conglomerados de informação em torno de uma organização de mídia independente é algo novo na história dos meios de comunicação" (ARAÚJO, 2013, p. 2).

Outro ganho da parceria da organização com a grande mídia foi a "terceirização" do processo de apuração dos vazamentos. Ao fechar acordo com um veículo para lhes fornecer, com antecedência, a íntegra de conteúdos vazados, o *WikiLeaks* repassa aos mesmos algumas tarefas essenciais ao bom jornalismo: hierarquização da informação, apuração dos fatos, entrevistas com fontes que aceitem falar em *on*, busca do contraditório etc. Esse processo será melhor detalhado no próximo capítulo, quando mostrarmos o processo de negociação realizada entre o site e a *Folha de S.Paulo* para a divulgação dos telegramas do *Cablegate* relacionados ao Brasil.

### **3.3.1 Como o WikiLeaks ajudou a mudar a relação fonte-jornalista**

Desde o seu surgimento, o *WikiLeaks* tem ajudado a modificar a forma como os jornalistas percebem as fontes de informação. Se na época dos vazamentos analógicos da informação, era necessário estar em uma situação de poder para se ter acesso a documentos sigilosos de interesse público, hoje qualquer pessoa pode ter um furo de informação nas mãos. Basta ver os perfis de Bradley Manning e Edward Snowden. Quando vazou milhares de

---

<sup>12</sup> Em entrevista à pesquisadora, realizada no dia 15/08/2013

documentos ao site de Julian Assange, Manning era um mero soldado de 23 anos, ainda sem curso superior e com conhecimentos de informática aprendidos basicamente na garagem de casa, com o seu pai (BECKETT; BALL, 2012. SIFRY, 2011. BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013).

Já Snowden, 29 anos, prestava serviços terceirizados na área de segurança da informação para a Agência de Segurança Nacional norte-americana (NSA), no Havaí. Apesar de não ter nenhum cargo importante, era ex-funcionário da CIA e, por isso, conseguiu acesso direto aos jornalistas norte-americanos Glenn Greenwald, então repórter do *The Guardian*, e Barton Gellman, no *The Washington Post*. A ambos – e também à vídeo-documentarista independente Laura Poitra – revelou a existência de um programa de espionagem montado pelo governo norte-americano para monitorar, via internet e também por telefone, os cidadãos e as lideranças dos Estados Unidos e de diversos países da Europa e da América Latina, dentre eles o Brasil. O escândalo ficou internacionalmente conhecido pelo nome "PRISM" (programa de vigilância).

Segundo publicou o *Huffington Post*<sup>13</sup>, Snowden procurou esses profissionais alegando ter "informações de interesse para divulgar". O contato inicial se deu com Laura Poitra, que em determinado momento passou a intermediar a relação entre o "whistle-blower"<sup>14</sup> e os dois repórteres. Sobre suas motivações para denunciar a NSA e revelar sua identidade ao público, ele é claro:

Não sou diferente de ninguém. Não tenho habilidades especiais. Sou só mais um cara que senta dia após dia no escritório, vê o que acontece e pensa: 'Isso não é algo que não nos cabe decidir, o público precisa decidir se esses programas e políticas estão certas ou erradas'. E eu estou disposto a falar "on the records" para defender a autenticidade desses documentos e dizer: "Eu não os modifiquei. Eu não modifiquei a história. Essa é a verdade; isso é o que está acontecendo (THE GUARDIAN, 2013, s/ p. Livre tradução).

Apesar de não ter buscado o *WikiLeaks*, Snowden recebeu apoio do site assim que começaram a surgir as primeiras matérias sobre o PRISM, em maio de 2013. Nessa época, ele já se encontrava foragido em Hong Kong, China. Em 23 de junho, ele precisou fugir para Moscou, na Rússia. Segundo o site G1:

---

<sup>13</sup> Informações extraídas da reportagem How Glenn Greenwald Began Communicating With NSA Whistleblower Edward Snowden. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2013/06/10/edward-snowden-glenn-greenwald\\_n\\_3416978.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/06/10/edward-snowden-glenn-greenwald_n_3416978.html)>. Acesso em: 22 nov. 2013.

<sup>14</sup> Daniel Ellsberg, Bradley Manning e Edward Snowden são o que os norte-americanos chamam de "whistleblowers", expressão cunhada pelo ativista político Ralph Nader<sup>14</sup>, em 1971, para designar pessoas que atuam para chamar a atenção dos outros para uma coisa errada, de forma "idealista, heroica e altruísta" (BECKETT; BALL, 2012, p. 102. Livre tradução).

A viagem foi feita com apoio do WikiLeaks, de Julian Assange, que enviou uma militante para ajudar o ex-técnico da CIA. O americano ficou na área de trânsito do aeroporto de Sheremetyevo por 40 dias, em um "limbo" jurídico, uma vez que não tinha documentos para entrar em território russo – seu passaporte havia sido revogado pelos Estados Unidos (DO G1, 2013, s/ p.).

Após uma operação televisionada em todo o mundo, Snowden conseguiu entrar na Rússia, onde encontra-se temporariamente exilado. Seu visto provisório expira em 31 de julho de 2014. Ele está sendo processado por espionagem pelo governo dos Estados Unidos.

Para melhor compreender as transformações produzidas pelo *WikiLeaks* e pelas novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) em relação às fontes, é necessário compreender a evolução desse conceito, no campo do jornalismo, ao longo dos anos.

Segundo o dicionário Aurélio, "a fonte limpa é a causa primária de um fato, sua verdadeira origem". Esta definição deixa entrever o que muitos jornalistas tentam ignorar no dia-a-dia: o papel de protagonista desempenhado pelas fontes no processo de construção da notícia. Protagonismo percebido e confirmado por diversos estudiosos da teoria do newsmaking como Gans, Schlesinger e Cesáreo. É como afirma Wolf (2009, p. 233):

As fontes são um fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos meios de comunicação de massa: no entanto, elas continuam imprecisas na mitologia profissional, que tende, por sua vez, a enfatizar o papel ativo dos jornalistas, prejudicando a contribuição das fontes.

Como esta pesquisa foi realizada no campo da comunicação, trabalharemos – daqui por diante – com um conceito de fonte elaborado pelo sociólogo alemão naturalizado norte-americano Herbert J. Gans (1979), dentro da linha de estudos do *Newsmaking*. Segundo ele, fontes de notícias são "pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e que fornecem informações ou sugestões de pauta, enquanto membros ou representantes de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade" (GANS, 1980, *apud* SCHMITZ, 2011, p.9) . Ainda segundo o autor, "a relação entre fontes e jornalistas assemelha-se a uma dança". Aceitada essa imagem, podemos observar que a dança, na maioria das vezes, é conduzida pelas fontes (WOLF, 2009, p. 235).

A percepção de Gans (1980) e Wolf (2009) sobre o protagonismo das fontes cai como uma luva para a compreensão do processo de construção de notícias provenientes de denúncias ou vazamentos da informação, sejam eles analógicos ou digitais (veja Capítulo 1). Isto porque, as reportagens decorrentes de vazamentos ou denúncias têm seu pontapé inicial dado por uma pessoa que decide tornar público algo privado, que considera ser de interesse

público (THOMPSON, 2009). Se a fonte obteve essa informação em um contexto do qual faça parte, realizará um vazamento; se tiver sido testemunha dos fatos ou obtido as informações em um ambiente externo ao seu, estará realizando uma denúncia.

De acordo com Martino (2010, p. 34), "o contato com as fontes de informação pode ser visto como uma mistura de talento, sorte e oportunidade". Alguns jornalistas têm a habilidade de cultivar um bom relacionamento com suas fontes e, com isso, recebem delas informações exclusivas, opiniões de bastidores e enfoques diferenciados sobre temas importantes. Mas, via de regra, por conta da pressão do tempo e da rotina de "matar um leão por dia", os profissionais da imprensa buscam fontes de fácil acesso que atendam às seguintes características, levantadas por Gans (1979, p. 130, *apud* WOLF, 2009, p. 237):

- a) a oportunidade que se revelou anteriormente (acesso prévio à fonte);
- b) a produtividade (quantidade e qualidade das informações recebidas);
- c) a fidedignidade (a informação fornecida exige o mínimo possível de confirmações);
- d) a confiabilidade (credibilidade da fonte perante ao repórter)
- e) a respeitabilidade (fontes oficiais ou em posição de autoridade. Isto porque "pressupõe-se que elas são mais confiáveis, simplesmente porque não podem se permitir mentir abertamente, e também são consideradas mais persuasivas, uma vez que as suas ações e opiniões são oficiais.

Ao atribuir determinadas características às fontes, Gans (1979, *apud* WOLF, 2009) reconhece as diferenças existentes entre elas. Fato também reconhecido por Schlesinger (1978, *apud* TRAQUINA, 2005, p. 197). O pesquisador é categórico: "as fontes não são todas iguais e todas igualmente relevantes, assim como o acesso a elas e o seu acesso aos jornalistas não está uniformemente distribuído".

As diferenças existentes entre as fontes também foram reconhecidas por Manuel Chaparro (2009), professor-doutor da Universidade de São Paulo. Em uma de suas vídeo-aula<sup>15</sup>, ele as classifica da seguinte maneira:

1. **Fontes Organizadas** – caracterizam-se pelo alto nível de profissionalização, tanto no que se refere à produção de conteúdo noticiáveis, quanto no que toca a divulgação desses conteúdos (...) São empresas e instituições dos mais diversos tipos e atividades, que atuam no jornalismo na condição de sujeitos sociais de grande competência discursiva e que se utilizam da linguagem e das vias jornalísticas para afirmar ou para

---

<sup>15</sup> Conteúdo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kxDfa3s9HA8&feature=youtu.bena>>. Acesso em: 28 fev. 2013

defender os seus próprios interesses e os conflitos da atualidade. Elas usam a notícia como sua principal forma de ação na sociedade.

2. **Fontes Informais** – contrapõem-se às fontes institucionais e não têm nem identidade nem atuação institucional. São, portanto, protagonistas que falam apenas por si, como pessoas. Em boa parte das situações, elas aparecem nos conflitos das narrações jornalísticas como vítimas ou como testemunhas dos fatos.
3. **Fontes Aliadas** – igualmente marcadas pela informalidade, tratam-se de informantes com os quais os jornalistas estabelecem relações de confiança recíproca. Bons repórteres e bons pauteiros se diferenciam pela qualidade e pela confiabilidade da sua lista de fontes aliadas – origem de indício, revelações e provas para boas peças jornalísticas. São elas que atuam como origem das informações em *off* das quais resultam boas reportagens.
4. **Fontes de Referências** – pessoas sábias ou instituições detentoras de conhecimento reconhecido e socializável. São elas quem ajudam o jornalismo a cumprir a importante tarefa de tornar compreensíveis os complexos acontecimentos da atualidade.
5. **Fontes de Aferição** – aquelas que – por sua independência, honestidade e alto grau de especialização em determinados temas e cenários – podem cumprir o papel de avalistas das revelações jornalísticas. Os jornalistas precisam das fontes de aferição para terem sempre a certeza prévia de que aquilo que publicam têm a virtude de ser verdade.
6. **Fontes Documentais** – são documentos de origem confiável e claramente identificada, quer estejam vinculados a instituições ou a pessoas. Os melhores estudos e diagnósticos, as melhores análises e avaliações, os dados mais confiáveis e as denúncias mais consistentes estão em documentos de boa procedência, sigilosos ou não.
7. **Fontes Bibliográficas** – abrange livros, teses, *papers* e outras formas de produção e revelação dos saberes científicos, tecnológicos, culturais e populares. Tratam-se de um referencial para ações jornalísticas, tanto nas ações de narrar quanto nas de argumentar.

No livro *Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*, Aldo Antonio Schmitz (2010), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresenta uma série de outras classificações para as fontes. Dentre elas, a utilizada pela *Folha de S.Paulo*, criadora do *Folhaleaks*. Segundo o autor, o jornal trabalha com quatro categorias:

'Tipo zero', que são enciclopédias, documentos, vídeos; 'tipo um', com histórico de confiança e conhecimento de causa; 'tipo dois', tem os atributos da fonte 'tipo um', menos o histórico de confiabilidade; 'tipo três', tido como a de menor confiabilidade, embora bem informada, tem interesses políticos, econômicos etc. (SCHMITZ, 2010, pp. 22-23)

Considerando a tipologia de Chaparro (2009), podemos dizer que as "fontes aliadas" seriam responsáveis pela maioria dos vazamentos da informação, repassando denúncias com grande potencial de ganhar as páginas aos jornalistas de sua confiança. Já iniciativas como o *Folhaleaks* constituem uma tentativa de o jornal transformar "fontes informais" – sem preparo ou tradição de diálogo com os jornalistas – em "aliadas" ou "documentais".

No caso específico dos vazamentos de informação, o principal recurso de poder disponível é a informação. E para melhor compreendermos essa colocação, vale apresentar a definição de "poder" adotada nesta pesquisa: "poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências. No exercício do poder os indivíduos empregam os recursos que lhe são disponíveis" (THOMPSON, 2011, p. 38).

Originalmente detentora do poder da informação, a fonte sabe precisar do jornalista para alcançar seu objetivo de dar visibilidade à história que pretende contar. Caso o convença a transformar a informação em notícia – dentro do enfoque que lhe seja favorável – a fonte passa a, de fato, exercer o poder do qual dispõe.

Antes do lançamento do *WikiLeaks*, as fontes dispostas a vazarem informações ou realizar denúncias necessariamente precisavam entrar em contato com os jornalistas para colocar o assunto de seu interesse na pauta dos jornais. O acesso à imprensa, por sua vez, era (e ainda o é, em alguns veículos) bastante restrito. Especialmente porque – como vimos anteriormente – havia um entendimento de que somente pessoas com acesso direto ao poder teriam em mãos informações com potencial para ganhar as manchetes do dia. Fato comprovado por uma história curiosa acerca de Bradley Manning. Segundo consta nos autos do processo aberto contra ele pelo governo norte-americano, o soldado teria tentado repassar os documentos das guerras do Iraque, do Afeganistão e do Cablegate ao *Washington Post* e ao *New York Times*. No primeiro caso, foi atendido por uma mulher que não o levou a sério. A segunda tentativa foi ainda mais decepcionante: ele foi atendido somente pela secretária eletrônica. Ele deixou um recado com seu contato do *Skype*, mas ninguém retornou a ligação<sup>16</sup>. O resto da história é de domínio público. Manning repassou as informações ao

---

<sup>16</sup> Informações extraídas da reportagem "Manning says he first tried to leak to Washington Post and New York Times" publicada no jornal *The Guardian*, em 28 fev. 2013. Disponível em:

*WikiLeaks* que, em um primeiro momento, divulgou apenas o vídeo *Collateral Murder*, de forma independente, dentro de seu site. Com a repercussão deste vazamento, o *site* ganhou credibilidade enquanto fonte junto à mídia tradicional. Desde então, articula-se com uma rede de parceiros para realizar vazamentos sincronizados da informação ao redor do mundo.

Em relação à imprensa tradicional, essa história deixou exposta uma ferida dos grande jornais: salvo raras exceções, eles não estão preparados para lidar com o fato de que qualquer leitor pode ter uma boa história para contar. Principalmente após o advento das novas tecnologias da informação. É como afirma Pacheco (2011, pp. 34-35), "depois da disseminação da noção de jornalista-cidadão, na qual os consumidores passaram a ser também as fontes de informação, assistimos agora a um fenômeno em que qualquer cidadão pode ser fonte de informação confidencial".

Conforme veremos no próximo capítulo, foi somente quando a história de Bradley Manning veio a tona que alguns jornais – incluindo a Folha de S.Paulo – começaram a pensar em estratégias para impedir que a redação deixasse de receber "furos" de reportagem por não priorizar o contato com o leitor 2.0.

### 3.4 É POSSÍVEL CLONAR O WIKILEAKS?

Se a imitação realmente for a forma mais sincera de elogio – como afirmava William Bernbach (1911-1982), um dos maiores publicitários do século passado –, os idealizadores do *WikiLeaks* devem estar satisfeitos com a propagação de seus "clones", dentro e fora da grande imprensa. Assim como o modelo original, os novos "*leaks*" disponibilizam ao público canais seguros para o envio de vazamentos de informação e denúncias pela internet. Mas será que eles têm condições de replicar – ainda que em menor escala – o fenômeno no qual se inspiraram?

A tendência de clonagem da experiência de Julian Assange, dentro e fora da mídia tradicional, foi identificado por autores como Castells (2003), Sifry (2011), Beckett e Ball (2012), Brevini, Hintz e McCurdy (2013). O papa da Sociedade em Rede, Manuel Castells, fez a seguinte previsão:

---

<<http://www.theguardian.com/world/2013/feb/28/manning-washington-post-new-york-times>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

A ciberguerra começou. Não uma ciberguerra entre Estados, como se esperava, mas entre os Estados e a sociedade civil internauta. Nunca mais os governos poderão estar seguros de manter seus cidadãos na ignorância de suas manobras. Porque enquanto houver pessoas dispostas a fazer *leaks* e uma internet povoada por *wikis* surgirão novas gerações de *wikiLeaks*. (CASTELLS, 2010, s/ p. Livre tradução)

De fato, desde o *Cablegate*, vários projetos independentes com estilo similar ao do *WikiLeaks* foram lançados, incluindo: *BrusselsLeaks.com* (focado na União Europeia), *BalkanLeaks.com* (focos nos países dos Balcões); *Indoleaks.org* (foco na Indonésia); *Rospil.info* (foco na Rússia) e o *OpenLeaks* de Daniel Domscheit-Berg, antigo porta-voz do *WikiLeaks*.

Alguns "clones" focam em problemas específicos de uma comunidade, caso do *JumboLeaks*, que se autointitula o "*WikiLeaks*" da *Tufts University* (Boston-EUA). O site funciona como uma "ouvidoria", abrindo espaço para os alunos e a sociedade denunciarem os problemas da instituição. Existe, ainda, o *GlobalLeaks*, especializado não no recebimento de vazamentos da informação, mas no desenvolvimento de softwares-livres que viabilizem esses repasses de documentos de forma anônima e segura.

O *WikiLeaks* já espalhou clones e outras versões que importam princípios similares de vazamento da informação. Em comum, todos têm o desejo de se beneficiar do excepcionalismo fundamental do *WikiLeaks*: retirando-se da dependência da mídia convencional em uma determinada região ou em um cenário legal nacional. Embora muitos adotem o sufixo "*leaks*", eles variam no status legal, nos objetivos e nos métodos. (BECKETT; BALL, 2012, p. 115).

A mídia tradicional também se inspirou no *WikiLeaks* para criar seus próprios canais de vazamento da informação. É o caso do *Folhaleaks*, lançado pela *Folha de S.Paulo* em 18 de setembro de 2011 – objeto desta pesquisa – sobre o qual falaremos, em maior profundidade, no próximo capítulo. Antes dele, surgiram canais semelhantes como a *Al-Jazeera Transparency Unit* – relacionada à *Al-Jazeera*, emissora de televisão do mundo árabe, com sede no Catar, com maior grau de independência aos governos extremistas locais – e o *SafeHouse*, canal de vazamento de informações vinculado ao *The Wall Street Journal*. O “clone” do leste europeu, *BalkanLeaks*, começou a funcionar em janeiro de 2011 e o norte-americano em maio do mesmo ano, o que evidencia um movimento cascata na reprodução do modelo *WikiLeaks*, desencadeado pelo *Cablegate*.

Por se tratar de um fenômeno ainda muito novo, a literatura existente sobre os "clones" do *WikiLeaks* dentro da mídia tradicional é exígua. A maioria dos autores limita-se a

relatar a criação desses canais como uma prova concreta da importância da organização de Julian Assange no cenário de transformações trazidos pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Quem mais se aprofundou no assunto foram Beckett e Ball (2012). Na avaliação da dupla, as organizações noticiosas empresariais não desfrutam de independência suficiente para replicar a experiência proposta pelo *WikiLeaks*. Segundo os autores:

As mídias tradicionais não têm o mesmo nível de imunidade que o *WikiLeaks* e a sua forma de calcular o risco de publicar um vazamentos é significativamente diferente, pois elas têm uma base geográfica e estão submetidas às leis locais. Existe, ainda, a pressão comercial, financeira e política que restringe a liberdade de elas agirem de forma transgressora (BECKETT; BALL, 2012, p. 127. Livre tradução).

A dupla destaca que, dentre os "clones" ligados à mídia tradicional, o *The Al Jazeera Transparency Unit* obteve a maior repercussão, com a divulgação dos chamados "Papeis da Palestina" – quase 1.700 arquivos sobre o processo de negociação da paz entre os dois países. O vazamento teve "impacto tão grande na política local quanto qualquer divulgação do *WikiLeaks*" (BECKETT; BALL, 2012, p. 127. Livre tradução). Segundo os jornais, foi o maior vazamento de documentos confidenciais relacionados ao conflito Israel-Palestina.

Os documentos mostram as ofertas feitas pelos palestinos em relação aos assentamentos judaicos na Cisjordânia, aos refugiados e a Jerusalém. Para a *Al Jazira*, eles mostram que as lideranças palestinas fizeram concessões excessivas e se relacionaram com os israelenses e os americanos de modo "vergonhoso" (GUTERMAN, 2011, s/ p.).

O problema da *Al Jazeera* e de sua versão "leaks" é o fato de ambas serem financiadas pelo governo do Catar – um dos países mais ricos dos Emirados Árabes. Essa dependência econômica, conforme explicado anteriormente, interfere na independência editorial da emissora – acusada de não fazer uma "cobertura tão entusiástica dos levantes árabes ocorridos em países alinhados com o Catar" (BECKETT; BALL, 2012, p. 128. Livre tradução). Outro problema é o fato de os vazamentos e vídeos enviados à *The Al Jazeera Transparency Unit* serem selecionados e editados por jornalistas, que irão controlar o processo de verificação e publicação dos documentos. Na avaliação de Beckett e Ball (2012), esse modelo assemelha-se mais a um exercício de jornalismo cidadão do que a uma plataforma de recebimento de vazamentos da informação.

As críticas em relação ao *SafeHouse* são semelhantes. Vinculado ao *The Wall Street Journal*, o canal se propõe a receber denúncias e vazamentos de informações com valor-

notícia. A proposta é ajudar o jornal a "trazer à tona fraudes, abusos e maus feitos"<sup>17</sup>. Ao contrário do *WikiLeaks*, no entanto, o jornal não se compromete a preservar o anonimato da fonte sob quaisquer circunstâncias e encorajam o internauta a repassar seus contatos, a menos que o sigilo seja imprescindível. Para completar, nos termos de uso do canal fica claro: o *SafeHouse* tem o direito de quebrar o sigilo da fonte às autoridades ou a uma terceira parte envolvida, sem prévia notificação, caso seja o jornal seja legalmente acionado. Com isso, visa-se "proteger a propriedade e os direitos da *Dow Jones* e das empresas afiliadas, além de salvaguardar o interesse de terceiros"<sup>18</sup>.

Beckett e Ball observam que o *SafeHouse* terminará funcionando como um *drop-box* para documentos com potencial de virar notícia, mas dificilmente será um canal com pretensões de desafiar ao poder ou defender a liberdade da expressão. "A mídia tradicional vai tentar facilitar a vida de quem deseja vaziar uma informação, mas continuará seguindo os mesmos parâmetros de direitos e responsabilidades utilizados no restante de sua cobertura diária" (BECKETT E BALL, 2012, p. 129).

No próximo capítulo, analisaremos a história e o funcionamento do primeiro clone nacional do *WikiLeaks*: o *Folhaleaks*, criado pela *Folha* com o objetivo de "ampliar o acesso da sociedade a informações relevantes, estreitando ainda mais a relação dos leitores com a produção de reportagens de interesse público" (FOLHA, 2011, p. A-12).

---

<sup>17</sup> Informação disponível em: <<https://www.wsjsafehouse.com>>. Acesso em: 24 nov. 2013. Livre tradução.

<sup>18</sup> Informação disponível em: <<https://www.wsjsafehouse.com/terms.html>>. Acesso em: 24 nov. 2013. Livre tradução.

## 4. DESVENDANDO O FOLHALEAKS

*"A coragem é contagiosa. Quando alguém age de forma corajosa e mostra a outras pessoas que esse ato não foi um gesto de martírio e sim um ato inteligentemente planejado, isso encoraja outras pessoas a segui-lo".*

Julian Assange (BECKET; BALL, 2012, p. 114)

A *Folha de S.Paulo* foi o primeiro jornal brasileiro a abandonar uma visão analógica dos vazamentos da informação. O veículo percebeu que os vazamentos do século XXI estavam ocorrendo prioritariamente na internet e decidiu se posicionar nesse ambiente, como um jornal interessado em "ouvir" o que o leitor tinha a dizer. Afinal, em tempos de vazamentos digitais, qualquer pessoa com acesso a um computador pode ter uma grande denúncia nas mãos (BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2012).

Os motivos que levaram a *Folha* a chegar a essa conclusão são o tema central deste capítulo, que reconta a história do *Folhaleaks* – primeiro canal de relacionamento com o leitor dedicado exclusivamente ao recebimento de documentos, vídeos e arquivos inéditos, capazes de motivar investigações jornalísticas.

Além disso, atendendo aos objetivos específicos desta pesquisa, mapeamos o processo de *gatekeeping* adotado pelo canal. Com isso, pudemos verificar que – antes de chegar às páginas do jornal – as denúncias e os vazamentos enviados ao *Folhaleaks* passam por cinco filtros de seleção, realizados por diferentes profissionais. Esse fluxo da informação foi sistematizado com base nos dados extraídos das entrevistas em profundidade realizadas ao longo do estudo de caso.

Mas antes de começar a reconstruir o processo de criação do *Folhaleaks*, é fundamental compreender um pouco da história e do pensamento da *Folha de S.Paulo* – empresa jornalística responsável pela iniciativa.

### 4.1 A FOLHA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

Jornal de maior circulação do Brasil, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC)<sup>1</sup>, a *Folha* orgulha-se de seu pioneirismo em relação às novas tecnologias da

---

<sup>1</sup> Dado referente à média de circulação dos jornais pagos no ano de 2012.

informação. O diário da família Frias foi pioneiro na impressão *offset* em cores, em 1967, no Brasil. Também foi o primeiro da América Latina a informatizar sua redação, em 1987, um dos primeiros a ter uma versão online, 1995, e o primeiro jornal brasileiro a reproduzir, dentro de sua redação, o modelo de vazamento de informação proposto pelo *WikiLeaks*, no ano de 2011.

Fundada em 1921 por dois jornalistas de *O Estado de S. Paulo*, Olívio Olavo de Olival Costa e Pedro Cunha (que acabara de ser demitido), a *Folha de S. Paulo* originalmente se chamava *Folha da Noite* – jornal de oito páginas que pretendia "ser diferente dos outros jornais, tanto no aspecto físico quanto no conteúdo: mais leve, com menos artigos rebuscados, mais noticiários, textos mais curtos e mais espaço para esportes" (PINTO, 2012, p. 11).

O jornal conquistou os trabalhadores urbanos e, em 1925, ganhou uma versão matutina, a *Folha da Manhã*, mais sóbria e voltada aos profissionais liberais e comerciantes. Existiu, ainda, um terceiro título: *Folha da Tarde*, criado para driblar a censura do governo Arthur Bernardes, em novembro de 1924. O jornal fazia oposição ao presidente, que acabou proibindo a circulação da *Folha da Noite*. A direção do jornal optou por continuar na ativa, mudando apenas o nome da publicação para *Folha da Tarde*. O título circulou por 50 dias, até o *réveillon* daquele ano, quando o nome *Folha da Noite* retornou ao alto da primeira página.

Durante o primeiro governo Vargas (1930-1945), a *Folha* passou por um período de crises e troca de acionistas. Em 1930, após ter a sede destruída por partidários de Vargas – a quem o jornal fazia oposição – as *Folhas* foram compradas pelo fazendeiro e comerciante Octaviano Alves de Lima, que "via nos jornais mais que um negócio; via um meio para favorecer sua atividade cafeeira" (PINTO, 2012, p. 22). Em 1945, houve nova troca de comando. A empresa foi comprada por um grupo de "laranjas": Clovis Queiroga (representando Francisco Matarazzo Júnior, impedido de ser dono de jornal por ser italiano), José Nabantino Ramos (representando os interesses do deputado federal Costa Neto) e Alcides Ribeiro Meirelles, o "rei da juta". A tríade recriou, em 1949, a *Folha da Tarde* e passou a produzir os três títulos (*Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*).

Em 1960, com a popularização do rádio e da televisão, os donos das *Folhas* unificaram o jornal, que passou a se chamar *Folha de S. Paulo*. Em 1962, a empresa foi vendida a Octavio Frias de Oliveira, Carlos Caldeira Filho e Caio de Alcântara Macho, que sairia do negócio meses depois. Em 1992, Frias passou a ser o único acionista da empresa. Cinco anos depois, lançou o projeto editorial até hoje válido para o jornal, centrado em três

pontos fundamentais: jornalismo crítico, plural e apartidário<sup>2</sup>, realizado em um espaço em reformulação, por conta das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs).

Historicamente, a *Folha* busca atrelar sua marca ao conceito de inovação, primando pelo pioneirismo em relação às novas tecnologias de informação e comunicação. Sua mais nova campanha publicitária, lançada em novembro de 2013, deixa esse posicionamento bastante claro. O mote é "*Siga a Folha*", slogan que adota a linguagem da internet para vender uma imagem de modernidade e destacar a relevância do jornal nas Redes Sociais.

O interesse da *Folha* pelo universo digital começou na década de 1990 e ficou longe de ser um "amor à primeira vista". Ao contrário, segundo Ana Estela de Sousa Pinto (2010), autora do livro *Folha Explica*, "a rede mundial de computadores chegou a conta-gotas à redação. Em meados dos anos 1990, só dois terminais permitiam acesso à web. Ficavam na entrada do jornal e eram usados por poucos" (PINTO, 2010, pg. 103).

Se, para os repórteres, a internet era um mistério, para a imensa maioria dos brasileiros ela era uma ilustre desconhecida até 1995. Naquele ano, o acesso a rede mundial dos computadores foi finalmente aberto à população. Antes disso, o ambiente estava disponível apenas para professores e pesquisadores, dentro dos muros das universidades.

Sempre atenta às novas tecnologias da informação, a *Folha de S.Paulo* decidiu entrar na internet ainda em 1995. O precursor do portal que está atualmente no ar era uma "página rudimentar" (PINTO, 2010, p. 103), que oferecia, ao internauta, acesso aos textos da *Agência Folha* e a notícias específicas sobre ciência, informática e internet. Naquele ano, a maior parte dos usuários da internet ainda pertencia à academia. Justamente por isso, o primeiro portal do jornal – batizado de *Folha Web* – foi lançado no dia 9 de julho de 1995, durante a 47ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Inicialmente, a *Folha Web* funcionava como uma empresa separada do jornal impresso, embora seu conteúdo noticioso fosse produzido pela *Agência Folha* (PINTO, 2010, pg. 103). O acesso ao site era realizado através do portal *Universo Online* (UOL) e, até 1999, a *Folha Web* era apenas uma das páginas de conteúdo gratuito do UOL.

Com o passar dos anos, a página foi transformada em um portal de notícias, com acesso independente do endereço do UOL. O ambiente online começou a ser mais acessado e a demandar mais atenção do *Grupo Folha* que, em 2010, unificou as redações do jornal impresso e de sua versão digital. Segundo Adghirni e Pereira (2010), a *Folha de S.Paulo* foi

---

<sup>2</sup> Informações extraídas do *Projeto Folha* de 1997, intitulado "Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático" disponível em:  
< [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto\\_editorial\\_plural.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto_editorial_plural.htm)>. Acesso em: 02 dez. 20013

o último dos grandes jornais brasileiros a optar pela convergência das redações. Esse processo teve início em 2008, primeiro em *O Globo* e depois em *O Estado de S. Paulo*. Conforme explicado em capítulos anteriores, o principal beneficiado pela "convergência digital" é o empregador, que consegue reduzir os custos do negócio ao transferir para os jornalistas a responsabilidade de gerar conteúdos para diversas plataformas (HIRST, 2011).

Também em 2010, a *Folha* ingressa em uma fase "multiplataforma", definição dada pelo editor-executivo Sérgio Dávila à jornalista Ana Stela de Sousa Pinto (2010). Além das versões impressa e *online*, foram criadas a *Rádio Folha*, a *TV Folha*, os aplicativos para *mobile* e *tablet*, além de perfis do jornal nas principais Redes Sociais. Ainda segundo Dávila:

*A Folha* é um jornal que, de tempos em tempos, se impõe novos desafios sem abandonar o que conquistou em outros anos. Ela tem a 'tradição da vanguarda'. Tradição porque é sempre a primeira a mudar, desde 1975, e vanguarda porque está sempre inquieta (In PINTO, 2010, p. 107)

Finalmente, em junho de 2012, a *Folha Online* deixa de existir como veículo independente para também assumir o logotipo *Folha de S. Paulo*. Na avaliação de Pinto (2010, p. 107), a unificação das marcas fortalece o jornal e prepara o ambiente "para a hipótese de, no futuro, a internet concentrar a maior parte dos consumidores de informação de qualidade".

## 4.2 A FOLHA E O WIKILEAKS

O *WikiLeaks* teve papel determinante no desejo da *Folha de S. Paulo* de lançar seu próprio canal de vazamentos da informação. Justamente por isso, é fundamental a esta pesquisa compreender o histórico do relacionamento entre o jornal e a organização noticiosa comandada por Julian Assange.

O primeiro registro existente sobre o *WikiLeaks* nos arquivos<sup>3</sup> do jornal datam do dia 18 de abril de 2010. A reportagem – intitulada "*Site exhibe ataque dos EUA a civis em Bagdá e incomoda governos*" – tratava da divulgação do vídeo "*Collateral Murder*" (Assassinato Colateral). O texto em questão foi escrito pela jornalista Andrea Murta, correspondente do jornal em *Washington*. À época, ela definiu o *site* como uma "*Wikipédia* de vazamentos".

---

<sup>3</sup> *A Folha de S. Paulo* disponibiliza aos internautas uma ferramenta de busca que localiza reportagens veiculadas no site ou no jornal impresso. Estão disponíveis todas as notícias publicadas a partir do dia 01 de janeiro de 1994. A ferramenta de busca pode ser acessada no endereço:  
< <http://search.folha.com.br/search> >

Essa primeira matéria não trazia aspas de nenhum porta-voz do site e não fazia menção a Julian Assange. O texto limitava-se a explicar: "os membros do *WikiLeaks* se mantêm discretos. A *Folha* enviou diversos *e-mails*, telefonou e deixou recados para contatos sugeridos pelo site, mas não obteve resposta" (MURTA, 2010, s/ p.).

Sete meses depois, foi a vez de o *Wikileaks* entrar em contato com a *Folha de S.Paulo* para fazer uma proposta jornalisticamente tentadora. Julian Assange estava decidido a incluir um jornal brasileiro na lista de veículos convidados a participar da divulgação mundial dos telegramas diplomáticos de seu mais novo vazamento: o *Cablegate*. Segundo ele próprio explicou, "o *WikiLeaks* tinha muitos apoiadores no Brasil e muitos grupos brasileiros compartilhavam da filosofia da organização de lutar pela liberdade na mídia, na imprensa e na internet" (ASSANGE, 2010, s/ p.).

O acordo entre o jornal e o site foi intermediado pela jornalista brasileira Natália Viana, colaboradora do *Wikileaks*, em novembro de 2010. Destacada para analisar os telegramas diplomáticos trocados entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, Natália ganhou autonomia para escolher o periódico brasileiro que receberia o vazamento, com exclusividade. Em mente, dois critérios de seleção: um grande veículo e, principalmente, um jornalista confiável.

Consideradas ambas as premissas, Fernando Rodrigues, da *Folha de S.Paulo*, tinha uma enorme vantagem: "ele conhecia o Gavin<sup>4</sup> (MacFayden), sabia que eu trabalhava com ele, e portanto iria levar a sério o único breve telefonema que eu podia dar com segurança". (VIANA, 2011, s/ p.)

No início de novembro de 2010, a jornalista contactou Rodrigues pelo *Facebook* e os dois passaram a trocar mensagens para combinar os detalhes da divulgação. A *Folha* seria o primeiro jornal do Brasil e o sexto órgão de imprensa do planeta a fechar acordo de cooperação com o, então, "recém-famoso" *WikiLeaks*. As condições da parceria eram simples:

- citação do *WikiLeaks* como fonte;
- divulgação do endereço eletrônico da organização nas reportagens ([www.wikileaks.org](http://www.wikileaks.org));

---

<sup>4</sup> Gavin McFayden é professor visitante da City University e diretor do Centre for Investigative Journalism, em Londres. Segundo o site da Agência Pública, "MacFadyen é reconhecido não apenas por seu trabalho como jornalista investigativo mas por sua ativa contribuição ao jornalismo independente, principalmente pela formação e treinamento de jornalistas no centro que dirige". Essa informação está disponível em: <<http://www.apublica.org/quem-somos/conselho-consultivo/gavin-macfadyen/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

- divulgação, na íntegra, de um artigo assinado por Julian Assange, intitulado *Documentos revelam infiltrações políticas dos EUA em diferentes países*;
- preservação do sigilo de algumas pessoas citadas – que poderiam ficar em perigo com a publicação dos dados.

Acordo fechado, a *Folha* recebeu, com exclusividade, seis dos 1.946 telegramas relacionados ao Brasil. O material serviu de subsídio às reportagens publicadas pelo jornal sobre o *Cablegate* – todas com chamada de capa – entre os dias 29 de novembro de 2010 e 07 de dezembro de 2010.

A primeira delas, assinada por Fernando Rodrigues, foi publicada em 29 de novembro de 2010, com o título "PF disfarça prisão de terroristas, dizem EUA". O texto, revela a existência de possíveis ações de terroristas de origem árabe no país – fato sempre negado pelo governo brasileiro. O objetivo era um só: "evitar chamar a atenção da imprensa e dos altos escalões do governo" (RODRIGUES, 2010, s/ p.).

Já o último texto, publicado em 7 de dezembro de 2011, revelava: a embaixada norte-americana foi informada, com cerca de dois meses de antecedência, da invasão que a polícia militar carioca faria no Morro do Alemão – até então uma das favelas mais violentas do Rio de Janeiro. A ação retirou os traficantes da região e abriu espaço para a criação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no local. O cônsul Dennis W. Hearne foi informado, na ocasião, de que a ação poderia ser "traumática"<sup>5</sup>. De fato, 37 pessoas morreram na ação (FRAGA, 2010, s/ p.).

Vale esclarecer que o acordo de exclusividade entre o *WikiLeaks* e a *Folha* durou pouco mais de uma semana, até ser ampliado também para o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. Os dois veículos continuaram a receber outros telegramas diplomáticos relacionados ao Brasil que, posteriormente, deram origem a uma série de outras matérias vinculadas ao *Cablegate* – vazamento que, segundo o site de Assange, deu às pessoas ao redor do mundo uma percepção sem precedência das atividades internacionais do governo norte-americano.

A partir dessa parceria, a *Folha* percebeu que o modelo de produção de notícias proposto pelo *WikiLeaks* – no qual a fonte procura o veículo de comunicação para repassar informações sigilosas – poderia ser replicada no jornal. Faltava descobrir como e em quais condições.

---

<sup>5</sup> FRAGA, Plínio. Aos EUA, Rio previu ação "traumática" no Alemão. *Folha de S.Paulo*, Rio de Janeiro, 07 dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0712201001.htm>>. Acesso em: 15 set. 2013.

### 4.3 A FOLHA E AS FONTES, DEPOIS DO WIKILEAKS

Assim que começou a receber os telegramas diplomáticos do *Cablegate*, a redação da *Folha* percebeu o quanto o esquema de produção de notícias adotado pelo site era simples, eficiente e econômico.

A organização de Assange conta como uma rede de colaboradores, a maioria voluntários, responsável por realizar uma triagem dos materiais recebidos, organizando-os dentro de uma lógica jornalística. Os arquivos selecionados são enviados aos veículos parceiros, que se encarregam de checar a informação – considerada "a matéria-prima da sociedade em rede" (CASTELLS, 1999) –, ouvir o outro lado da história, além de redigir e divulgar a(s) matéria(s).

No caso específico da divulgação do *Cablegate*, os telegramas referentes ao Brasil foram organizados por assunto pela jornalista Natália Viana. Do interior da Inglaterra, onde Julian Assange encontrava-se em prisão domiciliar, ela enviou à *Folha* seis telegramas que tratavam do assunto "terrorismo". O jornal apurou as informações necessárias à produção das reportagens e – no dia combinado para o lançamento mundial do *Cablegate* – começou a divulgar as histórias a que teve acesso.

O que hoje parece comum, foi uma experiência inovadora para a *Folha*. Ao contrário do que acontece normalmente em vazamentos da informação e denúncias, o jornal não teve acesso à identidade da fonte primária dos documentos. Todo o processo de negociação da informação foi feita por um intermediário (o *WikiLeaks*), também por meio da internet. O pacto de confiança que costuma conduzir o relacionamento da fonte com o jornalista foi firmado virtualmente. Era uma vivência prática da sociedade em rede, pois as novas tecnologias permitiram eliminar (ou pelo menos encurtar) o espaço e o tempo necessário à transmissão das informações entre um ponto e outro da rede, agilizando o fluxo da comunicação (CASTELLS, 1999).

De forma empírica, a *Folha* percebeu que a internet permitia construir uma nova forma de relacionamento entre a fonte e o jornalista, que prescindia de um contato mais próximo ou de qualquer tipo de interação face-a-face (THOMPSON, 2009). Com a vantagem de – no caso do *WikiLeaks* – as informações serem provenientes de uma fonte "tipo um", ou seja, com histórico de confiança e conhecimento reconhecido no assunto sobre o qual está falando. De acordo com essa classificação, que segundo Schmitz (2010, p. 22) é adotada pela *Folha de S.Paulo*, o grau de confiabilidade das fontes varia de zero a quatro. Quando mais

próxima de zero, maior a probabilidade de a informação estar correta. Documentos, enciclopédias, vídeos e fotos, por exemplo, são consideradas fontes do "tipo zero" pelo jornal.

Sob a ótica da *Folha*, notícias escritas a partir de informações repassadas por fontes do "tipo zero" e "tipo um" teriam grandes chances de serem verdadeiras, minimizando os riscos de o jornal perder tempo e dinheiro com uma investigação que não rendesse uma boa história. Sendo assim, valeria a pena investir tanto na parceria com o *Wikileaks* quanto na criação de um canal para o recebimento de denúncias e vazamentos da informação dentro da redação do jornal.

A ideia ganhou ainda mais fôlego quando a história de Bradley Manning veio à tona. Conforme vimos no capítulo anterior, antes de vazar milhares de documentos ao *WikiLeaks*, Manning tentou repassá-los ao *Washington Post* e ao *New York Times*. Por ser uma pessoa comum – sem contatos dentro do jornal e sem um cargo que lhe abrisse portas –, ele terminou ignorado por ambos os veículos. Decepcionado com o pouco caso da imprensa tradicional, decidiu procurar o *site* de Assange.

A história contada por Manning é um retrato fiel da dificuldade enfrentada pelos leitores 2.0 que buscam interagir com a mídia tradicional. A maior parte dos jornalistas é refratário à ideia de abrir espaço para o leitor-fonte, no processo de produção da notícia. Segundo Robinson (2010, p. 140), eles adotam uma postura "tradicionalista" em relação às possibilidades de interação oferecidas pela *web 2.0*, considerando-as mais um "trabalho a ser feito". Para eles, os leitores 2.0 constituem uma espécie de ameaça à "integridade jornalística" (ROBINSON, 2010). Justamente por isso, esse grupo de profissionais tende a ignorar os comentários e as sugestões de pauta enviados pelo leitor.

Felizmente, dentro da *Folha* e de outras redações, existe um segundo grupo de jornalista classificado por Robinson (2010) como "convergentes". Esses profissionais não se consideram ameaçados pela interação com o leitor. Ao contrário, enxergam a interatividade com a audiência como uma "responsabilidade" assumida pelo jornalismo na era digital (ROBINSON, 2010, p. 140). Eles também reconhecem que, nos dias de hoje, qualquer pessoa pode ter, em mãos, uma informação com potencial para virar notícia (PACHECO, 2009. HIRST, 2011. BECKETT; BALL, 2012). Mais ainda: consideram que o empoderamento dos "cidadãos comuns" é, um dos maiores ganhos trazidos pelas novas tecnologias da informação. Afinal, como diz Hirst (2011, p. 204. Livre tradução), "a ativação de 'pessoas que nós costumávamos chamar de audiência' é um resultado muito positivo da convergência tecnológica e da ascensão das redes sociais".

Ignorar essa nova realidade é o caminho mais curto para entregar à concorrência ou a veículos alternativos grandes furos de reportagem. Basta ver a história de Manning e do *WikiLeaks*. Atenta a esse novo cenário e disposta a manter o título de jornal com "tradição de vanguarda" (PINTO, 2010, p. 107), a *Folha* começou a pensar em estratégias para evitar que seus leitores entregassem possíveis furos de reportagem à concorrência.

Já no início de 2011, repórteres investigativos como Fernando Rodrigues – principal negociador do acordo do jornal com o *WikiLeaks* – e Frederico Vasconcelos passaram a discutir com o editor-executivo da *Folha*, Sérgio Dávila, a criação de um canal exclusivo para o recebimento de denúncias dentro do próprio jornal. Não havia, ainda, um modelo a ser desenvolvido. Apenas a preocupação de oferecer ao leitor um ambiente para o envio de denúncias e vazamentos, anônimos ou não.

As conversas sobre o assunto esquentaram ainda mais no dia 5 de maio de 2011, quando o *Wall Street Journal* – produzido em Nova York – lançou seu próprio canal para o recebimento de denúncias: o *SafeHouse* (caixa-forte), cujo objetivo é "desvendar fraudes, abusos e outras práticas ilícitas"<sup>6</sup>.

Naquele dia, o periódico norte-americano mostrou à *Folha* que, sim, era possível criar um canal como o *WikiLeaks* dentro de um jornal. Ao ler essa notícia, pela internet, o editor de novas plataformas da *Folha*, Roberto Dias, enviou um *e-mail* para Dávila. Na mensagem, defendia a imediata criação de um canal parecido com o *SafeHouse* no jornal. O editor-executivo não apenas concordou, como convocou os departamentos jurídicos e de tecnologia da informação para realizar o projeto e formular as tratativas operacionais para o lançamento do canal avançaram. A partir daquele momento, o *Folhaleaks* começou a ganhar forma<sup>7</sup> e passou a compor o portfólio de canais de interação com o leitor do jornal. Ele é a mais nova das dez ferramentas de relacionamento disponíveis atualmente na internet. São elas:

- **Comentários** – é a maior plataforma de interação da *Folha* com o leitor, contando com cinco profissionais dedicados a realizar a moderação dos comentários enviados. Segundo o editor de novas plataformas do jornal, Roberto Dias<sup>8</sup>, os comentários passaram a ser moderados no final de 2012, após uma sobrecarga no sistema do site do jornal – que ficou abarrotado de comentários de leitores. Atualmente, somente algumas matérias podem ser comentadas no site e os assinantes são os únicos com

---

<sup>6</sup> Informação disponível em: <<https://www.wsjsafehouse.com>>. Acesso em: 28 ago. 2013

<sup>7</sup> Informações extraídas da entrevista realizada pela pesquisadora com Roberto Dias, em 17 jun. 2013.

<sup>8</sup> Em entrevista à pesquisadora, realizada no dia 17/06/2013

total liberdade de postagem. As postagens de leitores comuns passam por um filtro realizado pela redação, que veta comentários com palavrões ou ofensa a honra. A *Folha* – segundo Dias – estuda a possibilidade de adotar critérios ainda mais restritivos, a exemplo de jornais como o *New York Times*, que divulgam somente comentários capazes de "agregar valor" à notícia.

- **Envie sua notícia** – espaço para o envio de notícias e fotos de acontecimentos que sejam relevantes no Brasil e no mundo. "Caso você presencie algo que possa influenciar o dia a dia de outras pessoas ou de sua cidade, preencha o formulário abaixo com um texto final ou informações sobre o fato que você deseja ver publicado ", explica o site do jornal<sup>9</sup>.
- **Paute a Folha** – a *Folha* abriu um link específico para o envio de sugestão de reportagens e dicas sobre assuntos específicos. Os temas da pauta, no entanto, são indicados pelo jornal, a partir de um banner colocado embaixo das reportagens publicadas no site. Ao clicar ali, "o leitor será levado para um formulário, onde poderá escrever sua sugestão de pauta, que será encaminhada para a editoria responsável pelo tema"<sup>10</sup>. Aqui, portanto, o leitor limita-se a ajudar o jornal a expandir pautas pré-definidas.
- **"Painel do Leitor"** – a tradicional seção de cartas do jornal ganhou espaço próprio no site da *Folha*. Estruturado como uma mini portal de relacionamento com o leitor, reúne as principais notícias, comentários e dicas sugeridas por ele. A estratégia facilita a compreensão do espaço editorial dedicado ao leitor no jornal.
- **"Meu Olhar"** – oferece ao leitor a chance de escrever pequenas crônicas sobre assuntos diversos. Os textos são reproduzidos no site, devidamente assinados pelos autores.
- **"Vi na Web"** – seção que reúne sugestão de vídeos e *posts* curiosos que circulem pela internet. À reportagem da *Folha* cabe explicar um pouco do histórico e do impacto de cada vídeo.
- **"Cidade é Sua"** – versão eletrônica da coluna de direitos do consumidor. Nela, o leitor pode fazer reclamações contra empresas e órgãos públicos. O jornal se encarrega de buscar a resposta que o cliente necessita.

---

<sup>9</sup> Texto extraído do link "Envie sua notícia". Disponível em: [http://www1.Folha.uol.com.br/paineldoleitor/envie\\_sua\\_noticia.shtml](http://www1.Folha.uol.com.br/paineldoleitor/envie_sua_noticia.shtml). Acesso em: 21/06/2013.

<sup>10</sup> Texto extraído do site da *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://www1.Folha.uol.com.br/paineldoleitor/pauteaFolha/>. Acesso em: 21/06/2013

- **Folhaleaks** – permite aos leitores enviarem, de forma anônima ou não, informações e documentos para o jornal.
- **Ombudsman** – a *Folha* foi o primeiro jornal do Brasil a contratar, em 1991, um profissional dedicado exclusivamente a ouvir o leitor e a defender seus interesses. Sousa Pinto (2012, p. 143) informa que, desde a criação do cargo até 2012, foram mais de 180 mil manifestação.
- **Redes Sociais** - a *Folha* criou perfis no *Twitter* e no *Facebook* no ano de 2010. Em 2011, já contava com 450 mil fãs, "número que lhe dava a vice-liderança entre todas as páginas de jornais do mundo, perdendo apenas para o *New York Times*" (SOUSA PINTO, 2012, p. 143). Em agosto de 2013, já eram 1,9 milhões de fãs e 923.418 seguidores no *Twitter*.

À exceção do *Folhaleaks* – cujo link fica localizado dentro da editoria "Poder" – e do *Ombudsman*, todos os outros canais de relacionamento com o leitor ficam concentrados em um mesmo ambiente: o *Painel do Leitor*, criado em 2011 para ampliar as possibilidades de interação com o jornal. De acordo com Pinto (2012, p. 144), o portal funciona como uma extensão da seção de cartas, que começou a funcionar em 1976, com metade do atual tamanho. O "*Painel do Leitor*" recebe cerca de 100 mensagens por dia, a maioria pela internet, embora 5% ainda cheguem pelo correio.

#### 4.4 FOLHALEAKS: ASPECTOS OPERACIONAIS

Depois que a redação da *Folha* recebeu o aval de Sérgio Dávila para criar o *Folhaleaks*, a primeira área do jornal a ser consultada sobre o projeto foi o Departamento Jurídico. Os dois advogados envolvidos no projeto foram o então diretor jurídico da *Folha*, Orlando Molina, e o consultor criminalista Luís Francisco Carvalho Silva. Eles receberam a missão de mapear os riscos legais da iniciativa e, ao final do processo, apresentaram parecer jurídico favorável à criação do canal. Como isso, apaziguaram os receios do jornalista Frederico Vasconcelos – único participante do grupo envolvido na criação do *Folhaleaks* que considerava a iniciativa legalmente arriscada.

Vasconcelos – autor de um blogue especializado em questões jurídicas dentro da própria *Folha* ([www.blogdofred.folha.com.br](http://www.blogdofred.folha.com.br)) – temia que o jornal ficasse muito exposto e terminasse acusado, como o *WikiLeaks*, de estimular a espionagem e o vazamento de informações. A hipótese foi descartada pelo departamento jurídico do jornal, que considerou a

iniciativa mais uma ferramenta de trabalho, protegida constitucionalmente pelo artigo 5º, inciso XIV, da Constituição brasileira que assegura a todos o acesso à informação e resguarda o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.

Ainda de acordo com Vasconcelos, o direito de sigilo das fontes também foi ponto de discussão com a dupla de advogados, que muito possivelmente chegaram à mesma conclusão da promotora Ana Lúcia Menezes Vieira, autora da tese "O Sigilo da Fonte de Informação Jornalística como Limite à Prova no Processo Penal", para quem:

Do ponto de vista do direito à informação, o sigilo é instrumento destinado ao jornalista para o exercício de sua profissão e que também está a serviço da própria democracia. Com a tutela constitucional do anonimato da identidade da fonte, o profissional do meio de comunicação pode ser mais bem informado para informar a sociedade. (VIEIRA, 2012, pp. 1-2)

Cabe observar que as conclusões aqui apresentadas foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica e da entrevista com o jornalista Frederico Vasconcelos. Os dois advogados que participaram das discussões acerca da criação do *Folhaleaks* não responderam aos e-mails de solicitação de entrevistas enviados pela pesquisadora. Nesta pesquisa, não nos aprofundamos em detalhes relativos às questões de segurança ou de linguagem de programação utilizadas para o desenvolvimento do sistema do *Folhaleaks*. Afinal, este é um estudo realizado no campo da comunicação. Não cabe, portanto, dissecar o código-fonte do sistema tampouco verificar a existência ou não de certificados de segurança e criptografia. Interessa, ao contrário, entender como o sistema se apresenta para seus públicos-alvo (leitores e jornalistas) e como se realiza o fluxo da comunicação dentro do canal.

Por fim, vale destacar: o único compromisso firmado pela *Folha de S.Paulo* com o leitor-fonte do *Folhaleaks* é a manutenção da sua identidade em sigilo. Em nenhum momento – seja em reportagens ou dentro do próprio sistema – o jornal afirma que o *Folhaleaks* é um ambiente seguro, criptografado ou com certificados de segurança, capazes de garantir ao usuário um acesso seguro e livre da ação de *hackers*.

Dito isto, passaremos à descrição de como o sistema se apresenta aos seus dois públicos-alvo: o leitor e a redação da *Folha de S.Paulo*. Ambas as informações foram obtidas por meio da observação ativa informal da ferramenta. A verificação do funcionamento da interface do usuário foi realizada via internet e pode ser efetuada por qualquer pessoa interessada, 24 horas por dia, sete dias por semana. Já a observação da interface destinada aos jornalistas da *Folha* foi realizada na sede do jornal, em São Paulo, no dia 16 de junho de

2011. Na ocasião, a pesquisadora teve oportunidade de verificar como o sistema pode ser acessado e como ele se apresenta ao jornalista responsável pela primeira triagem das notícias na redação do jornal.

#### 4.4.1 Interface com o usuário

Na prática, o *Folhaleaks* é um sistema com duas interfaces distintas. A primeira delas, voltada para o internauta, fica hospedado no site da *Folha de S.Paulo* e funciona como uma espécie de *dropbox*, para onde ele pode enviar documentos de texto, áudio ou vídeo.

Ao acessar o ambiente, o internauta depara-se com um formulário simples, composto por duas questões: "Gostaria de manter o anonimato?" e "Gostaria de eventualmente ser procurado pela reportagem para prestar mais informações?". As respostas possíveis são "sim" e "não".

Caso responda afirmativamente à última pergunta, será convidado a preencher alguns campos de informação, com o seu nome, endereço, e-mail e telefone. Se optar por não ser procurado, poderá prosseguir com a denúncia ou vazamento.

Existe um campo, de preenchimento facultativo, no qual o leitor pode fazer um resumo de máximo mil caracteres sobre a denúncia ou vazamento que irá realizar.

Por fim, ele precisa selecionar os arquivos a serem enviados, que podem ter as extensões apresentadas, a seguir, na Tabela 5.

**Tabela 5** – Tipos de arquivos que podem ser enviados pelo Folhaleaks

<b>Vídeos</b>	<i>.avi, .mpeg, .wmv, .mp4, .3gp (formato de celular)</i>
<b>Imagens</b>	<i>.jpeg, .gif, .png, .bmp</i>
<b>Som</b>	<i>mp3, .wav, .wma</i>
<b>Documentos</b>	<i>doc, .xls, .pdf, .txt</i>

Fonte: FOLHALEAKS. Disponível em: < <https://Folhaleaks.Folha.com.br>>. Acesso em 24 jun. 2013.

**Figura 1** – Interface do *Folhaleaks* para o leitor interessado em fazer uma denúncia ou vazamento da informação

The screenshot shows a web browser window with the URL `folhaleaks.folha.com.br`. The page features a blue header with the logo "folhaleaks". Below the header, there is a section titled "PARTICIPE" with the main heading "Envie informações de interesse público que possam merecer investigação jornalística da Folha." A sub-heading reads: "Se você tem informações de interesse público ou documentos inéditos que possam motivar uma investigação jornalística, poderá enviá-los ao FOLHALEAKS, preenchendo o formulário abaixo:"

The form contains several sections:

- Two radio button questions: "Gostaria de manter o anonimato?" and "Gostaria de eventualmente ser procurado pela reportagem para prestar mais informações?", both with "Sim" selected.
- A section titled "Em caso afirmativo, informe os seguintes dados, que não serão divulgados:" containing four input fields: "Nome", "E-mail", "Endereço", and "Telefone".
- An "Obs." note: "A Folha confirmará o recebimento das informações, mas não se obriga a informar o andamento e a conclusão de suas avaliações, nem se publicará ou não reportagem".
- A "Resumo da informação" text area with a character limit of 1000.
- An "Envio de arquivos" section with four "Selecionar Arquivo" buttons, each showing "nenhum arquivo selecionado".
- A list of supported file formats: "Videos: .avi, .mpeg, .wmv, .mp4, .3gp (formato de celular)", "Imagens: .jpeg, .gif, .png, .bmp", "Som: .mp3, .wav, .wma", and "Documentos: .doc, .xls, .pdf, .txt".
- "Cancelar" and "Enviar" buttons at the bottom.

At the bottom of the page, there is a link: "Obtenha mais informações sobre o serviço."

Fonte: FOLHALEAKS. Disponível em: < <https://Folhaleaks.Folha.com.br>>. Acesso em 24 jun. 2013.

Após anexar os arquivos desejados, o leitor tem a opção de clicar no botão "Cancelar" ou "Enviar". Se prosseguir com a denúncia, receberá a confirmação do envio, com um número gerado pelo sistema, em uma janela pop-up. Esse é o único comprovante existente sobre a denúncia realizada. O que acontece depois disso é – para o denunciante e para os leitores – uma grande incógnita, que será desvendada mais adiante, neste mesmo capítulo.

**Figura 2** – Comprovante de realização de uma denúncia ao Folhaleaks



Fonte: FOLHALEAKS. Disponível em: < <https://Folhaleaks.Folha.com.br>>. Acesso em 24 jun. 2013.

#### **4.4.2 Interface com o jornalista**

Se para o leitor, o contato com o *Folhaleaks* termina com o recebimento do comprovante apresentado na Figura 1, para o jornal o relacionamento começa naquele exato momento.

Dentro do jornal, a interface do *Folhaleaks* é visualmente similar a uma caixa de *e-mails*. Por questões de segurança, o sistema só pode ser aberto na sede do jornal, mediante uma senha. É proibido o acesso remoto e o administrador do sistema consegue monitorar o horário de entrada e de saída do usuário que o acessar.

Todas as mensagens chegam acompanhadas de um número, gerado automaticamente pelo sistema, idêntico ao apresentado ao leitor responsável pela denúncia. Com isso – pelo menos na teoria – seria possível acompanhar o andamento das denúncias e dos vazamentos realizados.

No lado direito das mensagens, aparecem três opções de botões com as cores verde (análise concluída), amarela (pendente) e vermelha (análise em aberto). Assim, o jornalista encarregado da análise das mensagens pode acompanhar melhor o *status* de cada uma delas..

Assim como em uma caixa de e-mail, o usuário precisa clicar na mensagem para abrir seu conteúdo. Os comandos disponíveis, nesse caso, são os seguintes: arquivar, responder ou encaminhar. A primeira opção é destinada às sugestões consideradas improcedentes ou desinteressantes. Neste caso, o usuário será obrigado a fazer um comentário explicando o motivo da decisão. Caso não poste nada, o sistema rejeitará o comando e a denúncia permanecerá em aberto.

A opção "responder" só é factível nos casos onde o leitor aceite se identificar – o que não costuma acontecer com frequência, segundo os jornalistas entrevistados neste estudo.

Por fim, existe a opção de "encaminhar", destinado às denúncias e aos vazamentos considerados jornalisticamente interessantes pelo *gatekeeper* do canal. Neste caso, envia-se um resumo de cerca de três linhas do conteúdo da denúncia ao *e-mail* profissional do secretário assistente de redação, responsável por aprovar ou não o encaminhamento da pauta. A partir de então, a mensagem deixa o sistema do *Folhaleaks* para circular dentro do sistema corporativo de e-mails da *Folha de S.Paulo*.

#### 4.5 O FLUXO DA INFORMAÇÃO NO FOLHALEAKS

Conforme já mencionado, não existem informações claras sobre o processo de seleção das denúncias enviadas ao *Folhaleaks* nem no site da *Folha*, nem nas reportagens divulgadas na época do lançamento do canal. O jornal não fala em prazos de análise, não especifica critérios de seleção e deixa bem claro que não se compromete a publicar a notícia. Tudo isso para se proteger de quaisquer tipo de problemas legais (ou de relacionamento) com as fontes do canal.

O mapeamento do processo de seleção das denúncias e vazamentos encaminhados pelo leitor ao canal só foi possível após a realização das entrevistas em profundidades realizadas ao longo da pesquisa. Os entrevistados que participam diretamente deste processo enumeraram a existência de cinco filtros, realizados por pessoas distintas. São eles:

**Filtro 1** – realizado por um repórter investigativo indicado pelo diretor-executivo do jornal para avaliar as denúncias sob uma ótica estritamente jornalística. Essa função é ocupada, desde o lançamento do canal, pelo repórter investigativo Frederico Vasconcelos.

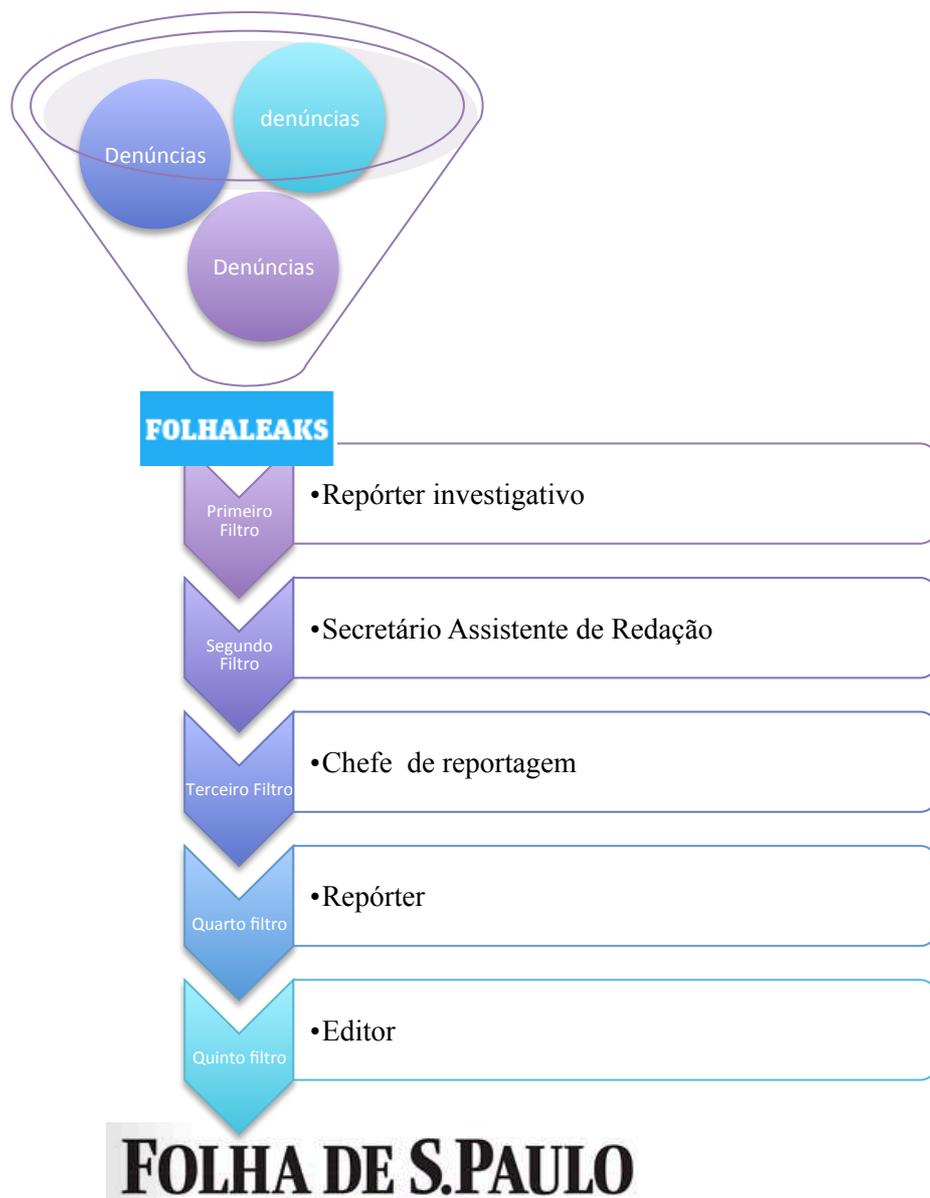
**Filtro 2** – realizada pelo secretário-assistente de redação, cujo papel é avaliar questões de ordem prática, como a disponibilidade dos repórteres, a necessidade de deslocamento para apuração e os custos envolvidos à realização da reportagem.

**Filtro 3** – fica aos cuidados dos chefes de reportagem das editorias às quais as pautas aprovadas pelo secretário-assistente de redação pertencem. Cabe aos chefes de reportagem verificar se existem repórteres disponíveis para realizar as

investigações propostas pelos leitores.

**Filtros 4 e 5** – Os dois últimos filtros o *Folhaleaks* são, respectivamente, o repórter e seu editor. A missão do primeiro é verificar se a denúncia é, de fato, procedente e – em caso negativo – descartá-la. Ao editor cabe selecionar as notícias que entram ou não na versão impressa do jornal.

**Figura 3** – Representação gráfica do processo de *gatekeeping* do *Folhaleaks*



Fonte: elaboração própria.

Definido o fluxo da informação, veio a questão mais delicada do processo de criação do *Folhaleaks*: a indicação do profissional que assumiria o papel de principal gatekeeper do canal. Caberia a ele fazer o primeiro, e mais complicado, filtro de seleção.

A diretoria-executiva da *Folha* e os repórteres envolvidos no projeto optaram por destacar para essa função um jornalista experiente, com amplo conhecimento sobre reportagens investigativas. O escolhido foi Frederico Vasconcelos, natural de Olinda (PE), na profissão desde 1967.

Formado em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, Vasconcelos é autor de três livros: "*Fraude*" (Scritta, 1994), "*Anatomia da Reportagem – como investigar empresas, governos e tribunais*" (Publifolha, 2008) e "*Juízes no Banco dos Réus*" (Publifolha, 2008). Fred – como é chamado na redação – também é autor do blogue "Interesse Público", hospedado no portal *Folha Online*.

Curiosamente, ele foi o único jornalista envolvido no processo de criação do *Folhaleaks* contrário ao canal por considerá-lo polêmico do ponto-de-vista jurídico. Além disso, ao ser entrevistado, deu várias declarações que o enquadram dentro de uma postura "tradicionalista" – classificação dada por Robinson (2010) aos jornalistas da "velha guarda", que rejeitam as possibilidades trazidas pelas NTICs e enxergam a interação com o leitor apenas como mais um trabalho a ser feito.

#### 4.5.1 *Gatekeeper* moderno

Uma ou duas vezes por semana – normalmente às segundas e às terças-feiras – Frederico Vasconcelos comparece à redação da *Folha de S.Paulo* para acessar o *Folhaleaks*. Como o sistema só pode ser acessado dentro da redação do jornal, Vasconcelos é obrigado a sair de casa para analisar as mensagens enviadas pelos leitores ao canal. "Hoje, eu nem precisaria mais vir na redação, porque consigo postar o meu blog de casa. Mas eu venho por causa do *Folhaleaks*.", informa<sup>11</sup>.

Fred passa meio período na redação, analisando as mensagens que recebe, com um certo ar de desconsolo. "Não quero ser o único filtro. "Me sinto desconfortável"<sup>12</sup>, afirma, categórico. Por isso, antes de descartar definitivamente uma denúncia, ele sempre busca a opinião do secretário-assistente de redação. Assim, a decisão é compartilhada.

---

<sup>11</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. Brasília, 2013. 1 arquivo .m4a (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>12</sup> *Ibid.*

Tal como o emblemático "*Mr. Gates*"<sup>13</sup> do estudo de White (1950), Vasconcelos foi escolhido para o papel de *gatekeeper* (selecionador) das denúncias enviadas ao *Folhaleaks* por seu notório conhecimento da profissão. Fato atestado por sua coleção de prêmios jornalísticos, que reúne:

- um Prêmio Esso;
- um Prêmio Bovespa de Jornalismo;
- um Prêmio BNB de Imprensa;
- um Prêmio Icatu de Jornalismo Econômico
- participação como finalista no "*Premio a la Mejor Investigación Periodística de un Caso de Corrupción*", do Instituto Prensa y Sociedad e Transparency International Latinoamérica y El Caribe".

Apesar da existência de uma janela de mais de 60 anos entre o modelo de atuação de *Mr. Gates* e de Vasconcelos, a teoria do *gatekeeping* continua válida nos dias de hoje, necessitando somente de algumas adaptações para se manter atual na Sociedade em Rede.

Um comportamento do *gatekeeper* que parece quase inalterado com o passar dos anos é a dificuldade de explicar, de forma clara, o processo de seleção das informações com potencial para ganhar as páginas do jornal. Tanto *Mr. Gates* quanto Vasconcelos consideram o processo "intuitivo". O selecionador moderno foi lacônico: "é uma mistura de faro com experiência"<sup>14</sup>.

Essa declaração de Vasconcelos deixa transparecer uma condição comum na profissão, percebida por teóricos como Wolf (2009), Kovach (2004) e Rosenstiel (2004): a maioria dos jornalistas não consegue sistematizar os critérios de seleção que utiliza para definir o que é ou não notícia. Tampouco consegue explicar como conseguem alcançar "a verdade" no processo de apuração e redação dos textos.

De acordo com Wolf (2009, p. 227), apesar de não conseguirem externalizar sua lógica, os jornalistas costumam utilizar os mesmos padrões de noticiabilidade, ainda que de forma automática e inconsciente.

---

<sup>13</sup> "Mr. Gates" é o nome dado por David Manning White em sua clássica pesquisa sobre os *gatekeepers* no contexto jornalístico. White observou quais critérios "Mr. Gates", um jornalista com 25 anos de experiência, utilizava para selecionar as notícias que seriam publicadas em um jornal de uma cidade de 100 mil habitantes nos Estados Unidos. Após verificar 1.222 explicações de recusa de uma notícia, White concluiu que as regras da profissão e o valor-notícia da história eram mais importantes para a seleção da pauta do que fatores meramente subjetivos. Conclusão confirmada por diversas pesquisas posteriores.

<sup>14</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. Brasília, 2013. 1 arquivo .m4a (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

Os valores/notícia são avaliados em suas relações recíprocas, em conexão uns com os outros, por "conjuntos" de fatores hierarquizados e complementares entre si, e não tomados de forma isolada ou singular; toda notícia requer, portanto, uma avaliação (por mais automática e inconsciente que seja) da disponibilidade e da fidedignidade das fontes, da importância ou do interesse do evento, da sua novidade, além dos critérios relativos ao produto, ao meio e ao formato. (WOLF, 2009, p. 227)

No caso específico do *Folhaleaks*, a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas, conseguimos identificar três critérios principais de seleção para as denúncias e vazamentos enviados pelo leitor ao canal. São eles: (a) o interesse público da informação; (b) a relevância do assunto; (c) o inesperado da situação (pautas curiosas). Esses três valores notícia não foram mencionados de forma clara e organizada por nenhum dos entrevistados. Eles foram obtidos a partir da análise do conteúdo das entrevistas realizadas com esses profissionais que, em algumas falas, deixam transparecer – ainda que de forma fragmentada – quais informação mais chamaram sua atenção no ambiente do *Folhaleaks*. Mais uma prova de que, apesar de estarem revendo seu papel na Sociedade da Informação, os profissionais da imprensa não refletem sobre sua rotina diária de produção. Como bem explicam Kovack e Rosenstiel (2004, p. 41): "as explicações convencionais dos jornalistas sobre a forma como chegam à verdade traduzem-se, geralmente, em respostas breves, retiradas de entrevistas, comunicações ou, pior ainda, de slogans de marketing".

Assim como alguns comportamentos adotados pelos *gatekeepers* quase não mudaram, outros foram completamente transformados. Em tempos de internet e comunicação convergente, o *gatekeeper* já não atua solitariamente e tampouco tem a função de abrir e fechar o portão das notícias. Na era das novas tecnologias da informação, os jornalistas começaram a perceber-se mais como intérpretes do que como guardiões da informação (AROSO, 2003). Tal percepção é endossada por Kovach (2005, *apud* HIRST, 2011, p. 192):

Um jornalista ficando no portão – abrindo-o para permitir a um fato que passe, mas fechando-o a outra informação que não foi verificada – parece tola, pois em ambos os lados do portão existe uma cerca abaixada e sem filtro, por onde as informações circulam indiscriminadamente. Ao invés de *gatekeepers*, jornalistas agora estão se transformando em árbitros.

Conforme explicado anteriormente, Kovach (2005) utiliza essa metáfora para mostrar que os jornalistas estão se consolidando como referência para a avaliação da confiança e da qualidade da informação.

Outra mudança importante do processo de *gatekeeping* foi apontada por Shoemaker e Vos (2009). Para os autores, as NTCIs deram ao leitor condições de influenciar o processo de

*gatekeeping* mais fortemente. Se antes, o jornalista tinha de "adivinhar" o que o leitor gostaria de ler, hoje, pode simplesmente consultá-lo por meio de enquetes *online*, verificar os comentários postados por eles sobre uma notícia ou checar o número de compartilhamentos de uma história nas redes sociais. E ainda existem ferramentas como o *Folhaleaks*, para onde eles podem enviar denúncias e vazamentos de informação com potencial para virar notícia.

#### 4.5.2 O olhar burocrático

Depois de passar pelo crivo de Frederico Vasconcelos, as denúncias do *Folhaleaks* são encaminhadas ao secretário-assistente de redação da *Folha*, no formato de uma pré-pauta de três ou quatro linhas. Cabe a ele avaliar a denúncia sob uma nova perspectiva: a operacional. É ele quem verifica questões de ordem prática, como a disponibilidade dos repórteres, a necessidade de deslocamento para apuração e os custos envolvidos na realização da reportagem.

Quando o *Folhaleaks* foi lançado, em 2011, o hoje secretário de redação da *Folha de S.Paulo*, Eduardo Scolese, ocupava o cargo de secretário-assistente. Coube a ele, portanto, a tarefa de realizar o segundo filtro das denúncias recebidas pelo novo canal em seu primeiro ano de funcionamento – recorte temporal desta pesquisa.

Em entrevista à pesquisadora, realizada no dia 16 de agosto de 2013, Scolese explicou os critérios utilizados por ele para realizar essa "segunda triagem". O primeiro deles eram os custos operacionais relacionados à apuração da pauta. O jornalista informou ter descartado muitas denúncias por considerá-las financeiramente inviáveis, já que envolviam o deslocamento, a hospedagem e a alimentação de repórteres. Outro fator crucial à aprovação da pauta era o grau de dificuldade da confirmação da história. O terceiro critério de seleção observado era a questão do espaço – muitas vezes, a pauta já estava lotada e não havia necessidade de se produzir novas matérias.

O fato de a *Folha* definir um segundo filtro para as denúncias e vazamentos do *WikiLeaks*, que considere uma lógica fundamentalmente econômica revela muito sobre o funcionamento atual dos jornais. Ao contrário do que defende Kovach (2004), os jornalistas não trabalham para os cidadãos. Eles trabalham para empresas privadas, que, como tal, priorizam o lucro. É como afirma Hirst (2012, p. 73. Livre tradução):

Essa pulsação constante em busca do lucro, somada à preocupação de reduzir custos tem sido uma influência importante nas formas como se fez jornalismo nos últimos 150 anos. O modelo comercial também opera intrinsecamente ligado com a agenda ideológica que Herman e Chomsky (1988) chamaram de consentimento para a industrialização da notícia.

O modelo proposto pela *Folha* está alinhado ao identificado por Alsina (2009. p. 184), que elenca três fatores fundamentais à geração de notícias: a audiência (interesse do leitor pela pauta), a acessibilidade da informação (facilidade de apuração e acesso às fontes) e a conveniência (condições materiais e humanas para a realização da apuração redação da notícia).

Ao primeiro gatekeeper do canal (Frederico Vasconcelos) cabe esse olhar mais jornalístico, que avalia se existem valores-notícia que justifiquem a investigação e se o resultado dessa apuração despertaria o interesse do leitor. O segundo filtro, de ordem "burocrática", está alinhados ao pensamento dos donos do jornal e dos gestores da redação, mais interessados em analisar fatores como o custo e o bom funcionamento da equipe de jornalistas. E é justamente aí que morrem a maior parte das denúncias e vazamentos enviados ao *Folhaleaks*. Afinal, conforme demonstrado, mesmo que uma pauta seja interessante para o público e tenha valor-notícia, ela pode ser engavetada por não atender aos critérios de economicidade adotados pelo jornal.

#### **4.5.3 Os filtros da rotina**

Se aprovadas pelo secretário-assistente de redação – que verificará a viabilidade "prática" da pauta – as denúncias do *Folhaleaks* serão enviadas aos chefes de reportagem das editorias as quais estão relacionadas. Na *Folha*, esse cargo costuma ser ocupado por jornalistas com a responsabilidade de coordenar o fechamento da edição no jornal, dentro do prazo previsto. Normalmente, é o chefe de reportagem quem sabe o que cada repórter está fazendo no dia e se a matéria estará pronta, checada e revisada a tempo de ir para a gráfica.

Os dois últimos filtros do *Folhaleaks* são, respectivamente, o editor e o repórter. A missão do primeiro é verificar se a pauta entrará na lista de matérias prioritárias da editoria ou se será enviada ao banco de pautas. Ao segundo cabe verificar se a denúncia é, de fato, procedente e – em caso negativo – descartá-la. Em caso positivo, ele realizará a apuração seguindo os princípios básicos do projeto editorial da *Folha*, descritos por Pinto (2010). São eles:

- **Manter a independência** – de acordo com a autora, a *Folha* é um jornal independente, cujas receitas provêm de mais de três mil anunciantes. Portanto, "nenhum deles isoladamente afeta a saúde financeira da empresa" (PINTO, 2010, p. 133) – fato que garante ao repórter uma relativa autonomia de trabalho. Tal afirmação esbarra na seguinte realidade: o poder econômico não é o único a interferir no grau de independência de um jornal. Segundo Thompson (2010)– autor da definição de poder utilizada nesta dissertação – existem quatro tipos principais de poder: o econômico, o político, o coercitivo e o simbólico. O primeiro deles refere-se à capacidade de as empresas financiadoras de um negócio suspenderem ou injetarem recursos para mantê-lo funcionando, fator responsável pela definição dos rumos editoriais de muitos veículos de comunicação (BREVINI; HINTZ; McCURDY, 2013). Já o poder político é exercido prioritariamente pelo Estado e por organizações representativas que atuam na "coordenação dos indivíduos e regulamentação dos padrões de sua interação" (THOMPSON, 2010, p. 40). O poder do tipo coercitivo "implica o uso, ou a ameaça, da força física para subjugar ou conquistar um oponente" (THOMPSON, 2010, p. 41), realidade vivenciada por jornais e jornalistas brasileiros durante o regime militar. Por fim, existe o poder cultural ou simbólico. Na definição clássica de Pierre Bourdieu (2012, p.188), "um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe". No caso da mídia, o poder simbólico é exercido de duas maneiras. Primeiramente, pelas instituições ou pessoas investidas de grande poder simbólico junto aos leitores e à redação, como a Igreja, a Justiça, lideranças políticas aliadas e outros. Embora não fique explícito, sempre que um jornalista precisa divulgar algo sobre esses grupos, a atenção em relação ao conteúdo ou a importância da pauta termina dobrada. Se o preço a ser pago for alto demais, provavelmente a história terminará arquivada. Por outro lado, o próprio jornal desfruta de poder simbólico junto à sociedade e aos leitores. Este "mandato" está intimamente ligado à credibilidade do veículo que – sempre que possível – evitará publicar notícias ou tomar posições capazes de reduzir sua boa imagem perante ao público.
- **Ser apartidário** – a *Folha* se diz um jornal desvinculado de partidos políticos, tendências ideológicas, grupos econômicos, governos ou líderes. Como visto no tópico anterior, toda empresa privada – inclusive os jornais – está subordinada a relações de poder e vão atender aos interesses de seus acionistas e dos grupos aliados a eles. Além disso, "no contexto de uma sociedade em que se desenvolve a luta de classes, os jornalistas não têm outra alternativa a não ser tomar partido" (ALSINA, 2005, p. 221).

- **Exercer a crítica** – no entendimento da *Folha*, "não basta relatar os fatos, é preciso expô-los à crítica", interpretando os fatos, analisando suas causas, verificando as possíveis consequências e fazendo as comparações cabíveis (PINTO, 2011, p. 2013). A recomendação é pertinente, pois como afirmam Hirst (2011) e Kovack (2004), uma das funções do jornalista na nova Sociedade em Rede é identificar – dentre o universo de informações disponíveis na *web* – em quais se pode confiar, validando e explicando os conteúdos que legitima, após apurar os fatos. Também seria papel dos jornalistas, especialmente dos que trabalham em veículos impressos, oferecer o máximo de informação possível sobre uma notícia para que os leitores possam refletir sobre o assunto e tomar suas próprias decisões sobre o tema. Decisões que serão mais conscientes e críticas se estiverem imbuídas da seguinte compreensão: a notícia não é representação fiel da realidade, pois é gerada a partir de um recorte dos fatos, incapaz de representar a totalidade de um acontecimento (ALSINA, 2009).
- **Ser pluralista e ouvir todos os lados da história** – uma das metas do projeto editorial da *Folha* é garantir a pluralidade de vozes dentro do jornal. Daí, a tradição de publicar artigos contrários e favoráveis a um mesmo assunto, a divulgação da opinião do "outro lado" da história e a diversidade da pauta. Pelo menos na teoria, a *Folha* arvora-se de não querer impor suas opiniões ao leitor, já que ele próprio seria capaz de avaliar os fatos e decidir por conta própria. Segundo Pinto (2010, p. 133), "não é errado publicar versões contraditórias; errado é o jornal ou o jornalista fazer-se árbitro da verdade e impedir uma ou várias versões de chegar ao leitor".
- **Ser preciso** – a diretoria e os editores cobram dos jornalistas uma apuração precisa dos fatos, dos horários, dos locais, das datas e dos números. O discurso institucional é claro: erros devem ser combatidos e corrigidos publicamente. Na avaliação de Alsina (2005, p.48), essa é uma das estratégias da mídia para tentar reforçar o "contrato pragmático fiduciário" – pacto de confiança existente entre a mídia e o leitor. Na prática, esse "contrato" funciona da seguinte maneira: quem lê o jornal deve acreditar que os fatos apresentados como notícias são verdadeiros e ocorreram tal como descritos pelo jornalista. "Se um jornal, digamos, não tem credibilidade, suas informações perdem o sentido virtual e não servem para a informação" (ALSINA, 2005, 48). Ainda na visão do autor, a criação da figura do *ombudsman* – da qual a *Folha* é pioneira no Brasil – é mais uma estratégia da mídia para fortalecer o contrato fiduciário. A verdadeira missão desse profissional seria a de "salvaguarda que garante o caráter verídico do discurso informativo, ou, pelo menos, consegue fazer as

correções pertinentes" (ALSINA, 2005, p. 232).

- **Ser moderno** – como já mencionado anteriormente, um dos desejos da *Folha* é ser reconhecido no mercado como uma empresa atenta às NTICs, característica apresentada à concorrência e à sociedade como uma "tradição de vanguarda" (PINTO, 2010, p. 107). O jornal busca estar sempre "sintonizado com o seu tempo" (PINTO, 2010, p. 134), introduzindo novos temas e debates na agenda pública.
- **Prestar serviços** – de acordo com o atual projeto editorial, as edições da *Folha* devem conter "informações úteis para a vida do leitor" (PINTO, 2010, p. 134). Além de interessante, portanto, as reportagens precisam ser relevantes para o cotidiano das pessoas. Tal visão encontra-se perfeitamente alinhada a Kovach e Rosentiel (2004, p. 153)

Jornalismo é contar histórias com uma finalidade. Essa finalidade é facultar às pessoas a informação de que precisam para compreenderem o mundo que as rodeia. O primeiro desafio é encontrar a informação de que precisam para viverem as suas vidas. O segundo é conferir-lhes um significado e torná-las relevantes e envolventes.

- **Ser didático, sucinto e analítico** – essas três características são complementares entre si. Na avaliação da *Folha*, o jornalista deve partir do pressuposto de que o leitor não domina o assunto sobre o qual ele irá escrever. Daí, a necessidade de municiá-lo com o maior número de informações possíveis, de uma maneira clara, objetiva e acessível. Vale esclarecer: na concepção do jornal, "ser sucinto não equivale a ser superficial" (PINTO, 2010, p. 134). Justamente por isso, é função do repórter estabelecer nexos entre os fatos, contextualizando-os e apresentando como os fatos descritos afetam a vida do leitor (PINTO, 2010, pp. 134-135).

Os princípios editoriais citados acima são importantes no contexto desta pesquisa, por fornecerem novas pistas dos atributos buscados pela *Folha de S.Paulo* na hora de selecionar quais denúncias e vazamentos da informação ganharão as páginas do jornal. .

#### 4.6 CONTEXTO LOCAL

Quando a *Folha de S.Paulo* decidiu lançar sua própria versão do *WikiLeaks*, a organização de Julian Assange estava – como de costume – envolta em polêmicas.

Duas semanas antes do lançamento do *Folhaleaks*, a principal fonte de inspiração do canal foi publicamente repudiada pelos cinco veículos de comunicação com os quais mantinha parceria: o jornal britânico *The Guardian*, o norte-americano *The New York Times*, o espanhol *El País*, o francês *Le Monde* e a revista alemã *Der Spiegel*. O grupo divulgou comunicado conjunto, deplorando a decisão do site de disponibilizar na íntegra os mais de 250 mil telegramas diplomáticos do *Cablegate* sem tomar as medidas de censura que – em lotes passados – preservaram a identidade de algumas pessoas citadas. A mudança, na avaliação dos cinco veículos, era "irresponsável", "colocava as fontes em risco" e deixava o criador do *WikiLeaks* sob pressão ainda mais intensa. Naquela época, Assange enfrentava pedido de extradição junto às autoridades britânicas, pela acusação de abuso sexual e "estupro"<sup>15</sup> de duas mulheres, na Suécia (FRANCE PRESS, 2011, s /p.).

O lançamento desse novo canal de comunicação, também remetia a um debate bastante em voga desde a criação do *WikiLeaks*: a necessidade de os governos, empresas e instituições serem mais transparentes sobre suas atividades. Debate aquecido, naquele ano de 2011, pela iminente votação do projeto de lei complementar que garantia a qualquer cidadão acesso a informações não sigilosa, financiados por dinheiro público – a chamada Lei de Acesso à Informação.

Um mês antes de o *Folhaleaks* ir ao ar, o PLC recebeu parecer contrário do senador Fernando Collor de Mello, na Comissão de Relações Exteriores do Senado. De acordo com o político, a aprovação da matéria provocaria o efeito de um "imenso *WikiLeaks* oficial, capaz de comprometer a soberania nacional" (FERREIRA; PINHEIRO, 2011). A crítica foi rejeitada e o projeto terminou aprovado, algum tempo depois.

Naquele mês de setembro de 2011, no entanto, ainda existiam muitas dúvidas sobre a necessidade de o Estado ser tão transparente a respeito de sua atuação. Em meio a esse clima de incertezas sobre o direito de acesso à informação, a *Folha de S.Paulo* lançou seu canal eletrônico para o recebimento de denúncias e vazamentos da informação, anônimas ou não.

#### 4.7 REPERCUSSÃO

A notícia do lançamento do *Folhaleaks* repercutiu nas redes sociais e na mídia. Diversos jornalistas e blogueiros elogiaram o pioneirismo do jornal, enaltecendo a abertura

---

<sup>15</sup> Assange é acusado de fazer sexo consensual sem camisinha, o que na Suécia implica em pena de até dois anos de detenção.

deste novo canal de interação com o leitor. O blogue *Jornalismo B*, de Alexandre Haubrich, foi um dos que mais apostou no sucesso do canal. No dia 20 de setembro de 2011, o jornalista escreveu:

É possível que, aos poucos, o recurso criado pela *Folha* funcione efetivamente. Se assim acontecer, certamente será copiada pelos outros veículos, e mesmo jornalistas independentes e blogueiros podem pensar em abrir espaços desse tipo – ainda que seus contatos com as fontes sejam já costumeiramente mais próximos e seletivos. As possibilidades que se abrem a partir da novidade da *Folha Online* são muitas. Se o recurso realmente pegar, aumenta a responsabilidade dos veículos sobre sua cobertura jornalística, e a discussão sobre a ética se renova imediatamente. É mais um canal que facilita a vida de quem tem interesse em vazar informações confidenciais. Checar tudo e publicar tudo o que for checado, atinja quem atingir, é o dever do bom jornalismo a partir daí. (HAUBRICH, 2011, s/p.)

A maior parte dos veículos de comunicação, no entanto, mostrava-se desconfiada em relação ao *Folhaleaks*. Um dia após o lançamento, em 19 setembro de 2011, o *Observatório da Imprensa* publicou o texto “O canal de denúncias da Folha”,<sup>16</sup> assinado pelo jornalista Luciano Martins Costa, apresentador do programa de mesmo nome e professor da *Fundação Getúlio Vargas*.

Segundo Costa, o sucesso do *Folhaleaks* parecia garantido como “ferramenta de marketing”. Afinal, o canal tinha garantido à *Folha* um posicionamento de impacto no mercado dos vazamentos digitais da informação, atraído a atenção dos leitores e garantido ao jornal mais um selo de “vanguarda” ao criar o primeiro canal de comunicação da imprensa brasileira dedicado ao recebimento de documentos, dados e vídeos com potencial para motivar investigações jornalísticas.

A ressalva feita pelo *Observatório* dizia respeito aos possíveis impactos deste novo canal na rotina de produção da redação. “A direção da *Folha* não divulgou informação alguma sobre o eventual aumento no número de profissionais em sua redação para atender a demanda de reportagens que deverá ser criada pelo novo instrumento” (COSTA, 2011, s/p.). De fato, durante as entrevistas realizadas nesta pesquisa, ficou claro que a *Folha* não contratou novos profissionais para cuidar do *Folhaleaks*, repassando a tarefa a profissionais do seu quadro de pessoal.

Em seu artigo, Costa afirmou não esperar muito das denúncias enviadas ao novo programa da *Folha*. “Como o leitor comum não costuma ter acesso a grandes esquemas, o que

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/o-canal-de-denuncias-da-fo-1>>. Acesso em: 12 set. 2013.

deve proliferar no *Folhaleaks* serão casos menores, que, no entanto, se observados em conjunto, podem estimular investigações importantes" (COSTA, 2011, s/ p.).

Apesar de o jornalista ter desconsiderado o fato de as NTICs terem democratizado o perfil das fontes (HIRST, 2011. BECKETT;BALL, 2012. BREVINI; HINTZ; MCCURDY, 2013), ele acertou parcialmente sua previsão. De fato, o *Folhaleaks* não conseguiu pautar nenhum grande escândalo durante seu primeiro ano de funcionamento – fato que será demonstrado no próximo capítulo.

Animada com a repercussão de seu novo canal, a própria *Folha* tratou de "suitar"<sup>17</sup> a matéria de lançamento – o que pode evidenciar, como Costa (2011) observou, uma possível estratégia de *marketing*.

No domingo seguinte à criação do *Folhaleaks*, dia 25 de setembro de 2011, o jornal divulgou a seguinte notícia na página A13, da Editoria Poder: "*Folhaleaks* recebe 700 denúncias em seis dias". Segundo o veículo,

as mensagens apontam suspeitas envolvendo administrações municipais, estaduais e federal. Há vários relatos com indícios de nepotismo, de licitações direcionadas e de contratações favorecendo empresas que têm políticos como proprietários. Foram recebidas denúncias de irregularidades em concursos públicos, malversação de recursos, distorções em instituições oficiais de ensino e de saúde, além de práticas condenáveis por empresas privadas ((FOLHA, p. A. 13, Editoria Poder, 2011)

Na semana seguinte, a revista *Meio e Mensagem* publicou matéria sobre o *Folhaleaks* com um título provocativo: "*Colaboração ou Terceirização da Pauta*". A matéria trazia depoimentos favoráveis e contrários à iniciativa. Um deles, bastante alinhado às percepções apresentadas nesta pesquisa. Segundo Cláudio Júlio Tognolli, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), "o fato de a *Folha de S.Paulo* criar um banco de furos a ser alimentado por leitores é uma das tantas tentativas para fazer com que aquela entidade outrora tão desprezada por nós, o leitor, passe a exercer papel ativo na produção midiática profissional"<sup>18</sup>. Um olhar lúcido sobre um pensamento que precisa ser extirpado das redações dos jornais de todo o mundo.

---

<sup>17</sup> Jargão jornalístico utilizado para descrever uma notícia que repercute outra publicada anteriormente (suíte). A palavra é proveniente do francês *suíte*, que significa série ou sequência.

<sup>18</sup> Disponível em: <[http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/em\\_perspectiva/2011/10/04/Colaboracao-ou-terceirizacao-da-pauta.html](http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/em_perspectiva/2011/10/04/Colaboracao-ou-terceirizacao-da-pauta.html)>. Acesso em: 03 fev. 2014.

## 5. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS MATÉRIAS DO FOLHALEAKS

*"Uma descoberta objetiva é imediatamente uma ratificação subjetiva. Se o objeto me instrui, ele me modifica".*

Gaston Bachelard (1972, p. 249, *apud* DUARTE; BARROS, 2012, p. 34)

O objetivo central deste capítulo é identificar o perfil das denúncias enviadas ao *Folhaleaks* que conseguiram chegar às páginas do jornal. As informações foram obtidas a partir da análise de conteúdo das nove reportagens publicadas na versão impressa da *Folha de S.Paulo*, que reconheceram oficialmente terem sido pautadas pelo canal. Esse *corpus* representa a totalidade das notícias publicadas, assinadas com a chancela do *Folhaleaks* entre os dias 18 de setembro de 2011 e 18 de setembro de 2012. No entanto, não é possível afirmar que corresponda ao total de matérias pautadas pelo canal.

De acordo com os jornalistas Frederico Vasconcelos (informação oral)<sup>1</sup>, principal *gatekeeper* do canal, e Roberto Dias (informação oral)<sup>2</sup>, editor de novas plataformas da *Folha*, as mensagens encaminhadas pelos leitores ao programa colaboram com a pauta do jornal "mais do que o que está realmente escrito com o nome dele", compondo apurações e adicionando informações a assuntos já divulgados. O próprio Vasconcelos admitiu – em entrevista à pesquisadora, realizada na sede do jornal, na cidade de São Paulo, no dia 15 de julho de 2013 – ter publicado matéria sugerida por um leitor ao *Folhaleaks*, sem mencionar a origem da informação. Como não existe nenhum tipo de acompanhamento formal sobre as pautas do *Folhaleaks*, é impossível mensurar o real impacto do canal na pauta do jornal. É possível, no entanto, identificar quais são as características em comum das reportagens publicadas com o selo do canal, montando um retrato qualitativo das denúncias e vazamentos encaminhados aos leitores que conseguiram passar por todas as etapas do processo de *gatekeeping* criado pelo jornal em seu primeiro ano de funcionamento.

O corpus analisado engloba as seguintes reportagens:

---

<sup>1</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>2</sup> DIAS, Roberto. Entrevista IV. [17 jun. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

**Tabela 6** – Reportagens publicadas na *Folha de S.Paulo* que reconhecem o *Folhaleaks* enquanto fonte

<b>Reportagem</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Editoria</b>
<i>Senado recontrata demitido em faxina</i> , publicada	6 de outubro de 2011	Poder
<i>Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mil em 5 dias</i>	9 de outubro de 2011	Poder
<i>Kassab recontrata servidor que usou cargo para criar PSD</i>	13 de novembro de 2011	Poder
<i>Prédios inacabados recebem Habite-se</i>	20 de novembro de 2011	Mercado
<i>Aeronáutica recomendou aproximação como o TCU</i>	21 de novembro de 2011	Poder
<i>Ministério Público pede legendas em filmes nacionais</i>	17 de fevereiro de 2011	Ilustrada
<i>Justiça de São Paulo passou 2 meses sem papel higiênico</i>	17 de fevereiro de 2012	Cotidiano
<i>Acusação faz cientista refazer mestrado</i>	7 de maio de 2012	Ciência+Saúde
<i>Prefeitura estuda tombamento do Paineiras</i>	9 de julho de 2012	Cotidiano

Fonte: elaboração própria.

Para facilitar a compreensão dos resultados, organizamos a análise de conteúdo realizada em quatro eixos temáticos. São eles:

1. Principais temas de cobertura das reportagens que reconhecem o *Folhaleaks* enquanto fonte e o seu enquadramento no projeto editorial do jornal. A *Folha*, nos anos de 2011 e 2012, trabalhava com as seguintes editorias fixas: Poder, Mundo, Mercado, Cotidiano, Ciência+Saúde, Esporte, Ilustrada e Folha Corrida. Conforme explanado na metodologia, tal constatação nos permite inferir os temários enviados pelo leitor que mais interessam ao jornal. Afinal, o fato de uma editoria estar mais presente que outra não reflete, necessariamente, que o leitor envie mais sugestões de pauta sobre a mesma. Por ser uma decisão editorial, ela tende a refletir tão somente o maior ou menor interesse do jornal sobre o assunto.
2. Destaque dado a essas matérias na edição impressa do jornal, a partir de indicadores como o tamanho do texto, a localização da matéria, o dia da semana da publicação, o destaque dado na capa e a quantidade de recursos editoriais utilizados. Outra informação importante é a maneira como o *Folhaleaks* é mencionado na reportagem.

3. Interesse das fontes por manterem-se ou não anônimas, visto que o *Folhaleaks* – tal como sua principal fonte de inspiração, o *WikiLeaks* – é apresentado como um canal seguro para o envio anônimo de informações privadas que deveriam ser de domínio público. No caso de a fonte falar em *on*, seria possível identificar o seu perfil (esfera do poder ao qual pertencem, direcionamento político, dentre outras informações). Já no caso de permanecerem anônimas, torna-se impossível averiguar o perfil das mesmas de forma precisa e confiável.
4. Perfil do "alvo" da reportagem, identificando-se a esfera do poder (Executivo, Legislativo, Judiciário, Empresa Privada, Instituições Públicas, Terceiro Setor) e o escalão ao qual pertencem. Tais informações fornecem pistas sobre as motivações das fontes das notícias.

Cada um desses eixos será aprofundado nas seções deste capítulo.

## 5.1 PODER EM PAUTA

O mau uso do poder político – seja na administração pública, em empresas privadas e até mesmo no ambiente universitário – foi o tema central de 100% das reportagens publicadas na edição impressa da *Folha de S.Paulo* que reconheceram terem sido pautadas por denúncias enviadas ao *Folhaleaks*. Esse é o principal resultado da análise de conteúdo das nove reportagens divulgadas durante o primeiro ano de funcionamento do canal – período compreendido entre os dias 18 de setembro de 2011 e 18 de setembro de 2012, em que procedemos à coleta dos documentos de nosso corpus.

Entenderemos como "poder político" as relações de forças realizadas dentro do campo político. Baseando-se no conceito de campo da obra de Pierre Bourdieu, Thompson (2002, p.130) explica: "falando de modo superficial, um campo é um espaço estruturado de posições sociais cujas propriedades são definidas principalmente pelas relações entre essas posições e pelos recursos ligados a ela".

Ainda segundo o entendimento de Thompson sobre a obra de Bourdieu, o campo político é essencialmente um sistema de autoridade que implica em regras e procedimentos complexos, que "autorizam certos indivíduos a mandar e delegam a outros a tarefa de obedecer" (THOMPSON, 2002, p. 131) – atribuições consolidadas e mantidas pelo chamado "poder simbólico". Para Bourdieu (2012, p. 188), trata-se de uma modalidade invisível de

poder, que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele. "É um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita (...) É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe" (BOURDIEU, 2012, p. 188).

No caso das nove reportagens vinculadas explicitamente ao *Folhaleaks*, o tema mais frequente diz respeito a abusos de poder. Quatro denúncias (44,4%) revelavam o favorecimento ilegal de pessoas e empresas. Destas, duas tratavam da recontração de funcionários afastados por usar cargos de confiança para atender aos interesses dos partidos políticos aos quais eram filiados, no caso, o Partido da República (PR) e o Partido Social Democrático (PSD). A terceira matéria apresentou um suposto "esquema de superfaturamento" que teria gerado um lucro de R\$ 9 milhões a uma empresa prestadora de serviços da prefeitura de Queimados, no interior do estado do Rio de Janeiro. A quarta e última trata da concessão irregular de "habite-se" a prédios inacabados, no estado de São Paulo, beneficiando cinco grandes construtoras.

O segundo assunto mais frequente nas reportagens atribuídas ao *Folhaleaks*, mencionado em um terço das reportagens (33,3%), são possíveis "falhas administrativas" no serviço público. Essas três reportagens tratam, essencialmente, de dois problemas de gestão:

1. **Falta de planejamento de licitações, problemas com o acompanhamento de contratos e elaboração inapropriada de editais** – esse foi o tema de duas reportagens. A primeira acusou o Justiça estadual de São Paulo de não ter se planejado corretamente, levando os tribunais do estado a passarem dois meses sem papel higiênico. A situação foi resolvida com uso "emergencial" de recursos destinados à compra de materiais, apesar de o órgão contar com um fornecedor contratado para aquisição desse tipo de insumo. A outra reportagem revelou que o Ministério Público de São Paulo teria aberto um processo contra a União para que esta começasse a exigir em seus editais de patrocínio a entrega de cópias legendadas de filmes nacionais. O objetivo da medida seria beneficiar os cerca de cinco milhões de brasileiros que possuem algum tipo de deficiência auditiva;
2. **Infrações de caráter ético** – a matéria *Aeronáutica recomendou aproximação de militares com TCU*<sup>3</sup>, publicada no dia 17 de fevereiro de 2012, revelou que militares de alta patente da Força Aérea Brasileira estimularam os servidores da aeronáutica a se aproximarem dos funcionários do Tribunal de Contas da União (TCU),

---

<sup>3</sup> VIZEU, Rodrigo. *Aeronáutica recomendou aproximação com TCU. Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 nov. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-6. Disponível no Anexo E desta dissertação.

convidando-os para os eventos oficiais da organização. O objetivo seria construir "laços amistosos" com o Tribunal, tendo em vista o "volume cada vez mais expressivo de demandas" do TCU, da Procuradoria e do Judiciário, motivadas por "denúncias" contra a FAB. Apesar de não ser ilegal, o convite para festas, jantares ou viagens pode ser visto como uma "afronta" ao inciso XII, do artigo 117 da Lei n. 8.112, que proíbe os funcionários públicos de "receber propina, comissão, presente ou vantagem de qualquer espécie, em razão de suas atribuições".

As duas denúncias restantes têm caráter mais personalista. A primeira tratou de uma acusação de fraude em uma dissertação de mestrado, ocorrida na Universidade Federal do Paraná (UFPR), que acabou tendo um "desfecho inusitado": o texto foi corrigido e republicado depois de quatro anos, alterando-se uma das fontes de dados. O alvo da denúncia não era o mestrando, mas sim o seu orientador, o médico Marcos Leal Brioschi, denunciado à universidade por seu ex-sócio, Mário Cimbalista Junior. A última teve como tema o possível tombamento como patrimônio histórico do Clube Paineiras, localizado no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo. Segundo a reportagem, a diretoria do clube discordou do estudo realizado pela prefeitura da cidade por medo de perder autonomia para realizar obras e melhorias em sua sede, ignorando a importância de preservar um dos poucos prédios públicos realizados pelo arquiteto Carlos Barjas Millan – um dos maiores expoentes da arquitetura moderna paulistana.

É importante ressaltar que nenhuma dessas reportagens repercutiu na grande imprensa ou agendou a opinião pública. Por tratarem de assuntos triviais, que impactavam um número pequeno e pouco expressivo de pessoas, as nove denúncias e vazamentos originários do *Folhaleaks* não mobilizaram os leitores. Justamente por isso, não podemos classificá-las como escândalos, entendidos nesta pesquisa como "acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2002, p. 40). O máximo de alcance obtido por essas reportagens foi a reprodução das mesmas em *sites* e blogues especializados.

Em linhas gerais, pode-se dizer que as nove denúncias e vazamentos enviados ao *Folhaleaks* que chegaram efetivamente às páginas da *Folha* tratam de informações consideradas "escandalosas" apenas no ambiente nas quais ocorreram. Elas não são fortes o

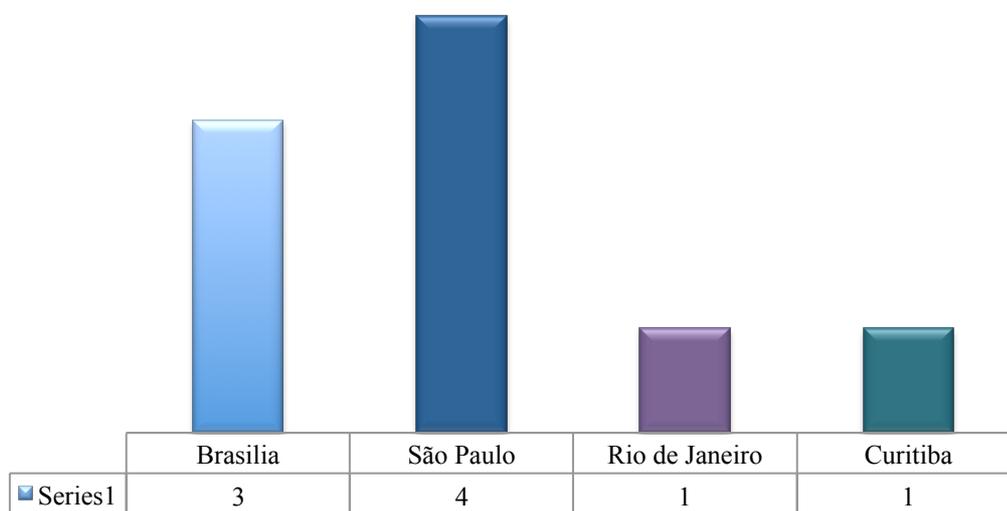
suficiente para "derrubar ministros", como afirmou Roberto Dias <sup>4</sup>, mas trazem informações importante sobre o que Frederico Vasconcelos<sup>5</sup> chamou de "Brasil real".

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o perfil das notícias publicadas no jornal a partir de mensagens enviadas ao canal, aqui apresentado, encaixa-se perfeitamente à visão de Vasconcelos<sup>6</sup> sobre o papel desempenhado pelo *Folhaleaks* atualmente. Segundo o jornalista, apesar de não trazer informações bombásticas, o *Folhaleaks* é um termômetro do que está incomodando a população. Constitui, portanto, uma boa fonte de pautas do cotidiano – característica sobre a qual nos aprofundaremos nas Considerações Finais desta dissertação.

Ainda em relação à temática, 67% das reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks* tinham caráter local, tratando de problemas restritos a uma cidade ou município. Destas, quatro relacionavam-se à cidade de São Paulo (66%), uma ao Rio de Janeiro (17%) e uma à Curitiba (17%).

O Gráfico 1, que segue, apresenta uma projeção proporcional da distribuição das matérias em relação às cidades de cujos assuntos tratam. Vejamos o gráfico:

**Gráfico 1** – Cidades onde ocorreram as denúncias que deram origem às reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks*



Fonte: elaboração própria.

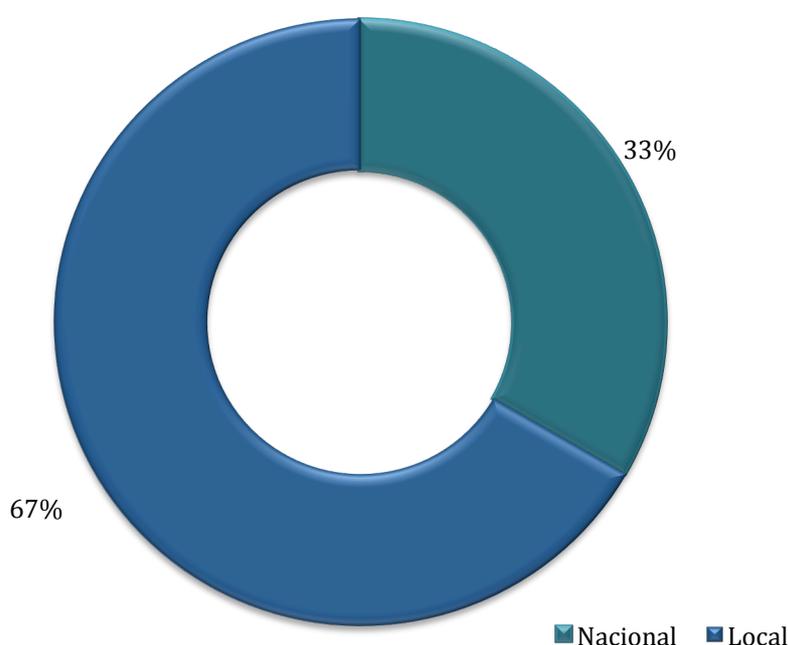
<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>6</sup> *Ibid.*

Ainda em relação à distribuição geográfica das matérias, podemos observar que foram publicadas, ainda, três matérias de abrangência nacional (33%), apuradas em Brasília. Todas elas tratavam de denúncias envolvendo as seguintes instituições públicas: o Senado Federal (“Senado recontrata demitido em faxina”),<sup>7</sup> a Força Aérea Brasileira (“Aeronáutica recomendou aproximação com o TCU”)<sup>8</sup> e o governo federal (“Ministério Público pede legendas em filmes nacionais”).<sup>9</sup> Veja-se o Gráfico 2 que sintetiza os resultados verificados:

**Gráfico 2** – Abrangência das reportagens atribuídas oficialmente ao Folhaleaks



Fonte: elaboração própria.

Embora todas as reportagens tratassem de conflitos relacionadas ao poder político, nem todas foram enquadradas na editoria "Poder". No processo de edição, a distribuição realizada pelo jornal foi a seguinte: Poder (56%), Mercado (11%), Cotidiano (11%), Ciência+Saúde (11%) e Ilustrada (11%). As editorias Mundo, Esportes e Folha Corrida não publicaram notícias com o selo "*Folhaleaks*". Vejamos a Tabela 6 que apresenta a síntese dessas informações.

<sup>7</sup> MELLO, Fernando. Senado recontrata demitido em faxina. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 out. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-10. Disponível no Anexo A desta dissertação.

<sup>8</sup> VIZEU, Rodrigo. Aeronáutica recomendou aproximação com TCU. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 nov. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-6. Disponível no Anexo E desta dissertação.

<sup>9</sup> BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Ministério Público pede legendas em filmes nacionais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2012. Folha Ilustrada, p. E-5. Disponível no Anexo F desta dissertação.

**Tabela 7** – Distribuição por editoria das matérias atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks*

Editoria	Nome da reportagem	Quantidade	Data
Poder	Senado recontrata demitido em faxina	5	06 out. 2011
	Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em 5 dias		09 out. 2011
	Kassab recontrata servidor que usou cargo para criar PSD		13 nov. 2011
	Prédios inacabados recebem "Habite-se"		20 nov. 2011
	Justiça de SP passou 2 meses sem papel higiênico		17 fev. 2012
Mercado	Aeronáutica recomendou aproximação com TCU	1	21 nov. 2011
Cultura (Ilustrada)	Ministério Público pede legendas em filmes nacionais	1	17 fev. 2012
Ciência+Saúde	Acusação fez cientista refazer mestrado	1	07 mai. 2012
Cotidiano	Prefeitura estuda tombamento do Paineiras	1	09 jul. 2012

Fonte: elaboração própria.

## 5.2 DESTAQUE DADO AO FOLHALEAKS NA PAUTA DO JORNAL

A primeira matéria produzida a partir de denúncias do *Folhaleaks* foi divulgada em uma quinta-feira, dia 06 de outubro de 2011, dezoito dias após o lançamento do canal. A reportagem, intitulada "Senado recontrata demitido em faxina"<sup>10</sup>, ganhou chamada de capa e apresentou a história de Mauro Barbosa Filho, chefe de gabinete do ex-ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento, demitido por participar do esquema de propina da pasta, que terminou por também derrubar Nascimento. Segundo a reportagem, Barbosa Filho foi contratado para trabalhar na 2ª Secretaria do Senado, comandada por um senador correligionário do antigo ministro, três meses após ser demitido do ministério. A denúncia foi enviada por um leitor ao *Folhaleaks*.

No domingo seguinte, 09 de outubro de 2011, a *Folha* divulgou nova matéria com o selo do *Folhaleaks*, também com chamada na capa. A denúncia envolvia um suposto esquema de compra e venda de terreno na cidade de Queimados (RJ), que teria implicado em um lucro de R\$ 9 milhões, em um período de cinco dias, para uma empresa prestadora de serviços à prefeitura. A negociação, segundo apurou a *Folha*, foi realizada pelo prefeito da cidade, Max

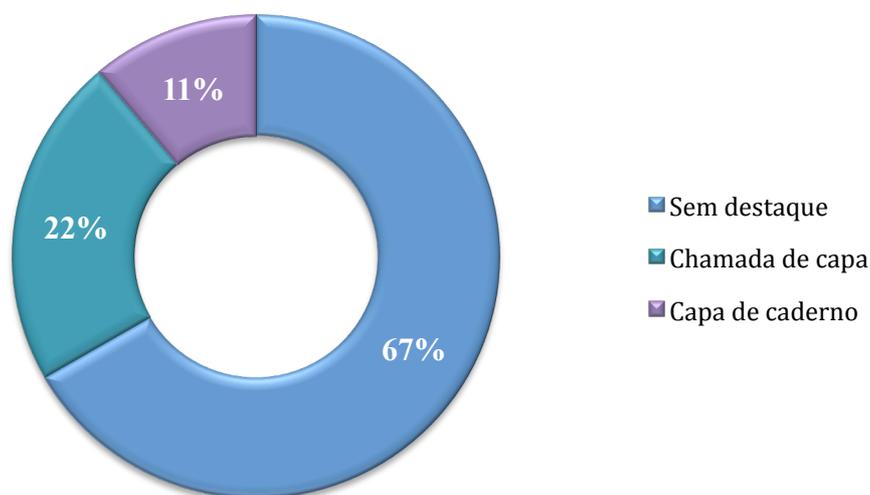
<sup>10</sup> MELLO, Fernando. Senado recontrata demitido em faxina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 out. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-10. Disponível no Anexo A desta dissertação.

Lemos (PMDB/RJ). Assim como no caso anterior, a matéria foi reproduzida na íntegra por pequenos *sites* e blogs, mas não repercutiu na grande imprensa e nem perante à sociedade.

Essas foram as duas únicas notícias decorrentes de denúncias enviadas ao *Folhaleaks* a ganhar destaque na capa do jornal. À época, havia um esforço por parte da *Folha* em promover esse novo canal que, com o passar dos meses, foi diminuindo significativamente. Tanto que das nove reportagens publicadas com o selo *Folhaleaks*, apenas essas duas foram publicadas com chamada de capa (22%), uma foi capa de caderno (11%) e seis não tiveram nenhum tipo de destaque na edição do jornal (67%),

Além disso, das nove reportagens divulgadas como o selo do *Folhaleaks*, apenas uma (11%) teve mais de uma página. A reportagem, intitulada "Prédios Inacabados recebem Habite-se"<sup>11</sup> foi publicada no dia 20 de novembro de 2011, um domingo, na capa do caderno Mercado, estendendo-se por outras duas páginas. Todas as demais reportagens (89%) ocuparam no máximo metade de uma página.

**Gráfico 3** – Destaque das reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks* no jornal



Fonte: elaboração própria.

A maioria das reportagens publicadas na *Folha*, com o selo do *Folhaleaks*, durante o primeiro ano de funcionamento do canal, foi publicada nos chamados "dias úteis" – destinados essencialmente à cobertura das notícias "do dia" (67%) e, portanto, em espaço

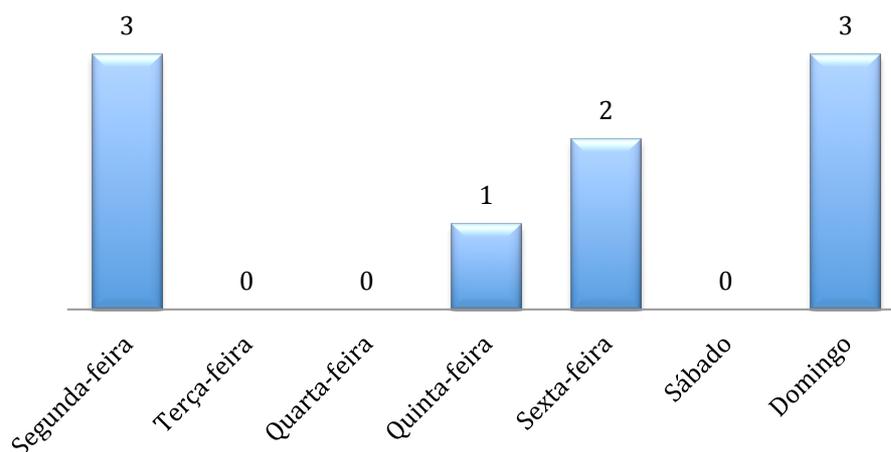
<sup>11</sup> FUSCO, Camila. Prédios inacabados recebem Habite-se. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, pp. B-1. Disponível no Anexo D desta dissertação.

editorial pouco "nobre". As pautas mais quentes, inéditas ou com maior potencial de atrair leitores são quase sempre divulgadas no domingo – tradicionalmente o dia de maior circulação dos jornais diários. A *Folha de S.Paulo*, por exemplo, tem circulação média de 321.535 exemplares aos domingos e 297.927, conforme levantamento do próprio veículo para o novembro de 2012.<sup>12</sup>

Das nove reportagens analisadas nesta pesquisa, apenas três (33,5%) foram publicadas em domingos. São elas: "Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em cinco dias"<sup>13</sup>, "Kassab recontrata servidor que usou cargo para fundar PSD"<sup>14</sup> e "Prédios incubados recebem Habite-se"<sup>15</sup>. Considerando-se uma visão estritamente editorial, essas seriam as três denúncias enviadas ao *Folhaleaks* com maior "valor-notícia". As duas primeiras foram publicadas na editoria "Poder" e a terceira na editoria "Mercado". Em comum, todas tratam de questões de favorecimento de terceiros, relacionadas ao mau uso da máquina pública.

Em relação às reportagens publicadas em dias úteis, a distribuição foi a seguinte: uma circulou na quinta-feira (11%), duas na sexta-feira (22%) e três na segunda-feira (33,5%) – dia em que se costumam utilizar matérias "frias" (não factuais) para preencher as páginas da edição.

**Gráfico 4** – Distribuição das reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks* de acordo com o dia da semana no qual foram publicadas



<sup>12</sup> Informação referente a outubro de 2012. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 18/01/2014.

<sup>13</sup> NOGUEIRA, Ítalo. Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em 5 dias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 out. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-8. Disponível no Anexo B desta dissertação

<sup>14</sup> LIMA, Daniela e RONCAGLIA, Daniel. Kassab recontrata servidor que usou cargo para criar PSD. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 nov. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-13. Disponível no Anexo C desta dissertação

<sup>15</sup> FUSCO, Camila. Prédios inacabados recebem Habite-se. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, pp. B-1. Disponível no Anexo D desta dissertação

Considerando-se, ainda, o destaque dado às reportagens do *Folhaleaks*, 77% trouxeram recursos editoriais que visam tornar a leitura mais atraente e/ou facilitar a compreensão dos dados apresentados, tais como fotos (85,7%), boxes (42,8%) e infográficos (28,6%). Apenas duas reportagens foram publicadas sem imagens de apoio.

Nenhuma das matérias publicadas ganhou suíte<sup>16</sup>. Todas, no entanto, foram reproduzidas integral ou parcialmente em *sites* noticiosos de baixa relevância e blogs especializados.

Para fins de pesquisa, definimos três classificações possíveis de relevância para as reportagens produzidas a partir de denúncias do *Folhaleaks*, que reconhecem o canal como fonte, descritas na Tabela 8, a seguir:

**Tabela 8** – Classificação das reportagens oficialmente atribuídas ao *Folhaleaks*, de acordo com a relevância da denúncia apresentada

Relevância da denúncia	Alta	Média	Baixa
Descrição	- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (Thompson, 2009, p. 40).	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública (definição concebida pela pesquisadora).	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública (definição concebida pela pesquisadora).

Fonte: elaboração própria.

No casos das nove reportagens analisadas, nenhuma foi forte o suficiente para provocar uma resposta da opinião pública. Por isso, não puderam ser enquadradas na definição utilizada pela pesquisadora de denúncia de "alta relevância" para a pauta do jornal.

As seis matérias classificadas como "média relevância" representam 67% do total e tratam de denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder<sup>17</sup>, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública.

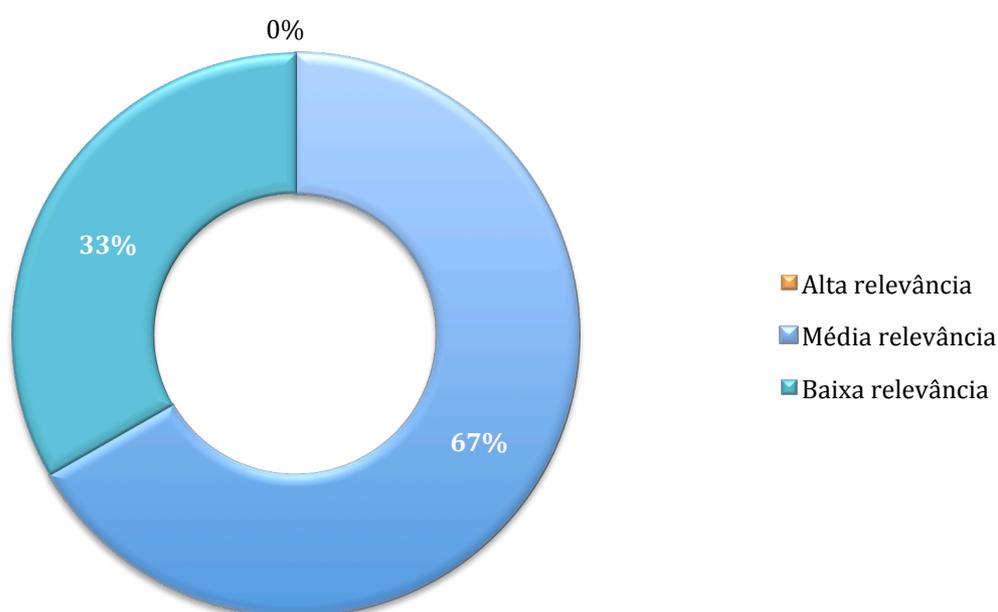
<sup>16</sup> Em jornalismo, designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia em edições anteriores. É uma palavra derivada do francês *suite*, isto é, série, sequência.

<sup>17</sup> Entenda-se por primeiro escalão as pessoas com maior poder dentro da hierarquia a qual pertencem. Já o segundo escalão é composto por gestores e pessoas com cargos e funções consideradas estratégicas dentro de determinada estrutura de poder.

Por fim, três reportagens (33%) foram classificadas como de baixa relevância para a pauta do jornal, por tratarem de denúncias ou vazamentos que afetaram pessoas do terceiro escalão do poder, ou seja, técnicos e profissionais de áreas operacionais, sem cargo de confiança ou função de gestor.

O Gráfico 5 que segue, apresenta a síntese dessas informações:

**Gráfico 5** – Relevância das reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks*



Fonte: elaboração própria.

Vale destacar que todas as matérias analisadas explicavam ao leitor o que era o *Folhaleaks*. Além disso, oito das nove reportagens que reconheceram o canal como fonte trouxeram o "serviço" do canal, mostrando ao leitor qual endereço eletrônico deveriam acessar para enviarem suas denúncias ou vazamentos da informação à redação da *Folha de S.Paulo*. Uma evidência do esforço da empresa em divulgar e fortalecer esse novo canal.

### 5.3 A QUESTÃO DO ANONIMATO

Os leitores que enviam mensagens ao *Folhaleaks* têm a opção de manterem-se ou não anônimos. No caso das nove reportagens analisadas, 100% dos informantes optou pelo

anonimato. Por conta disso, não foi possível identificar o perfil dos leitores que enviaram mensagens capazes de passar por todos os filtros de seleção estabelecidos pelo jornal, no período avaliado.

A opção pelo anonimato já era esperada pelo jornal, tanto ele se compromete formalmente – no site do *Folhaleaks* e nas matérias produzidas sobre o canal – a preservar o anonimato das fontes que não queiram se identificar – "procedimento autorizado pela Constituição brasileira quando necessário para garantir o direito à informação"<sup>18</sup>.

Essa percepção é endossada pelo editor de novas plataformas da *Folha*, Roberto Dias. Em entrevista à pesquisadora, ele explicou: o anonimato é a escolha natural do leitor, que tem receio de ter seu nome comprometido com a divulgação de histórias no jornal. "Se a pessoa escolhe esse canal (*Folhaleaks*), não quer ficar se mostrando" (informação oral)<sup>19</sup>.

Longe de ser infundado, esse "temor" da fonte é explicada inclusive na definição de vazamentos da informação dado por Thompson (2011, p. 188). Segundo o autor, ao tornar público documentos ou dados de caráter privado, o informante

sabe que sua ação vai causar problemas para outros, e sabe também que, se for identificado(a) como fonte do vazamento, sérias sanções lhes seriam impostas. Mas os riscos são aceitos como parte do preço a pagar para tornar público algo que, na sua opinião, deveria ser de domínio público.

Além disso, é sabido que os autores dos principais vazamentos da informação e denúncias dos últimos anos, no cenário internacional, estão presos ou foragidos. É o caso do soldado Bradley Manning, principal fonte do *WikiLeaks*, condenado em 2012 a trinta e cinco anos de prisão por crimes de espionagem, furto e violação da legislação militar. Também se aplica a Edward Snowden, o analista de informática que denunciou o esquema de espionagem PRISM, encabeçado pelo governo dos Estados Unidos. Snowden está provisoriamente exilado na Rússia, acusado pelo governo norte-americano de "roubo de propriedade do governo, comunicação não autorizada de informações de defesa nacional e comunicação intencional de informações classificadas como de inteligência para pessoa não autorizada" (HORWITZ, 2013, s/p. *apud Wikipedia*).

Mesmo quem vaza informações ou realiza denúncias de menor impacto, corre o risco de sofrer represálias diretas ou direcionadas à sua família. Existe o medo de perder o

---

<sup>18</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/976850-folha-lanca-site-para-receber-informacoes-de-fontes-anonimas.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

<sup>19</sup> DIAS, Roberto. Entrevista IV. [17 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaira Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .mp3 (51 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

emprego, ser perseguido pelos denunciados, ficar mau visto pelos pares, dentre outros. E é justamente por isso, que a maioria das denúncias enviadas ao *Folhaleaks* são anônimas. A informação foi dada pelo jornalista Frederico Vasconcelos – principal *gatekeeper* do canal – à pesquisadora. Segundo ele, as poucas denúncias assinadas normalmente são enviadas por membros da academia, da área médica ou por advogados, possivelmente interessados em transformarem-se em fontes do jornal<sup>20</sup>.

#### 5.4 QUEM ESTÁ NO ALVO?

O poder Executivo foi o alvo preferencial das denúncias e vazamentos enviados ao *Folhaleaks* que efetivamente chegaram às páginas da *Folha de S.Paulo*, reconhecendo este canal como fonte. Das nove reportagens analisadas, quatro (45%) denunciavam problemas relacionados a órgãos deste Poder, responsável por "administrar os interesses públicos, cumprindo as ordenações legais e a Constituição do seu país"<sup>21</sup>. No âmbito federal, o Executivo é chefiado pelo Presidente da República; no estadual, pelos respectivos governadores, e, no municipal, pelos prefeitos. Colaboram com o chefe do executivo os órgãos da administração direta – ministérios, secretarias de estado e prefeituras, dentre outros – e indireta, como as empresas públicas e demais autarquias.

As reportagens relacionadas a esse poder trouxeram denúncias contra:

- a. **A União (representada pelo Ministério da Cultura), a Agência Nacional de Cinema (Ancine), a Petrobrás e o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES)** – os órgãos citados foram alvo de ação aberta pelo Ministério Público de São Paulo, convocados a exigir cópias legendadas de filmes nacionais patrocinados com dinheiro pública, medida que beneficiaria os mais de cinco milhões de deficientes auditivos brasileiros. A denúncia foi publicada pela Folha no dia 17 de fevereiro de 2012, em reportagem intitulada *Ministério Público pede legendas em filmes nacionais*<sup>22</sup>.
- b. **Dois chefes do poder executivo municipal** – os acusados foram os prefeitos de São Paulo, Gilberto Kassab (PSD), e do município fluminense de Queimados, Max Lemos

---

<sup>20</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .mp3 (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>21</sup> Informação disponível no portal oficial do governo federal brasileiro

< <http://www.brasil.gov.br/governo/2010/01/poder-executivo>>. Acesso em: 19/01/2014.

<sup>22</sup> BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Ministério Público pede legendas em filmes nacionais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2012. Folha Ilustrada, p. E-5. Disponível no anexo F desta dissertação.

(PMDB). O primeiro foi acusado de reconduzir a um cargo de chefia um servidor público exonerado, após utilizar a subprefeitura da Freguesia do Ó, na capital paulista, para coletar assinaturas favoráveis à criação do PSD. O servidor foi exonerado em junho de 2011, e recontratado cinco meses depois, em novembro, para a subprefeitura de Ipiranga. Na ocasião do desligamento, Kassab afirmou à Folha ser "inadmissível que nós tenhamos uma vinculação das atividades públicas com o partido" (LIMA; RONCAGLIA, 2011, p. A-13)<sup>23</sup>. Ele não comentou a denúncia da recondução do servidor. Já Lemos foi apontado como chefe de um esquema que beneficiou um fornecedor da prefeitura de Queimados na venda de um terreno. A história foi publicada no dia 09 de outubro de 2011, na reportagem *Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em 5 dias*<sup>24</sup> (ver anexo).

- c. **As Forças Armadas** – a reportagem *Aeronáutica recomendou aproximação com o TCU*<sup>25</sup> conta uma história ocorrida no ano de 2009, quando militares de alta patente da Força Aérea Brasileira recomendaram a seus subordinados a criação de "laços amistosos" com funcionários do TCU. O caso já foi detalhado neste capítulo e envolve uma possível infração ética por parte dos militares. Como a pauta era totalmente "fria", acabou publicada em uma edição de segunda-feira, em espaço pouco nobre (metade inferior de uma página par).

O segundo alvo preferencial das reportagens publicadas com o selo *Folhaleaks* foram pessoas físicas (PF) e jurídicas (PJ). Das nove matérias analisadas nesta pesquisa, duas visavam atingir a reputação de empresas (22%) e uma tinha sido motivada por questões de ordem pessoal (11%). Juntas, portanto, elas somam 33% das publicações.

As matérias relacionadas às PJs foram publicadas nos dias 20 de novembro de 2011 (*Prédios inacabados recebem Habite-se*<sup>26</sup>) e 09 de julho de 2012 (*Prefeitura estuda o tombamento do Paineiras*<sup>27</sup>). Ambas foram mencionadas neste capítulo e questionam a forma de agir de cinco construtoras (Irish Empreendimento, Trisul, MVG, Gavis e Lúcio Engenharia) e um clube, o Paineiras – um dos mais tradicionais da cidade de São Paulo, localizado no bairro do Morumbi. Todas as empresas são acusadas de agir de forma antiética,

---

<sup>23</sup> Disponível no Anexo 3 desta dissertação.

<sup>24</sup> NOGUEIRA, Ítalo. Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em 5 dias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 out. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-8. Disponível no Anexo B desta dissertação.

<sup>25</sup> VIZEU, Rodrigo. Aeronáutica recomendou aproximação com TCU. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 nov. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-6. Disponível no Anexo E desta dissertação.

<sup>26</sup> FUSCO, Camila. Prédios inacabados recebem Habite-se. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, pp. B-1. Disponível no Anexo D desta dissertação.

<sup>27</sup> CORREA, Vanessa. Prefeitura estuda o tombamento do Paineiras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 mai. 2011. Folha Cotidiano, p. C-3, Disponível no Anexo I desta dissertação.

em interesse próprio, desconsiderando o impacto de suas decisões nas vidas dos clientes.

Já a matéria pautada por uma possível "vingança" pessoal foi publicada no dia 07 de maio de 2012, na editoria Ciência+Saúde, com o título *Acusação faz cientista refazer mestrado*<sup>28</sup>. Conforme mencionado também neste capítulo, o alvo da denúncia não era o mestrando, mas sim o orientador deste, o médico Marcos Leal Brioschi, então sócio da empresa Thermotronic.

Brioschi e seu orientando – o também médico Angelo Manoel Grande Carstens – foram denunciados à Universidade Federal do Paraná (UFPR) por fraude na dissertação, pelo sócio-proprietário da Thermotronic, Mário Cimbalista Júnior. Segundo este, as imagens utilizadas na pesquisa, defendida em 2008, são fraudulentas. A começar pelo fato de não terem sido realizadas em um laboratório da universidade, em 2007, e sim na cozinha de sua empresa, no ano de 2004. Segundo a reportagem, "os pesquisadores também teriam errado no número de ratos filmados no estudo, no número de roedores mortos no experimento e nas informações sobre os aparelhos utilizados." (LOPES, 2011, p. C-8)<sup>29</sup>.

A *Folha* apurou que Cimbalista Junior está processando Brioschi, mas nenhum dos dois quis comentar a ação judicial. A informação foi destacada na reportagem e demonstra o cuidado do jornal de realizar, sempre que possível, uma "apuração ativa" – em que o jornalista "revela e reúne pedaços de informações, criando entre elas ligações até então desconhecidas" (WAISBORD, 2010, p. XVI *apud* NASCIMENTO, 2010, p.16). Na forma passiva, o jornalista aceita a versão da fonte, contentando-se em confirmar e reproduzir os dados recebidos.

Outro cuidado do jornal é verificar as motivações das denúncias recebidas, pesquisando no *Google* e no Judiciário se os envolvidos nas denúncias e vazamentos com potencial para virar notícia são pessoas idôneas. O objetivo deste procedimento, segundo Frederico Vasconcelos, é evitar que o canal vire um "espaço para briga pessoal"<sup>30</sup>.

Finalmente, os poderes Judiciário e Legislativo foram foco de uma matéria cada. A notícia relacionada à Justiça parece ter ganho a pauta somente por seu caráter inusitado. Ela mostra que os banheiros dos prédios da Justiça estadual de São Paulo ficaram sem papel higiênico por dois meses, no início de 2012<sup>31</sup>. A falha teve caráter administrativo.

A reportagem relacionada ao poder Legislativo foi a primeira a ser publicada e

---

<sup>28</sup> LOPES, Reinaldo José. *Acusação faz cientista refazer mestrado. Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 nov. 2011. *Folha Cotidiano*, p. C-8.. Disponível no Anexo H desta dissertação.

<sup>29</sup> Disponível no Anexo 8 desta dissertação.

<sup>30</sup> Em entrevista à pesquisadora, realizada na sede da Folha de S.Paulo, no dia 15 jul. 2013.

<sup>31</sup> FERREIRA, Flávio. *Justiça de SP passou dois meses sem papel higiênico. Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 fev. 2011. *Primeiro Caderno, Poder*, p. A-5. Disponível no Anexo G desta dissertação.

envolve o Senado Federal. O teor da notícia foi apresentado no começo deste capítulo e envolve a recontração de um servidor demitido na "faxina" ministerial que derrubou o ex-ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento. O funcionário em questão, Mauro Barbosa da Silva, até hoje é beneficiado por seu ex-padrão. Conforme a revista *Veja* publicou em 08 de abril de 2013, na coluna de Lauro Jardim:

o servidor de carreira da CGU Mauro Barbosa da Silva não fica na chuva, independentemente dos problemas ao seu redor.

Varrido por Dilma Rousseff sob suspeitas de participação ativa nas tramoias da pasta, três meses depois Mauro Barbosa foi absorvido pelo Senado, em setembro de 2011: nomeado para ocupar uma cadeira na Segunda Secretaria da Casa, à época comandada por João Ribeiro, correligionário de seu padrinho, Alfredo Nascimento.

Ângela Portela assumiu a Segunda Secretaria e, ato contínuo, exonerou Mauro Barbosa, em 18 de março deste ano (2013). Sem problemas. Barbosa é um afortunado e, na prática, não ficou sequer um dia desempregado.

O amigo de Nascimento acabou de ser abrigado numa vaguinha na Diretoria-geral do Senado, em 1º de abril, com a mesma função. Por mês, recebe pelo menos 16 000 reais.

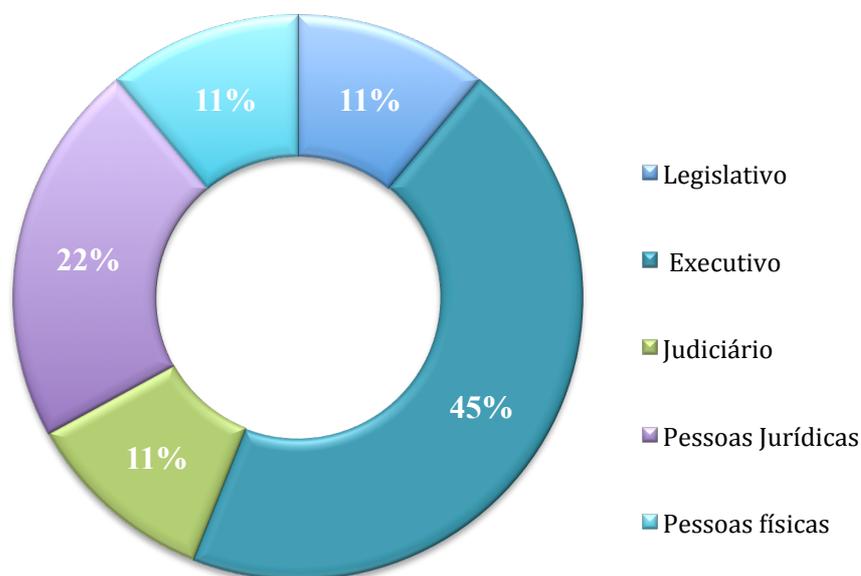
Para finalizar, passados dois dias de absorção no novo posto, foi publicado no *Diário Oficial* um ato tornando inválida a exoneração de Barbosa e outro, oficializando a simples transferência de departamentos (JARDIM, 2013, s/p).

Em relação ao tipo de poder do alvo da denúncia, quatro (45%) estavam relacionados ao segundo escalão, três ao terceiro (33%) e duas ao primeiro (22%).

Ao analisar os dados obtidos sobre os alvos das reportagens, pode-se inferir que as fontes de informações que conseguiram pautar o jornal priorizaram denúncias relacionadas à administração pública, estejam elas relacionadas ao Executivo, Legislativo ou Judiciário. Somadas, essas reportagens respondem por 67% das publicações realizadas com o selo do *Folhaleaks*. O jornal vê, com restrições, as denúncias com focos em "vinganças pessoais", tanto que apenas uma reportagem tratou do assunto (11%). Tal percepção foi confirmada, em entrevista, pelo jornalista Frederico Vasconcelos.

A síntese dessas análises é apresentada no Gráfico 6, a seguir:

**Gráfico 6** – Instituição a qual pertencem os alvos das reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks*



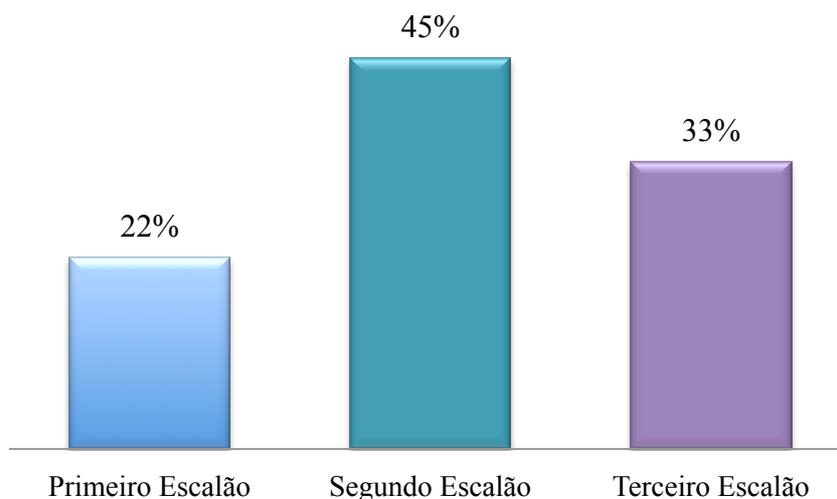
Fonte: elaboração própria.

Outra tendência apontada pela análise das reportagens: pessoas com cargo de confiança ou função estratégica em suas respectivas organizações são os alvos preferenciais das denúncias enviadas ao *Folhaleaks*, transformadas em notícia (45%). Possivelmente, por serem elas as responsáveis por operar a máquina pública, assinando contratos, efetuando contratações, lançando editais, dentre outros.

As principais lideranças dos três poderes – seja na esfera federal, municipal ou estadual – foram as menos citadas nas reportagens analisadas (22%), apesar de serem quase sempre responsáveis pelos atos de quem integra o chamado "segundo escalão". Isso não significa, em hipótese nenhuma, que elas cometam menos infrações ou atos que motivem vazamentos da informação ou denúncias. A hipótese mais provável é que os leitores que enviam denúncias ao *Folhaleaks* não têm acesso ao que acontece no primeiro escalão do poder.

Vejamos o Gráfico 7, em que projetamos a proporção dessas relações:

**Gráfico 7** – Esfera de poder dos alvos das reportagens atribuídas oficialmente ao *Folhaleaks*



Fonte: elaboração própria.

Os percentuais e as tendências extraídas da análise de conteúdo do nosso *corpus* foram cruzados com as informações obtidas tanto nas entrevistas em profundidade quanto nos processos de revisão bibliográfica e análise documental. Com isso, conseguimos chegar a uma conclusão importante sobre o impacto do *Folhaleaks* na pauta do jornal: o canal constitui uma boa fonte de pautas do cotidiano, trazendo para a *Folha de S.Paulo* informações sobre o que acontece dentro das repartições públicas (federais, estaduais e municipais), empresas privadas, universidades e outras instituições.

Se, logo no início, teve-se a impressão de que o canal traria ao jornal uma grande denúncia – similares às divulgadas pelo *WikiLeaks* –, esta se desfez com o tempo. Hoje, ele está consolidado como uma ferramenta de relacionamento com o leitor, que dialoga com a Sociedade da Informação, institucionalizando uma nova – e até hoje exclusiva, dentro da imprensa brasileira – forma de recebimento de documentos e informações com potencial para motivar investigações jornalísticas.

## 5.5 LIMITAÇÕES PRÁTICAS DO CANAL

O fato de o *Folhaleaks* nunca ter recebido uma grande denúncia, capaz de culminar em um "escândalo político" (THOMPSON, 2002), possui três possíveis explicações apontadas pelo grupo de jornalistas entrevistados nesta pesquisa:

1. Os brasileiros não têm a mesma cultura de fazer denúncias que o povo norte-americano. Naquele país, existe uma mítica favorável em torno de quem tem a coragem de se colocar em risco para revelar à sociedade informações sigilosas de interesse público (BREVINI; HINTZ: MCCURDY, 2013, p. 102). Aqui, ao contrário, "só raramente nos aplicamos de corpo e alma a um objetivo exterior a nós mesmos" (HOLANDA, Sérgio Buarque, 1995, p. 155). É bem possível que as pessoas temam fazer denúncias contra pessoas muito poderosas, com medo de sofrer represálias;
2. Quem tem uma grande denúncia em mãos ou poder para acessar o jornal, prefere conversar diretamente com o jornalista (segunda hipótese de pesquisa comprovada pela análise de conteúdo das entrevistas realizadas). Sendo assim, o *Folhaleaks* estaria "predestinado" a receber denúncias e vazamentos de informação enviados por leitores ou pessoas comuns – interessadas em tornar pública alguma informação que considerem relevante. Decerto, esses informantes também podem ter uma grande denúncia ou vazamento em mãos, visto que o perfil das fontes foi democratizados pelas NTICs (BREVINI; HINTZ: MCCURDY, 2013. HINTZ, 2011). Via de regra, no entanto, o *Folhaleaks* tende a receber informações de baixa e média relevância.
3. O medo de ter a identidade descoberta, já mencionado anteriormente, leva muitas pessoas a não denunciar esquemas de corrupção, abuso de poder, nepotismo, mau uso da máquina pública, dentre outras informações de interesse público. Essas pessoas temem ser prejudicadas pela delação, caso tenham a identidade descoberta pela imprensa, pela polícia ou pelos alvos dos vazamento da informação ou denúncias. Esse, aliás, é um tema que merece ser aprofundado em estudos posteriores sobre o relacionamento das fontes com os jornalistas, nos vazamentos digitais da informação.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa também permitiram à pesquisadora identificar outras quatro possíveis razões pela qual o *Folhaleaks* não tem uma presença ainda maior na pauta do jornal impresso. São elas:

- O *Folhaleaks* recebe muitas pautas regionais, especialmente denúncias de irregularidades ocorridas em prefeituras do interior do Brasil. Apesar de terem valor-notícia, essas sugestões terminam arquivadas por razões operacionais. Afinal, como explica o secretário de redação, Eduardo Scolese, o deslocamento de repórteres custa caro, envolve o pagamento de diárias e raramente resultam em matérias que mereçam tamanho investimento.

- A *Folha*, assim como a maioria dos jornais brasileiros, está com a redação cada vez mais enxuta e não tem condições de apurar todas as denúncias com valor-notícia que recebe do *Folhaleaks*. Na primeira semana do mês de julho, de 2013, a *Folha* extinguiu o caderno semanal *Equilíbrio* e anunciou o fechamento de 24 vagas na redação (6% do total). Segundo publicou a ombudsman do jornal, Suzane Singer, foi "a segunda leva de demissões em um ano e acontece na sequência das feitas pelo *Estado de S. Paulo* e pelo *Valor*"<sup>32</sup>. Diante dessa realidade, fica fácil perceber porque quase nunca existem repórteres disponíveis para apurar as denúncias enviadas pelos leitores ao *Folhaleaks*. Na verdade, chega a ser um contrassenso a *Folha* estimular o leitor a enviar denúncias e vazamentos da informação que a redação não tem condições de absorver. É como explicou Fernando Rodrigues: "O problema de criar o *Folhaleaks* é que as pessoas pensam: você cria o canal e pronto. E não é isso. Você precisa ter seres humanos, porque não tem como ter robôs para analisar isso aí. Porque precisa ter dinheiro envolvido. Tem material humano, profissionais que precisam ser remunerados. Ninguém vai ficar lendo dossiês, denúncias que chegam da internet de graça, por esporte"<sup>33</sup>.
- Uma parte dos leitores ainda não compreendeu os reais objetivos do *Folhaleaks*. Além das esperadas informações de interesse público, com potencial para ser transformada em uma investigação jornalística, o *Folhaleaks* recebe reclamações de leitores, comentários de matérias e dados pouco relevantes. De acordo com Frederico Vasconcelos, dentre as mensagens recebidas incluem-se até mesmo releases de assessoria de imprensa. Sem falar nas pessoas que enxergam esse canal como uma espécie de Procon (Instituto de Defesa do Consumidor). Sobre o conteúdo das mensagens enviadas ao canal, Roberto Dias faz uma comparação bastante pertinente: "Com o *Folhaleaks*, é como uma pesca de sardinha. Você joga a rede no mar e pega um monte de coisa. Vem lixo, vem peixe pequeno, mas também vem sardinha"<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/suzanasinger/2013/06/1292140-desequilibrio.shtml>>. Acesso em: 26 de jan. 2014.

<sup>33</sup> RODRIGUES, Fernando. Entrevista I. [15 ago. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. Brasília, 2013. 1 arquivo .m4a (55 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>34</sup> DIAS, Roberto. Entrevista IV. [17 jun. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (51 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

## 5.6 EXISTE FUTURO PARA O FOLHALEAKS?

Apesar de o *Folhaleaks* ainda não ter alcançado todo o seu potencial enquanto ferramenta de relacionamento com o leitor e banco de pautas, todos os jornalistas entrevistados para este estudo de caso deixaram bem clara a importância desse programa para o jornal. Os quatro entrevistados foram unânimes ao afirmar: essa é uma das principais apostas da diretoria do *Grupo Folha* para os próximos anos. "Dentro do nosso sistema, o *Folhaleaks* ocupa o espaço de um Leblon (bairro nobre do Rio de Janeiro). Boa parte do nosso sistema de interação com o leitor está ocupado pela estrutura técnica do *Folhaleaks*"<sup>35</sup>, explica o editor de novas plataformas da *Folha*, Roberto Dias.

O jornalista Fernando Rodrigues, pioneiro na parceria com *WikiLeaks*, acrescenta: o *Folhaleaks* é de grande relevância para o jornal porque traz novas informações e agrega um "sabor de modernidade"<sup>36</sup> à *Folha*, "um jornal que sempre se preocupou em inovar, em sair na frente, em acompanhar as tendências da sociedade"<sup>37</sup>.

O secretário de redação do jornal, Eduardo Scolese, destaca a importância do *Folhaleaks* enquanto canal de relacionamento com o público, seja ele leitor ou não da *Folha*. "Às vezes, a pessoa tem uma informação, quer mandar e quando descobre que a gente tem o canal, pode enviar para cá"<sup>38</sup>, sugere.

Até mesmo Frederico Vasconcelos – que, pessoalmente, não é entusiasta do canal – confirma o interesse da diretoria-executiva de manter o *Folhaleaks* funcionando. "O jornal aposta muito nele. Acha que é uma janela boa para ver o que acontece no mundo lá fora"<sup>39</sup>, analisa.

---

<sup>35</sup> DIAS, Roberto. Entrevista IV. [17 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

<sup>36</sup> RODRIGUES, Fernando. Entrevista I. [15 ago. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. Brasília, 2013. 1 arquivo .m4a (55 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>37</sup> *Ibid.*

<sup>38</sup> SCOLESE, Eduardo. Entrevista III. [16 ago. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. Brasília, 2013. A entrevista foi realizada por telefone e encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação

<sup>39</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .mp3 (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"O jornalismo será reinventado; mas julgando pelo que é atualmente feito nos cursos de jornalismo e em nome da pesquisa jornalística, as últimas pessoas a saberem disso talvez sejam os jornalistas profissionais".*

John Hartley, pesquisador da comunicação (2008a, *apud* HIRST, 2011, pp. 79-80. Livre tradução)

Existem dois olhares possíveis sobre a experiência do *Folhaleaks*. Os que pensarem no canal lançado pela *Folha de S.Paulo* como uma réplica brasileira do *WikiLeaks*, tendem a ficar desapontados. Após dois anos de funcionamento, o canal ainda não recebeu uma grande denúncia ou vazamento, desses capazes de provocar escândalos ou derrubar políticos. Tampouco conseguiu agendar a opinião pública – uma das especialidades do polêmico *site* de Julian Assange – ou aqueceu de forma significativa a pauta investigativa da *Folha de S. Paulo*. Mas existe um segundo olhar possível sobre o *Folhaleaks*, relacionado ao caráter inovador do canal. Mais do que um "clone", ele é um novo e – até hoje inédito, no Brasil – canal de relacionamento entre o jornal e o leitor interessado em vazar informações ou realizar denúncias. Quando visto sob esta ótica, o *Folhaleaks* desponta como uma ferramenta de aproximação com a sociedade, capaz de ampliar o conhecimento do jornal sobre os fatos e a transformar leitores, até então passivos, em colaboradores voluntários. Uma resposta – ainda em teste – do diário de maior circulação do País, ao atual momento de mudanças estruturais vivenciado pelo jornalismo.

Com um nome que faz referência explícita à organização noticiosa que mais divulgou vazamentos da informação na história do jornalismo, o *Folhaleaks* chegou ao mercado jornalístico com a devida pompa e circunstância. O canal foi lançado em um domingo – dia de maior circulação –, ganhou chamada de capa e garantiu à *Folha* mais um título relacionado ao pioneirismo tecnológico. Graças a essa iniciativa, o veículo da família Frias ganhou o direito de se posicionar no mercado como a primeira mídia brasileira a lançar um canal de relacionamento com o leitor dedicado exclusivamente ao recebimento de vazamentos da informação e denúncias.

Apesar da grande expectativa existente em torno do programa, o número de matérias formalmente atribuídas ao *Folhaleaks* foi exíguo. No período de um ano, a contar da data de lançamento do canal, foram publicadas apenas nove reportagens que reconhecem oficialmente terem sido pautadas pelo *Folhaleaks*. Em contrapartida, o programa recebeu setecentas mensagens em apenas seis dias. Perto do segundo aniversário, esse número ultrapassava a

casa dos três mil envios de informações<sup>1</sup>.

Existe, portanto, um descompasso entre a grande quantidade de denúncias recebidas e o reduzido número de matérias publicadas com a rubrica do canal. Das três hipóteses formuladas para explicar essa diferença, uma foi confirmada pelas entrevistas em profundidade: os jornalistas que escrevem matérias sugeridas pelo *Folhaleaks* não dão crédito ao canal para não perder a “paternidade” da reportagem. O que isso comprova? Em primeiro lugar, que as mensagens enviadas ao *Folhaleaks* estão mais presentes na pauta da *Folha de S.Paulo* do que se pode efetivamente mensurar. O jornalista Frederico Vasconcelos, por exemplo, admitiu ter escrito matéria baseada em uma mensagem enviada ao *Folhaleaks* sem dar crédito ao programa. Já o editor de novas plataformas do jornal, Roberto Dias, explica que as mensagens enviadas pelos leitores têm ajudado a compor apurações em andamento e aparecido em suítes, apesar de o nome do *Folhaleaks* não ser mencionado nas reportagens.

O fato de os jornalistas às vezes se recusarem a dar crédito aos leitores que enviam denúncias e vazamentos ao *Folhaleaks* revelam, ainda, a dificuldade desses profissionais para enxergar o leitor como um aliado no processo de construção da notícia e não como um mero consumidor. O cruzamento dos dados extraídos da análise de conteúdo das entrevistas, somada à revisão bibliográfica, apontam para a existência de duas razões principais esse fenômeno:

1. Um número não quantificado de jornalistas se recusa a dividir com o leitor-fonte a "paternidade" das reportagens, com o objetivo de manter-se como "protagonistas" do processo de construção da notícia. É como afirma Wolf (2009, p. 233), apesar de as fontes [no caso o *Folhaleaks*] "serem fator determinante à qualidade da informação", elas continuam "imprecisas na mitologia profissional, que tende, por sua vez, a enfatizar o papel ativo dos jornalistas, prejudicando a contribuição das fontes".
2. Os jornalistas não valorizam o canal e tampouco as denúncias sugeridas pelo leitor, deixando a apuração das matérias sugeridas pelo *Folhaleaks* em segundo plano. Eles preferem investir em apurações repassadas por fontes oficiais ou por informantes com os quais mantenham contato pessoal e ainda sentem dificuldade de enxergar o leitor comum como uma fonte capaz de repassar informações com potencial para gerar uma grande reportagem.

Essa resistência dos repórteres em relação ao canal é alimentada pela falta de acompanhamento e mensuração dos impactos do *Folhaleaks*. Segundo os três entrevistados

---

<sup>1</sup> Informação repassada em entrevista tanto por Roberto Dias quanto por Frederico Vasconcelos. A transcrição dessas entrevistas estão disponíveis, na íntegra, nos Apêndices B e D desta dissertação.

que trabalham diretamente com o programa, em São Paulo<sup>2</sup>, não existe nenhuma forma de controle do teor das mensagens enviadas ao *Folhaleaks*. Tampouco quantificam-se as sugestões transformadas em pauta e enviadas à redação, o número de reportagens efetivamente publicadas ou a repercussão dessas notícias. É como explicou Roberto Dias: "Vejo casos de sugestões que demoram três, quatro meses para serem apuradas. Quando sai, ninguém mais lembra que veio do *Folhaleaks*. E a gente não faz esse controle"<sup>3</sup>. E se o próprio jornal não investe no acompanhamento da ferramenta, é porque não deve estar tão interessado em fazê-lo crescer.

E justamente devido à falta de uma política consistente de monitoramento e avaliação do programa, torna-se impossível verificar o número exato de matérias pautadas pelo *Folhaleaks* desde o seu lançamento. Identificamos nove reportagens que mencionam o canal enquanto fonte. Existe, no entanto, um número desconhecido de textos escritos com informações do programa, que não reconhecem terem sido pautadas por sugestões enviadas ao *Folhaleaks*.

## **MUITO MARKETING, POUCA TRANSFORMAÇÃO**

Apesar de a *Folha* apregoar um discurso voltado à inovação e ao diálogo com os leitores, depoimentos obtidos nas entrevistas em profundidade revelam a existência de uma certa rejeição ao canal. Frederico Vasconcelos, por exemplo, questionou a utilidade do mesmo: "Temos uma limitação de espaço no jornal, limitação de recursos... Será que vale a pena jogar pauta atrás de pauta para o repórter? Eu acho melhor não"<sup>4</sup>. Eduardo Scolese concordou e acrescentou: "Às vezes, a pauta já está lotada, não dá para ficar colocando coisa nova. E não é só porque vem do *Folhaleaks* que a gente tem a obrigação de dar"<sup>5</sup>.

Uma declaração de Vasconcelos, em especial, trouxe à tona um pensamento ainda presente nas redações dos grandes jornais, como a *Folha de S.Paulo*, relacionado à forma como os jornalistas encaram os leitores: "Se eu ficar respondendo ao leitor, ele vai querer

---

<sup>2</sup> Frederico Vasconcelos, Roberto Dias e Eduardo Scolese. O jornalista Fernando Rodrigues fica lotado em Brasília.

<sup>3</sup> DIAS, Roberto. Entrevista IV. [17 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (51 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação

<sup>4</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação

<sup>5</sup> SCOLESE, Eduardo. Entrevista III. [16 ago. 2013]. Entrevistadora: Guaíra Flor. Brasília, 2013. Entrevista realizada por telefone, sem possibilidade de gravação. A transcrição encontra-se disponível no Apêndice C desta dissertação

manter diálogo comigo, vai cobrar a publicação da matéria. Não tenho tempo para isso"<sup>6</sup>. Diante desse cenário, fica claro que o discurso de interatividade da *Folha* ainda é vazio, pelo menos em relação ao *Folhaleaks*.

A análise dos dados coletados neste estudo de caso revelou que, apesar de não contar com o apoio irrestrito da redação, o canal tem ajudado a *Folha* a identificar pautas relacionadas ao mau uso do poder político, em âmbito local (67%) e nacional (33%). As denúncias transformadas em pauta tendem a ser de média (67%) e baixa relevância (33%), afetando pessoas de todas as esferas do poder sem, no entanto, mobilizar a opinião pública.

Mais que isso, os dados coletados e as análises realizadas apontam que o programa só não tem presença maior na pauta do jornal – tanto em quantidade quanto em relevância – porque os jornalistas da *Folha* mantêm uma visão "tradicionalista" das possibilidades de interação oferecidas por esse novo canal. Falta sensibilizar os repórteres sobre a real importância de estreitar o relacionamento com o leitor para "suprir as lacunas deixadas pelo encolhimento da redação, além de fidelizar o leitor à marca" (ROBINSON, 2011, p. 127. Livre tradução). Os jornalistas precisam perceber que os novos canais de interação com o leitor podem ajudar a "salvar o jornalismo, tornando as notícias mais relevantes e significativas para as pessoas" (ROBINSON, 2011, p. 127. Livre tradução).

Se a redação adotasse uma nova postura verdadeiramente "convergente" em relação ao *Folhaleaks* – valorizando as pautas enviadas pelos leitores, dando crédito ao canal e incentivando o envio de novas denúncias e vazamentos –, o canal poderia conquistar mais espaço na pauta e atender aos anseios de interação do leitor 2.0. Cresceriam, inclusive, as chances de ele receber uma grande denúncia. Mas essa mudança de pensamento talvez seja complicada demais para profissionais acostumados a enxergarem-se como heróis. Desses que saem às ruas, descobrem a notícia e – com um pouco de sorte – salvam o mundo ao final do dia. Admitir ser apenas um "organizador dos fatos", dentro de um processo às vezes industrial de construção da notícia, parece ser uma tarefa árdua demais para quem costuma pensar em si mesmo como o "dono da história".

Por fim, vale destacar: embora não adote uma política interna consistente de fortalecimento e valorização do *Folhaleaks*, a *Folha* acredita na iniciativa e quer mantê-la funcionando – fato reconhecido por 100% dos entrevistados desta pesquisa.

O principal motivo para isso é o fato de ele trazer novas pautas e informações ao

---

<sup>6</sup> *Ibid.*

jornal, funcionando como um "termômetro do que está incomodando a população"<sup>7</sup>. Some-se a isso, o enorme potencial do *Folhaleaks* para transformar o leitor comum em um colaborador ativo, capaz de ajudar o jornal a enxergar histórias de locais, instituições e pessoas às quais ele jamais teria acesso. Seja por estar fisicamente distante, não conhecer as fontes certas ou não possuir profissionais em quantidade suficiente para cobrir tudo o que acontece nas grandes capitais.

Um terceiro fator determinante à valorização do *Folhaleaks* pelo jornal é o fato de ele "falar a língua do século XXI; a língua do mundo digital; a língua de uma nova geração que consome notícias de uma forma diferente"<sup>8</sup>. Ao lançar um canal como esse, a *Folha de S.Paulo* prova estar se esforçando para entrar nesse mundo novo, mantendo-se conectada à nova sociedade em rede. Falta – como vimos ao longo desta pesquisa – colocar esse discurso em prática.

---

<sup>7</sup> VASCONCELOS, Frederico. Entrevista II. [15 jun. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. São Paulo, 2013. 1 arquivo .m4a (36 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação

<sup>8</sup> RODRIGUES, Fernando. Entrevista I. [15 ago. 2013]. Entrevistadora: Guáira Flor. Brasília, 2013. 1 arquivo .m4a (55 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal e PEREIRA, Fábio Henrique. Mudanças Estruturais no Jornalismo: alguns apontamentos. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJOR), 2010, São Luís. **Anais**. São Luís: UFMA, 2010.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. *A Construção da Notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ARAÚJO, William Fernandes. Reflexões tardias sobre os impactos do fenômeno Wikileaks. In VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJOR), 2013, Brasília. **Anais**. Brasília: UnB, 2013. Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0ByrvDp7Wj5aJZWhuTHN VR3A1djj/edit?pli=1](https://docs.google.com/file/d/0ByrvDp7Wj5aJZWhuTHNVR3A1djj/edit?pli=1)>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.
- AROSO, Inês Mendes Moreira. A Internet e o novo papel do jornalista. In: LABCOM – Laboratório de Comunicação e Conteúdos On-line, Covilhã, 2003 [online] Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2013
- ASSANGE, Julian. Documentos revelam infiltrações políticas dos EUA em diferentes países. **Folha de S.Paulo**, 29 nov. 2010. Folha Poder, p. A-4.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Ministério Público pede legendas em filmes nacionais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2012. Folha Ilustrada, p. E-5. (Disponível, na íntegra, no Anexo 6 desta dissertação).
- BECKETT, Charlie. Journalism and Power: The Importance of the Institution. **Polis Blog**, Londres, 27 jun. 2011. Disponível em: < <http://blogs.lse.ac.uk/polis/2011/06/27/journalism-and-power-the-importance-of-the-institution/>>. Acesso em: 3 dez. 2013.
- BECKETT, Charlie; BALL, James. **Wikileaks – news in the network era**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Ofício de Sociólogo – metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRAZILIAN daily creates a “Folhaleaks” to help combat rampant corruption. **MercoPress**. Montevideo, 21 set. 2011. Disponível em: <<http://en.merco press.com/2011/09/21/brazilian-daily-creates-a-folhaleaks-to-help-combat-rampant-corruption>>. Acesso em: 04/01/2012;.
- BREVINI, Benedetta; HINTZ, Arne; McCURDY, Patrick. **Beyond Wikileaks – implications for the future of communications, Journalism and Society**. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- CALDERONE, Michael. How Glenn Greenwald Began Communicating With NSA Whistleblower Edward Snowden. **The Huffington Post**, New York, 10 jun. 2013. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2013/06/10/edward-snowden-glenn-greenwald\\_n\\_3416978.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/06/10/edward-snowden-glenn-greenwald_n_3416978.html)>. Acesso em: 22 nov. 2013.

- CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Galáxia da Internet** – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. La ciberguerra de Wikileaks. **La Vanguardia.com**. Espanha, 11 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20101211/54086305259/la-ciberguerra-de-wikileaks.html>>. Acesso em: 05 nov. 2013.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. Momento Teórico. Aula 16: Na tipologia, iniciação a uma teoria das Fontes, entendidas como parte integrante do Jornalismo. **Net**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.oxisdaquestao.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2013
- COOK, Timothy E. O Jornalismo Político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6 pp. 203-247, jul.-dez. 2011
- CORRÊA, Elizabeth Saad; MADUREIRA, Francisco. Jornalista cidadão ou fonte de informação: estudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros. **Estudos em Comunicação**, Universidade de São Paulo, v. 1, n. 7 pp. 157-184, mai. 2010
- CORREA, Vanessa. Prefeitura estuda o tombamento do Paineiras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 07 mai. 2011. Folha Cotidiano, p. C-3. (Disponível, na íntegra, no Anexo 9 desta dissertação).
- COSTA, Luciano Martins. O canal de denúncias da Folha. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, 19 set. 2011. Disponível em: <[http://obs.postbox.com.br/news/view/o\\_canal\\_de\\_denuncias\\_da\\_lt\\_i\\_gt\\_folha\\_lt\\_i\\_gt](http://obs.postbox.com.br/news/view/o_canal_de_denuncias_da_lt_i_gt_folha_lt_i_gt)>. Acesso em: 22 nov. 2011.
- DEL BIANCO, Nélia. Remediação do Radiojornalismo na Era da Informação. II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJOR). Salvador, 2004. **Anais**. Salvador: UFBA, nov. 2004. Disponível em: <[http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/ii\\_sbpjor\\_2004\\_cc\\_11\\_-\\_nelia\\_del\\_bianco.pdf](http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/ii_sbpjor_2004_cc_11_-_nelia_del_bianco.pdf)>. Acesso em: 6 dez. 2013.
- DEMERS, David. **Dictionary of Mass Communication & Media Research**: a guide for students, scholars and professionals. Washington: Marquette Books, 2005.
- DOMINGOS, José Antônio; COUTO, Sergio Pereira. **Wikileaks** – segredos, informação e poder. São Paulo: Idea Editora, 2011.
- DUARTE, Helder. Jornal Britânico revela parte da entrevista de Snowden, **G1**, Nova Iorque, 09 de jul. 2013. Informação disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/07/jornal-britanico-revela-parte-de-entrevista-de-edward-snowden.html>>. Acesso em: 05/02/2014.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.
- DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DONINI, Adriana. Denúncia também pode ser colaborativa na internet. **Plural: observatório de comunicação e cidadania**. São Paulo, 30 set. 2011. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia/2011/11/30/denuncia-tambem-pode-ser-colaborativa-na-internet/>>. Acesso em: 4 jan. 2012

- FELICE, Massimo Di (Org.). Do Público para as Redes – A comunicação social e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Editora Difusão, 2008.
- FLYNN, Kathryn. The Practice and Politics of Leaking. **Social Alternatives**. v. 30, n. 1 pp. 24-28, 2011.
- FRANCE PRESS, Wikileaks publica 250 mil mensagens de diplomatas dos EUA. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 2 set. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/969354-wikileaks-publica-250-mil-mensagens-de-diplomatas-dos-eua.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2013.
- FERREIRA, Aloysio Nunes e PINHEIRO, Walter. Tempo de cidadania. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 11 de set. 2011. Conteúdo disponível no endereço: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1109201107.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2013.
- FERREIRA, Flávio. Justiça de SP passou dois meses sem papel higiênico. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-5. (Disponível, na íntegra, no Anexo 7 desta dissertação).
- FOLHA DE S.PAULO. FOLHA lança canal para que internauta sugira investigações. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 set. 2011. Folha Poder, p. A-12.
- \_\_\_\_\_. CRÍTICA, pluralidade e apartidarismo em um espaço de reformulação. **Net**. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto\\_editorial\\_plural.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/projeto_editorial_plural.htm)>. Acesso em: 02 dez. 2013.
- \_\_\_\_\_. FOLHALEAKS recebe 700 denúncias em seis dias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 set. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/980690-folhaleaks-recebe-700-mensagens-em-seis-dias.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- \_\_\_\_\_. MÍDIA internacional faz crítica a nova divulgação do Wikileaks. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 set. 2011, Folha Mundo, p. A-20
- FRAGA, Plínio. Aos EUA, Rio previu ação "traumática" no Alemão. **Folha de S.Paulo**, Rio de Janeiro, 7 dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0712201001.htm>>. Acesso em: 15 set. 2013.
- FUSCO, Camila. Empresas negam irregularidade em obras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, p. B-3. (Disponível, na íntegra, no Anexo 4 desta dissertação).
- \_\_\_\_\_. Prédios inacabados recebem Habite-se. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, pp. B-1. (Disponível, na íntegra, no Anexo 4 desta dissertação).
- \_\_\_\_\_. Prefeituras divergem sobre vistoria obrigatória de imóvel para Habite-se. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, pp. B-3. (Disponível, na íntegra, no Anexo 4 desta dissertação).
- GIRON, Luis Antônio. Manuel Castells: "A mudança está na cabeça das pessoas". **Revista Época**, São Paulo, 11 de out. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>>. Acesso em: 13/10/2013
- GIRON, Luis Antônio. Umberto Eco: "Informação demais faz mal". **Revista Época**. Milão, 4 de jul. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/bumberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html>>. Acesso em: 13 out. 2013

- GUTERMAN, Marcos. Os “Papéis Palestinos”: modos de ler. **Estadão.com.br**. São Paulo, 24 de jan. 2011. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/marcos-guterman/os-papeis-palestinos-modos-de-ler/>>. Acesso em: 24 nov. 2013.
- GUTIÉRREZ, Bernardo. Um portal periodístico inspirado em Wikileaks. **Alfa Centauro**. São Paulo, 19 set. 2011/. Disponível em: <<http://alfazentauro.wordpress.com/2011/09/19/folhaleaks-un-portal-periodistico-inspirado-en-wikileaks/>>. Acesso em: 04 jan. 2012.
- GRAY Jonathan (org). El Manual de Periodismo de Dato. **Net**. Disponível em: <<http://interactivos.lanacion.com.ar/manual-data/index.html>>. Acesso em: 05 out. 2013
- G1. Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA. **G1**, São Paulo, 2 jul. 2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>. Acesso em: 22/11/2013.
- HAUBRICH, Alexandre. Folhaleaks e a web como modernização do garganta profunda. **Jornalismo B**. Porto Alegre, 20 set. 2011. Disponível em: <<http://jornalismob.wordpress.com/tag/Folhaleaks/>>. Acesso em: 2 nov. 2011.
- HIRST, Martin. **News 2.0: can journalism survive the internet?**. Crow Nest, Austrália: Allen&Unwin, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JARDIM, Lauro. Quem tem nascimento tem tudo. São Paulo, 08 abr. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/tag/mauro-barbosa-da-silva/>>. Acesso em: 19 out. 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura de Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo – o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público exigir**. Porto: Porto Editora, 2004.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org). **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LIMA, Daniela e RONCAGLIA, Daniel. Kassab recontrata servidor que usou cargo para criar PSD. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 nov. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-13. (Disponível, na íntegra, no Anexo 3 desta dissertação).
- LOPES, Reinaldo José. Acusação faz cientista refazer mestrado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 nov. 2011. Folha Cotidiano, p. C-8. (Disponível, na íntegra, no Anexo 8 desta dissertação).
- MAROCCO, Beatriz (Org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- McCULLAGH, Declan. 2010. Wikileaks' estranged co-founder becomes a critic. **CNET**, New York, 20 jul. 2010. Disponível em:<[http://news.cnet.com/8301-31921\\_3-20011106-281.html](http://news.cnet.com/8301-31921_3-20011106-281.html)>. Acesso em: 09 nov. 2013.

- MEIO E MENSAGEM. COLABORAÇÃO ou terceirização da pauta. **Meio e Mensagem**. São Paulo, 4 out. 2011. Disponível em: <[http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/em\\_perspectiva/2011/10/04/Colaboracao-ou-terceirizacao-da-pauta.html](http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/em_perspectiva/2011/10/04/Colaboracao-ou-terceirizacao-da-pauta.html)>. Acesso em: 22 nov. 2011
- MELLO, Fernando. Senado recontrata demitido em faxina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 out. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-10. (Disponível, na íntegra, no Anexo 1 desta dissertação).
- MURTA, Andrea. Site exibe ataque dos EUA a civis em Bagdá e incomoda governos. **Folha de S.Paulo**, Washington, 18 abr. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1804201006.htm>>. Acesso em: 25 set. 2013.
- NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas** – o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.
- NASSIF, Maria Inês. A UDN, os IPMs e a mídia brasileira. **Carta Maior**. São Paulo, 29 set. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/A-UDN-os-IPMs-e-a-midia-brasileira-/22674>. Acesso em: 04 jan. 2012.
- NOGUEIRA, Ítalo. Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em 5 dias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 09 out. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-8.
- NOVAIS, Maria Elisa. Consumidor deve agir como "fiscal" da construção de imóveis. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2011. Mercado, p. B-4.
- PACHECO, Liliana. Wikileaks e Internet: O que poderá mudar no jornalismo a partir daqui. **Net**. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-02.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- PEREIRA, Fábio Henrique. Conversando com jornalistas – A perspectiva do Interacionismo simbólico. In: MAROCCO, Beatriz (Org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalismo em Tempos de Mudanças Estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, pp. 38-57, jan./jun. 2011.
- POLISTCHUK, Ilana. **Teorias da Comunicação** – o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.
- POPPER, Karl. **Em busca de um mundo melhor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PRIMO, Alex (Org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- RAMON y CAJAL. Regras e Conselhos sobre a investigação científica. São Paulo: USP, 1979. pp. 9-23
- RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo** – das mídias de massa à massa de mídias. Trad. Douglas Estevam. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.
- ROBINSON, Sue. Traditionalists vs. Convergents : Textual Privilege, Boundary Work, and the Journalist – Relationship in the Commenting Policies of Online News Sites. **Convergence** v. 16, n. 1 pp. 125-143, 2010.
- RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ/Editora Sulina, 2009.

- RODRIGUES, Fernando. Brasil teme terror na Rio-2016, dizem EUA. **Folha de S.Paulo**, Brasília, 2 dez. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0212201007.htm>. Acesso em: 15 set. 2013.
- \_\_\_\_\_. Documento revela que, para EUA, Itamaraty é adversário. **Folha de S.Paulo**, Brasília, 30 nov. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po3011201002.htm>. Acesso em: 15 set. 2013.
- \_\_\_\_\_. EUA avaliam que submarino nuclear é “elefante branco”. **Folha de S.Paulo**, Brasília, 01 dez. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0112201002.htm>. Acesso em: 15 set. 2013.
- \_\_\_\_\_. EUA relatam que FAB disse preferir F-18. **Folha de S.Paulo, Brasília**, 05 dez. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po0512201012.htm>. Acesso em: 15 set. 2013.
- \_\_\_\_\_. Folha e Wikileaks: como se estabeleceu o contato. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 06 fev. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0602201107.htm> > Acesso em: 15 ago. 2013.
- \_\_\_\_\_. PF disfarça prisão de terroristas, dizem EUA. **Folha de S.Paulo, Brasília**, 29 nov. 2010. Folha Poder, p. A-4.
- RUBLECKI, Anelise. Metamorfoses jornalísticas: leitores e fontes como instâncias coprodutoras de conteúdos no jornalismo líquido. **Estudos em Comunicação**. n. 10 pp. 337-354, Dezembro de 2011.
- SELIGMAN, Laura; FURTADO, Monike L. S. Interação online: o jornalismo que provoca a reação dos leitores na web. **Estudos em Comunicação** n. 9 pp. 391-409, mai. 2011.
- SILVA, Luiz Martins da. Sociedade, Esfera Pública e Agendamento. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Porto Alegre: Vozes, 2007. p. 143-167.
- SINGER, Suzane. Desequilíbrio. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 09 de jul. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/suzanasinger/2013/06/1292140-desequilibrio.shtml> > . Acesso em: 26 jan. 2014.
- SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro. Brasília: Senado Federal, 2009.
- SEMER, Marcelo. Denuncismo pavimenta caminho para sociedade do controle. **Terra Magazine**. São Paulo, 28 set. 2011. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/blogdomarcelosemer/blog/2011/09/28/denuncismo-pavimenta-caminho-para-sociedade-do-controle/>>. Acesso em: 04 jan. 2012
- SIFRY, Micah. **Wikileaks and the age of Transparency**. Berkeley: Counterpoint, 2011.
- SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégicas das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.
- SMITH, John L. Benjamin Franklin: america's first whistleblower. **Scholarship**. Washington, 19 dez. 2013. Disponível em: <http://allthingsliberty.com/2013/12/benjamin-franklin-americas-first-whistleblower/>>. Acesso em: 22 dez. 2013
- SOUSA PINTO, Ana Estela. **Folha Explica**. São Paulo: Publifolha, 2012.

- THAROOR, Ishaan. The Treaty of Guadalupe Hidalgo Scandal. **Time**, New York, 29 nov. 2010. Disponível em: <[http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2006558\\_2006562\\_2006599,00.html](http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2006558_2006562_2006599,00.html)>. Acesso em: 10 nov. 2013
- THE GUARDIAN. NSA whistleblower Edward Snowden: 'I don't want to live in a society that does these sort of things'. **The Guardian**. Londres, 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0hLjuVyIrs>>. Acesso em: 22 nov. 2013.
- \_\_\_\_\_. THE Madness of Bradley Manning. **Net**. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=rRx3Edwq\\_2Y&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=rRx3Edwq_2Y&feature=player_embedded)>. Acesso em: 28 out. 2013.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Vol. I – Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- THOMPSON, John Brookshire. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O Escândalo Político*. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. **Net**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/94324938/Gaye-Tuchman-As-noticias-como-uma-realidade-construida>>. Acesso em: 05 out. 2013
- TV CULTURA. FOLHA Leaks, Vitrine. **Net**. Youtube, 25 out. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=87gBrhugCIw>>. Acesso em: 11 dez. 2013
- UOL. Total de mortes no Rio chega a 37, segundo balanço da PM. **UOL**, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/11/29/total-de-mortos-no-rio-chega-a-37-segundo-balanco-da-pm.htm>. Acesso em: 15 set. 2013.
- VIANA, Natália. Como conheci Julian Assange – e como os documentos do WikiLeaks vieram parar no Brasil. Publica: **Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo**. São Paulo, 15 jul. 2011. Disponível em: <[http://www.apublica.org/2011/07/como-conheci-julian-assange-e-como-o-wikileaks-veio-parar-o-brasil/](http://www.apublica.org/2011/07/como-conheci-julian-assange-e-como-o-wikileaks-veio-parar-o-brasil/#sthash.hq7EaH2J.dpuf)>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- \_\_\_\_\_. How Wikileaks revitalized Brazil's media. **The Nation**. New York, 13-20 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.thenation.com/article/169081/how-wikileaks-transformed-brazils-media#>>. Acesso em: 26 dez. 2013.
- VIEGAS, Waldyr. **Fundamentos da metodologia científica**. Brasília: Paralelo 15/Editora Universidade de Brasília, 1999.
- VIEIRA, Ana Lúcia Menezes. **O sigilo da fonte de informação jornalística como limite à prova no processo penal**. 2012. Tese (Doutorado em Direito Processual) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-05032013-074847/>>. Acesso em: 28 nov. 2013.
- VIZEU, Rodrigo. Aeronáutica recomendou aproximação com TCU. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 nov. 2011. Primeiro Caderno, Poder, p. A-6.
- WEBER, Max. **A ciência como vocação**. Net. s/ L.: s/ ed., 1921. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/weber\\_a\\_ciencia\\_como\\_vocacao.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Editora WMF/ Martins Fontes, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

# **ANEXOS**

## ANEXO A

Título da reportagem: Senado recontrata demitido em faxina

Data de publicação: 6 de outubro de 2011 Editoria: Poder

FOLHA.COM/FOLHALEAKS

# Senado recontrata demitido em 'faxina'

Chefe de gabinete do ex-ministro dos Transportes Alfredo Nascimento é nomeado assessor de outro senador do PR

**Senador de Tocantins diz que o ex-ministro pediu um cargo para o servidor afastado: "Ele precisava trabalhar"**

FERNANDO MELLO  
DE BRASÍLIA

Um dos exonerados durante a "faxina" no Ministério dos Transportes, o engenheiro Mauro Barbosa da Silva ganhou o cargo de assessor técnico na Segunda Secretaria do Senado, comandada pelo senador João Ribeiro (PR-TO).

Barbosa era chefe de gabinete do então ministro dos Transportes e hoje senador, Alfredo Nascimento (PR-AM), quando foi acusado de participar de um esquema de cobrança de propina na pasta. A Folha foi avisada da contratação por uma mensagem ao **Folhaleaks**, canal criado pelo jornal para receber informações e documentos.



Anderson Cruz/ABR

### QUEM É MAURO BARBOSA



> Era chefe de gabinete de Alfredo Nascimento quando surgiram suspeitas de desvios no Ministério dos Transportes



> Foi afastado por suspeita de integrar esquema de cobrar a propina de empreiteiras e consultorias para que executassem serviços para a pasta



Lida Menzel/Folhaleaks

### FOLHALEAKS

A Folha foi avisada da contratação de Barbosa para um cargo no Senado por meio do **Folhaleaks**, um canal na **Folha.com** para receber informações e documentos que possam originar uma investigação jornalística



**FOLHA.COM**  
Conheça o projeto  
**Folhaleaks**  
[folhaleaks.folha.com.br](http://folhaleaks.folha.com.br)

> Gal, "a visibilidade depois da revelação de que construiu uma casa de 1.300m², com três pavimentos em área nobre de Brasília, avaliada em R\$ 4 milhões

as medidas serão tomadas".

Alfredo Nascimento informou que o convite é "inicialmente conjunta" de várias lideranças do PR. "Filhado ao partido, ele [Barbosa] será lotado na Segunda Secretaria e a escolha de seu nome decorre do reconhecimento de suas

qualificações profissionais."

Servidor concursado da Controladoria-Geral da União, Barbosa foi cedido ao Senado por um ano, segundo o "Diário Oficial" de 29/9. Seu salário continuará sendo pago pela CGU, mas, como terá cargo de confiança, receberá

até R\$ 10,1 mil do Senado. Ele ainda não tomou posse. A **Folha** não o localizou ontem.

Barbosa foi citado em reportagem da revista "Veja" como um dos participantes de um esquema de superfaturamento de obras. Após seu afastamento, descolou-se

que Barbosa construiu uma casa em Brasília de 1.300 m².

Na época ele disse que a obra custaria R\$ 2,1 milhões, obtidos graças à venda de um apartamento de R\$ 1,5 milhão e a empréstimos na CEF e BB. Corretores avaliam que, pronta, a casa valerá R\$ 4 milhões.

**Título da reportagem:** Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mil em 5 dias

**Data de publicação:** 9 de outubro de 2011 **Editoria:** Poder

FOLHA.COM/FOLHALEAKS

## Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em 5 dias

Max Lemos (PMDB), de Queimados, diz que valorização dos terrenos na região é muito rápida

**Fornecedora da cidade vendeu área a empresa austríaca, que depois foi beneficiada com isenção de imposto**

ITALO NOGUEIRA  
DORIO

A venda de terreno para instalação de uma fábrica austríaca em Queimados (RJ) rendeu lucro de R\$ 9,2 milhões em apenas cinco dias a uma empresa fornecedora do município da Baixada Fluminense. Neste período, o valor da área passou de R\$ 2,5 milhões para R\$ 11,7 milhões.

Os contatos para a negociação foram intermediados pelo prefeito da cidade, Max Lemos (PMDB).

A companhia austríaca RHI comprou por R\$ 11,7 milhões da empresa Jogasus a área de 980 mil m<sup>2</sup> para instalar fábrica de peças para a indústria siderúrgica, em novembro de 2010.

Cinco dias antes, o mesmo terreno havia sido comprado pela Jogasus —que é uma pequena empresa de construções de Duque de Caxias—por apenas 21% desse valor.

A **Folha** tomou conhecimento da transação por meio do Folhaleaks, canal criado pelo jornal para receber informações e documentos.

O prefeito afirma que a valorização dos preços dos terrenos na região é muito rápida e que a área vale hoje cinco vezes mais do que o valor



Sede da empresa Jogasus, na Baixada Fluminense, que comprou área por R\$ 2,5 milhões e vendeu por R\$ 11,7 milhões

pago pela empresa austríaca.

A Jogasus diz que acertou a compra do terreno cinco meses antes, mas só formalizou na véspera de revendê-lo. A RHI diz que o valor pago foi semelhante ao de terrenos vizinhos.

### COMPRA E VENDA

A história da triangulação comercial começou em abril de 2010, quando João Ferreira de Jesus, procurador da Jogasus, foi apresentado pelo prefeito —seu conhecido desde a década de 90— a um dos donos do terreno, José Augusto Vereza.

O representante da Jogasus

afirmou que tinha interesse em criar um espaço para logística na área. Segundo Ferreira, ele e Vereza acertaram que o terreno seria vendido por R\$ 2,5 milhões. Quando a venda seria registrada, no início de junho, Vereza morreu.

A família manteve interesse na venda, condicionada à resolução dos entraves de testamento e inventário.

No fim de junho, a austríaca RHI procurou o prefeito Max Lemos pedindo que indicasse um terreno para instalar sua fábrica. O político indicou o mesmo terreno que havia apontado à Jogasus, cuja compra ainda não havia

sido formalizada.

Algumas semanas depois, João Ferreira entrou em contato com a empresa austríaca para iniciar as conversas.

As negociações começaram antes de a Jogasus se tornar proprietária do terreno.

As duas partes afirmam, no entanto, que a família Vereza já estava comprometida com a venda e o preço acertado pelo patriarca.

Representantes dos antigos proprietários negam a informação e dizem que desconheciam a participação da RHI na negociação.

A primeira venda, para a Jogasus, foi formalizada em

4 de novembro, por R\$ 2,5 milhões. Em 9 de novembro, foi feito o repasse à RHI, por R\$ 11,7 milhões.

Em abril de 2011, o terreno foi beneficiado pela ampliação do distrito industrial de Queimados, o que concedeu benefício fiscal à empresa, como isenção de IPTU e redução na alíquota de ICMS.

A empresa Jogasus, com sede em Duque de Caxias, passou a ter contratos com a prefeitura de Queimados a partir da gestão de Lemos.

**FOLHA.com**  
Envie documentos  
folhaleaks.folha.com.br

### ▶ OUTRO LADO ◀

#### Para prefeito de Queimados, área valoriza rápido

DORIO

O prefeito de Queimados, Max Lemos (PMDB), afirmou que apenas apresentou investidores a proprietários de terrenos, sem participar da negociação que gerou lucro de R\$ 9,2 milhões à empresa fornecedora do município.

Segundo Lemos, os terrenos na cidade têm valorizado muito em razão do crescimento do distrito industrial.

“Se você me perguntar, eu lhe digo: foi um lucro absurdo. Mas é essa valorização que está ocorrendo na cidade. Se a RHI quiser vender hoje, há quem compre por cinco vezes o que ela pagou.”

Ele afirmou que não participou da negociação do terreno. Segundo Lemos, seu único objetivo foi fomentar o desenvolvimento da cidade.

“Não trato de operação imobiliária. Meu interesse é agilizar os contatos para trazer investimentos para a cidade”, disse o prefeito.

“Não trato de operação imobiliária. Meu interesse é agilizar os contatos para trazer investimentos para a cidade”, disse o prefeito.

Lemos negou relação entre os contratos que a empresa Jogasus tem com a prefeitura e o lucro na transação. “Ela participa de licitações e faz algumas obras. Não é uma grande fornecedora.”

O procurador da Jogasus, João Ferreira de Jesus, afirmou que o valor da transação já estava decidido em junho, quando um dos proprietários morreu. Ele diz que pretendia utilizar o terreno, mas vendeu em razão da boa proposta. “É algum crime fazer um bom negócio?”

A RHI afirmou que sabia da situação do terreno desde o início e que o valor pago é o praticado na região.

## ANEXO C

**Título da reportagem:** Kassab recontrata servidor que usou cargo para criar PSD

**Data de publicação:** 13 de novembro de 2011

**Editoria:** Poder

FOLHA.COM/FOLHALEAKS

# Kassab recontrata servidor que usou cargo para criar PSD

Exonerado após pegar assinatura de repórter da **Folha** dentro de gabinete, funcionário volta à administração

**Prefeitura diz que não houve uso da máquina e que o empregado 'prima pela competência' no desempenho de funções**

DANIELA LIMA  
DANIEL RONCAGLIA  
DE SÃO PAULO

O prefeito Gilberto Kassab reconduziu a um cargo de chefia servidor que foi exonerado após usar a Subprefeitura da Freguesia do Ó (zona norte da capital) para coletar assinaturas de apoio à criação do PSD, em junho.

Então chefe de gabinete do subprefeito da Freguesia, Roberto Rodrigues saiu da administração municipal depois que entregou a um repórter da **Folha** uma ficha de apoio à fundação do partido do prefeito.

Na ocasião, Kassab trabalhava para conseguir cerca de 490 mil assinaturas de eleitores favoráveis à criação do PSD para cumprir exigência da Justiça Eleitoral e fundar seu partido.

Após receber a ficha das mãos de Rodrigues, o repórter assinou o documento dentro do gabinete do subprefeito, que estava no órgão.

O servidor foi exonerado "a pedido" após a reportagem informar o fato à prefeitura.

Na ocasião, o prefeito condenou a atitude do funcionário. "É inadmissível que nós tenhamos uma vinculação das atividades públicas com o partido", disse.

Rodrigues foi recontratado no último dia 4. Chefiará o gabinete do subprefeito do Ipiranga. A reportagem tomou conhecimento da nomeação pelo **Folhaleaks**, canal criado pela **Folha** para receber informações e documentos.

### INVESTIGAÇÃO

Procurada, a Coordenadoria das Subprefeituras informou que a Corregedoria-Geral do município investigou o caso e não viu indícios de uso da máquina pública.

### TRANSPARÊNCIA

#### CANAL RECEBE DADOS PARA INVESTIGAÇÃO

O **Folhaleaks** é um canal na **Folha.com** ([folhaleaks.folha.com.br](http://folhaleaks.folha.com.br)) criado para receber informações que possam merecer uma investigação jornalística. Podem ser enviados textos e arquivos. Não serão publicados dados que não tenham sido checados e confirmados pelos repórteres do jornal.

"Como as apurações da corregedoria não identificaram uso partidário da máquina pública, (...) ele foi reconduzido", justificou o órgão. "O funcionário sempre primou pela competência no desempenho das funções que lhe foram confiadas."

A apuração da prefeitura começou em junho e foi arquivada dois meses depois.

No relatório que determinou o fim da investigação, a corregedoria alega que "a existência de uma lista de apoio ao partido no gabinete de uma subprefeitura não caracteriza, por si só, o uso do órgão para fins partidários".

A corregedoria não ouviu Roberto Rodrigues nem o repórter da **Folha** que flagrou a coleta de assinaturas na subprefeitura. Não havia "uma lista", mas um bloco com dezenas de fichas para serem preenchidas.

A reportagem questionou a Coordenadoria das Subprefeituras sobre os métodos de investigação da corregedoria, mas a nota enviada pela assessoria não respondeu a esta pergunta.

O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) aprovou a criação do PSD em setembro.



# ANEXO D - PARTE 1

Título da reportagem: Prédios inacabados recebem Habite-se

Data de publicação: 20 de novembro de 2011

Editoria: Mercado

FOLHA DE SP PAULO

DOMINGO, 20 DE NOVEMBRO DE 2011 B1

# mercado

**INTERNET**  
Brasileiros criam site sofisticado de perguntas e respostas  
Pág. B5

**HIDRELÉTRICA**  
Altamira pede suspensão das obras da usina de Belo Monte  
Págs. B9 e B11 a B13

FOLHA.COM/FOLHALEAKS

## Prédios inacabados recebem Habite-se

Mesmo sem o fim das obras, construtoras conseguem documento nas prefeituras e podem reajustar parcelas

**Entre os problemas, estão imóveis sem luz, elevadores que não funcionam e áreas com pouco acabamento**

Em Santo André, na Grande São Paulo, denúncias do vereador Tiago Nogueira (PT) levaram à abertura de inquérito pelo Ministério Público Estadual para apurar como o documento foi emitido para

o condomínio da construtora Irish, sendo que há até quatro prédios não construídos do topo de um dos três edifícios. Após a denúncia, o documento foi anulado.

responsabilidade foi do funcionário municipal que emitiu o Habite-se, do fiscal do Corpo de Bombeiros ou do engenheiro da construtora", diz o promotor Fábio Franchi.

Outro empreendimento, da Procurado, o Secovi-SP

>> **LEIA MAIS nas págs. B3 e B4**

**CAMILA FUSCO**  
DE SÃO PAULO

Compradores de imóveis iniciam um novo capítulo na batalha contra as construtoras, dessa vez por problemas envolvendo a concessão do alvará de conclusão de obra, o Habite-se.

O documento cedido pelas prefeituras atesta que o imóvel está regular, tem o auto de vistoria do Corpo de Bombeiros e indica o fim da obra.

Em cinco casos aos quais a reportagem teve acesso, entretanto, compradores dizem que as empresas conseguiram o documento muito antes do término real dos imóveis.

A Folha soube dos problemas envolvendo o Habite-se pelo **Folhaleaks**, canal criado pelo jornal para receber informações e documentos. Entre as reclamações estão falta de ligação oficial de luz, elevadores sem funcionar e acabamento pendente.

As queixas são ainda mais numerosas porque as construtoras reajustam as parcelas do imóvel segundo o IGP-M (Índice Geral de Preços de Mercado) depois da obtenção do Habite-se, conforme prevê a maioria dos contratos.

Isso pode dobrar o valor cobrado na construção, quando incide o INCC (Índice Nacional de Custo da Construção).

Problemas estruturais foram registrados por um engenheiro que comprou um imóvel de R\$ 1,1 milhão construído pela Cyrela e pela Lucio Engenharia, no Tatuapé, zona leste paulistana.

As imagens foram feitas pelo comprador, que preferiu não se identificar, 20 dias depois do Habite-se e mostram fios elétricos aparentes, hidrantes sem mangueiras e áreas incompletas.

Com o Habite-se, porém, as parcelas subiram de R\$ 2.800 para R\$ 4.600.

**SEM LUZ**  
Em Guarulhos, o condomínio Parque Imperial, da construtora MVG, recebeu o documento, mas os apartamentos não têm ligação oficial de luz.

Quase um ano após a entrega, 150 dos 208 apartamentos recebem energia em esquema de rodízio a partir de um transformador provisório, segundo a moradora Suellen Mendes, 29.

A concessionária EDP Bandeirante nega problemas e afirma que "atende aos critérios de segurança e qualidade".

"Há uma epidemia de abusos na concessão do Habite-se. As empresas correm para conseguir o documento para se isentar da responsabilidade por atrasos", diz o advogado Marcelo Tapai, especializado em direito imobiliário, que teve 271 ações do gênero abertas só em 2011.

No condomínio Reserva Santa Cecília, da Gafisa, em Volta Redonda (RJ), compradores reclamam que algumas unidades estavam ainda sem água e sem energia elétrica na emissão do Habite-se, além de relatarem obras bloqueando o acesso ao prédio.

> OUTRO LADO <

# Empresas negam irregularidade em obras

**Segundo construtoras, laudo do Corpo de Bombeiros e outros documentos oficiais justificam o Habite-se**

DE SÃO PAULO

As cinco construtoras envolvidas nos casos apurados pela **Folha** negam irregularidades na expedição do Habite-se e dizem que as obras já estavam no fim quando o documento foi emitido.

Sobre o prédio do Tatuapé onde o morador fotografou os problemas, a Lucio Engenharia afirma que há em fase final de acabamento apenas nas pinturas e retoques.

A empresa também diz que os documentos exigidos para emissão do Habite-se (como auto de vistoria do Corpo de Bombeiros, alvará de instalação e funcionamento dos elevadores, certificados de quitação de impostos municipais), além das ligações definitivas de água e esgoto, estavam em ordem.

A Lucio Engenharia afirma ainda que o contrato prevê a correção das parcelas por IGP-M após a emissão do Habite-se e que a cobrança é "perfeitamente legal".

Já a Gafisa nega que o imóvel de Volta Redonda — onde o morador verificou falta de água e de luz em unidades e problemas de acesso ao interior da obra — estivesse

se com a infraestrutura deficiente no momento da expedição do Habite-se.

Afirmou também que mantém o reajuste das parcelas pelo INCC e que a migração para IGP-M só ocorrerá após a assembleia de condomínio, marcada para dezembro.

A Irish Empreendimentos, responsável pelos três prédios denunciados em Santo André, informa que não concordou com a anulação do Habite-se e afirma que os imóveis estão concluídos. A previsão é entregar os prédios até o fim do novembro.

A Trisul, que recebeu o Habite-se para os quatro prédios, também em Santo André, quando apenas dois estavam em condições de mo-

radia, afirma que o erro foi da redação da prefeitura, que grafou "Habite-se Total" em vez de "Habite-se Parcial". Em outubro, o problema foi corrigido, relata a empresa.

Em Guarulhos, para o edifício sem energia elétrica, a MVG declarou que a responsabilidade pela ligação provisória atual é da concessionária, a EDP Bandeirante.

A construtora afirma que a instalação do transformador provisório onerou a MVG em mais de R\$ 18 mil, já que a empresa teve de estender os cabos internos até o poste em questão, fora do condomínio.

A EDP Bandeirante não comentou as acusações da MVG e ressaltou regularidade nas ligações. (CAMILA FUSCO)

## Folhaleaks é canal para gerar reportagens

DE SÃO PAULO

O **Folhaleaks** é um canal da **Folha.com.br** criado para receber informações, documentos e arquivos (vídeo, foto e áudio) que possam gerar reportagens investigativas pela equipe do jornal.

O leitor tem a opção de não se identificar.

O material que for enviado ao **Folhaleaks** mereça

investigação jornalística será analisado e passará por triagem.

A participação no **Folhaleaks** é espontânea e o jornal não remunera suas fontes de informação.

Pelas normas previstas, poderão ser enviados textos e arquivos (vídeo, foto, áudio). O jornal confirma o recebimento das informações por meio de um número de identificação de cada su-  
gestão.

Mas não se obriga a informar o andamento e a conclusão de suas avaliações nem se irá publicar ou não reportagem a partir dos dados encaminhados.

▶ OUTRO LADO ◀

## Prefeituras divergem sobre vistoria obrigatória de imóvel para Habite-se

DE SÃO PAULO

Como as regras para emissão do Habite-se são municipais, cada prefeitura tem sua própria forma de agir para emitir o documento.

Em São Paulo, segundo o decreto 38.058 de 1999, a vistoria de um fiscal para comprovar as condições de moradia e validar o Habite-se não é obrigatória em razão do grande volume de obras.

A construtora deve apresentar à subprefeitura da região somente os documentos

(auto de vistoria do Corpo de Bombeiros, certificado de quitação de ISS, alvará de funcionamento e de instalação de elevadores e laudo do engenheiro da obra).

“Se o imóvel não tem condições de ser ocupado, o responsável técnico da construtora pode ser responsabilizado legalmente”, diz José Paulo Marzagão, do escritório Koury Lopes Advogados.

A Subprefeitura de Aricanduva, responsável pela área do prédio da Cyrela e da Lucio Engenharia, afirma que

os documentos foram checados e estavam corretos.

“A prefeitura transferiu a responsabilidade da veracidade sobre a conclusão da obra às construtoras”, diz Carlos Eduardo Baumann, do escritório Silveiro Advogados.

O professor Leonardo Godoy, da faculdade Direito GV, aponta que uma alternativa é a contratação de empresas terceirizadas para a vistoria, assim como acontece com a inspeção veicular paulistana.

O secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano

de Santo André, Frederico Muraro Filho, afirmou que a visita de fiscais da prefeitura para a expedição do Habite-se está prevista em lei.

Também foi aberta sindicância para apurar de quem foi a responsabilidade pela emissão do documento irregular à construtora Irish.

Em Guarulhos, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano informou que a vistoria é obrigatória. O órgão afirmou que, no condomínio da MVG, técnicos comprovaram a ligação de luz e elevadores.

Procurada, a Secretaria de Habitação de Volta Redonda, responsável por liberar o documento à Gafisa, não respondeu aos pedidos de entrevista. (CF)

### ANÁLISE

# Consumidor deve agir como ‘fiscal’ da construção do imóvel

Comprador precisa se informar sobre a empresa, exigir documentos, recusar taxas abusivas e acompanhar obra

**MARIA ELISA NOVAIS**  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Com o boom imobiliário, o que era sonho está se tornando pesadelo. O consumidor tem que conviver com o atraso na entrega das chaves em razão de problemas com a documentação do imóvel, com autorizações públicas para a conclusão da obra e a liberação do empreendimento, frustrações com o tamanho do imóvel ou defeitos constatados no ato da entrega.

Assim, cuidados básicos são essenciais. O consumidor deve pesquisar a empresa responsável pelo empreendimento, observando a regularidade da construção e da entrega de outros imóveis, reclamações existentes no Procon ou em sites de queixas na web e, se conhecer alguém que já comprou da construtora, procurar saber se a pessoa enfrentou problemas.

O consumidor também tem direito de receber a documentação que consta em cartório (registro imobiliário) e o memorial descritivo, importante documento para saber qual material será utilizado na construção. O cliente também poderá consultar a regularidade da obra na prefeitura.

É preciso ler o contrato com atenção: nele devem constar valor do bem, forma de pagamento detalhada (com parcelas fixas e intermediárias e reajustes), taxas nominal e efetiva de juros em caso de financiamento, data de entrega, eventual prazo de tolerância (no máximo, seis meses) e qual a multa por descumprimento de prazo.

É necessária atenção a taxas consideradas abusivas: taxas de transferência do bem, de entrega de chaves, de concessão de financiamento e de consultoria jurídica. Elas não devem ser co-

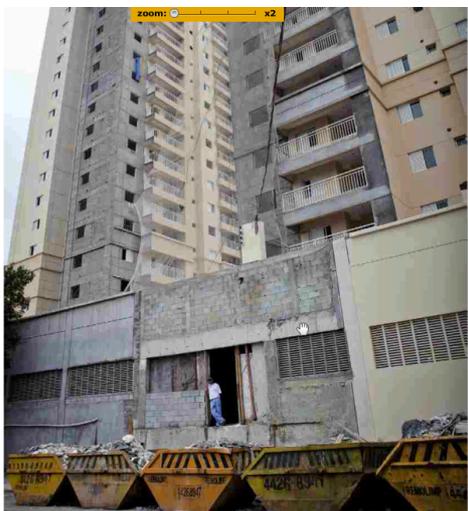
bradas; exija a retirada de cláusula nesse sentido.

Por fim, é importante ter um cronograma da obra: previsões para a edificação da obra, obtenção do Habite-se e outras autorizações.

Os cuidados não acabam com a assinatura: o consumidor precisa acompanhar a construção.

No caso de atraso, mesmo não havendo previsão de multa no contrato, segundo o Código de Defesa do Consumidor, deve haver indenização ampla e irrestrita dos seus prejuízos. Assim, é possível cobrar judicialmente todas as despesas suportadas pelo consumidor após o prazo final de entrega das chaves (aluguel, entrega de bens, eventuais impostos e taxas), bem como obter indenização por eventuais danos morais.

**MARIA ELISA NOVAIS** é gerente jurídica do Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor).



Condomínio em Santo André que recebeu Habite-se total, quando deveria ter sido parcial

## ANEXO E

**Título da reportagem:** Aeronáutica recomendou aproximação como o TCU

**Data de publicação:** 21 de novembro de 2011

**Editoria:** Poder

FOLHA.COM/FOLHALEAKS

# Aeronáutica recomendou aproximação com TCU

Militares sugeriram em 2009 esforço para ganhar simpatia do órgão, que fiscaliza Força Aérea

**RODRIGO VIZEU**  
DE SÃO PAULO

Militares de alta patente da Força Aérea Brasileira recomendaram a seus subordinados a criação de laços "amistosos" com funcionários do TCU (Tribunal de Contas da União), responsável por fiscalizar a força.

Os documentos, de 2009, são assinados por tenentes-brigadeiros, a mais elevada patente da Aeronáutica.

Os comandantes recomen-

daram que os fiscais do TCU fossem convidados para "confraternizações" da FAB.

A **Folha** recebeu a documentação pelo **Folhaleaks**, canal criado pelo jornal para receber dados e documentos.

Em janeiro daquele ano, o tenente-brigadeiro Neimar Diegues Barreiro, então secretário de Economia e Finan-

ças da FAB, escreveu ofício em que disse que "cabe alertar" para o "volume cada vez mais expressivo de demandas" do TCU, da Procurado-

ria e do Judiciário, "tendo por motivação denúncias".

O militar, hoje na reserva, afirmou que, "antevendo (...) auditorias", os militares fossem orientados a "estabelecer contato amistoso" com os

secretários do TCU, "convitando-os a eventos". O ofício deu endereços e telefones dos secretários de todo o país.

Em agosto de 2009, o tenente-brigadeiro Aprígio Eduardo de Moura, novo secretário de Finanças e até hoje na função, enviou ofício ao

4º Comando Aéreo Regional. Defendeu a construção de "laços profissionais e amistosos" com o TCU e que fiscalizações ocorressem em "ambiente de harmonia".

Em nota, a FAB disse que as orientações dos documentos tinham o intuito de alertar os comandantes sobre as "prerrogativas" dos órgãos.

A força defendeu as ordens e disse que "a harmonia das relações não pressupõe o comprometimento do profissionalismo".



**COMO FAZER AMIGOS**  
Militares de alta patente da FAB sugeriram que seus subordinados tivessem bom relacionamento com o TCU



Documento do comando da Aeronáutica de 2009 orienta que subordinados criem "laços amistosos" com secretários do TCU, responsável por investigar a instituição

com o TCU. O documento, assinado pelo tenente-brigadeiro Neimar Diegues Barreiro, então secretário de Economia e Finanças da FAB, recomenda que os militares estabeleçam um bom relacionamento com os funcionários do TCU. O documento também menciona o nome do tenente-brigadeiro Aprígio Eduardo de Moura, então secretário de Finanças e até hoje na função, que enviou ofício ao 4º Comando Aéreo Regional.

**Título da reportagem:** Ministério Público pede legendas em filmes nacionais

**Data de publicação:** 17 de fevereiro de 2011

**Editoria:** Ilustrada

FOLHA.COM/FOLHALEAKS

## Ministério Público pede legendas em filmes nacionais

Medida mira deficientes auditivos e aponta para inércia do governo na promoção de ações pró-acessibilidade

ANNA VIRGINIA BALLOUSSIER  
DE SÃO PAULO

Moacyr de Mello, 94, desistiu de cinema. O último filme que viu foi "Avatar", no ano passado. Depois, nunca mais.

Produções dubladas ou nacionais? Fora de cogitação. "Tenho deficiência auditiva. Sem legenda, nem adianta ir ao cinema. Nos DVDs que você compra, tem a legenda bonita. Assisto a filmes em casa agora", diz o cinéfilo do Paraná.

Nesta semana, o Ministério Público Federal em São Paulo entrou com processo para cobrar que o governo

saia da "inércia" e defenda os deficientes auditivos.

A proposta: legendas devem ser obrigatórias para obras nacionais patrocinadas com dinheiro público.

A ação aponta que essa medida beneficiaria cerca de cinco milhões de brasileiros que têm algum problema para entender (os dados são da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos).

Para espectadores mais velhos, por exemplo, má acústica das salas e ditação embolada de atores podem prejudicar a apreensão do filme.

A notícia chegou à Folha por meio do Folhaleaks, ca-

nal pelo qual o jornal recebe informações e documentos.

Na ação civil pública proposta pelo procurador Jefferson Aparecido Dias, os réus são União (que representa o Ministério da Cultura), Ancine (Agência Nacional do Cinema), Petrobras e BNDES.

Dias pede uma liminar para obrigar Petrobras e BNDES a adequar editais e contratos em até 40 dias. A ideia é que os principais patrocinadores do cinema brasileiro exijam cópias legendadas para liberar dinheiro ao setor.

A fiscalização, segundo Dias, deve ficar a cargo do MinC e da Ancine. A desobediência significaria multa diária de ao menos R\$ 100 mil.

Ele diz que "a inércia [dos órgãos] está dificultando a adoção das medidas".

tar postura em prol da acessibilidade [...] somente por falta de exigência dos órgãos públicos reguladores".

### OUTRO LADO

A Ancine se diz "alinhada com a proposta de acessibilidade", mas "zelosa". Para a agência, "custos devem ser equacionados" a fim de não "prejudicar a consolidação da indústria do cinema".

O BNDES afirmou que seguirá diretrizes da Ancine, e que só apoia projetos aprovados por ela. MinC e Petrobras não comentaram o caso, pois ainda não foram oficialmente citados pela Justiça.

“ Tenho deficiência auditiva.

Sem legenda, nem adianta ir ao cinema.

Nos DVDs, há legenda

MOACYR DE MELLO, 94

## ANEXO G

**Título da reportagem:** Justiça de São Paulo passou 2 meses sem papel higiênico

**Data de publicação:** 17 de fevereiro de 2012

**Editoria:** Cotidiano

### FOLHALEAKS

Alessandro Shinoda/Folhapress



Papel toalha usado em banheiros no Fórum João Mendes

## Justiça de São Paulo passou 2 meses sem papel higiênico

FLÁVIO FERREIRA  
DE SÃO PAULO



Os banheiros de prédios da Justiça estadual de São Paulo ficaram sem papel higiênico no início deste ano.

No Fórum João Mendes, o principal da capital, o problema só foi resolvido ontem — e os funcionários afirmaram que a falta do material durou quase dois meses.

Sem o produto até anteontem, a solução encontrada pelo setor de limpeza foi a colocação de toalhas de papel nos locais reservados aos rolos de papel higiênico.

“Houve realmente problemas” com a empresa que fornecia o produto e “nova licitação foi providenciada”, segundo a assessoria de imprensa do tribunal.

A informação sobre a falta do material chegou à **Folha** pelo “Folhaleaks”, canal criado pelo jornal para receber informações e documentos.

A direção do fórum paulistano só conseguiu comprar o produto ao usar de forma “emergencial” recursos fi-

nanceiros previstos para a aquisição de materiais.

As administrações de outros instalações do Judiciário adotaram a mesma solução, segundo a assessoria do TJ.

“Ao tomar conhecimento da falta de produtos em alguns de seus prédios, o tribunal sanou a situação com o redirecionamento de estoques de outras unidades”, de acordo com a assessoria.

### › ‘FOLHALEAKS’

#### CANAL RECEBE DADOS PARA INVESTIGAÇÃO

O “Folhaleaks” é um canal na **Folha.com** ([folhaleaks.folha.com.br](http://folhaleaks.folha.com.br)) criado para receber informações que possam merecer uma investigação jornalística. Podem ser enviados textos e arquivos. Não serão publicados dados que não tenham sido checados e confirmados pelos repórteres do jornal.

**Título da reportagem:** Acusação faz cientista refazer mestrado

**Data de publicação:** 7 de maio de 2012 **Editoria:** Ciência+Saúde

FOLHALEAKS

## Acusação faz cientista refazer mestrado

Empresa afirma que imagens usadas em dissertação são fraudulentas; aluno alterou trabalho quatro anos depois

**Imagens teriam sido feitas em uma cozinha; para universidade, usadas fotos era apenas ilustrativo no trabalho**

REINALDO JOSÉ LOPES  
EDITOR DE "CIÊNCIA+SAÚDE"

Uma acusação de fraude envolvendo uma dissertação de mestrado defendida em 2008 e um artigo científico publicado no ano passado, ambos de pesquisadores da UFPR (Universidade Federal do Paraná), levou a um desfecho inusitado: o mestrado foi alterado quatro anos após a defesa e republicado.

A reportagem da **Folha** tomou conhecimento do caso pelo **Folhaleaks**, canal criado pelo jornal para receber informações e documentos. "Em 30 anos de vida acadêmica, eu nunca tinha visto isso", reconhece o pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da UFPR, Sergio Scheer.

Em geral, uma vez que um trabalho de mestrado ou doutorado é aprovado por uma banca de examinadores, o aluno tem, no máximo, algumas semanas para fazer correções finais antes de o trabalho ser "eternizado" na biblioteca da universidade.

Para a UFPR, que concluiu investigação sobre o caso no mês passado, houve apenas uso indevido de imagens. As imagens infravermelhas teriam sido publicadas sem autorização da empresa curitibana ThermoTronics.

O dono da empresa, no entanto, afirma que as imagens são fraudulentas, já que servem de base para descrever experimentos que não teriam ocorrido da maneira como afirmam os cientistas.

### RATOS NA BERLINDA

O mestrado do médico Angelo Manoel Grande Carstens envolveu a visualização, via infravermelho, do efeito de dois anestésicos, a bupivacaína e a levobupivacaína, nos vasos sanguíneos de ratos.

No ano passado, os resultados dessa mesma pesquisa saíram também na "Revista Brasileira de Anestesiologia".

**ENTENDA A MÁ CONDUTA CIENTÍFICA** O que alguns cientistas fazem para conseguir emplacar mais artigos



### Plágio

Copiam partes integrais de um ou mais trabalhos já publicados, sem devida citação dos autores

### Produção salame

Dividem o resultado de um trabalho em algumas partes, publicando assim vários artigos

### Clube da coautoria

Colocam nomes de colegas como coautores dos seus artigos, e eles retribuem a "gentileza"

### Criatividade

Inventam ou manipulam dados para chegar a um determinado resultado

### Máfia da citação

Ao editar uma publicação, pedem que os autores citem trabalhos da própria revista para valorizá-la

### Autoplágio

Publicam artigos semelhantes em várias revistas

### Roubo de ideia

Publicam um trabalho desenvolvido com base na ideia de algum colega, que ainda não conseguiu concluir o seu artigo

Quanto mais artigos científicos um cientista publicar, maior será a nota dele em avaliações e, consequentemente, mais recursos para fazer suas pesquisas ele receberá

"É possível conseguir informações fantásticas sobre o metabolismo usando essas imagens de infravermelho", diz o engenheiro Mário Cimbalista Junior, dono da ThermoTronics que denunciou a suposta fraude à UFPR.

Segundo Cimbalista Junior, ele tinha sido sócio de um dos orientadores de Carstent, o médico Marcos Leal Briochi. Ele afirma que costumava ceder as dependências da empresa ThermoTronics.

### TRANSPARÊNCIA

#### CANAL RECEBE DADOS PARA INVESTIGAÇÃO

O **Folhaleaks** é um canal na **Folha.com** ([folhaleaks.folha.com.br](http://folhaleaks.folha.com.br)) criado para receber informações que possam merecer uma investigação jornalística. Podem ser enviados textos e arquivos. Não serão publicados dados que não tenham sido checados e confirmados pelos repórteres do jornal.

presa para experimentos.

"Resolvi procurar na internet referências à ThermoTronics em artigos científicos e me deparei com o estudo. Fiquei chocado", conta.

Enquanto o trabalho declarava que os experimentos ocorreram num laboratório da UFPR em 2007, Cimbalista Junior diz que foram feitos em 2004, na cozinha de sua empresa.

Os pesquisadores também teriam errado no número de ratos filmados no estudo, no número de roedores mortos no experimento e nas informações sobre os aparelhos utilizados. "Tudo isso compromete os resultados."

### INVESTIGAÇÃO

A universidade criou uma comissão para investigar o caso, a qual concluiu que as imagens, nas quais o empresário baseou sua denúncia, foram usadas de forma meramente ilustrativa.

"Faltou dizer isso na dissertação original. A gente sempre diz aos alunos que é preciso deixar clara a fonte de tudo o que se usa num trabalho", afirma o pró-reitor.

Segundo ele, o estudo usou como base outro aparelho, que não fazia o mesmo tipo de imagem. Os resultados, portanto, ainda valeriam.

O editor-chefe da "Revista Brasileira de Anestesiologia", Mário Conceição, afirmou à **Folha** que a equipe da publicação ficou "preocupada" com as denúncias.

No entanto, diz ele, "os conceitos e resultados apresentados foram de responsabilidade dos autores."

A **Folha** apurou que Cimbalista Junior está processando Briochi. Nenhum dos dois quis comentar a ação judicial.



### OUTRO LADO <

#### Pesquisador não respondeu a pedido de entrevista

DO EDITOR DE "CIÊNCIA+SAÚDE"

Por meio de sua advogada, Eloísa Pontes Tavares, o médico Marcos Leal Briochi, um dos orientadores da dissertação de mestrado e do artigo colocados sob suspeita, disse que preferia não se pronunciar sobre o conteúdo da denúncia, declarando que "a posição oficial da UFPR reflete a realidade dos fatos".

Para a universidade, o problema dos trabalhos foi apenas no uso não autorizado de imagens infravermelhas.

A reportagem da **Folha** procurou por telefone e por e-mail o anestesiológico Angelo Manoel Grande Carstens, autor do mestrado, e deixou recado no hospital onde ele trabalha e em sua casa, mas o médico não respondeu as mensagens. (RJA)

Steve Rietou/AFP

# ANEXO I

**Título da reportagem:** Prefeitura estuda tombamento do Paineiras

**Data de publicação:** 9 de julho de 2012      **Editoria:** Cotidiano

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2012 ★ ★ ★ cotidiano C3

Arquivo Clube Paineiras do Morumbi



Clube Paineiras do Morumbi, com prédio da sede ao fundo, que pode ser tombado

“ Tem que explicar para o clube que eles têm uma joia da arquitetura

**LÚCIO GOMES MACHADO**  
professor da FAU-USP e ex-membro do conselho estadual do patrimônio histórico

[O tombamento municipal] é algo que só vai valorizar [o clube]

**MÔNICA JUNQUEIRA**  
professora de INL-USP



FOLHALEAKS

## Prefeitura estuda o tombamento do Paineiras

Local foi projetado pelos arquitetos Paulo Bastos e Carlos Barjas Millan

**Clube no Morumbi é contra tombamento, que prevê que todas as obras precisem passar por aprovação antes**

DE SÃO PAULO

A prefeitura abriu estudo para avaliar o tombamento do Clube Paineiras do Morumbi. A reportagem da Folha tomou conhecimento do caso pelo Folhaleaks, canal criado para receber informações e documentos.

Mas o clube não quer ser patrimônio histórico. A administração tenta evitar a medida, que submeterá ao Conselho Municipal de Patrimônio Histórico (patrimônio histórico municipal) qualquer obra.

Para o Paineiras, a ideia parte de "premissas equivocadas", como o prédio da sede ser projetado exclusivamente pelo arquiteto Carlos Barjas Millan (1927-1964).

Segundo o Paineiras, o projeto original de Millan foi "totalmente" modificado por outro arquiteto antes de ser

construído. Além disso, o Paineiras diz que apenas "20% das construções" são de Millan, entre elas piscinas sociais e vestiários.

Mas, para o Compresp, o clube é um bem cultural relevante por ter sido projetado também pelo arquiteto Paulo Bastos, morto em fevereiro. Também pesa a importância do Paineiras no processo de ocupação do Morumbi. O conselho diz que já começou um "diálogo" com o clube.

Assim como Millan, Bastos foi um dos nomes importantes do brutalismo paulistano, que enfatiza o uso do concreto armado nas construções.

Para Lúcio Gomes Machado, professor da FAU-USP e ex-membro do conselho estadual do patrimônio histórico, é necessário preservar um dos poucos projetos públicos de Carlos Millan.

O Folhaleaks é um canal ([folhaleaks.folha.com.br](http://folhaleaks.folha.com.br)) criado para receber informações que possam merecer uma investigação jornalística. Podem ser enviados textos e arquivos. (VANESSA CORREA)

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### – Transcrição da entrevista de Fernando Rodrigues –

**Entrevistado:** Fernando Rodrigues, colunista da *Folha de S.Paulo* e primeiro repórter brasileiro a ter acesso a um vazamento do *Wikileaks*

**Data da entrevista:** 15 de agosto e 2013

#### **Pesquisadora: Como foi que você tomou contato com o Wikileaks?**

**Fernando Rodrigues:** Eu participo, já há vários anos, de algumas associações de jornalismo investigativo. No Brasil, tem a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). Antes da Abraji, do ICIJ (Internacional Consortium of Investigative Journalists), que é uma ONG em Washington. Já é antigo, tem desde 1999. E junto com o ICIJ a gente teve algumas iniciativas de reunir repórteres que se interessam por investigação de diversos países. A ideia do ICIJ é essa: reunir pessoas de vários países. Aí, foram feitos diversos congressos e conferências. E em um desses congressos, há uns dez anos, mais ou menos, eu conheci um repórter chamado Gavin MacFayden, que é da Inglaterra, de Londres. Enfim, nos conhecemos, falamos bastante e tal. E o MacFayden escondeu o Julian Assange em seu apartamento, um tempo antes da prisão e o conhecia, etc... Quando estava perto de acontecer o maior vazamento do *Wikileaks* – porque teve outros, você sabe... quando, em dezembro de 2010, quando estava para acontecer o vazamento do *Cablegate*, eu comecei a receber uns torpedos de um telefone que eu nem sabia de quem era. Depois que vim a saber. “Preciso falar com você. Coisas a respeito do nosso amigo de Londres”. Na hora eu pensei: só podia ser o MacFayden e só poderia ser sobre o Julian Assange. Porque os jornais já sabiam que iam ter o vazamento. Foi o *Cablegate*, que foram os vazamentos diplomáticos. Aí, entrei em contato e a gente negociou o recebimento de alguns documentos para divulgar na *Folha*. Depois, fizemos um acordo formal com o *Wikileaks*, o *Globo* também, para divulgar os telegramas. E a coisa começou a andar

#### **P: Essa negociação é diretamente com o Wikileaks ou com intermediários do Wikileaks?**

**FR:** Então, a gente negociou com a Natália Viana, uma jornalista brasileira e ela ajudou um pouco no processamento das informações previamente à divulgação, lá em dezembro de 2010. E ela veio ao Brasil, porque o Julian já estava meio escondido, e a gente fez o contato e

assinamos até um termo com o *Wikileaks*. O acordo não envolvia nenhum valor, envolvia só a exclusividade, etc. E eles pediam algumas coisas. Entre outras, que a gente sempre citasse a fonte, desse o *link* deles, desse o crédito, divulgasse na íntegra, protegesse eventualmente o nome de algumas pessoas citadas que poderiam ficar em perigo com a divulgação. Tudo muito razoável.

**P: Você considera o *Wikileaks* um sucesso?**

**FR:** Eu acho que o *Wikileaks* é um fenômeno do nosso tempo. Se nós não tivéssemos a tecnologia que está disponível hoje, muito dificilmente o soldado Bradley Manning - que foi quem teve acesso aos documentos no Iraque - não teria conseguido fazer o vazamento. Acho que a facilidade tecnológica é que permitiu o vazamento. Na época do vazamento dos papéis do Pentágono, foram milhares de papéis que um funcionário tirava xérox escondido. Uma coisa difícil. Hoje, qualquer pessoa pode ter um furo nas mãos. O Manning colocou um DVD no computador, ficou alguns segundos na frente do monitor, apertou um botão e copiou tudo. Depois, passou tudo para o *Wikileaks*, pela *internet*. É tão simples que chega a ser impressionante que tenha demorado tanto para acontecer um vazamento como esse. É realmente muito mais fácil copiar documentos e entregar para alguém. Mas o sucesso do *Wikileaks* é relativo. Tem muita dificuldade de financiamento, de conseguir fundo para sobreviver. Como um modelo de negócios tradicional, não é uma organização que me parece, seja por enquanto, viável. E não estou fazendo nenhuma crítica a ter ou não ter um modelo de negócios. Mas, de fato, a sobrevivência do *Wikileaks*, financeiramente falando, ela ficou muito difícil. Você sabe que eles tiveram bloqueio para todos os doadores, ficaram estrangulados financeiramente. Mas a operação, em si, foi um sucesso. Tanto que estamos aqui falando disso agora. Tanta coisa aconteceu. Tantas informações ficaram conhecidas, É uma forma a mais de obter informação, mas se é ou não é um sucesso, eu acho que é muito difícil falar com precisão. Eu acho que ainda não está claro que é possível ter uma organização especializada em só obter vazamentos e que vai se sustentar ao longo do tempo só fazendo isso.

**P: O *Wikileaks* precisa da imprensa para sobreviver...**

**FR:** Se você pensar, eles fizeram acordo com cinco publicações da mídia convencional: o norte-americano *New York Times*, o jornal britânico *The Guardian*, o francês *Le Monde*, o espanhol *El País* e a revista alemã *Der Spiegel*. E são publicações tradicionais, que não têm nada a ver com o que se convencionou chamar de nova mídia. Embora esses veículos estejam

se adequando às novas mídias. Elas têm plataforma eletrônica e estão utilizando as novas tecnologias. Ontem, a *Folha de S.Paulo* cobriu as manifestações de rua, usando os *Drones* e, com o *Google Glass*, fazendo transmissão ao vivo, como faz a *Mídia Ninja* com os celulares. Então, a mídia tem uma capacidade muito grande de se renovar. Eu me lembro que eu fazia mestrado em 1986 e a primeira edição em cores do *Independent*, londrino, foi um choque. Os jornais eram preto e branco. E a primeira foto em cor era um paradoxo: era uma imagem da rainha, que é supertradicional. E se eu falar, hoje, com qualquer pessoa de trinta anos sobre que os jornais eram só preto e branco e que houve uma dúvida se eles deviam ou não ser coloridos, eles iam achar absurdos. Mas, isso existiu, tinha-se dúvida se o jornal ia perder ou não a credibilidade. Imagina isso! E, hoje em dia, todo mundo publica em cor. A cor é mais uma informação e não pode se perder. Então, desculpe essa digressão. Mas, o *Wikileaks* sozinho não teria esse impacto que teve. Quando o Julian fez a divulgação do vídeo do helicóptero, que ele deu o nome de “*Colateral Murder*”, ele fez a edição na Islândia e marcou a entrevista coletiva no *National Press Building* em Washington. Um edifício de quatorze andares, alugado para jornais do mundo inteiro colocarem seus correspondentes. Ali, era o lugar para se falar com o mundo todo de uma vez. Ele marcou a entrevista coletiva dele lá, chamou todo mundo, foi um grande evento midiático para a mídia tradicional, que, por sua vez, repercutiu em todo o mundo. Se ele tivesse só o vídeo e ficasse passando no *Wikileaks*, ia ficar secreto. Ou quase secreto. Porque, hoje em dia, qualquer pessoa pode fazer um blogue, Custa zero reais. Você só gasta o tempo que você vai perder para montar o blogue, com esses *templates*. E leva cinco minutos. Mas, se esse blogue não estiver hospedado em um lugar que as pessoas frequentam, ninguém vai ler. É a mesma coisa do *Wikileaks*. Não adianta fazer um *site*, porque ele fica carente de validação e credibilidade. E isso ele pega emprestado dos veículos tradicionais.

**P: E por que as pessoas optam por vazarem em um canal como o *Wikileaks* em vez de ir direto no jornalista?**

**FR:** Ah, essa história é fascinante. O Bradley Manning tentou vazarem os documentos para o *Washington Post* e para o *New York Times* e ele não foi atendido... É como se alguém ligasse aqui e dissesse: eu tenho centenas de documentos e eu desligasse na cara deles. Porque tem muita gente louca que liga para o jornal. Você recebe trotes o tempo todo. E é muito difícil você acreditar em uma coisa que chega por telefone ou *e-mail*. E tem até um amigo meu da *Folha* que fala: “se alguém te ligar e disser eu tenho um furo para você, sai correndo que é furada”. Quem tem um furo, não precisa falar que é um furo. E o Bradley Manning tentou

fazer contato com esses jornais e não teve sucesso. E ele participava de grupos de discussão de *internet* e acabou chegando no Julian Assange. E o *Wikileaks* aceitou ouvi-lo e recebeu a denúncia. Então, foi uma razão fortuita que levou o Bradley Manning a entregar os documentos ao Julian Assange. Então, eu me pergunto: o que vai acontecer quando todos os jornais convencionais, de maneira ostensiva, até mais que o *Folhaleaks*, falarem: “quando você tiver alguma coisa, você não está sozinha, pode contar com a gente”. Então, eu acho que as chances de uma pessoa vazar informação para uma organização como o *Wikileaks* será mínima. Ele vai preferir ir para um *New York Times Leaks* ou coisa parecida.

**P: Como surgiu a ideia de criação do *Folhaleaks***

**FR:** Surgiu naturalmente... Nós conversávamos muito naqueles dias. Quando ficou pública a história de como o Bradley Manning passou a informação para o *Wikileaks*, a gente pensou: nossa, mas que absurdo. E a gente tem histórias na *Folha*, como em outros jornais brasileiros, de gente que tenta passar a história e a gente não tem como absorver. E aí, teve muita conversa entre eu, o Sérgio, o secretário de redação, o Fred. O problema de criar o *Folhaleaks* é que as pessoas pensam: você cria o canal e pronto. E não é isso. Você precisa ter seres humanos, porque não tem como ter robôs para analisar isso aí. Porque precisa ter dinheiro envolvido. Tem material humano, profissionais que precisam ser remunerados. Ninguém vai ficar lendo dossiês, denúncias que chegam da *internet* de graça, por esporte. E não é pagar alguém. É alguém qualificado, com capacidade de entender o que se trata, descartar, se for uma bobagem ou fazer mais perguntas, se for o caso. Então, eu acho que foi uma decisão importante da *Folha*, que rendeu várias matérias e é um investimento do jornal. E é uma demonstração de como um veículo da mídia tradicional pode se sofisticar e se adaptar aos novos tempos.

**P: E qual o papel do *The SafeHouse* nisso?**

**FR:** Eles saíram antes? Foi um movimento meio natural. Eu imagino que esse é o tipo de ideia que estava madura na cabeça de muita gente, logo que começou a surgir essa história do *Wikileaks*, estava fermentando na cabeça de muitos jornais. E, em um período curto, de dois ou três meses, vários jornais fizeram canais como esse.

**P: Eu só conheço o *Folhaleaks* e o *The SafeHouse***

**FR:** Não, tem vários. Tem no mundo árabe, na Rússia. Difícil dizer quem foi o dono da ideia. É como os irmãos Wright e o Santos Dumont. Mas, o que eu acho (é) que muitos já estavam

pensando e foi só uma questão operacional, para ver quem solta primeiro. E tem também a questão humana também. Porque é uma decisão de uma empresa jornalística privada, que envolve dinheiro e a questão tecnológica, editorial e operacional, por parte dos donos do negócios.

**P: E como o canal funciona na prática?**

**FR:** Eu não acompanho de perto, mas sei que o responsável pela triagem é o Fred, um profissional muito sério e com muita experiência na área investigativa. Você deveria falar com ele...

**P: E como são as matérias. Existem estatísticas?**

**FR:** Eu não tenho essas estatísticas. São Paulo não tem? Ah.... Eu entendo que todos esses procedimentos custam dinheiro. Nessa fase atual, eu acho que, para o jornal, o importante é saber a quantidade de denúncias que chegam. De fato, seria legal saber quantas foram publicadas. Eu não sei...

**P: Qual a importância do *Folhaleaks* para a *Folha de S.Paulo*?**

**FR:** Eu diria que é de grande relevância. Primeiro, porque traz informação para o jornal. Dois, é um canal que fala a língua do século XXI, a língua do mundo digital, a língua de uma nova geração que consome notícias de uma forma diferente. Terceiro, porque demonstra que a marca “*Folha de S.Paulo*”, uma marca tradicional, está se esforçando para entrar nesse mundo novo e se adaptar a esses novos tempos. O *Folhaleaks* agrega um sabor de modernidade à *Folha*, (o) que é a cara da *Folha*, que é um jornal que sempre se preocupou em inovar, em sair na frente, em acompanhar as tendências da sociedade. E o *Folhaleaks* é isso

**P: E como o repórter aceita essa pauta vinda do leitor?**

**FR:** Eu sempre me interessei muito por jornalismo investigativo. E se tem uma coisa que sempre me chateou muito é quando você faz uma reportagem, que teve início com algum tipo de denúncia, e vem uma pessoa e fala: “Ah, mas o jornalista tava lá e chegou a denúncia pronta. Assim, é fácil”. Quem fala isso é um desinformado. Não é assim. O bom jornalismo, todo ele começa com alguém que teve um interesse contrariado, no caso de uma investigação, e repassasse ao jornalista. Se, no mundo, todo mundo se amasse, não haveria investigação jornalística. E tem uma máxima que diz assim: “o jornalismo nasce onde começa o interesse contrariado”. E essas informações que chegam ao *Folhaleaks* é a mesma coisa de uma

denúncia que chegasse por telefone, direto na caixa de *e-mail* do jornalista ou de qualquer outra maneira. O que vai contar é o trabalho profissional de apuro jornalístico, de cuidado no trato da notícia que o repórter vai ter a partir dali. Eu não conheço uma reportagem que tenha ganhado o prêmio *Esso* ou que tenha sido reconhecida que tenha vindo pronta. O Alberto Dinis tem uma expressão que para mim é um erro: “jornalismo fiteiro”. Isso não existe. Se chega uma fita para o repórter, a reportagem não chega pronta. Em cima daquela gravação, você tem que fazer inúmeras checagens, contra-checagens, apurações correlatas, descobrir documentos que comprovem o que está dito oralmente e por aí vai. O jornalismo de investigação envolve uma série de procedimentos. A informação inicial é só um primeiro passo, uma dica. Na imensa maioria dos casos, você recebe a informação, apura e joga tudo fora.

**P: Isso seria um empecilho ao Folhaleaks...**

**FR:** Com certeza. Isso custa caro! Eu tenho um caso, na época das CPIs, que teve uma informação muito segura, com papéis e coisa e tal, que requeriam uma viagem para a Suíça para fazer a checagem. E o jornal achou que valia a pena e eu fiquei dias analisando os papéis, depois fui para Suíça, voltei, passei dois meses nessa investigação. E isso foi jogado fora. Era tudo mentira. Era uma farsa... Prefiro não dizer a CPI, mas isso acontece. E quanto custa isso? Custa muito dinheiro, Custa muitas horas de trabalho. E é isso que a mídia comprometida com o bom jornalismo faz. E que é o que vai ser responsável pela sobrevivência do bom jornalismo, mesmo nesses tempos de grande irrupção pela chegada das novas plataformas. E é um momento mágico para o bom jornalismo, porque ele vai sobreviver. Não adianta achar que, nas redes sociais, as pessoas podem escrever, a qualquer momento, e podem postar suas foto, que vai acabar com o jornal. É claro que é uma maneira de se informar. Mas, não tem nada a ver com as técnicas sofisticadas do jornalismo em profundidade, com técnica requintada para verificar se as informações são verdadeiras ou não. E, no caso do *Folhaleaks*, é uma ferramenta a mais, que ajuda muito.

**P: Qual o futuro do Folhaleaks?**

**FR:** O *Folhaleaks* institucionalizou uma forma de receber informações que, antes, não existia. Você dependia de ter, na redação de um jornal – que é um corpo vivo, são pessoas. Uns acordam de bom humor, uns de mal humor, uns estão envolvidos com alguma apuração importante e não podem atender o telefone –, você dependia de todos eles estarem disponíveis

para que, na hora que o garganta profunda ligasse, atender a ligação e partir para a apuração. E o *Folhaleaks* quer evitar que essa denúncia não chegue ao jornal.

**P: E como está o leitor nesse processo? Ele tem fome de participar do jornal?**

**FR:** Eu acho que o leitor do jornal vai se renovando com o tempo. E o leitor de hoje – como toda a sociedade – tem uma demanda, cada vez maior, por participação. As pessoas não querem votar uma vez a cada quatro anos e ficar quieto, esperando que o deputado, presidente façam o que eles querem. Eles não querem só ler o jornal e ficarem quietos e satisfeitos. Eles querem participar. Eles querem expressar sua opinião, influir na forma como o jornal deve ser feito. Há limites, é claro, mas a interação é muito maior. Eles podem comentar as matérias, que era uma coisa antes impensável. Há vinte anos, se uma pessoa queria comentar uma notícia, ela precisava pegar um papel, escrever uma carta, dobrava o papel, colocava no envelope, ia ao Correio, comprova o selo, despachava e levava uns dias para carta chegar. Aí, tinha alguém que abria a carta, lia, gostava ou não gostava, e decidia publicar no exíguo espaço destinado ao leitor. Hoje, a pessoa lê e com o clique deixa o seu comentário na hora. Eu acho isso superpositivo. Positivo para o leitor, que pode se expressar. Positivo para o jornalista, que pode ter uma amostra do que os leitores estão pensando. Sou super a favor. Mas, de fato, há filtros. E é natural que existam filtros.

## APÊNDICE B

### – Transcrição da entrevista de Frederico Vasconcelos –

**Entrevistado:** Frederico Vasconcelos, repórter especial

**Data da entrevista:** 15 de julho de 2013

**Pesquisadora: Como foi o processo de criação do *Folhaleaks*?**

**Frederico Vasconcelos:** Eu participei desde o início, nas reuniões com o pessoal do jurídico. Não queríamos frustrar o leitor e nem prometer o que não poderíamos cumprir. Tínhamos uma preocupação em não gerar a expectativa de uma resposta ou de que a história seria publicada. Então, chamamos a TI para criar um sistema para receber as denúncias. Aí, o Dávila me pediu para fazer a triagem. Eu faço, então, a primeira leitura do material que vem para o *Folhaleaks*. Aqueles arquivos que têm a possibilidade de virar notícia, envio ao secretário assistente de redação, para que ele envie às editorias ou às sucursais.

**P: Existe algum acompanhamento da publicação das matérias que foram pautadas pelo *Folhaleaks*?**

**FV:** Eu não faço o acompanhamento do material que foi publicado e nem das pautas que despertaram o interesse dos repórteres. Eu sei que tem muita coisa que é publicada no jornal que vem do *Folhaleaks*, como complemento de apuração, ideia de pauta, coisas assim.

**P: E você tem algum critério para fazer essa seleção de notícias?**

**FV:** Primeiro eu vejo se a denúncia tem interesse público ou se é algo de caráter pessoal. Porque tem gente que fica insatisfeito com uma decisão da Justiça ou com alguém do trabalho e quer ver no jornal, só para prejudicar o outro. Isso não nos interessa. Muita gente não entendeu o *Folhaleaks*. Há pouco tempo, por exemplo, começou a chegar release de assessoria de imprensa. Imagina? Tem gente que fica chateada com nepotismo e vem fazer denúncia. E também tem gente que acha que isso aqui é o Procon. Eu também vejo se a denúncia tem potencial para virar notícia.

**P: Qual tipo de denúncia mais chama sua atenção?**

**FV:** Ah, chegam coisas muito curiosas, como gente que reclama que o exército da cidade proibiu cachorro de passear na rua. E chega muita, mas muita mesmo, denúncia de nepotismo. Logo no início, vieram muitas denúncias de uma mesma localidade: São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Aí, a gente via que tinha um interesse político por trás, de queimar a prefeitura que era do PT. Tem de ficar atento para não deixar passar nada que não seja de interesse do leitor.

**P: Como é a relação do *Folhaleaks* com o *Wikileaks*? Ele serviu de inspiração?**

**FV:** Sem dúvida. É por isso que tem esse nome. Mas tem um lado que é negativo. Como chamamos o canal de *Folhaleaks*, muita gente acha que é canal para vazamento de informação. E, na prática, não funciona assim. Não recebemos, até hoje, uma grande

denúncia. Não sei se é uma questão cultural ou receio, mas não chegam denúncias fortes. Eu tenho a impressão que quem tem denúncia boa, vai direto no jornalista para não perder a paternidade da coisa. Mas, chegam muitas sugestões aqui do Brasil real, das prefeituras, de pequenos municípios, de empresas. De áreas que a gente não acompanha, porque está distante. Licitações viciadas, que são coisas parecidas com as que são acompanhadas pela CGU.

**P: Como fica a questão do anonimato?**

**FV:** Tem gente que assina as denúncias, sim. Mas, a maioria vem anônima. Das denúncias que valem a pena, vejo muita denúncia vinda da academia, da área médica, de advogados. E estes assinam. E quem assina tem compromisso maior com a verdade.

**P: E como estão as denúncias em números, hoje?**

**FV:** Temos 3166 mensagens, 136 abertas, 532 pendentes – sugestões enviadas para o secretário de redação, que ainda não tem um parecer se pode fechar ou não. Ou, então, coisa que eu não quero tomar decisão de imediato.

**P: O que faz você descartar uma denúncia?**

**FV:** Eu resisto a descartar as histórias. Porque o *Folhaleaks* não pode querer só grandes denúncias. E o *Folhaleaks* é um termômetro do que está incomodando a população. É uma boa fonte de pautas do cotidiano. Mas, o fato é que temos uma limitação de espaço no jornal, limitação de recursos... Será que vale a pena jogar pauta atrás de pauta para o repórter? Eu acho melhor não...

**P: Das denúncias recebidas, quais chegam a virar pauta?**

**FV:** Olha, vem muito complemento para matéria já publicada. Não lembro nada específico agora, mas, às vezes, o leitor tem informação complementar para as matérias. Do meu posto de observação, que é o *Folhaleaks*, eu passo para o repórter que escreveu a matéria. Mas não fico acompanhando para ver se ele aproveitou... Agora que vai começar a época de eleição, tem coisa localizada chegando. Aí, a gente manda para as sucursais. É bom, porque a gente não tem braço para cobrir tudo o que acontece em todo o Brasil. Mas o *Folhaleaks* dá umas boas sugestões de pautas regionais...

**P: Como o *Folhaleaks* funciona na prática?**

**FV:** O *Folhaleaks* é um sistema e monitora o meu passo-a-passo aqui dentro. Registra a hora que eu abro e fecho as notícias. E eu só posso acessar aqui dentro da *Folha*. Não tem acesso remoto. Foi uma limitação que a TI estabeleceu para dar mais segurança às denúncias. Hoje, eu nem precisaria mais vir na redação porque eu consigo postar o meu blogue de casa. Mas eu venho por causa do *Folhaleaks*.

**P: Com qual frequência?**

**FV:** Uma ou duas vezes na semana. De preferência na segunda...

**P: Alguma exigência na hora de arquivar ou dar prosseguimento a uma denúncia?**

**FV:** Para arquivar sugestão, eu tenho de fazer comentário explicando o motivo da decisão. Se não postar nada, o sistema não aceita o comando. Mas, isso dava muito trabalho. A partir de certo ponto, passei a escrever “zzzzzz” ou “nnnnnn”. E isso já me causou problemas. Uma vez, sem querer, mandei esse meu comentário de volta para o leitor, porque apertei o comando errado. Ele ficou uma fera e foi até o *ombudsman*. Disse que o *Folhaleaks* era desrespeitoso, porque ele tinha feito uma denúncia e a gente respondeu como se aquela denúncia nos desse sono. É cada uma...

**P: Como isso aconteceu?**

**FV:** É que o sistema tem três comandos: arquivar, responder ao leitor, encaminhar (no caso, para o secretário de redação). Eu apertei o botão errado, foi isso.

**P: Qual a importância do *Folhaleaks* para a *Folha*?**

**FV:** O jornal aposta muito nele. Acha que é uma janela boa para ver o que acontece no mundo lá fora.

**P: Você mantém contato com os leitores que optam por fazer a denúncia em *on*?**

**FV:** Eu não quero estabelecer relacionamento com o leitor. Eu deixo para o repórter que vai fazer a matéria fazer isso. Se eu ficar respondendo ao leitor, ele vai querer manter diálogo comigo, vai cobrar a publicação da matéria. Não tenho tempo para isso. O que eu faço, de vez em quando, é procurar saber quem é a pessoa. Se chega uma denúncia boa, eu faço pesquisa na *internet*, no *Google* e no judiciário para ver se a pessoa é idônea e tentar descobrir porque ela está fazendo essa denúncia. Assim, a gente evita que isso aqui vire um espaço para briga pessoal.

**P: O leitor tem potencial para ser uma boa fonte do jornal?**

**FV:** Tem, claro. É igual qualquer trabalho de apuração normal. Quando a informação da fonte é procedente e relevante, quando ela sabe falar bem e passa boas informações, você acaba querendo manter uma relação com ela. Cabe ao repórter estabelecer essa relação permanente com a fonte. Não importa se é leitor ou autoridade. Fonte boa é fonte boa e pronto. No meu blogue do judiciário é assim. Muito juiz, que também é leitor, mandava mensagem para mim, comentando alguma matéria e passava alguma informação extra. Alguns desses juizes, eu mantenho como fonte até hoje.

**P: Você sempre apostou no *Folhaleaks* ou era contrário ao canal no início?**

**FV:** Olha, eu achava muito bom, jornalisticamente falando. Mas, achava que a *Folha* podia ficar muito exposta com isso. Mas, os advogados foram favoráveis e embasaram a decisão do sigilo pelo direito ao anonimato da fonte. É tudo constitucional...

**P: Por que o Sérgio Dávila escolheu você para fazer a triagem das notícias?**

**FV:** Ah, eu sou jornalista investigativo e estou na estrada faz tempo. Acho que foi por uma mistura de faro com experiência. Mas, essa história eu vejo com atenção. Eu não quero ser o único filtro. Me sinto desconfortável. Por isso, eu estou sempre próximo ao secretário de redação. Eu passo para ele e ele também avalia se vale ou não a pena dar prosseguimento à

denúncia. E eu já disse, também, que não fico acompanhando o que entra ou não no jornal. Até porque, eu não leio o jornal todo. Tem muita coisa que não entra no impresso, fica só no *online*. Eu não teria como acompanhar.

**P: Você já usou pauta do *Folhaleaks*?**

**FV:** Já. Uma vez um advogado fez uma denúncia que me interessou para o blogue. Eu entrei em contato e vi que era procedente. Daí publiquei

**P: Qual era o assunto**

**FV:** Ah, não lembro mais... É tanta pauta que a gente confunde. E, para mim, foi uma apuração normal. Eu liguei para fonte, peguei as informações, publiquei. Nada de especial

**P: Você deu crédito ao *Folhaleaks*?**

**FV:** Não. O *Folhaleaks* não faz matéria sozinho. Quem faz a matéria é o repórter. Nada vai substituir o jornalismo investigativo, concorda?

**P: Você se lembra de alguma denúncia do *Folhaleaks* que ganhou as páginas do jornal, sem o selo do canal?**

**FV:** Ah, não sei... Recentemente, um advogado viu da janela do escritório dele um monte de carros de fiscalização parados há dias em um estacionamento, em vez de estarem trabalhando. Ele fotografou tudo e mandou para a gente. O jornal deu a matéria e os carros voltaram a trabalhar.

**P: E qual o futuro do *Folhaleaks*?**

**FV:** Ah, não acho que mude muita coisa, não. Como eu já disse, o brasileiro não tem essa cultura do americano de fazer grandes denúncias. E quem tem uma grande denúncia, não vai buscar um canal anônimo. Vai direto no jornalista.

## APÊNDICE C

### – Transcrição da entrevista de Eduardo Scolese –

**Entrevistado:** Eduardo Scolese, secretário de redação da Folha de S.Paulo

**Data da entrevista:** 16 de agosto e 2013

**Pesquisadora: Como surgiu a ideia de criação do *Folhaleaks*?**

**Eduardo Scolese:** A ideia surgiu na redação. Eu não acompanhei muito no início, mas sei que o Fred participou de tudo, desde começo, e continua a frente do processo.

**Pesquisadora: Como o *Folhaleaks* funciona na prática?**

**ES:** Quando o *Folhaleaks* foi lançado, em 2011, eu era secretário-assistente de redação, que é a segunda pessoas a receber as denúncias que chegam para o *Folhaleaks*, depois do Fred. Funciona assim: o Fred faz a primeira triagem das pautas. Ele lê os *e-mails* completos e faz uma leitura. Quando encaminha para gente, ele faz um resumo de três linhas da pauta. Chega assim: “o caso trata disso, a denúncia é interessante por isso e o leitor quer ficar (ou não) anônimo”. Aí, eu recebia e mandava para o chefe de reportagem da editoria relacionada ou da sucursal.

**P: Você repassa tudo o que chega do Fred ou faz nova seleção?**

**ES:** Hoje, eu não repasso mais, porque estou como secretário de redação e quem recebe as denúncias do *Folhaleaks* é o Subsecretário

**P: Meu período de pesquisa trata do primeiro ano do *Folhaleaks*. Você ficou até quando?**

**ES:** Ah, então é comigo. Eu fiquei até junho deste ano, cuidando disso...

**P: E, então, você repassava tudo o que recebia?**

**ES:** Não. Quando chegava do Fred eu fazia uma segunda triagem. E muitas eu nem repassava às chefias de reportagem, porque eram inviáveis. Quando tem de deslocar gente, pagar viagem, fica mais difícil. Quando eu via que era difícil de confirmar a história, tirava. Porque a gente tem de ver o lado da redação. Não dá para tirar um repórter, dois dias da pauta, para

fazer uma apuração que nem vai render uma grande matéria. Tem também a questão do espaço. Às vezes, a pauta já está lotada, não dá para ficar colocando coisa nova. E não é só porque vem do *Folhaleaks* que a gente tem a obrigação de dar.

**P: Como é a receptividade da redação ao *Folhaleaks*?**

**ES:** Ah, no início era uma festa. Todo mundo torcia muito para que o canal desse certo e esperava um grande furo. Mas, ele não veio. Acontece que, na prática, o *Folhaleaks* vale como uma dica para iniciar a investigação. Se é que a pauta existe. Chega muita coisa de prefeituras do interior do Brasil e que não temos interesse ou espaço para publicar. Tem de ser uma história muito interessante para gente deslocar um repórter...

**P: Existe uma política de divulgação das matérias que venham do *Folhaleaks*, como a obrigatoriedade de dizer que ela veio de uma denúncia feita ao canal?**

**ES:** Quando a dica chega do *Folhaleaks* a gente faz questão de dizer que é do *Folhaleaks*. Mas, realmente são poucas que chegam.

**P: Os repórteres eram pautados para dar crédito ao *Folhaleaks***

**ES:** Acho que sim. Os chefes de reportagem são. O jornal tem o interesse de mostrar que o *Folhaleaks* funciona. Então, se vier do canal tem de dar crédito

**P: O Fred mencionou que já viu reportagens do *Folhaleaks* ganhar as páginas do jornal sem selo?**

**ES:** Ah, não sei disso não...

**P: Vocês têm algum controle da quantidade de matérias do *Folhaleaks* que é repassada à redação ou acaba sendo publicada?**

**ES:** Não. Eu não faço esse controle. Quem tem números é o Fred.

**P: Ele tem o número de quantas denúncias são repassadas para você. Das matérias publicadas existe controle?**

**ES:** Não. Mas é fácil de pegar no sistema. É só fazer uma busca no sistema...

**P: Eu achei nove em um ano?**

**ES:** É por aí mesmo. Tem muito tempo que não sai nada do *Folhaleaks* no jornal. Eu ainda recebo umas duas ou três denúncias por semana, mas elas acabam morrendo na apuração...

**P: Você se lembra de alguma matéria do *Folhaleaks* que ganhou as páginas do jornal?**

**ES:** Vou olhar no sistema... Olha, achei essa “Senado recontrata demitido em faxina”. Fui eu quem passou à sucursal de Brasília. Chegou a dica, eles procuraram no Diário Oficial, confirmaram a história. Em dois dias a matéria tava no ar, com o selo do *Folhaleaks*. Foi um furo de reportagem. Só a gente deu.

**P: Você acha que o repórter tem rejeição a uma denúncia vinda do *Folhaleaks*?**

**ES:** Depende do repórter. Mas um repórter inteligente vai querer aproveitar a dica. Ainda mais, sabendo que o jornal aposta no canal e vai tender a dar destaque às matérias vindas do *Folhaleaks*. Talvez não renda a capa do jornal, mas vai ter destaque... Eu acho que um repórter ou outro pode pensar: “Ah, eu que tenho que correr atrás da minha pauta. Não quero dica do leitor”... Mas deve ser muito raro. A reportagem só tem a lucrar com o *Folhaleaks*. E tem também a questão prática. Pensa se a gente passa uma dessas dicas para o repórter, ele senta em cima, o leitor cansa de esperar e passa para outro jornal? Ele seria cobrado por isso na hora. Acho que o repórter que recebe a denúncia do *Folhaleaks* corre atrás das informações na hora. Até porque, os editores têm diretrizes para dar destaque às matérias do *Folhaleaks*.

**P: Qual o futuro do *Folhaleaks*?**

**ES:** A gente torce muito para o leitor continuar a escrever e torce para chegar uma grande denúncia. Quando lançamos o *Folhaleaks*, tivemos uma mobilização muito grande por parte do leitor. Acho que por causa da novidade ou por conta da quantidade de denúncias represadas, chegaram muitas denúncias de uma só vez. Mas tem caído nos últimos tempos...

**P: Qual a importância do *Folhaleaks* para a Folha?**

**ES:** Ah, eu acho fundamental existir um canal desses dentro do jornal. Porque ele é útil mesmo para quem não lê a *Folha*. Às vezes a pessoa tem uma informação, quer mandar e quando descobre que a gente tem o canal, pode enviar para cá. E esse é um canal importante de relacionamento com as pessoas.

**P: Por que você acha que nunca chegou uma grande denúncia ou por que a quantidade de denúncias caiu?**

**ES:** Eu acho que, às vezes, o leitor pode ter medo de fazer uma denúncia mais grave. Medo de sua identidade não ser mantida em sigilo, embora a gente saiba que a gente nunca entregaria a fonte. Acho que é esse medo que retrai o envio de denúncias mais graves.

## APÊNDICE D

### – Transcrição da entrevista de Roberto Dias –

**Entrevistado:** Roberto Dias, editor de novas plataformas da *Folha de S.Paulo*  
**Data da entrevista:** 17 de junho de 2013

**Pesquisadora: Como surgiu a ideia da criação do Folhaleaks?**

**Roberto Dias:** A ideia surgiu em maio de 2011, quando eu e o Fernando Rodrigues lemos a notícia do lançamento do *SafeHouse*, canal de envio de denúncias aberto pelo *Wall Street Journal*. Quando li a notícia, enviei um *e-mail* na mesma hora para o Sérgio D'Ávila (editor-executivo da *Folha*) falando que tínhamos de fazer algo parecido. O Fernando, de Brasília, também leu a notícia e sugeriu fazermos algo parecido no Brasil. O Sérgio aprovou a ideia e, quatro meses depois, lançamos o *Folhaleaks*.

**P: Qual o papel do Wikileaks nesta criação?**

**RD:** O *Folhaleaks* surgiu no rastro do *Wikileaks*, que vinha com aquela ideia inovadora de ofertar informações enviadas de forma anônima e segura. Senão segura, pelo menos o menos rastreável possível. Porque só assim você sente vontade de vazar uma informação.

**P: E como foi estruturado o Folhaleaks?**

**RD:** Começamos a pensar nele em maio. Foi o tempo de a TI criar a plataforma e vermos como faríamos a triagem das denúncias recebidas. O Sérgio disponibilizou um repórter, o Fred ((Frederico Vasconcelos)), para receber os *e-mail* enviados ao *Folhaleaks*. Recentemente, aumentamos o grau de segurança da página. Não tem mais nenhum tipo de publicidade. É uma página em branco, com alguns campos para o leitor preencher.

**P: Como está o fluxo de denúncias?**

**RD:** Até a quinta-feira da semana passada ((13 de junho de 2013)) tínhamos recebido 3.123 mensagens. Destas, 130 estavam ainda abertas para avaliação; 531 pendentes; 2.436 casos fechados e 26 excluídas sumariamente, por serem improcedentes. Acontece que tem muita gente que usa equivocadamente o *Folhaleaks* como ferramenta de comentários ou como canal de reclamação. Mas, também chegam coisas interessantes de corporações. Gente que se sente injustiçada ou descobre uma ilegalidade e quer denunciar. Coisas que poderiam morrer no cafezinho da instituição e ficar no âmbito da fofoca, mas com o *Folhaleaks* isso pode mudar. Teve aquele caso do mestrado plagiado....

**P: Como o canal funciona na prática?**

**RD:** O Fred recebe os *e-mails* e faz a triagem do que rende ou não pauta. Aí, ele envia às editorias de melhor conveniência. A redação recebe e usa ou não. Na verdade, não chegam

denúncias completas. Então a gente usa muito as denúncias do *Folhaleaks* para completar reportagens. Também não tem a obrigação de dizer que matéria surgiu no *Folhaleaks*...

**P: E já teve alguma grande denúncia que tenha sido publicada com origem nos vazamentos do *Folhaleaks*?**

**RD:** A gente ainda não teve a grande história do *Folhaleaks*. Nenhum caso Palocci, nada capaz de derrubar um ministro ou do quilate das denúncias do Assange ou dessa que o *Guardian* publicou recentemente ((caso Snowden)). Mas acredito que essa denúncia ainda vai chegar.

**P: E como são as denúncias que chegam ao *Folhaleaks*?**

**RD:** A gente já publicou umas quatro ou cinco histórias, acho... Mas faz tempo, né... Tem coisa que a gente usa para compor com outra apuração. Tem muita pegada do *Folhaleaks* no jornal, mais do que o que está realmente escrito com o nome dele. Mas, de fato, nunca chegou nada muito forte... Nenhuma grande pauta. Mas, nós temos interesse de manter o canal, cultivar esse relacionamento com o leitor e continuar aguardando "A" grande denúncia.

**P: E como a redação foi envolvida nesse processo de criação do *Folhaleaks*? Como eles encaram o canal?**

**RD:** Tinha uma torcida muito grande no começo. Depois foi ficando esquecida. Vejo casos de sugestões que demoram três, quatro meses para serem apuradas. Quando sai, ninguém mais lembra que veio do *Folhaleaks*. E a gente não faz esse controle... A verdade é que ninguém sabia o que ia acontecer com esse canal. É muito fora da curva do nosso habitat natural. Tanto que, até hoje, ninguém mais fez um canal como o *Folhaleaks* no Brasil. No começo, todo mundo queria ver se tinham chegado denúncias no *Folhaleaks*, quantas eram, sobre o que. Hoje, não tem grandes expectativas na redação sobre ele. Mas, o jornal aposta no *Folhaleaks* por causa da interação com o leitor.

**P: E como é a política da *Folha* de interação com o leitor?**

**RD:** Ah, isso aumentou muito. Principalmente nos comentários que o leitor faz no final das matérias. Ano passado nosso sistema chegou a cair por conta da quantidade de comentários que a gente recebia. Depois disso, optamos por moderar os comentários. Hoje, nem todas as matérias têm espaço para comentários. Só as que a gente considera mais importantes. E também estamos cortando comentários com palavrões ou acusações pessoais contra pessoas. Mas, em linhas gerais, publicamos tudo o que não for ofensivo à honra de uma pessoa. Hoje, aqui na redação, a gente discute se não devia ser ainda mais restritivo em relação aos comentários. O *New York Times*, por exemplo, só publica comentários que tiverem relevância jornalística, agregando valor à notícia ou elevando os debates. A gente não. Se não tiver um xingamento, a gente publica. Defendo que a gente devia ser mais rígido. Até porque, depois que começamos a ser mais restritivos, a qualidade dos comentários recebidos aumentou bastante.

**P: Qualquer um pode comentar na *Folha*?**

**RD:** Livrementemente, só os assinantes. Os demais leitores entram na aprovação manual do conteúdo. Eles enviam e a gente faz a moderação do que entra ou não no *site*. Hoje, temos cinco funcionários no “Painel do Leitor” apenas para fazer a moderação dos comentários.

**P: Em relação ao *Folhaleaks*, vocês dizem que o leitor recebe uma confirmação de ter feito a denúncia. Mas como isso é possível se o leitor pode optar pelo anonimato?**

**RD:** Ah, eu acho que o leitor não quer saber o que a gente faz com a denúncia. Se a pessoa escolhe esse canal, não quer ficar se mostrando. Ela tá jogando a bomba no colo do jornal.

**P: Não tem um pop-up que confirme a denúncia**

**RD:** Não sei. Tem de falar com o Fred. Mas acho que não, porque o leitor do *Folhaleaks* quer se manter a anônimo. A maioria não põe nenhum tipo de contato...

**P: Quais são os critérios de noticiabilidade que vocês usam no *Folhaleaks*?**

**RD:** A nossa política de seleção é o faro jornalístico. Por isso escalamos o Fred. Ele foi repórter investigativo muito tempo, cobre direito e tem um blogue sobre o judiciário. Faro jornalístico é o que não falta para ele.

**P: Mas não tem uma diretriz por escrito**

**RD:** Não. É questão de bom senso e faro jornalístico mesmo.

**P: E como o leitor recebeu o *Folhaleaks*?**

**RD:** Muito bem. As denúncias choveram logo na primeira semana.

**P: Na sua opinião, por que isso aconteceu?**

**RD:** Eu tenho a impressão que qualquer ferramenta de interação que a gente ofereça, vá fazer o leitor feliz. Ele gosta de poder falar com o jornal. Se sente valorizado, quer dar a opinião.

**P: E dentre os canais que a *Folha* disponibiliza para o leitor, qual é a mais acessada?**

**RD:** Ah, os comentários, sem dúvida. Você viu que criamos um portal do “Painel do Leitor” para reunir tudo o que eles enviam em um único lugar?

**P: Vi. Por que o *Folhaleaks* não está lá?**

**RD:** Ué, não tá lá?

**P: Não. Fica na editoria “Poder”.**

**RD:** Eu sei, mas achava que também tava no “Painel do Leitor”. Tem de colocar...

**P: E por que você acha que as denúncias do *Folhaleaks* não foram capazes de virar um grande escândalo?**

**RD:** Ah, com o *Folhaleaks*, é como uma pesca de sardinha. Você joga a rede no mar e pega um monte de coisa. Vem lixo, vem peixe pequeno, mas também vem sardinha. Eu acho que o leitor ainda não compreendeu bem o canal.

**P: Quem tem uma denúncia boa – como o Carlinhos Cachoeira – não tende a procurar direto o jornalista?**

**RD:** É... Se tem acesso ao jornal, vai direto no jornalista. Mas o *Folhaleaks* é para o leitor comum, que precisa de um canal para fazer a denúncia. Essa gente não tinha acesso nenhum ao jornal há vinte anos atrás. E ele pode até continuar não tendo acesso direto ao jornalista, mas encontra canais alternativos para divulgar a informação em blogues, nas redes sociais ou no *Folhaleaks*.

**P: E por que eles enviariam a notícia ao *Folhaleaks*, em vez de fazer as denúncias, por conta própria, nas redes sociais?**

**RD:** Primeiro, por causa do medo de ser rastreado. Essas pessoas não querem se comprometer. Outro fator importante é que elas podem expor a informação sozinhas, mas qual impacto iriam conseguir. Agora, se a denúncia delas sair na *Folha*, amplia, em muito, o alcance da informação. E o *Folhaleaks* permite ao jornal jogar esse jogo ((de repasse de informação)) junto com o leitor.

**P: A forma como ele é organizado, com um único campo para o preenchimento da denúncia, não dificulta a vida do leitor?**

**RD:** Como assim?

**P: O leitor precisa escrever sobre o que ele está denunciando e, às vezes, ele pode ter dificuldade para organizar a ideia. Se fizessem campos perguntando: “Sobre o que é a sua denúncia”, “quem é a principal pessoa afetada por ela”, não ficaria mais fácil?**

**RD:** Você está querendo dar um curso expresso de jornalismo para eles, né? Porque seria colocar as perguntas do lead... Eu acho que não funcionaria. E até iria esvaziar o canal. Se a gente pergunta para o cara sobre o que é a denúncia, ele até podia escrever. Aí, se a gente pergunta a quem essa denuncia interessa, ele talvez visse que só interessa a ele mesmo. Se a gente perguntar muito, ele vai ver que não tem uma denúncia que vale a pena. E também tem o fato de que se o leitor visse muitos campos para preencher, acabaria desistindo de entrar em contato. E o que a gente quer é um canal vivo, que receba muita denúncia. Até o dia em que chegue aquela grande denúncia....

**P: Qual a importância do canal para a *Folha de S.Paulo*. O jornal acredita no *Folhaleaks*?**

**RD:** Sim, muito. Até porque, dentro do nosso sistema, o *Folhaleaks* ocupa o espaço de um Leblon. Boa parte do nosso sistema de interação com o leitor está ocupado pela estrutura técnica do *Folhaleaks*.

**P: E a redação? Acredita no canal?**

**RD:** Acredita, mas sabe das limitações. A gente sabe que nenhuma denúncia do *Folhaleaks* vai eliminar o trabalho de uma boa reportagem investigativa, de checar o outro lado da história. Nós nunca vamos ser reprodutores do *Folhaleaks*. Nada nunca vai substituir um bom jornalismo investigativo. Aliás, eu acho que esse é um diferencial do *Folhaleaks*. O *Wikileaks* não precisa apurar. Ele só repassa a informação. E muitos dos atritos que o Assange teve com

os jornais parceiros, nos últimos tempos, foi justamente por querer que eles reproduzissem as denúncias recebidas sem checar. E os jornais se recusaram a fazer isso. Aí, está a divergência de caminhos do *Wikileaks* e do *Folhaleaks*. Aqui, a gente tem o compromisso de apurar as denúncias. Eles simplesmente passam a informação adiante.

**P: Como você vê o *Wikileaks* hoje?**

**RD:** O *Wikileaks* como fonte de informação não está mais tão ativo. O Assange quer cuidar da própria vida e dos problemas que ele já arrumou. Eles tinham um bom pacote de informações e passaram adiante. Mas não são uma fonte contínua de informação.

**P: Qual a relação do *Wikileaks* com a Folha?**

**RD:** Nós fomos o primeiro jornal do Brasil a fazer parceria com o *Wikileaks* para repassar informações. O Fernando foi quem cuidou disso e fez os contatos com eles. Você precisa conversar com ele.

**P: E qual será o futuro do *Folhaleaks*?**

**RD:** Vamos manter o canal aberto e apostar que um dia ele trará bons frutos. Se não acreditássemos nele, não colocaríamos um cara preparado como o Fred para cuidar dele.

**P: O Fred só trabalha com o *Folhaleaks*?**

**RD:** Não. Ele tem o blogue dele e também continua cobrindo o judiciário.

## APÊNDICE E

### Formulários preenchidos das análises de conteúdo das reportagens que reconhecem o Folhaleaks como fonte

#### Formulário 1

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>							
Nome da reportagem		Senado recontrata demitido em faxina					
Data: 06/10/2011 (quinta)		Cidade da pauta: Brasília			Página(s): A10		
Assinada	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista? Fernando Melo			Abrangência Local <input type="checkbox"/> Nacional <input checked="" type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder <input checked="" type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Economia <input type="checkbox"/>	Ciência+ Saúde <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					
Chamada da reportagem	Manchete <input type="checkbox"/>		Chamada de capa <input checked="" type="checkbox"/>		Capa de caderno <input type="checkbox"/>		Nenhum <input type="checkbox"/>
Localização	Página Par <input checked="" type="checkbox"/>		Página Ímpar <input type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input type="checkbox"/>	Página Inteira <input type="checkbox"/>	
Quantidade de páginas	Menos de uma <input checked="" type="checkbox"/>		Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>	
Recursos editoriais	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input checked="" type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input checked="" type="checkbox"/>	Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão	Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>				Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>  Relevância? BAIXA		
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>					
Anônima Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada					
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?	
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>					
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escalão do alvo?		Qual o teor da denúncia?	

- Mauro Barbosa da Silva, ex-chefe de gabinete do ex-ministro dos transportes, Alfredo Nascimento, que saiu do governo por indícios de corrupção/ favorecimento de empreiteiras/ superfaturamento de obras. Ele pediu demissão em 06/07/2011	X Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____	<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima ) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/ estratégico) X Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	A acusação é de <b>favorecimento de Mauro Barbosa</b> , que teria sido contratado no gabinete do senador João Ribeiro (PR) a pedido do tmb senadora Alfredo Nascimento (PR-AM), ex-ministro dos transportes
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta	<input type="checkbox"/> Média	X Baixa
Descrição:	- Constituem escândalo político , sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No sublead e também em um box com serviço do canal	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim X Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

## Formulário 2

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>			
Nome da reportagem	Negócio intermediado por prefeito no RJ tem lucro de R\$ 9 mi em cinco dias		
Data:09/10/2011 (domingo)	Cidade da pauta: Rio de Janeiro	Página(s): A8	
Assinada	Sim X Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Ítalo Nogueira	Abrangência Local X Nacional <input type="checkbox"/>

<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>						
Poder X	Mundo <input type="checkbox"/>	Economia <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Ciência +Saúde	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>	
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>						
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>		Chamada de capa X		Capa de caderno <input type="checkbox"/>		
Localização		Página Par X		Página Ímpar <input type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior X	Página Inteira <input type="checkbox"/>	
Quantidade de páginas		Menos de uma X		Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>	
Recursos editoriais		Não <input type="checkbox"/>	Sim X	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos X	Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não X			Repercutiu em outros veículos Sim X Não <input type="checkbox"/>			Relevância? BAIXA
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>						
Anônima Sim X Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada						
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?		
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>						
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escalão do alvo?		Qual o teor da denúncia?		
Max Lemos, prefeito da cidade de Queimados (PMDB-RJ)		X Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		X Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		Max Lemos é acusado de "intermediar" a venda do terreno e de "favorecer" a empresa Jogasus, fornecedora da prefeitura		
Gravidade da denúncia		<input type="checkbox"/> Alta		X Média		<input type="checkbox"/> Baixa		
Descrição:		- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que		- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto		- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da		

	implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)	provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	opinião pública (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No quarto parágrafo	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

### **Formulário 3**

<b>ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i></b>								
Nome da reportagem		Kassab recontra servidor que usou cargo para criar PSD						
Data: 13/11/2011 (domingo)		Cidade da pauta: São Paulo			Página(s): A11			
Assinada	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Daniela Lima e Daniel Roncaglia			Abrangência Local <input checked="" type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/>			
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>						
Poder <input checked="" type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Economia <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Ciência+ Saúde <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>	
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>						
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>	Capa de caderno <input type="checkbox"/>	Nenhum <input checked="" type="checkbox"/>			
Localização		Página Par <input type="checkbox"/>	Página Ímpar <input checked="" type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input checked="" type="checkbox"/>	Página Inteira <input type="checkbox"/>		
Quantidade de páginas		Menos de uma <input checked="" type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>		
Recursos editoriais		Não <input checked="" type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input type="checkbox"/>	Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			Relevância? Baixa
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>						
Anônima Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada						
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?		
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública <input type="checkbox"/> Outros?		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e		

			operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado
<b>Categoria IV</b>			
<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>			
Quem é o alvo?	Qual a esfera de poder?	Escalão do alvo?	Qual o teor da denúncia?
Gilberto Kassab, prefeito de SP	<input checked="" type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____	<input checked="" type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima ) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	Kassab é acusado de reconduzir a um cargo de confiança um funcionário (Roberto Rodrigues) afastado, "a pedido", cinco meses antes por usar o gabinete onde trabalhava para coletar assinaturas para a criação do PSD. O funcionário tinha sido afastado após denúncia realizada pela própria Folha de S.Paulo. Na época, Kassab condenou o uso da máquina pública. Após a fundação do partido, reconduziu ( <b>favoreceu</b> ) o antigo servdior
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta	<input checked="" type="checkbox"/> Média	<input type="checkbox"/> Baixa
Descrição:	- Constituem escândalo político , sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No sexto parágrafo e em um box	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>							
Nome da reportagem		Prédios inacabados recebem habite-se					
Data: 20/11/2011 (domingo)		Cidade da pauta: São Paulo			Página(s): B1, B3 e B4		
Assinada	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Camila Fusco (B1, B3) Maria Elisa Novaes (B4)			Abrangência Local <input checked="" type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder <input type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Mercado <input checked="" type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Ciência+ Saúde <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>	Capa de caderno <input checked="" type="checkbox"/>	Nenhum <input type="checkbox"/>		
Localização		Página Par <input checked="" type="checkbox"/>	Página Ímpar <input checked="" type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input checked="" type="checkbox"/>	Página Inteira <input checked="" type="checkbox"/>	
Quantidade de páginas		Menos de uma <input type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>	Mais de duas <input checked="" type="checkbox"/>		
Recursos editoriais		Não <input type="checkbox"/>	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input checked="" type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input checked="" type="checkbox"/> Infográficos <input checked="" type="checkbox"/>
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Relevância? Baixa		
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>					
Anônima Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada					
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?	
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>					
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escalão do alvo?		Qual o teor da denúncia?	
Construtoras da cidade de São Paulo e municípios locais (Cyrela, Lúcio Engenharia, MG, Gafisa, Irish, Trisul0)		<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input checked="" type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input checked="" type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		As construtoras são acusadas de providenciar o habite-se de obras, antes de elas estarem concluídas, para se eximirem de multas por atrasos na entrega ( <b>favorecimento</b> ). As prefeituras eximem-se da responsabilidade de verificar a obra <i>in loco</i> e apenas avaliam os documentos entregues	

			pela construtora
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta	<input type="checkbox"/> Média	<input checked="" type="checkbox"/> Baixa
Descrição:	- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No terceiro parágrafo e em um box	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

## Formulário 5

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>							
Nome da reportagem		Aeronáutica recomendou aproximação com o TCU					
Data: 21/11/2011 (segunda)		Cidade da pauta: Brasília			Página(s): A6		
Assinada	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Rodrigo Vizeu			Abrangência Local <input type="checkbox"/> Nacional <input checked="" type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder <input checked="" type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Mercado <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Ciência +Saúde <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>	Capa de caderno <input type="checkbox"/>	Nenhum <input checked="" type="checkbox"/>		
Localização		Página Par <input checked="" type="checkbox"/>	Página Ímpar <input type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input checked="" type="checkbox"/>	Página Inteira <input type="checkbox"/>	
Quantidade de páginas		Menos de uma <input checked="" type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>	

Recursos editoriais	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input checked="" type="checkbox"/>	Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão	Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>  Relevância? Baixa			
<b>Categoria III</b>	<b>Perfil da Fonte</b>						
Anônima Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Se a fonte for identificada						
	Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?		
			<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		
<b>Categoria IV</b>	<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>						
Quem é o alvo? A aeronáutica	Qual a esfera de poder?		Escalão do alvo?		Qual o teor da denúncia?		
	<input checked="" type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input checked="" type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		A reportagem apresenta documentos de 2009 onde dois tenentes-brigadeiros (mais alta patente da aeronáutica) recomendam que os oficiais da FAB estabelecessem relações amistosas com os funcionários do TCU durante auditorias que seriam realizadas. Ambos os oficiais citados ocuparam, naquele ano, o cargo de Secretário de Economia e Finanças da FAB.		
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta		<input checked="" type="checkbox"/> Média		<input type="checkbox"/> Baixa		
Descrição:	- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública"		- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)		- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública (definição concebida pela pesquisadora)		

Informações adicionais		
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No quarto parágrafo da matéria	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?

## Formulário 6

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>							
Nome da reportagem		Ministério Público pede legendas em filmes nacionais					
Data: 17/02/2012 (sexta-feira)		Cidade da pauta: Brasília			Página(s): E-5		
Assinada	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Anna Virginia Balloussier			Abrangência Local <input type="checkbox"/> Nacional <input checked="" type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder <input type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Mercado <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Ciência+ Saúde <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input checked="" type="checkbox"/>	FolhaCorrida <input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>		Capa de caderno <input type="checkbox"/>		Nenhum <input checked="" type="checkbox"/>
Localização		Página Par <input type="checkbox"/>	Página Ímpar <input checked="" type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input checked="" type="checkbox"/>		Página Inteira <input type="checkbox"/>
Quantidade de páginas		Menos de uma <input checked="" type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>	
Recursos editoriais		Não <input checked="" type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input type="checkbox"/> Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Relevância? Baixa		
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>					
Anônima Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada					
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escala da fonte?	
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>					
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escala do alvo?		Qual o teor da denúncia?	

	<input checked="" type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____	<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input checked="" type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	O Ministério Público Federal de SP entrou com ação contra governo para que ele só patrocine os filmes nacionais que tenham cópias legendadas. Os réus da ação são o BNDES, a Petrobrás, a Ancine e o governo federal (representando o Ministério da Cultura).
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta	<input type="checkbox"/> Média	<input checked="" type="checkbox"/> Baixa
Descrição:	- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública. Também entram aqui denúncias que interessem somente a um público específico (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? O <i>Folhaleaks</i> é citado no oitavo parágrafo	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

## Formulário 7

<b>ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i></b>							
Nome da reportagem		Justiça de São Paulo passou dois meses sem papel higiênico					
Data: 17/02/2012 (sexta)		Cidade da pauta: São Paulo			Página(s): A5		
Assinada	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Flávio Ferreira			Abrangência Local <input checked="" type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder	Mundo	Mercado	Cotidiano	Ciência+Saúde	Esporte	Ilustrada	Folha Corrida
<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					

Chamada da reportagem	Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>	Capa de caderno <input type="checkbox"/>	Nenhum <input checked="" type="checkbox"/>			
Localização	Página Par <input type="checkbox"/>	Página Ímpar <input checked="" type="checkbox"/>	Parte Superior <input type="checkbox"/>	Parte Inferior <input checked="" type="checkbox"/>	Página Inteira <input type="checkbox"/>		
Quantidade de páginas	Menos de uma <input checked="" type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>	Mais de duas <input type="checkbox"/>			
Recursos editoriais	Não <input type="checkbox"/>	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input checked="" type="checkbox"/>	Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão	Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>			
				Relevância? Baixa			
<b>Categoria III</b>	<b>Perfil da Fonte</b>						
Anônima Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Se a fonte for identificada						
	Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?		
			<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		
<b>Categoria IV</b>	<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>						
Quem é o alvo? Justiça estadual de SP	Qual a esfera de poder?		Escalão do alvo?		Qual o teor da denúncia?		
	<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input checked="" type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input checked="" type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		A matéria, em tom irônico, mostra fóruns do estado de SP que passaram cerca de dois meses sem papel higiênico. A história é vazia porque os funcionários não ficaram desistidos (colocou-se papel-toalha nos banheiros) e o motivo da falta de papel higiênico foi provocado por um problema na licitação.		
Gravidade da denúncia	<input type="checkbox"/> Alta		<input type="checkbox"/> Média		<input checked="" type="checkbox"/> Baixa		
Descrição:	- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública"		- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)		- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública. Também entram aqui denúncias cuja publicação interesse somente a um público específico (definição concebida pela		

			pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No quinto parágrafo e em um box	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim X Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	

## Formulário 8

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>								
Nome da reportagem		Acusação faz cientista refazer mestrado						
Data:07/05/2012 (segunda)		Cidade da pauta: Curitiba			Página(s): C8			
Assinada	Sim X Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Reinaldo José Lopes			Abrangência Local X Nacional <input type="checkbox"/>			
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>						
Poder <input type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Mercado <input type="checkbox"/>	Ciência +Saúde X	Cotidiano <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>	
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>						
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>		Capa de caderno <input type="checkbox"/>	Nenhum X		
Localização		Página Par X	Página Ímpar <input type="checkbox"/>	Parte Superior X	Parte Inferior <input type="checkbox"/>	Página Inteira <input type="checkbox"/>		
Quantidade de páginas		Menos de uma X	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>		Mais de duas <input type="checkbox"/>		
Recursos editoriais		Não <input type="checkbox"/>	Sim X	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box X	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input type="checkbox"/>	Infográficos X
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não X			Repercutiu em outros veículos Sim X Não <input type="checkbox"/> Relevância? Baixa			
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>						
Anônima Sim X Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada						
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escala da fonte?		
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>						
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escala do alvo?		Qual o teor da denúncia?		

<p>Marcos Leal Broschi, o orientado do médico acusado de ter errado a citação de uma fonte no seu mestrado, utilizando erroneamente os dados da empresa Thermotronics, do qual o autor da denúncia era sócio. A denúncia foi feita à universidade (ao jornal não é possível ter certeza) por Mário Cimbalista Júnior, dono da empresa Thermotronics (infra-vermelho) e ex-sócio Marcos Leal Brioschi, um dos orientadores do médico acusado de falsificar os resultados do mestrado</p>	<p><input type="checkbox"/> Executivo  <input type="checkbox"/> Legislativo  <input type="checkbox"/> Judiciário  <input type="checkbox"/> Empresa Privada  <input type="checkbox"/> Terceiro Setor  <input checked="" type="checkbox"/> Instituição Pública  Outros? _____</p>	<p><input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima )  <input checked="" type="checkbox"/> Segundo  <input type="checkbox"/> (Instância decisória/estratégico)  Terceiro (Áreas técnicas e operacionais)  <input type="checkbox"/> Não identificado</p>	<p>Cimbalista acusou o médico Angelo Manoel Grande Carsten de ter usado erroneamente dados sobre os efeitos de um anestésico, utilizando para isso raios infra-vermelhos. O mestrado era orientado pelo ex-sócio dele, Marcos Leal Broschi, que está sendo processado por Cimbalista</p>
<p>Gravidade da denúncia</p>	<p><input type="checkbox"/> Alta</p>	<p><input type="checkbox"/> Média</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> Baixa</p>
<p>Descrição:</p>	<p>- Constituem escândalo político, sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)</p>	<p>- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)</p>	<p>- Denúncias ou vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública. Também entram aqui denúncias cuja publicação interesse somente a um público específico (definição concebida pela pesquisadora)</p>
<p><b>Informações adicionais</b></p>			
<p>Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i>?  No sublead e em um olho na matéria</p>	<p>Existe serviço sobre como repassar informações ao canal?  Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>Observações sobre a matéria?</p>	

## Formulário 9

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Impacto do <i>Folhaleaks</i> na pauta da <i>Folha de S.Paulo</i>							
Nome da reportagem		Prefeitura estuda o tombamento do Paineiras					
Data: 09/07/2012		Cidade da pauta: São Paulo			Página(s): C3		
Assinada	Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Em caso positivo, nome do jornalista: Vanessa Correa			Abrangência Local <input checked="" type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/>		
<b>Categoria I</b>		<b>Editoria</b>					
Poder <input type="checkbox"/>	Mundo <input type="checkbox"/>	Mercado <input type="checkbox"/>	Cotidiano <input checked="" type="checkbox"/>	Ciência +Saúde <input type="checkbox"/>	Esporte <input type="checkbox"/>	Ilustrada <input type="checkbox"/>	Folha Corrida <input type="checkbox"/>
<b>Categoria II</b>		<b>Destaque na edição do jornal</b>					
Chamada da reportagem		Manchete <input type="checkbox"/>	Chamada de capa <input type="checkbox"/>	Capa de caderno <input type="checkbox"/>	Nenhum <input checked="" type="checkbox"/>		
Localização		Página Par <input type="checkbox"/>	Página Ímpar <input checked="" type="checkbox"/>	Parte Superior <input checked="" type="checkbox"/>	Parte Inferior <input type="checkbox"/>	Página Inteira <input type="checkbox"/>	
Quantidade de páginas		Menos de uma <input checked="" type="checkbox"/>	Uma <input type="checkbox"/>	Duas <input type="checkbox"/>	Mais de duas <input type="checkbox"/>		
Recursos editoriais		Não <input type="checkbox"/>	Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Ilustrações <input type="checkbox"/>	Box <input type="checkbox"/>	Gráficos <input type="checkbox"/>	Fotos <input checked="" type="checkbox"/> Infográficos <input type="checkbox"/>
Repercussão		Voltou a ser pauta no jornal Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/>			Repercutiu em outros veículos Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Relevância? Baixa		
<b>Categoria III</b>		<b>Perfil da Fonte</b>					
Anônima Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se a fonte for identificada					
		Quem é a fonte?		Qual a esfera de poder?		Escalão da fonte?	
				<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado	
<b>Categoria IV</b>		<b>Perfil do Alvo da reportagem</b>					
Quem é o alvo?		Qual a esfera de poder?		Escalão do alvo?		Qual o teor da denúncia?	
Clube Paineiras do Morumby		<input type="checkbox"/> Executivo <input type="checkbox"/> Legislativo <input type="checkbox"/> Judiciário <input checked="" type="checkbox"/> Empresa Privada <input type="checkbox"/> Terceiro Setor <input type="checkbox"/> Instituição Pública Outros? _____		<input type="checkbox"/> Primeiro escalão (autoridade máxima) <input type="checkbox"/> Segundo (Instância decisória/estratégico) <input checked="" type="checkbox"/> Terceiro (Áreas técnicas e operacionais) <input type="checkbox"/> Não identificado		A matéria mostra que a prefeitura de SP quer tomar como patrimônio histórico o Clube Paineiras do Morumby. O clube é contra porque perderia a autonomia de realizar reformas e mudanças no projeto	
Gravidade da denúncia		<input type="checkbox"/> Alta		<input type="checkbox"/> Média		<input checked="" type="checkbox"/> Baixa	
Descrição:		- Constituem escândalo		- Denúncias ou		- Denúncias ou	

	político , sexual ou econômico. Entenda-se por escândalo "ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública" (THOMPSON, 2009, p. 40)	vazamentos que afetam pessoas do primeiro ou segundo escalão do poder, sem no entanto provocar uma resposta da opinião pública. (definição concebida pela pesquisadora)	vazamentos que afetam pessoas do terceiro escalão, sem provocar uma resposta da opinião pública. Também entram aqui denúncias cuja publicação interesse somente a um público específico (definição concebida pela pesquisadora)
<b>Informações adicionais</b>			
Como a matéria apresenta o <i>Folhaleaks</i> ? No lead e no pé	Existe serviço sobre como repassar informações ao canal? Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Observações sobre a matéria?	